

**DESAFIANDO O
RIO-MAR**

Descendo o Branco V

HIRAM REIS E SILVA

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), no dia 19 de março, de manter a demarcação da reserva Raposa e Serra do Sol, em Roraima, fronteira do Brasil com a Guiana e a Venezuela, tem apenas um triste e melancólico significado – colocar a soberania brasileira em cheque.

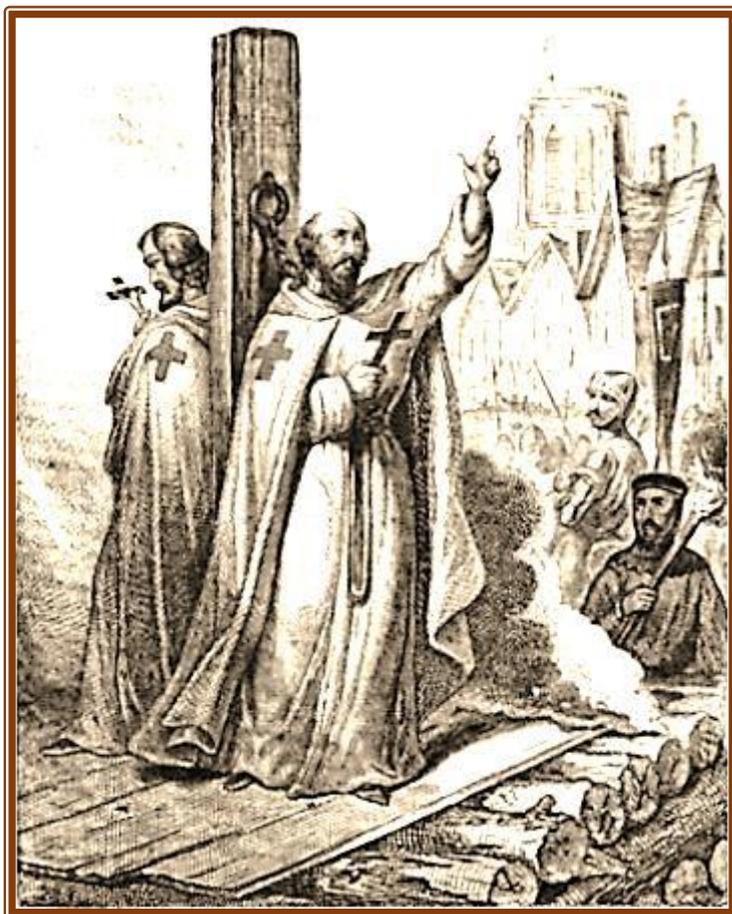
O território pertence agora a cinco “*nações Indígenas*” e nela não poderão viver ou sequer transitar os chamados “*não Índios*”, porque os facínoras do Conselho Indigenista de Roraima (CIR) não os reconhecem como irmãos brasileiros.

A equivocada decisão de nossos “*doutos*” magistrados foi amparada em leis e portarias, mas não na Constituição Brasileira.

(Hiram Reis e Silva)



Imagem 01 - "Restituet omnia", Vieira Lusitano, 1739



O mestre, que viu o fogo pronto, sem medo retirou suas roupas ficando nu. Ele não tremeu em momento algum apesar dos puxões, tapas e empurrões.

Ele ia sorrindo, feliz, em deixar esse mundo.

Eles amarram suas mãos, mas ele disse:

Senhores, pelo menos, deixem-me juntar minhas mãos um pouco, e para orar a Deus, pois é o tempo e a época. Eu vejo o meu julgamento, mas me convém morrer livremente.

Deus sabe o que está errado e onde está o pecado, e o infortúnio vai cair em breve sobre aqueles que falsamente nos condenaram. Deus vingará nossa morte. Senhor sabe que, na verdade, todos aqueles que estão contra nós por nós vão sofrer. (GEOFFREY DE PARIS)

Minha Madrinha N. Senhora da Conceição
(Thaumaturgo Sotero Vaz)



*[...] Mãe de Jesus! Flor do carinho!
Secai os cardos de meu caminho!
Livrai-me do ódio da Humanidade
Da inveja torpe, da iniquidade
E da Traição.
Que ora andam soltos e voejando
Como de corvos o negro bando
Sob a amplidão! [...]*

Sumário

Sumário	3
Fariseus da Comissão da Mentira	9
Raimundo Pereira da Silva	13
Comportamento “ <i>Incivilizado</i> ”	31
Ordens do General Gentil	51
Contestação da AGU	65
Sgt José Hocke???	79
Contestação do TRF	81
O Pium	85
Cap Telmo Travassos de Azambuja	127
Cel Eng José Antônio Carneiro Borges	149
Ten-Cel Inf Walter Chiarato	173
Cel Eng Zauri Tiaraju F. de Castro	189
Gen Ex Joaquim Silva e Luna	221
Cel Av Renato Meirelles	231
ST Vet Luiz Mário Severo Ávila	235
Gen Div R1 Décio dos Santos Brasil	239
Cel Eng Celso Jaloto Avila Junior.....	259
A Legendária Corrente	285
Circo de Horrores – 27.02.2019	289
Objeto do Petitório.....	351
Nossos Heróis	367
Caracaráí.....	373
Boa Vista, 01 a 11.08.2019 – VI.....	375
Boa Vista – AC 01 (12.08.2019)	379
AC 01 – Caracaráí (13.08.2019)	387
Caracaráí – S. M. Boiaçu (15 a 18.08.2019).....	391
S. M. do Boiaçu – Moura (20 a 21.08.2019).....	413
Moura / Base Carabinani (23 a 24.08.2019).....	431
Base Carabinani / Novo Airão (25 a 26.08.2019)	441
Novo Airão / Manaus (28 a 29.08.2019).....	447
Bibliografia	453

Índice de Imagens

Imagem 01 – “Restituet omnia”, Vieira Lusitano, 1739.....	3
Imagem 02 – Pedido de Demissão de Raimundo P. da Silva.....	16
Imagem 03 – Ficha Registro de Raimundo P. da Silva	17
Imagem 04 – Raimundo Pereira da Silva	18

Imagem 05 – Diário do Pará, nº 1.390, 08.05.1987.....	22
Imagem 06 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984.....	27
Imagem 07 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984.....	28
Imagem 08 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984.....	29
Imagem 09 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984.....	30
Imagem 10 – Jornal do Brasil, nº 284, 31.01.1973.....	38
Imagem 11 – Opinião, nº 114, 10.01.1974.....	41
Imagem 12 – Atividades das Companhias	88
Imagem 13 – Jornal do Brasil nº 66, 20.03.1964	99
Imagem 14 – Jornal do Brasil nº 74, 30.03.1964	100
Imagem 15 – Jornal do Brasil nº 78, 03.04.1964	101
Imagem 16 – Jornal do Brasil nº 87, 14.04.1964	102
Imagem 17 – Revista Manchete nº 625, 11.04.1964.....	103
Imagem 18 – Revista Manchete nº 625, 11.04.1964.....	104
Imagem 19 – BR-174 (Telmo Travassos de Azambuja)	136
Imagem 20 – BR-174 (Telmo Travassos de Azambuja)	137
Imagem 21 – BR-174 (Telmo Travassos de Azambuja)	138
Imagem 22 – Tenente W. Chiarato e Comprido (1975)	180
Imagem 23 – Canoa arrebetada pelos Índios	214
Imagem 24 – Voadeira avariada pelos Índios.....	214
Imagem 25 – Posto S. Antônio do Abonari II	215
Imagem 26 – Equipe de Resgate	215
Imagem 27 – Sertanista Gilberto Pinto.....	216
Imagem 28 – Sertanista Gilberto Pinto.....	216
Imagem 29 – Servidor da FUNAI massacrado	217
Imagem 30 – Servidor da FUNAI massacrado	217
Imagem 31 –Material encontrado no Posto da FUNAI	218
Imagem 32 – Sobrevivente Ivan Lima Ferreira.....	219
Imagem 33 – Carta de Mário Parwe Atroari	226
Imagem 34 – Encontro de Mário Parwe e Gen Silva Luna	227
Imagem 35 – Gen Silva Luna e Mário Parwe	227
Imagem 36 – Mário Parwe e Gen Silva Luna	228
Imagem 37 – Gen Silva Luna e Mário Parwe	228
Imagem 38 – Doação da Marinha aos WA.....	229
Imagem 39 – Aldeia dos Waimiri	255
Imagem 40 – Aldeia dos Waimiri	255
Imagem 41 – Aldeia dos Waimiri	256
Imagem 42 – Alteamento do greide.....	256
Imagem 43 – Alteamento do greide.....	257
Imagem 44 – Rio Abonari na cheia	257
Imagem 45 – Jornal do Comércio nº 22.595, 16.12.1978.....	272
Imagem 46 – Fotos 1 a 4	276
Imagem 47 – Fotos 5 a 8	277

Imagem 48 – Fotos 9 a 12.....	278
Imagem 49 – Fotos 13 a 16.....	279
Imagem 50 – Foto 17 e Figura Esquemática	280
Imagem 51 – Família Reis e Silva em Visita aos WA (08.1982)	290
Imagem 52 – Capitão Viana (27.02.2019)	292
Imagem 53 – Amigos Waimiri-Atroari (27.02.2019).....	293
Imagem 54 – Explosão de Napalm na Indochina, 1953	293
Imagem 55 – Aeronave Americana com bombas de Napalm	294
Imagem 56 – Charge do Alpino	331
Imagem 57 – Baré Bernaldo Waimiri e tradutores.....	332
Imagem 58 – Bomba de Napalm (???), me poupem.....	340
Imagem 59 – Entrevista ao SBT, 27.02.2019	344
Imagem 60 – Jornal a Crítica, 06.04.1977 (ST Ávila)	367
Imagem 61 – Não Morreram em Vão (ST Ávila).....	368
Imagem 62 – Não morreram em Vão (ST Ávila)	369
Imagem 63 – Formatura no Marco Zero (07.08.2019).....	376
Imagem 64 – Gen Melo, Cmt 2º GEC (07.08.2019).....	377
Imagem 65 – Gen Teixeira – Marco Zero (07.08.2019)	377
Imagem 66 – Aniversário do Batalhão (08.08.2019)	378
Imagem 67 – Aniversário do Batalhão (08.08.2019)	378
Imagem 68 – Cachoeira do Véu de Noiva (12.08.2019).....	383
Imagem 69 – Rio Branco (12.08.2019)	384
Imagem 70 – Acampamento 1 (12.08.2019).....	384
Mapa 01 – Boa Vista / Caracarái (12 a 13.08.2019)	385
Imagem 71 – Rio Branco (13.08.2019)	386
Imagem 72 – Agência Fluvial da Caracarái (Cabo Nathan)	386
Imagem 73 – Ponte José Guerra – Caracarái (15.08.2019)	395
Imagem 74 – Srª Rita Lúcia e Sr. Claudicei (15.08.2019)	395
Imagem 75 – Acampamento 02 – AC 02 (15.08.2019).....	396
Imagem 76 – “Labirinto” (15.08.2019).....	396
Imagem 77 – Acampamento 04 – AC 04 (17.08.2019).....	397
Imagem 78 – Rio Branco (18.08.2019)	397
Imagem 79 – Destacamento da PMRR (18.08.2019)	398
Imagem 80 – “I COPAM 2019” (19.08.2019).....	398
Mapa 02 – Caracarái / Base AMAPU (15 a 16.08.2019)	399
Mapa 03 – Base AMAPU / S. M. Boiaçu (17 a 18.08.2019)	400
Mapa 04 – Santa Maria Boiaçu (18 a 19.08.2019)	414
Imagem 81 – S. Maria do Boiaçu (19.08.2019)	422
Imagem 82 – Acampamento 05 – AC 05 (20.08.2019).....	422
Imagem 83 – Sr. Felício – AC 05 (20.08.2019).....	423
Imagem 84 – Pedreira da COMARA, Moura, AM (22.08.2019) ..	423
Imagem 85 – Britador da COMARA, Moura, AM (22.08.2019)...	424
Imagem 86 – Sala de Musculação da COMARA (22.08.2019) ...	424

Mapa 05 – Santa Maria do Boiaçu / Moura (20 a 21.08.2019) ...	425
Imagem 87– Moura, AM	427
Imagem 88 – Dst de Apoio da COMARA (22.08.2019)	435
Imagem 89 – Porto do Destacamento (23.08.2019)	435
Imagem 90 – Cercanias da Base Carabinani (23.08.2019).....	436
Imagem 91 – Base Carabinani (23.08.2019).....	437
Imagem 92 – Acampamento 06 – Madadá (24.08.2019)	437
Imagem 93 – Rio Negro (24.08.2019)	438
Imagem 94 – Pousada Bela vista – Novo Airão (24.08.2019)	438
Mapa 06 – Moura / Base Carabinani (23.08.2019)	439
Mapa 07 – Base Carabinani / Novo Airão (25 a 26.08.2019)	440
Imagem 95 – Mirante do Gavião	444
Imagem 96 – Iguana iguana.....	445
Imagem 97 – Acampamento 07 – AC 07 (28.08.2019).....	449
Imagem 98 – Porto do CECMA (29.08.2019).....	449
Mapa 08 – Novo Airão / CECMA (28 a 29.08.2019)	450

Índice de Poesias

Minha Madrinha N. Senhora da Conceição	2
Os Sete Pilares do Cavaleiro	7
Cruzada Negra	47
Homenagem ao Traidor	48
O Beijo de Judas I	49
O Beijo de Judas II	64
Vento Xucro.....	126
Vida.....	148
Se eu Fosse um Padre.....	188
Os Estatutos do Homem	220
Versos a um Cão	230
Verdade	230
Canção da Engenharia	258
Os Romeiros da Morte.....	281
Canção Fibra de Herói.....	284
À Beira-Mar	288
A Nau	348
Versos a um Cão	349
Naufrágio do Coração	350
Se Tudo o que há é Mentira	361
A Morte do Poeta I.....	362
Verdades e Mentiras – I	370

O Navio Negroiro	372
Renascimento I	374
Renascimento II	390
Navegante I.....	412
Navegante II.....	421
A Morte do Poeta II.....	430
Renascimento III.....	434
Hino a Caxias.....	441
Uns Versos Quaisquer	446

Os Sete Pilares do Cavaleiro (Alexei Gonçalves de Oliveira)

[...] LIBERDADE

*Livre é o cavaleiro
Porque livre é seu coração.
Livres são todos os que o rodeiam.
A boa luta do cavaleiro é a luta da liberdade.
Não haverá recanto do mundo por mais longínquo
Em que o forte oprima e abuse do fraco
Sem que sangue o coração do cavaleiro.*

AMOR

*O bom cavaleiro sabe amar
Com pureza no coração.
Ama sem pedir retorno
A todos indistintamente.
Não deixa de lutar a boa luta
Mas não deixa de amar.
O cavaleiro ama porque ama o amor.*

LEALDADE

*Não há vento, fogo, espada ou vaga
Que faça o cavaleiro recuar de sua palavra.
Não há inimigo que o cavaleiro
Não ouse encarar de frente.
O cavaleiro é leal.
Prefere, antes, a morte inglória
À traição.*

VERDADE

*O cavaleiro mira-se no espelho
E só vê a verdade de si mesmo.
Verdadeiro, não mente jamais,
Mesmo que a mentira ofereça maior vantagem.
O cavaleiro é transparente, cristalino.
Não há duas palavras, somente uma: a verdadeira.
A verdade é o peso e a medida do cavaleiro.*

JUSTIÇA

*Porque verdadeiro o cavaleiro é justo.
Pune na proporção das faltas,
Recompensa na proporção do bem realizado.
Em sua Justiça, não vê amigos nem inimigos.
Porém a justiça do cavaleiro não oprime.
Pois a recompensa do justo é a sua Liberdade
E o injusto encarcera-se a si próprio.*

HUMILDADE

*O cavaleiro não se vangloria: resigna-se à vitória,
Resigna-se à derrota.
Resigna-se ao aprendizado da Justiça,
a Justiça da vitória e a Justiça da derrota.
Humilde, ele derrota o orgulho da vitória.
Humilde, ele vence o amargor da derrota.
O cavaleiro sabe que tudo é transitório.*

HONRA

*A honra do cavaleiro é a obediência
Aos seis pilares anteriores.
A honra é o sétimo pilar
Sustentado pelos outros seis.
A honra é o pilar que sustenta
A própria existência do cavaleiro.
O cavaleiro é a sua própria honra.*



Fariseus da Comissão da Mentira

Respondeu Jesus: Ainda que eu mesmo testemunhe em meu favor, o meu testemunho é válido, pois sei de onde vim e para onde vou. Mas vocês não sabem de onde vim nem para onde vou. (Bíblia Sagrada, João 8:14)

Como vocês podem dizer: "Somos sábios, pois temos a lei do Senhor", quando na verdade a pena mentirosa dos escribas a transformou em mentira? (Bíblia Sagrada, Jeremias 8:8)

É o que ele faz em todas as suas cartas, nas quais fala nesses assuntos. Nelas há algumas passagens difíceis de entender, cujo sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras. (Bíblia Sagrada, II São Pedro 3:16).

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no reino dos Céus. (Bíblia Sagrada, São Mateus 5:20)

Mais uma vez os hipócritas da "Comissão da **'In'**Verdade", que queriam impor na "Terra Brasilis" o "democrático" regime comunista, tentam denegrir a imagem do Exército Brasileiro acusando-o agora de extermínio de Índios Waimiri Atroari. Baseados em testemunho de personagens sem nenhuma credibilidade, ou fabricadas, e fazendo afirmações sem apresentar qualquer tipo de provas fundamentadas.

Particpei, em 1982/3 da manutenção da BR-174, e seria no mínimo estranho, para não dizer surreal, que aqueles que nos acusam hoje nos tratassem, na época, com tanto carinho, respeito e irrefutável confiança. Vejamos a notícia estampada em um falacioso "pasquim" nacional.



Folha de S. Paulo – São Paulo, SP
Quarta-feira, 23.08.2017

—•••••}C}•••••—
Procuradoria quer Indenização e Desculpas a
Índios por Violações na Ditadura
[Rubens Valente de Brasília]
—•••••}C}•••••—

O Ministério Público Federal ajuizou uma ação civil pública na Justiça Federal do Amazonas contra a União e a FUNAI [Fundação Nacional do Índio] pela qual requer uma indenização de R\$ 50 milhões e pedido oficial de desculpas aos Índios Waimiri-Atroari por danos sofridos pela etnia durante a ditadura militar [1964-1985]. [...] Em anexo ao relatório final divulgado em 2014, a CNV [Comissão Nacional da Verdade] calculou que 2.650 Índios ⁽¹⁾ Waimiri-Atroari tenham morrido em consequência das obras de abertura da rodovia BR-174, que liga Manaus [AM] a Boa Vista [RR]. A obra foi realizada pelo Exército de 1968 a 1977. [...]

Em novembro de 1974, o responsável pelas obras, o general Gentil Nogueira Paes, então comandante do 2º GEC [Grupamento de Engenharia e Construção], subordinado ao ⁽²⁾ 6º BEC [6º Batalhão de Engenharia de Construção], distribuiu um memorando autorizando as tropas a “*realizar pequenas demonstrações de força, para mostrar os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso da dinamite*”.

¹ O mais interessante é que nunca, em tempo algum, foi realizado qualquer tipo de recenseamento oficial da mencionada população indígena. Visitei, quando comandava a 1ª Cia de E Cnst, as seis aldeias dos WA, quando lá estava, e a população de cada uma delas era inferior a 60 indivíduos. (Hiram Reis)

² Subordinado: ***CORRIGIND*** – ao qual estava subordinado o. (Hiram Reis)

Depoimentos

Os procuradores da República colheram depoimentos de operários e Indígenas que confirmaram essas demonstrações de força. O operário Raimundo Pereira Silva disse ao Comitê da Verdade do Amazonas que os Índios “*eram levados em uma caçamba para o acampamento do BEC, faziam eles descerem e davam 600 tiros. Os Índios ficavam tremendo*”.

Em depoimento aos procuradores da República, Manoel Paulino, Índio da etnia Karapanã contratado pela FUNAI para atuar na obra, disse ter visto Indígenas mortos. “*Eu vi corpos dos Índios trazidos em uma caçamba e serem jogados no buraco da terraplanagem. Vi cinco caçambas com Índios*”. [...] (FOLHA DE SÃO PAULO, 23.08.2017)

Tive em minhas mãos o tal documento que menciona o emprego de forças de dissuasão ⁽³⁾. Após o “*Massacre dos Maranhenses*”, no dia 18.11.1974, era necessário tomar providências que garantissem a integridade física dos trabalhadores. Foi então que o Gen Gentil determinou que houvesse uma tropa garantindo a segurança das equipes destacadas. Em nenhuma oportunidade, porém, foi necessário disparar tiros para o alto ou empregar qualquer outro meio de dissuasão.

O histórico dos covardes ataques dos WA nos mostra que eles só atacavam quando o “*inimigo*” estava em menor número e/ou desarmado, o que não acontecia agora com as equipes de terraplanagem.

³ Esclarece-nos o Dicionário Michaelis:

Dissuadir: fazer [alguém ou a si mesmo] mudar de ideia, abandonar uma decisão; despersuadir[-se]: “*A senhora podia [...] dissuadi-lo de tais ideias, dizendo-lhe simplesmente a verdade e dando-lhe conselhos [...]*”. Dissuadiu-se de viajar quando soube da grande festa. (Hiram Reis)

Os Indígenas, que se acercavam de nossas equipes de construção eram contemplados com produtos de nosso rancho que comiam com sofreguidão descomedida, portanto, as únicas baixas que tivemos após o histórico "*Massacre dos Maranhenses*" foram nossos escassos gêneros alimentícios.

É interessante que, naqueles tempos, os visitava, com minha família, esposa e filhas, uma de 3 meses e outra de um ano e meio, sem qualquer temor. Pena que hoje eles tenham assimilado da "civilização" suas piores qualidades tentando a todo custo auferir lucro mesmo que tenham de vender suas almas ao próprio belzebu.

É justa a interrupção, a partir das 18h00, de uma Estrada Federal? É correto deixar o Estado de Roraima, refém da energia produzida pela convulsionada Venezuela quando poderíamos construir um linhão atravessando a reserva WA conectando-o ao Sistema Integrado Nacional (SIN) através de Tucuruí?



Raimundo Pereira da Silva

Um Farsante

As contradições em torno das declarações do ex-funcionário Raimundo Pereira da Silva, do 6º Batalhão de Engenharia de Construção, são enormes e só a tal da “Comissão da **In**Verdade” é capaz de qualificá-lo como testemunha idônea. Raimundo foi admitido no dia 03.05.1974 e pediu demissão em 30.05.1974.



ANEXO 2

Relatório da Comissão Nacional da Verdade

Raimundo Pereira da Silva, ex-mateiro da FUNAI que trabalhou na abertura da BR-174, testemunhou a atuação do Batalhão de Infantaria na Selva [BIS] e informa como o desaparecimento de muitos Índios se relacionava diretamente com a atuação do Batalhão:

Eu fiquei impressionado porque, antes do Exército entrar, a gente viu muito Índio, muito Índio. E eles saíam no barraco da gente, muito, muito, muito [...]. Depois que o BIS entrou, nós não vimos mais Índios [...]. Antes cansou de chegar 300, 400 Índios no barraco da gente.
(⁴)

⁴ SCHWADE, Egydio; SCHWADE, Tiago Maiká Müller (Orgs.). *Entrevista com Raimundo Pereira da Silva sobre a construção da BR-174*. 11.10.2012. (Hiram Reis)

ANEXO 3

**Relatório do Comitê Estadual
da Verdade do Amazonas**

Estatística da FUNAI de 1972 refere que *“na periferia do posto de atração do Alalaú, à margem direita do Rio Alalaú, moravam 300 Indígenas. Além das aldeias dos Capitães Nenen, Juani, Elza e Comprido”*.

Informação confirmada por Raimundo Pereira da Silva, que trabalhou como mateiro na abertura da picada da rodovia, no grupo que seguia no sentido de Roraima, entre 1972 e 1977 ⁽⁵⁾:

Raimundo Pereira da Silva – Agora eu fiquei impressionado porque antes do Exército entrar, a gente via muito Índio, muito Índio.

Tiago Maiká Müller Schwade – é mesmo?

Raimundo Pereira da Silva – É, eles saiam no barraco da gente, muito, muito, muito. Eu tinha um bocado de coroa de ouro, eu. Eles eram doidos pra

⁵ Funcionário Raimundo Pereira da Silva que serviu no 6º BEC, na época da abertura da estrada:

CPF 027 876 012-00;

Identidade: 11298/RR;

Filiação: Florência Pereira da Silva;

Nascimento: 25.05.1951, Vitória, Maranhão;

Foi admitido em: 03.05.1974;

Demissão a pedido: 30.05.1974.

Trabalhou 27 dias apenas e não era mais funcionário do 6º BEC em 1975.
(Hiram Reis)

me levar pra lá, eles falavam: “*maroca, maroca, maroca, vamo embora, maroca, maroca*”. Eu dizia “*não, Manaus, Manaus, Manaus*”. Eles: “*não, maroca, maroca*”, pra me levar pra lá. Todos os dias esses vinham com aquela conversa.

Egydio Schwade – E quase todos os dias eles te encontravam?

Raimundo Pereira da Silva – Todo dia. [...]

Raimundo Pereira da Silva – Depois que o BIS [Batalhão de Infantaria na Selva] entrou, nós não vimos mais Índios.

Egydio Schwade – Mas antes disso?

Raimundo Pereira da Silva – Antes cansou de chegar 300 – 400 Índios no barraco da gente. É... Levavam tudo que a gente tinha. A gente tinha medo, sabe e esses Índios aí não pediam, não tomava. Era troca, troca, troca. Davam uma flecha, qualquer coisa deles.

Na mesma entrevista, o trabalhador ainda revela que, em 1976 ⁽⁵⁾, quando já haviam realizado a travessia do Rio Alalaú, o Exército encontrou um grupo de Indígenas:

Raimundo Pereira da Silva – Eles acharam um grupo de Índios, duns... uns 30 Índios, o BIS. Aí trouxe pra cá, chegou, eles deram 600 tiros aberando os Índios.

Egydio Schwade – Perto deles?

Raimundo Pereira da Silva – É, perto deles. Índio ficava com medo, medo. E eles empurravam eles na boca do pau, pra subir na caçamba. “*Sobe na caçamba!*”, empurravam na boca do pau. Rapaz Índio ficavam assim ó, se tremendo.

PEDIDO DE DEMISSÃO COM DISPENSA DE AVISO PRÉVIO

Exmo. Sr.
CMT DO 8º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

Desejando, por minha livre e espontânea vontade, desligar-me do serviço desta empresa, venho apresentar a V. Sza., em caráter definitivo e irrevogável, o meu pedido de demissão do emprego que ocupo neste a data de

Sendo de meu interesse retirar-me do serviço sem demora, agradecerá se V. Sza. me concedesse dispensa de quaisquer formalidades, especialmente do aviso prévio legal de que trata o Art 417 da Consolidação das Leis Trabalhistas.

Na expectativa de ser atendido, firmo-me

Boa Vista, RR, 30 de maio de 1974.-

Raimundo Pereira da Silva
(Assinatura do Empregado)
Raimundo Pereira da Silva.

De acordo em 30 Mai 74.

Carlos Rodolfo Bory
Pelo 6.º S.E. Cmt
Carlos Rodolfo Bory - 1º Ten
Cmt Cia En Eng.-

1ª via - Subcm (SPC)
2ª via - Empregado

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
CMA - TIGPT E
8º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO
(1º Cm En E Cmt 1967)
BATALHÃO SIMÃO BOLANAR
AUTENTICAÇÃO
CONFERE COM A ORIGINAL
Boa Vista-RR, 15.02.1974
T. Santos

PROVIDENCIADO
Em 15/06/1974
Arde 2.000.000.000

PUBLICADO
Em 17/06/1974
SOL 224 N.º 23020

Imagem 02 - Pedido de Demissão de Raimundo P. da Silva

FICHA REGISTRO DE EMPREGADOS N. 1954



Firma: 6.º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO - Atividade: Construção civil
 End. Av. Cap. Ene Gares, s/n - Cidade Boa Vista - Estado: Ter. Fed. de Roraima
 Nome: RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA
 Salário: R\$ 518,00 - Forma de Pagamento Mensal
 Carteira Profissional: Nº 98497 - Est. Emissor: PA - Série: 1934
 Certificado de Reservista: Nº 520489 - Cat 14 - Série: A
 Carteira de Identidade: Nº 11.298 - Estado Emissor: RR
 Título Eleitoral Zona: 21ª - Seção: 27ª - Nº: 9.616
 CPF N.: 027876012-00 PANEP - PIS
 Carteira de Motorista N.º 3.394 - Fronteirão N.º 3.394 - Orgão Emissor D. Trans
 Carteira Sanitária N.º - Orgão Emissor: - Data Última Inspeção:
 Data de Admissão: 03/maio/74 - Função: Motorista
 Horário Normal de Trabalho: das 07:00 às 18:00 hs com intervalo de 02 hs, das 11:00 às 13:00 hs, para refeição e descanso.
 Estado Civil: Casado - Sexo: Masculino - Cór: - Tipo Sanguíneo: A+
 Filho de: Flecência Pereira da Silva e
 Data do Nascimento: 25/05/51 - Cidade: Vitória - Estado: Maranhão
 Tem algum Certificado Profissional? - de que natureza:
 Sabe ler e escrever? - Sim - grau de instrução: 2ª série primária
 Residência atual: - Rio General Paulo Basso 2916
 Em caso de Acidente avisar: - Alameda Aquino da Costa
 Endereço: - O Messias
 Sindicato a que está filiado:



04	05	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
----	----	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

QUANDO ESTRANGEIRO - a) Tem filhos brasileiros? **MINISTÉRIO DA DEFESA**
 b) É casado com brasileira? **EXÉRCITO BRASILEIRO**
 c) Data em que chegou ao Brasil: **04/05/74**
 d) Carteira de estrangeiro n.º: **1º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO**
 e) Estado Emissor: **(1ª CM Eng. e Constr.)**
 SACRAMENTO BOMBAZINHA
 AUTENTICAÇÃO
 CONFERE COM A ORIGINAL
 Naturalizado em: **Bo. F. 10/10/74**

Declaro serem verdadeiras as informações acima prestadas, podendo ser usadas como expressão da verdade, quando exigidas por lei.

Boa Vista, RR, 03 de Maio de 1974
 Raimundo Pereira da Silva
 ASSINATURA DO EMPREGADO

Data em que o empregado deixou o serviço desta firma: 30 / 05 / 74
 Motivo: A Pedido
 Tempo de Serviço: 27 dias

NOME DOS BENEFICIÁRIOS	Data do Nascimento	Grau de Parentesco

Imagem 03 - Ficha Registro de Raimundo P. da Silva



Imagem 04 – Raimundo Pereira da Silva

Egydio Schwade – Depois dos tiros?

Raimundo Pereira da Silva – Depois dos tiros. Aí botavam na caçamba e iam deixar lá na estrada. Agora lá nós não íamos, os civis não iam. Só o Exército. Nós não sabe se eles matavam eles lá ou soltavam. Civil nenhum sabe.

ANEXO 13

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

MPF | **Procuradoria
da República
no Amazonas**
Ministério Público Federal

**INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
Nº 1.13.000.001356/2012-07**

Objeto: “Apurar a responsabilidade do Estado brasileiro pelas violações dos direitos do povo Indígena Waimiri-Atroari durante a construção da Rodovia BR-174”

TERMO DE DEPOIMENTO RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA

No dia 02.06.2014, às 10h00, na Casa de Cultura Urubuí, [...] compareceu RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA, [...] que prestou as seguintes declarações: [...]

Havia muitos Índios. Apareciam mais de cem. Fui até o final da picada, passei pela área Indígena inteira. Sempre encontrei com muitos Índios. A maior parte dos Índios estavam da área que vai do Abonari até 20 quilômetros depois do Alalaú. Acho que havia uns 10 mil Índios (???), em 28 malocas, pelo que o BEC falou.

Vi apenas duas malocas. Uma no km 25, depois do Alalaú, e a outra no km 28. O barracão ficava perto, uns cinquenta metros. Creio que havia de quinhentos a seiscentos Índios em uma maloca (???). O André me disse uma vez que tinha seiscentos Índios (???). Eles me convidavam para entrar na maloca. Comia anta, com o próprio couro. Eu me reunia com eles. [...]

Lembro bem da morte do Gilberto Figueiredo. Foi em 29.12.1975 (6). Estávamos no acampamento do 6º BEC no Abonari. Estávamos nos aprontando para entrar na região do Alalaú. A estrada na região do Alalaú ainda não estava pronta.

No dia anterior, vi o Gilberto. Estava com os Índios. O Capitão Bonilha mandou deixá-los no Abonari. Nós acompanhamos o Gilberto até a canoa, ele estava com os Índios, daí ele foi para o posto. Os Índios dormiram no posto da FUNAI, que ficava a 6 km dali.

⁶ Demissão a pedido: 30.05.1974. Nenhum levantamento estimou tal número de indígenas. (Hiram Reis)

No dia seguinte, o Capitão Bonilha pegou o avião pra Manaus e viu, do alto, o Gilberto morto, daí voltou. [...]

Depois desse fato, voltamos ao acampamento no km 30. Ficamos lá uns 10, 15 dias. Um dia vi passando 43 carros do BIS, cheios de soldados [jipes, carros fechados, camuflados]. Eu lembro que eram 43, porque contei.

Passaram dois aviões do BIS. Antes não havia avião do Exército. O avião passou por lá seis dias. O Exército dizia que o BIS ia fazer uma manobra para conhecer a região, poder entrar para trabalhar. Os carros voltaram depois de seis dias. [...]

Depois da morte do Gilberto, os únicos Índios que vi eram uns 20 que foram empurrados por soldados do BIS para o caminhão. Eles iam ser levados para o acampamento. Os Índios tremiam. Ao chegarem ao acampamento, deram 600 tiros para assustar os Índios. Os Índios saíram correndo. Nunca mais vi Índios. [...]

Não vi carro ou caminhão levando Índios mortos em grande quantidade. Só sei dos casos em que íamos resgatar, e nesses casos levávamos até o avião.

As contradições numéricas quanto a estimativa populacional do Waimiri-Atroari são evidentes. Embora a FUNAI defenda que eram 3.000 segundo um alegado sobrevoo do Padre Calleri sobre a reserva, em 1968.

Nenhum recenseador sério consideraria esses números corretos. Realizei dois sobrevoos na região, em 1982, acompanhado do Padre Giuseppe Craveiro, na época, Coordenador do Núcleo de Apoio. Waimiri-Atroari, que me apontou algumas aldeias abandonadas e que lá de cima poderia se imaginar habitadas.

Com a escassez de caça os WA migravam para outra Aldeia e às vezes retornavam aquela de origem. Não raras vezes a Aldeia tinha ser queimada em virtude da invasão de roedores e insetos ou mesmo em decorrência de surtos de sarampo ou gripe.

Numa de minhas visitas às aldeias WA encontrei um senhor idoso conhecido como Capitão Tomáz. Comentei a respeito das doenças que minavam a saúde de seu povo e de nossa intenção de vaciná-los já que o atendimento da FUNAI se resumia em evacuá-los para Manaus.

Tomáz emocionado me confidenciou que o costume do WA de adotar crianças capturadas durante os ataques e o contato furtivo com brancos que os assediavam, sem autorização da FUNAI, para presenteá-los com diversos artefatos, e roupas usadas, tinha trazido uma terrível maldição para os WA.

Muitos idosos e crianças morreram depois de sua chegada. Sem saber os WA trouxeram para suas Aldeias uma bomba bacteriológica implacável.

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
Nº 1.13.000.001356/2012-07

TERMO DE DEPOIMENTO JOSÉ PORFÍRIO
FONTENELE DE CARVALHO

No dia 20.03.2014, às 10h30min, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu JOSÉ PORFIRIO FONTENELLE DE CARVALHO, [...], que prestou as seguintes declarações: [...]

Nesta época, tomávamos contato com os Índios navegando pelos Rios Camanaú e Uatumã. Não nos era permitido entrar nas aldeias.

DIÁRIO DO PARÁ

um Jornal da Planície

ANO IV - No. 1.390

Sexta-feira, 8 de maio de 1987



Os índios foram ao Sul do Pará para ver hidrelétrica de Tucuruí.

Índios foram ver para crer

TUCURUÍ, (EBN) - A desconfiança na palavra do homem branco levou quatro caciques dos grupos indígenas Waimiri e Atroari a realizarem uma viagem de mais de dois mil quilômetros para conhecer, no sul do Pará, a usina hidrelétrica de Tucuruí, construída sobre o rio Tocantins.

Os Waimiri-Atroari, que habitam uma área de mais de dois milhões de hectares, no Norte do Amazonas, próximo a divisa com Roraima, terão parte de suas terras (cerca de 30 mil hectares) inundadas pelo reservatório da usina hidrelétrica Balbina, que está sendo construída pela Eletronorte no Rio Uatuman. Mas até a

visita dos caciques a Tucuruí, os índios não conseguiam entender como seria possível ao homem branco interromper o fluxo normal de um rio, através de uma barragem hidrelétrica, e formar um lago artificial com milhares de quilômetros quadrados.

A dificuldade da Eletronorte e da Funai em explicarem aos índios que a partir de outubro deste ano, quando for concluída a barragem de Balbina, o nível da água do Rio Uatuman e afluentes atingindo duas de suas aldeias, estava impedindo um programa conjunto de relocação da população indígena afetada para outros locais.

Imagem 05 - Diário do Pará, nº 1.390, 08.05.1987

Em 1969, fizemos um voo pela área, eu e Gilberto, quando identificamos 15 malocas diferentes na região. Concluímos em 1971 um trabalho, oportunidade em que fizemos uma estimativa de que cada maloca possuía 100 Indígenas (?), o que daria mais ou menos 1.500 Indígenas. Neste ano de 1971 foi criada a reserva. [...]

Sobre o relatório de Gilberto, que, em 1973, estimava a existência de 600 a 1.000 Indígenas, tenho a impressão de que isso se deve ao que ele conhecia. Ele não levou em consideração os Atroari, o que se desprende das informações acerca dos Rios que ele menciona. [...]

Sobre o episódio em que houve o sobrevoio da maloca do Comprido, cuja foto está no livro, tenho certeza de que os Índios mesmos queimaram a maloca.

Não foi o Exército que a queimou. O próprio Mário Parwe confirma isso. Fizeram isso para se proteger.
[...]

Em 1977, houve uma epidemia de sarampo, que segundo a conta da FUNAI, teria atingido 21 Indígenas. Devem ter morrido mais, pois houve fuga para dentro da mata.

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO Nº 1.13.000.001356/2012-07

TERMO DE DEPOIMENTO SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA

No dia 25.11.2014, às 09:00, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA, que prestou as seguintes declarações: [...]

Foi feita uma maquete da hidrelétrica, mas achamos que os Índios não saberiam o alcance disso, então alguns Índios foram a Tucuruí. Os líderes principais eram o Mário e o Viana. Explicamos o que seria Balbina e o que seria a estrada. [...]

Cheguei a conhecer o Comprido, Maruaga era o líder principal. Eles também estavam. Era de praxe fazer reuniões com os líderes para evitar que se repetissem ataques. Foi o que ocorreu após o ataque a Gilberto.

Conversei com os líderes Mário e Viana e passei as informações, eles retransmitiam aos demais, uma conversa tranquila, os Índios manifestavam preocupação com a existência de doenças. [...]

Viana tinha poucos anos nesta época e já despontava, assim como Mário, como líder natural.

Conheciam toda a história da Terra Indígena. Sobre as mortes, estive alguns meses no Rio Purus e num momento posterior com Mário e Viana, tínhamos uma intimidade muito grande, eles nunca comentaram qualquer morte por parte da frente e do Exército. Sobre a morte de Comprido, nunca ouvi falar de qualquer suspeita de que Mário e Viana seriam responsáveis. A área Waimiri Atroari sempre foi um tabu para pessoas interessadas em obter recursos financeiros lá dentro.

Sobre a alegação de que havia 6.000 Índios lá, não era possível fazer censo, devido às dificuldades de contato, então não era possível estimar isso. [...]

Não havia entrega de presentes, nosso contato era de reciprocidade. Confiávamos na relação de amizade. Havia um convívio diário, com visitas às aldeias, em que buscávamos ser aceitos. Eu ia com alguns funcionários, como João Dionísio, Paulo e outros da equipe de João Dionísio. José Porfirio de Carvalho não trabalhava lá nesta época. Na época do Gilberto, ele ficava na retaguarda de apoio, era administrador regional, oferecia meios para que os trabalhos ocorressem: alimentação, combustível, viatura, armas [apenas para caça e pesca]. [...]

A falta de notícias sobre a presença dos Indígenas após 75 deve-se ao fruto de nosso trabalho. As áreas são muito extensas, eles fazem visitas uns aos outros, possuem a caça e a pesca.

Com relação à falta de documentos da época, o serviço de comunicação da FUNAI possui informações diárias sobre a atuação. Eu não fazia relatórios periódicos, apenas quando havia algum fato a ser informado à FUNAI de Brasília. [...]



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Of. N° 19/74 – 1ª DR

Do: Subcoordenador

Manaus, 02.07.1974

Ao: Sr. Comandante do 6º BEC

Boa Vista – Roraima

Senhor Comandante,

Agradecemos a honrosa visita que nos foi feita pelo Subcomandante desse Batalhão de Construção, Major Kuhner, quando nos trouxe os cumprimentos desse Comando nos comunicando a reabertura dos trabalhos na Estrada BR-174, Manaus – Boa Vista, a cargo desse comando, apresentamos na oportunidade os nossos cumprimentos, enviando votos de êxitos na missão confiada a V. S^a e seus comandados.

Como é do conhecimento de V. S^a a estrada BR-174 – cruza a Reserva Indígena dos Índios Waimiri-Atroari, sob jurisdição desta Sub-Coordenação e, pelo fato merece que levemos ao conhecimento desse comando, o seguinte.

Os Índios Waimiri-Atroari, do grupo Caribe, com população estimada na área compreendida entre os Rios Santo Antônio do Abonari, Jauaperi e seus afluentes da margem esquerda [Rio Alalaú e Branquinho] e Rio Uatumã, de 1.200 indivíduos encontram-se ainda em estado primitivo e arredios com contatos isolados, exigindo assim de nossa sociedade, cuidados especiais para que não sejam ultrajados os seus costumes e ritos, assim como não lhes sejam impostas novas necessidades e males.

Os principais males que as sociedades, ditas civilizadas, tem levado aos povos primitivos, são as doenças que atingem em cheio, seu físico totalmente desprovido das resistências contra as nossas doenças:

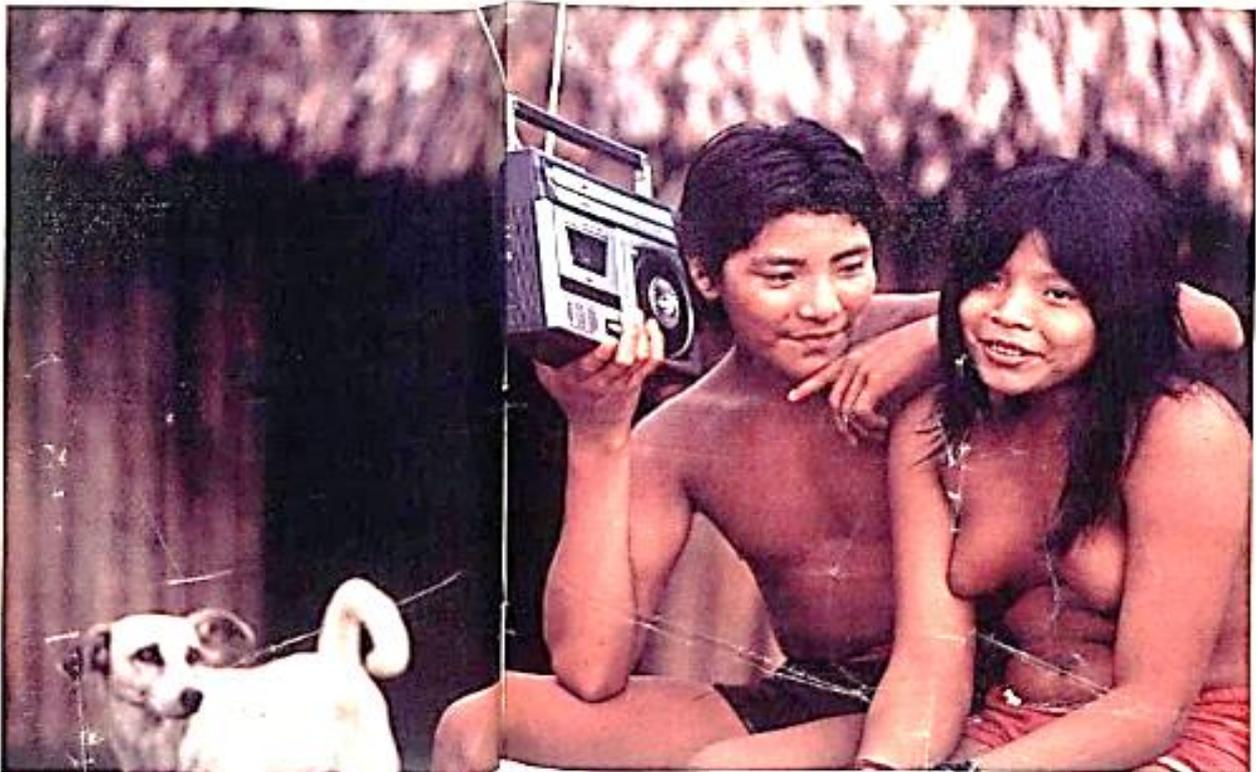
Baseados em experiências em outras áreas onde foram realizados trabalhos semelhantes, estrada Transamazônica, e outras, ainda nos termos do Estatuto do Índio e visando ainda salvaguardar a integridade física e social dos silvícolas habitantes na citada área, tomamos a liberdade de solicitar a V. S^a a observação das seguintes recomendações, para serem observadas, pois as pessoas que irão trabalhar e circular dentro da área habitada pelos Índios:

- a) Evitar, até segunda recomendação, a presença de pessoas do sexo feminino no trecho de reserva Waimiri-Atroari. [...]

**RAIMUNDO PEREIRA, EGYDIO
SCHWADE E A COMISSÃO DA
"IN"VERDADE MENTEM!!!**

Reportagem de Daniela Kello
Fotos de Tadeu Lacerda

Na fronteira contemporânea entre
o selvagem e o moderno, a cultura indígena
está se extinguindo.
Waimiri-Atoaris. É um povo da tribo
de Mura, que vive na região de
fronteira entre o Brasil e a Guayana
Francesa. Em meados dos anos 70,
o chefe indígena morreu e seu
filho adotivo, um português, se
tornou o chefe da tribo. A tribo
Mura é conhecida por ser a
tribo indígena mais desenvolvida
do Brasil. Ela possui um sistema
de escrita e um alfabeto. Hoje,
há um projeto de integração
entre a tribo e a sociedade
brasileira.



Waimiri-Atoaris

Os civilizados da Idade da Pedra

Imagem 06 - Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984

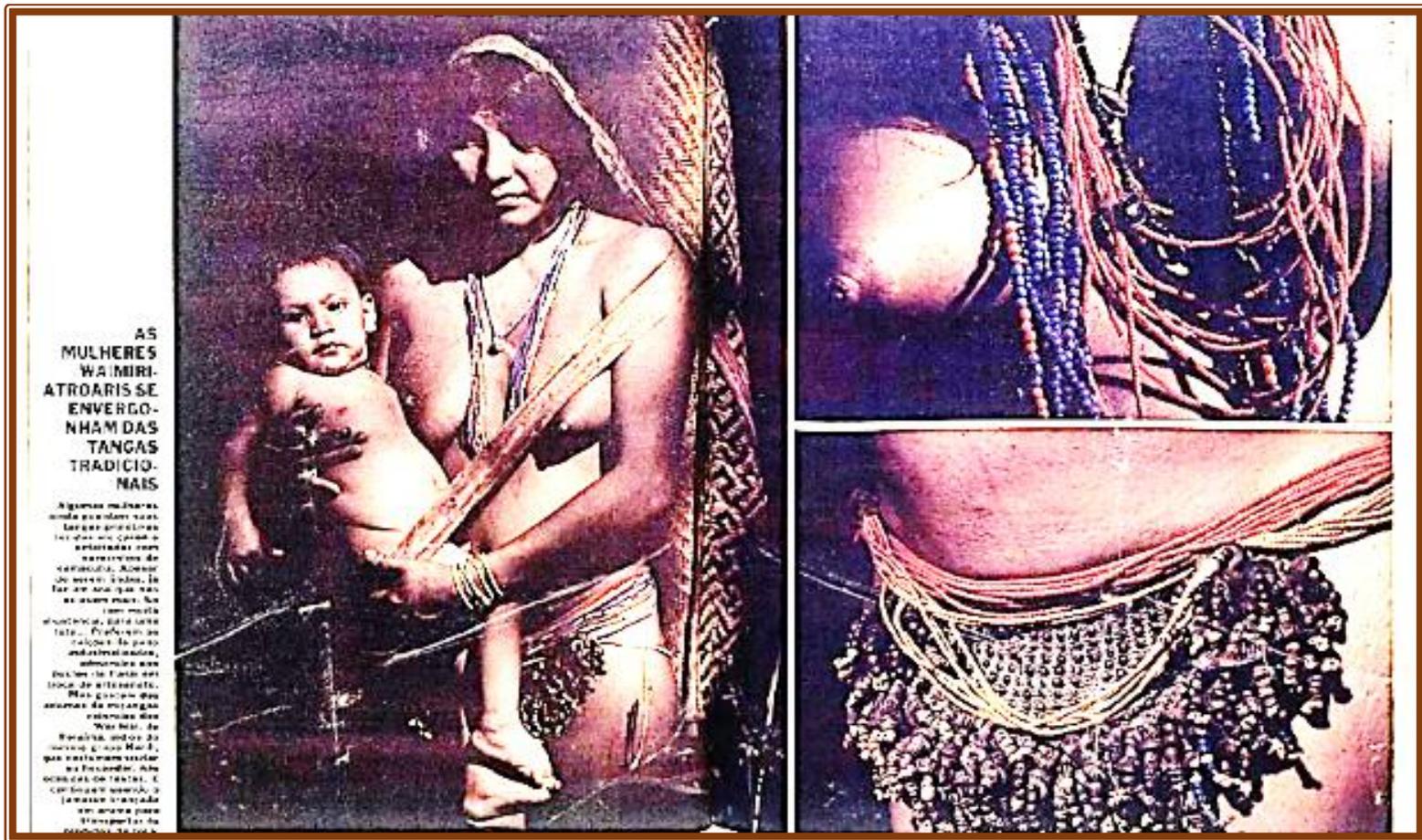


Imagem 07 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984

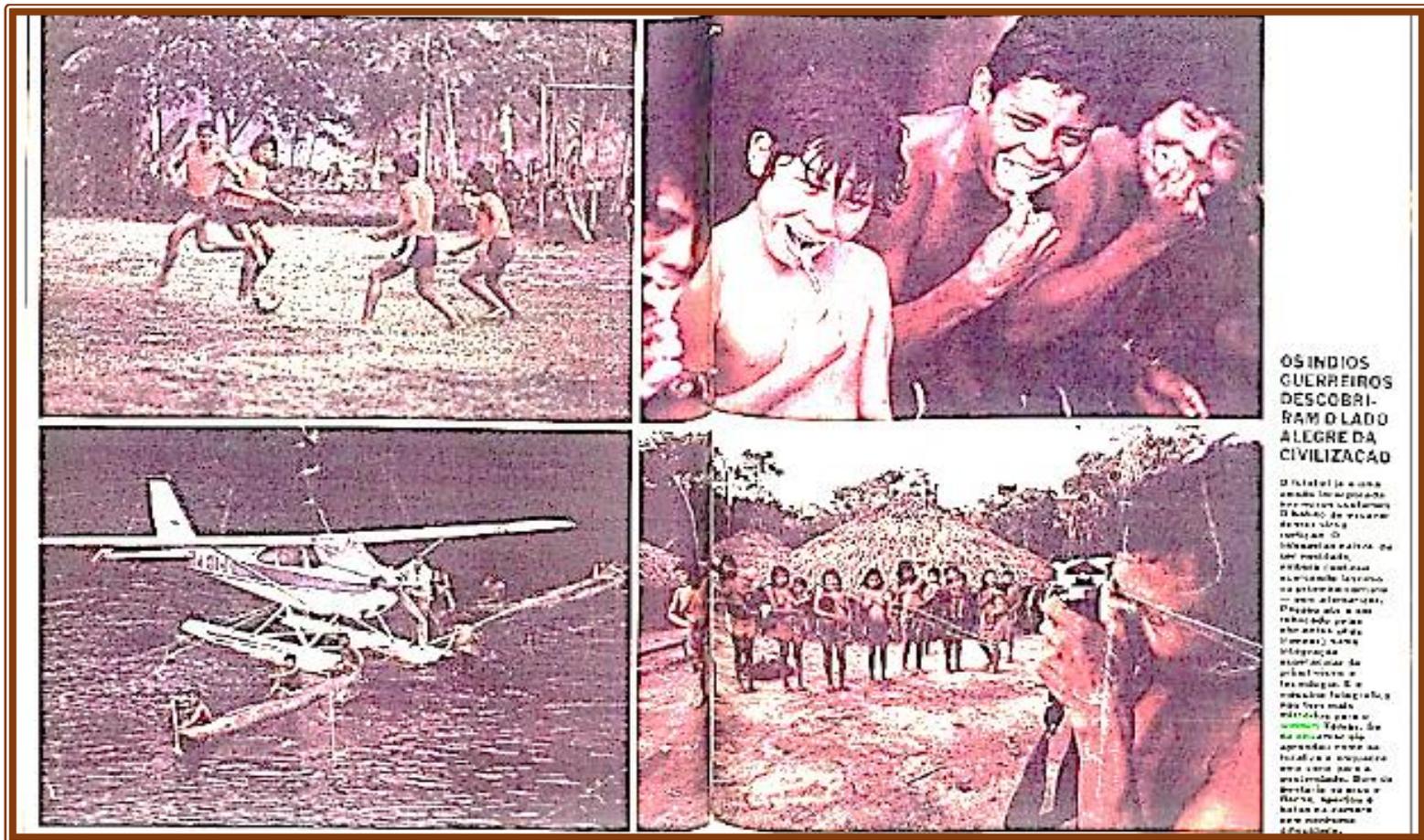


Imagem 08 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984



**CRIANÇA BRANCA
DE OLHOS
AMENDADOS E
UM MISTÉRIO
NA MIRA ATROZ**

Seus olhos são a
testemunha de por que
ele é diferente e
para o mundo, mas
muito ao contrário de
ele e de sua família,
de maneira estranha
deu origem a uma
criança branca.
Mas, quando um certo dia
apareceu, não
parecia um filho
por fora da mãe,
mas diferente de
todos eles, não
parecendo nada do
grupo.
As circunstâncias que
dão origem a
essa criança são
muito misteriosas e
são muito diferentes
de todas as
outras. Mas, quando
um certo dia apareceu,
não parecia um filho
por fora da mãe,
mas diferente de
todos eles, não
parecendo nada do
grupo.

A criança branca de olhos amendoados e um mistério na mira atroz. A história é contada em um livro de um autor brasileiro, que descreve a vida de uma criança branca em um ambiente indígena. O texto aborda a cultura, os costumes e as dificuldades enfrentadas pela criança. A narrativa é detalhada e oferece uma visão profunda da realidade social e cultural da época.

Uma criança branca em um ambiente indígena. A história é contada em um livro de um autor brasileiro, que descreve a vida de uma criança branca em um ambiente indígena. O texto aborda a cultura, os costumes e as dificuldades enfrentadas pela criança. A narrativa é detalhada e oferece uma visão profunda da realidade social e cultural da época.

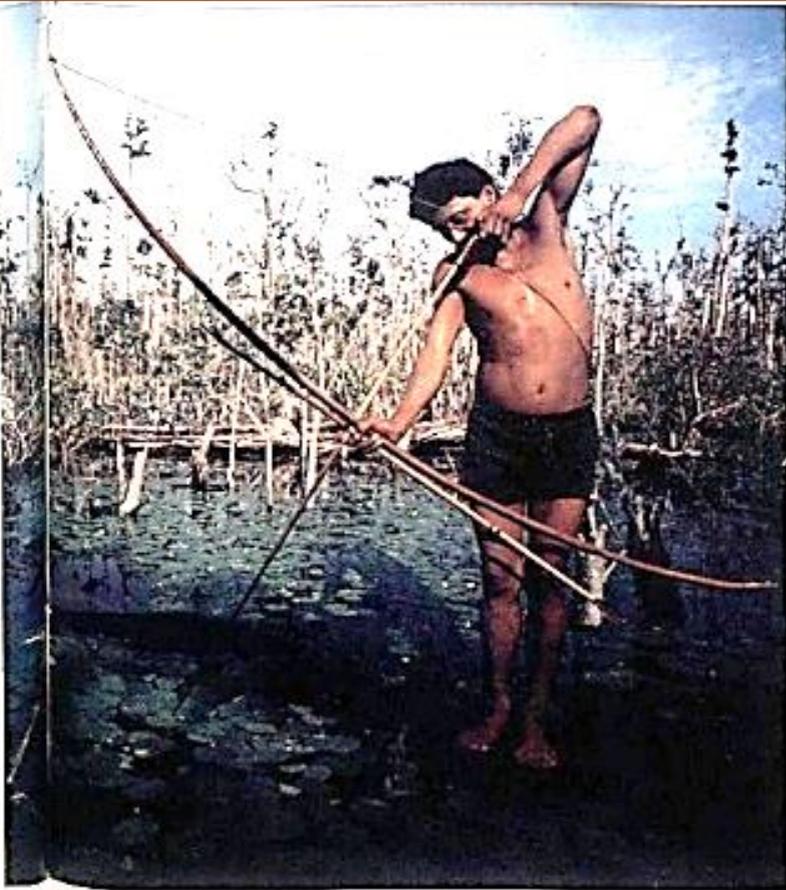


Imagem 09 – Revista Manchete, nº 1.657, 21.01.1984

Comportamento “Incivilizado”

RELATÓRIO DE VIAGEM DO SR. GILBERTO PINTO FIGUEIREDO COSTA À REGIÃO WAIMIRI-ATROARI, ABRANGENDO OS POSTOS INDÍGENAS CAMANAU, ALALAU, SANTO ANTÔNIO DO ABONARÍ E PARA A INSTALAÇÃO DO SUBPOSTO DO ALALAU, JUNTO A PASSAGEM DA ESTRADA NO RIO ALALAU, ASSIM COMO, PARA ATENDER O PESSOAL DO SERVIÇO DE TOPOGRAFIA DO 6º BEC.

[...] Dia 12.10.1972, as 05h40 saímos e as 07h30 chegamos ao Posto Indígena Alalaú; durante o dia acertamos com o Sr. João Santos os serviços que teriam de ser feitos, enquanto eu vinha à Manaus ficando para ajudar na execução dessas tarefas os funcionários Srs. José Abraão, Adão Vasconcelos e Odedis Mendes.

Uma das ordens que dei ao Sr. João Santos foi a proibição da entrada do Sr. Celso Maia, empregado do Sr. André, pelo péssimo procedimento junto aos Índios Atroari-Waimiri.

O referido Sr. Celso Maia, em julho deste ano, quando subia o Rio Alalaú, encontrou os Índios acampados em um porto da maloca e ficou junto destes Índios; tendo sido bem recebido, abusou da hospitalidade, tendo ficado nu, prendendo o pênis como os Índios o fazem e dançado com as índias ao mesmo tempo em que pegava nas tangas delas, tudo feito com muita malícia; no dia seguinte prosseguiu viagem até o local do desmatamento e, dias depois tiveram mais Índios em contato com ele, no desmatamento, e ele mostrou nesta ocasião, uma revista com fotografias de mulheres de maiô e com o dedo fazia insinuação de que estava querendo copular; e depois, para cúmulo, pedia para os Índios trazerem “Marias” para ele.

Os Índios ficaram desconfiados, estranhando esta atitude tão diferente dos outros "cariuíá" que estão em contato com eles há bastante tempo.

Este Sr. Celso Maia, com tão infantis atitudes, e obscenos gestos, pode fazer com que todo o trabalho de contato e atração vá por água abaixo.

Ele foi bem recebido no meio dos Índios graças ao trabalho dos funcionários da FUNAI, pois neste mesmo acampamento, em abril deste ano, deixamos vários presentes tais como latas vazias, fósforos, anzóis, linha de pesca, bicos para flecha, etc.

Os Índios desta região estiveram também em junho, em nossa casa na foz do Rio Alalaú, pois havíamos deixado alguns brindes dentro da casa com uma janela aberta, prevendo já sua visita.

Eles lá estiveram, levando todos estes brindes e deixando no lugar dos mesmos, arcos, flechas e balaios, assim como, 3 couros de caititu, 1 de maracajá, 1 de cotia e um de onça que se tinha a parte do lombo, tudo muito bem preparado.

Apanhei este material, em 16 de junho, quando fiz o primeiro voo no avião da Igreja Batista Unida do Brasil, pilotado pelo Mister Daniel Walter que testemunhou o fato de encontrarmos os couros e artefatos, assim como, fecharam a janela da frente que deixáramos aberta e abriram uma outra dos fundos, e ainda por cima não mexeram em um pé de milho, apesar destes apresentarem boas espigas para serem assadas.

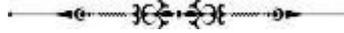
Manaus, 30 de outubro de 1972.

Sr. Gilberto Pinto Figueiredo Costa





Jornal do Brasil, n° 287 – Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 03.02.1973



FUNAI Culpa Viajante
Pelo Massacre de 3 Funcionários



Brasília [Sucursal] – O caixeiro-viajante Celso Maia, de quase 60 anos de idade, foi apontado ontem pela FUNAI como responsável indireto pelo massacre de três de seus funcionários no Posto Indígena do Alalaú em Roraima, porque não respeitava as Índias das tribos Atroari e Waimiri. O Presidente da FUNAI, General Bandeira de Melo, rodou para a imprensa a gravação do depoimento do único sobrevivente do massacre, Luís Duarte – um rapaz de 19 anos, filho de Índios que conseguiu se esquivar de quase 30 flechas disparadas em sua direção. Depois de andar um dia e uma noite pela mata, conseguiu chegar a outro posto da FUNAI, em Santo Antônio do Abonari, e foi levado a Manaus, onde relatou o episódio.

Grupo Isolado

Segundo seu relato, os Índios que atacaram o posto não eram Waimiri, conforme se pensava inicialmente, mas Atroari, seus parentes da grande família Caribe. Alguns dos Índios já eram conhecidos dos sertanistas da FUNAI, mas constituem um grupo isolado que habita as margens do Rio Pretinho e não obedece ao Tuxaua Capitão Maruaga, que é o Cacique de todas as demais tribos Waimiri e Atroari. Eles chegaram ao posto do Alalaú no dia 16. Apesar de estarem desacompanhados de mulheres, demonstraram intenções pacíficas e confraternizaram-se com os quatro funcionários da FUNAI encontrados no local.

Perguntaram primeiro pelo “*papai Gilberto*” o sertanista que comanda, desde 1970, a expedição de pacificação. Depois abraçaram alegremente os homens da FUNAI, e os convidaram a pegar pataúá [uma fruta da região com a qual se faz uma bebida licorosa]. Foram todos e voltaram à tarde. Fizeram a bebida e tomaram juntos, “*alegres e satisfeitos*”. Também comeram o churrasco de um mutum e um jaboti caçados durante a colheita. Eram 20 Índios e entre eles estavam quatro menores, com idade aparente de 14 anos. Todos levavam arcos e muitas flechas, tantas que, no dia seguinte, 17, pela manhã, fizeram troca de presentes com os quatro funcionários da FUNAI, entregando-lhes 141 flechas. Arco nenhum foi trocado. Após terem indagado sobre o sertanista Gilberto Pinto, eles começaram a perguntar mais tarde pelo mercador Celso Maia, que se encontrava em Manaus.

Os Índios, quando falavam de Celso Maia, batiam com a mão violentamente nas nádegas – “um sinal de Indignação”, segundo os indianistas – e, depois de cuspir no chão, diziam: “Marupá-Maia” que, significa na língua dos Caribes a cujo tronco pertencem, que “Maia não presta”.

Imoralidade

Celso Maia vendia mercadorias para os trabalhadores que estão empregados pelo 6º BEC na abertura da Rodovia Manaus–Caracaraí–Boa Vista. A atração e pacificação dos Índios Atroari-Waimiri é consequência dessa estrada, que corta a terra dos selvícolas e, portanto, foi necessário um trabalho paciente de convencimento dos Índios a respeito da missão pacífica do projeto. Nesse trabalho que se iniciou há cerca de 6 anos, já houve outras mortes quando, em 1968, uma Expedição com 12 pessoas, sob o comando do Padre Calleri, foi trucidada, e, como agora, apenas um conseguiu fugir para contar a história.

Há cerca de seis meses, o sertanista Gilberto Pinto advertiu seriamente o vendedor Celso Maia quanto às regras de respeito à cultura Indígena. Apesar de ter quase 60 anos de idade, ele procurou conquistar as Índias.

Ciumentos de suas mulheres, os Waimiri e Atroari só voltaram a aparecer sem elas depois do episódio com Celso Maia. Ainda assim, o caixeiro-viajante mostrou-lhes revista com mulheres seminuas e disse-lhes para que trouxessem suas “*Marias*” – palavra que os Índios entendem por mulheres.

Depois disso os silvícolas não mais apareceram. Gilberto Pinto também tomou providências proibindo o ingresso do caixeiro-viajante em qualquer um dos postos de atração da FUNAI. Há três na região: um em Santo Antônio do Abonari, outro em Camanau e um terceiro em Alalau, onde houve o massacre.

O Ataque

No dia 17, depois da troca de presentes, os Índios voltaram novamente a apanhar patuá e, até então, tudo corria normalmente no posto Indígena, mas, ao retornarem da colheita, começaram a demonstrar hostilidade. Alguns Índios se esconderam atrás de árvores de onde mostravam arcos retesados.

Sobressaltados com a hostilidade aparentemente sem razão, dos Índios, os funcionários da FUNAI procuraram suas armas, segundo o relato de Luís Duarte, mas os silvícolas tinham-nas levado para fora da casa.

O que se sucedeu depois é confuso no relato de Luís Duarte. Depois de seus companheiros tentarem apanhar as armas fora da casa, foram mortos pelas flechadas dos Atroari. Um terceiro, Rafael Fonseca Padilha, tentou escapar correndo para o Rio que fica a poucos metros da casa: morreu nadando.

Luís Duarte ficou trancado na casa e conseguiu localizar uma caixa de foguetes espoucantes. Disparou dois para o alto a fim de afugentar os Índios. Esses então ficaram quietos. Em seguida começaram a bater os pés no chão. Depois jogaram pedras e paus sobre o teto da casa. Como Luís Duarte não saía, atearam fogo ao teto de palha do posto Indígena.

Enquanto a casa ardia em chamas, o vento espalhou uma nuvem de fumaça em toda a área, permitindo a Duarte empreender a fuga e se jogar no Rio.

Quando Luís Duarte veio à tona pela primeira vez para tomar ar, os Índios não o viram, mas quando colocou a cabeça fora d'água pela segunda vez, os silvícolas fizeram uma gritaria e começaram a atirar flechas da margem do Rio.

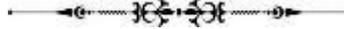
Calcula que tenha recebido cerca de 30 flechas enquanto atravessava o Rio a nado. Nenhuma, no entanto, acertou-o, embora quase todas tenham passado rentes a ele.

Os Atroari entraram então numa canoa, mas como eram muitos e todos remavam com muita força, o barco encheu-se de água – o que permitiu a Luís Duarte chegar do outro lado e, a salvo, se embrenhar em fuga mata adentro. Estava apenas com um calção e um relógio. Correu pela mata até anoitecer, quando então, esgotado, encontrou um refúgio e dormiu.

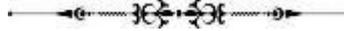
O medo, segundo ele, só ocorreu no dia seguinte, quando acordou. Voltou então a correr, só parando quando atingiu o posto Indígena de Santo Antônio do Abonari. Dali ele foi levado para Manaus – nova caminhada de seis dias na mata – onde fez o relato para o sertanista Gilberto Pinto e o chefe da Delegacia Regional da FUNAI, Gen Antônio Esteves Coutinho. (JB, N° 287)



**Diário da Noite, nº 14.480 – São Paulo, SP
Terça-feira, 06.02.1973**



**Preso Nega Ser O Causador
Da Fúria Dos Índios "Waimiri"**



O indivíduo Celso Maia, acusado de ter sido o causador da fúria dos Índios "Waimiri" contra brancos na área da rodovia Manaus-Caracarái, foi preso pela Polícia Federal em Manaus, atendendo à solicitação da FUNAI.

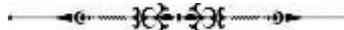
Celso negou as acusações, dizendo-se amigo dos silvícolas, e atribuindo as causas do ataque "Waimiri" às atividades das próprias vítimas.

Celso, que é transportador de Mercadorias de uma das empreiteiras do desmatamento daquela área, foi posto em liberdade e responderá ao inquérito instaurado.

Enquanto isso, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que retornou sábado último ao posto de Santo Antônio do Abonari, sobrevoou o posto incendiado de Alalaú, mas não pode aterrissar, em face das condições atmosféricas adversas. Não viu nenhum Índio, nem sinal inquietante. [...] (DDN, Nº 14.480)



**Jornal do Comércio, nº 21.340
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 29.07.1973**



**Atroari que Mataram Calleri,
Agora Expulsam Médicos de sua Aldeia**





Imagem 10 - Jornal do Brasil, nº 284, 31.01.1973

Brasília [Meridional] - Por achar que a vacina antigripal aplicada pela equipe de saúde da FUNAI fora a responsável pela morte de quatorze Índios, o Cacique Maruaga, dos Índios Waimiri-Atroari, expulsou os médicos da aldeia, na última semana, quando eles pretendiam aplicar uma nova dose de medicamento.

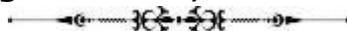
O fato que ainda não está bem esclarecido é considerado um revés para o sertanista Gilberto Figueiredo, que havia reconquistado, com grande dificuldade, a amizade dos Atroari, após o massacre da missão do Padre Calleri, ocorrido há alguns anos e ainda hoje reagem ao contato com civilizados desconhecidos.

A presença inicial da equipe de saúde da FUNAI dentro da aldeia, fato raro entre os Atroari, foi permitida pelo Cacique, por ter se deixado convencer de que a vacina poderia ajudar a curar os Índios da gripe.

Entretanto, o medicamento aplicado era contra um resfriado comum e não a gripe Fog (7), como ficou constatado depois nos exames laboratoriais. Os médicos voltaram à aldeia, mas foram violentamente expulsos por Maruaga. Nesse intervalo de tempo 14 Índios haviam morrido. As autoridades da FUNAI, em Brasília, admitiram o erro. (JC, N° 21.340)



**Jornal do Brasil, n° 148 – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-feira, 03.09.1973**



**Gripe Mata Chefe Waimiri-Atroari (8) que era
Contra Brancos e mais 14 Companheiros seus**



Brasília [Sucursal] – O cacique Maruaga, Chefe-Geral dos Índios Waimiri-Atroari, considerado o maior obstáculo para o contato com os civilizados, morreu de gripe em julho último, quando um surto dessa doença atacou sua aldeia, matando 14 Índios e outro Chefe de grupo, o Capitão Cândido. Estas Informações foram dadas pelo sertanista Aristides de Oliveira, da FUNAI, que atualmente está à disposição do projeto RADAM para dar assistência e servir de elemento de ligação com os grupos Indígenas que são encontrados durante as operações de campo e checagem do RADAM. [...]

“SORTE”

Aristides diz ainda que acha que deve haver brancos interessados em manter a animosidade dos Waimiri-Atroari, pois os trabalhos de pacificação desses Índios já vão para mais de 10 anos e eles continuam resistindo à presença do civilizado.

⁷ Gripe “Fog”: também conhecida como Gripe Inglesa. (Hiram Reis)

⁸ Nos dias de hoje diríamos que foi uma “Fake News”. (Hiram Reis)

A desconfiança de Aristides se baseia no número de aldeamentos, cerca de 16, mas só foram visitados dois, localizados perto dos Rios Alalaú e Camanaú, em Roraima. Os Índios, diz ele, desaconselham a visita aos outros aldeamentos. *“Uma forma de mostrar a esses Índios que os civilizados são amigos”* – acentua o sertanista – seria levar em uma Expedição de pelo menos 50 Índios de grupos diferentes, já contatados e aculturados. Isso ia mostrar aos Waimiri-Atroari que nós somos amigos de todos os Índios, inclusive deles, que nos tem dado um pouco de trabalho e causado algumas mortes.

Sobre o massacre da missão do Padre Calleri, ocorrido em 1967, praticado pelos Waimiri-Atroari. Aristides diz que houve imprudência do Padre, que tentou visitar uma aldeia sem ter ainda conquistado a confiança total dos Índios. O sertanista afirma ainda que esses Índios estão mal acostumados, quando chegam a um acampamento civilizado querem levar tudo, e se não deixam ficam furiosos e atacam. Seu chefe atual, segundo Aristides, deve ser um tal de Comprido, do qual desconhece as intenções em relação aos civilizados. [...] (JC, N° 148)



Opinião, n° 114 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 10.01.1974



Segundo a FUNAI, o Sertanista Gilberto Pinto era Amado pelos Waimiri-Atroari. Na Semana Passada eles o Mataram. Por quê?



[...] Apesar do bom entendimento do sertanista Gilberto com o cacique Maruaga, os ataques, principalmente aos postos avançados da FUNAI, se repetiram com inquietante frequência nos últimos dois anos.

Índios A morte do "Paizinho"



Gilberto Pinto

Segundo a Funai, o sertanista Gilberto Pinto era amado pelos Waimiri-atroari. Na semana passada eles o mataram. Por quê?

"Se pensava paz que eu puderei dar um dia a esses índios, mesmo sabendo de seu caráter selvagem, da sua rebeldia, da sua vontade de matar o branco. O índio Waimiri-atroari é um ser tão sensível — como todos os índios — que um menor ultraje diferente do branco é suficiente para ferir a sua sensibilidade. Eu nunca quis saber por que os índios matam ou deixaram de matar. Tinhamos como meus filhos, considero-os o prolongamento da minha casa. Ando armado de revólver na floresta mas não atiro nos índios em caso de um ataque. Se me matarem um dia, puciência!" (do sertanista Gilberto Pinto, em depoimento que concedeu ao jornal O Estado de São Paulo em abril passado, para ser publicado somente depois de sua aposentadoria — ou em caso de morte).

O sertanista Gilberto Pinto — o Paizinho, como era chamado pelos Waimiri-atroari — era o maior ojeado da Funai, onde entrou em 1941, aos 15 anos, como servente. Por seu excelente método de contato com os índios — "ser honesto com o indígena e procurar entendê-lo da melhor maneira possível" — a ele coube a difícil tarefa de atração dos Waimiri-atroari, os índios mais agueridos e rebeldes de toda a Amazônia. "Não foi fácil adquirir essa confiança dos Waimiri-atroari. Eles sempre foram arredios, não só por sua índole, mas sobretudo pelo fato de terem sido, durante muitos anos, enganados e espoliados pelos brancos inescrupulosos. Essa impressão que eles têm do civilizado — para o índio todo branco é igual — nós estamos tentando tirar, fazendo com que eles acreditem naqueles que efetivamente são seus amigos", dizia Gilberto Pinto, o Paizinho, passava o Natal em Manaus, com a família, quando foi chamado às pressas ao posto de atração Aborari II por causa da súbita presença de guerreiros Waimiri-atroari ao redor do acampamento, onde, dois dias antes, havia aparecido o sinal de guerra dos índios: dochas cruzadas. Na madrugada da dia 27, já no acampamento, Gilberto Pinto acordou com os gritos de guerra dos índios. Assustado, imediatamente levantou-se da rede e correu para tentar apaziguar os guerreiros, também com uma docha na mão e outra no chão. No seu funcionamento da Funai, exceto ao ataque os outros índios, sempre tranquilizados e felizes de fazê-lo.

Em contrário às vezes anteriores, quando os ataques dos índios eram comandados pelo guerreiro Caspripá, da tribo dos Atroari, desta vez o próprio Caspripá, Maruaga, um

guerreiro Waimiri, de 60 anos aproximadamente, chefe absoluto dos seus grupos, que, apesar da tradicional rivalidade, só uniram há algumas décadas numa espécie de confederação para delimitarem suas terras das invasões do inimigo comum: o homem branco.

Por que mataram os Waimiri-atroari?

Muitas vezes, segundo o sertanista João Américo Peret, o índio mata o branco porque o identifica com estranhas doenças que surgem em sua tribo após os primeiros contatos com a nossa civilização, como a gripe, o sarampo e outras doenças contra as quais não têm anticorpos. Os Waimiri-atroari, naturalmente, também não escaparam dessa sina: no ano passado um surto de gripe abateu pelo menos 15 deles. Mas, pelo menos no caso dos Waimiri-atroari, isso é apenas uma parte da história.

A sua aversão ao branco é bem mais antiga e remota à conquista da Amazônia, por volta do século XVII, quando o colonizador português Pedro Favela matou mais de 40 mil índios nas cabeceiras do rio Urubú e aprisionou outros milhares. Em 1856, por sua vez, os Atroari sitiaram a cidade de Arião, uma das principais da província do Rio Negro, deixando-a arrasada. Mas a represália não tardou e veio, ainda mais dura, através de uma série de expedições punitivas que empurraram os índios de sua vasta região no Alto do Rio Negro para uma área bem menor, entre os rios Alalá e Camaná, no norte do Amazonas. Nos últimos tempos têm sido frequentes os incidentes entre os Waimiri-atroari e fazendeiros, grileiros, caçadores de pele, seringueiros, garimpeiros e outros tipos que insistem em invadir suas propriedades. Ainda segundo o experiente Américo Peret, "os vizinhos dos índios estão sempre em choque com eles, sobretudo quando a tribo anda muito no período de caça e penetra nos outros territórios". "Numa dessas expedições punitivas, há 30 ou 20 anos", conta Peret, "um grupo de brancos perseguiu os Atroari, tirou correntes com eles, aprisionou 60 e os levou amarrados até uma cachoeira conhecida pelo nome de Criminoso. Ali foram todos degolados com facões".

A missão Calleri

Nas últimas décadas, entre baixas sucessivas, os Waimiri-atroari foram aniquilados. 14 expedições oficiais, segundo a Funai, culminando com o célebre massacre da missão do padre Calleri, em 1908. A atração dos índios havia sido iniciada meses antes pelo

sertanista Gilberto Pinto, mas o padre João Calleri, da prelazia de Roraima, assumiu os trabalhos a convite de empreiteiras, para tentar converter os Waimiri-atroari a se afastarem da região para permitir o avanço da BR-174. Entre outros erros, como tratar os indígenas com total desprezo (chegou a expulsar e portá-los um guerreiro que havia deixado em sua rede), o padre João Calleri cometeu um pecado mortal, na opinião dos sertanistas da Funai: levou uma mulher na sua equipe de nove pessoas. E os índios já desconfiados do grupo de Gilberto Pinto, entenderam a presença feminina na expedição do Padre Calleri como sinal de que talvez tivessem chegado para ficar. A tragédia aconteceu no dia 3 de outubro e apenas um sobrevivente para contar a história. Dos outros expedicionários só restaram os ossos, recolhidos semanas depois pelo Serviço de Buscas e Salvamento da FAB. Na época o então diretor do Patrimônio Indígena da Funai, José Maria da Gama Malcher, levantou a hipótese de que a origem da animosidade dos Waimiri-atroari seria "os interesses econômicos estrangeiros da terra dos índios, ricos em minérios". "Missões americanas protestantes utilizam-se de pseudomissionárias, preocupadas, na verdade, com pesquisas e contrabando de minérios", denunciou Malcher, com grande repercussão, em 1968.

Só em outubro de 1970, após dois anos de paralisação de qualquer aproximação com os Waimiri-atroari, a Funai ariscou enviar outra equipe, novamente chefiada por Gilberto Pinto, para tentar mais uma vez a atração dos índios que, a esta altura, viviam com certa inquietação a aproximação da rodovia Manaus-Caracará, a cargo do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército. Aos poucos, Gilberto Pinto conseguiu cativá-los e a amizade aparentemente firmouse em setembro de 1972, quando ele foi convidado pelo chefe de Maruaga para assistir o ritual que realizam para saudar a primavera. Foi todos os contatos, Gilberto Pinto pausadamente procura esclarecer as "boas intenções dos civilizados", ao mesmo tempo, que, entre presentes e alimentos, renovava o pedido para que permitissem a passagem da estrada pelo seu território. Às vezes, durante esses encontros, ele levava em sua companhia alguns oficiais do 6.º BEC, "para que eles, os índios, possam se acostumar com sua presença".

Reunidos em 13 aldeias, a população total dos Waimiri-atroari não deve passar de mil índios, de acordo com a estimativa de Gilberto Pinto, porque a Funai não tem condições de fazer uma avaliação mais precisa, pois os brancos não podem penetrar no interior de seu

território, onde as aldeias seguem uma orientação paramilitar, nas mais avançadas habitações do guerreiro, enquanto as do interior, onde moram as famílias, também são cercadas de dispositivos de defesa. Os homens usam apenas uma espécie de cinta de coto e as mulheres uma longa faixa de carvão de bacaba, fruta natural de região, presa a um tecido de tucum, que sobre apanha os cabelos. Atrédois a qualquer contato com o homem branco, nos últimos anos os Waimiri-atroari têm sido os índios mais problemáticos para a Funai, principalmente depois que a BR-174 alcançou o rio Alalá. A rodovia, que está quase concluída após sucessivas paralisações por causa da hostilidade dos índios, corre à área dos Waimiri-atroari praticamente ao meio numa extensão de 170 quilômetros. No ano passado Gilberto Pinto contou a convencer os índios de que a ponte sobre o rio Alalá não estrangulava o rio, impedindo a pesca, base de sobrevivência dos índios, e que eles pensaram O problema é que a colocação das estacas impediu a passagem de canoas, causando a justificada apreensão dos índios.

Apesar de bem entendido do contato com os Atroari, o sertanista Casique Maruaga, os ataques principalmente aos postos avançados da Funai, vão repetiram com inquietante frequência nos últimos dois anos. O ataque ao posto da Funai em janeiro de 1973, quando morreram três funcionários, teve um motivo específico. Após um transporte e mercadorias de uma das empreiteiras encarregadas do desmatamento havia tentado sequestrar um índio e, segundo o único sobrevivente, os índios estavam atrás desse indivíduo, que, inclusive, chegou a responder a inquérito na polícia mas acabou solto sem nenhuma punição. Em apenas três meses, sendo em que uma delas, em novembro, com três mortes, foi ao acampamento de uma empreiteira.

Semanas antes desse último ataque do Waimiri-atroari, o sertanista Gilberto Pinto, através do ofício nº 20/09, encaminhado ao sub-coordenador da Funai de Manaus, apontou alguns problemas que estavam complicando ainda mais a situação: o ex-deputado federal Abraão Sábá está loteando a área dos Waimiri, enquanto outro empresário de Manaus montou uma serraria a 10 quilômetros das malocas dos Atroari. Parece que a Funai também não se reportou ao problema, o que, porém, observado por alguns mateiros, de uma provável expansão da confederação dos Waimiri-atroari, com a inclusão dos Wai-wai, cujos guerreiros, embora menos hostis e já acostumados com os fazendeiros, ultimamente não estavam querendo serem vistos pelos Atroari em companhia de homens brancos.

A viagem a Manaus do guerreiro Caspripá, braço direito de Maruaga, talvez tenha contribuído para reanimar os convulsões dos Waimiri-atroari. Depois de um pequeno período de relativa paz e entendimento com o pessoal da Funai, em meados do ano passado Caspripá pediu para visitar Manaus e foi atendido. Além de avisar a Funai, o índio também se aproveitou de uma oportunidade para visitar a região, lá as áreas de desmatamento já reduzem muito, e os empreendimentos e centros fixados ao longo da estrada e outros, segundo um funcionário da Funai a opinião, "de que teve a real congruência com o significado da estrada".

A morte de Gilberto Pinto, o Paizinho, não somente tirou a Funai de seu único guerreiro sertanista, como, mais ainda, praticamente em vez de toda uma política pacífica de aproximação que vinha sendo feita desde 1965, abriu de feridas abertas dando mais o grito.

Dois após o ataque paramilitar à Funai, em certa migração para as partes do território, o sertanista que, numa segunda etapa, deverá ir para Manaus a Caracará, passando por Boa Vista, em Roraima.

O ataque ao posto da FUNAI em janeiro de 1973, quando morreram 3 funcionários, teve um motivo especial. Antes, um transportador de mercadorias de uma das empreiteiras encarregadas do desmatamento havia tentado seviciar uma Índia e, segundo o único sobrevivente, os Índios estavam atrás desse indivíduo, que, inclusive, chegou a responder a inquérito na polícia, mas acabou solto sem nenhuma punição.

De janeiro de 1973 até agora pelo menos 15 pessoas foram mortas pelos WA e esta última investida ao posto da FUNAI foi a terceira em apenas três meses, sendo em que uma delas, em novembro, com três mortes, foi ao acampamento de uma empreiteira.

Semanas antes desse último ataque dos Waimiri-Atroari, o sertanista Gilberto Pinto, através do ofício nº 20/09, encaminhado ao subcoordenador da FUNAI de Manaus, apontou alguns problemas que estavam complicando ainda mais a situação: o ex-Deputado Federal Abraão Sabbá está loteando a área dos WA, enquanto outro empresário de Manaus montou uma serraria a 10 km das malocas dos Atroari.

Parece que a FUNAI também não se importou muito para o prenúncio, observado por alguns mateiros, de uma provável expansão da Confederação dos Waimiri-Atroari com a inclusão dos Wai-Wai, cujos guerreiros, embora menos hostis e já acostumados com os fazendeiros, ultimamente não estavam querendo ser vistos pelos Atroari em companhia de homens brancos.

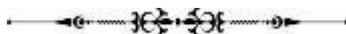
A viagem a Manaus do guerreiro Comprido, braço direito de Maruaga, talvez tenha contribuído para reanimar as convicções dos Waimiri-Atroari. Depois de um pequeno período de relativa paz e entendimento com o pessoal da FUNAI, em meados do ano passado. Comprido pediu para visitar Manaus e foi atendido.

Voltou de avião e, à medida que o aparelho sobrevoava a região, via as áreas de desmatamento da rodovia e os diversos acampamentos e casebres fincados ao longo da estrada e então, segundo um funcionário da FUNAI à "Opinião", "ele teve a real compreensão do significado da estrada".

A morte de Gilberto Pinto, "o paizinho", não somente privou a FUNAI de seu mais importante sertanista, como, mais ainda, praticamente encerrou toda uma política pacífica de aproximação que vinha sendo tentada desde 1968, além de ter desacreditado ainda mais o órgão. [...] (OPINIÃO, N° 114)



Jornal do Brasil, n° 282 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 17.01.1974



Máquinas Chegam ao Território
dos Waimiri-Atroari



Brasília [Sucursal] – Um comunicado do posto de Alalaú, em Roraima, divulgado ontem pela FUNAI, informa que as máquinas de terraplenagem do 6° BEC atravessaram o Igarapé de Santo Antônio do Abonari, situado no trecho final da Rodovia Manaus–Caracarái, ingressando sem qualquer incidente em território dos Waimiri-Atroari.

Estes Índios, que já realizaram vários massacres contra os brancos, fizeram recentemente ameaças contra os construtores da estrada, quando eles se preparavam para construir uma ponte sobre o Rio Alalaú. Os Waimiri-Atroari acreditavam que a ponte espantaria todos os peixes do Rio, privando-os assim de sua principal fonte de alimentação.

Entendimento

Aparentemente a questão da ponte ficou em ponto-morto, depois de um entendimento do sertanista Fiorello Parisi com alguns Índios do grupo, garantindo-lhes que a obra não iria prejudicá-los.

Houve depois o regresso de Parisi a Manaus e o silêncio caiu sobre a questão, com a FUNAI recusando novas informações a respeito. Agora, com a invasão ostensiva de suas terras, pela introdução das máquinas de terraplenagem, a situação poderá levar a um desfecho violento.

Massacres

Nas vizinhanças da reserva Indígena dos Waimiri, numa extensão de muitas léguas, não se vê uma casa e nem um mateiro se arrisca aí penetrar. Os Waimiri-Atroari têm uma tradição de luta conhecida e impressionam pelo número: cerca de 2 mil.

Em janeiro de 72, eles arrasaram um posto avançado da FUNAI, na região, matando os seus três funcionários. Antes, em 68, eles liquidaram a Expedição do Padre Calleri.

A partir de 1840 esses Índios dizimaram 14 Expedições, massacrando todos os seus componentes. No começo do século eles arrasaram a cidade de Moura, em Roraima, só escapando alguns que fugiram a tempo.

Traição

O que o branco mais teme no Waimiri-Atroari não são exatamente a coragem e a disposição de luta, mas a forma como combatem. Ao contrário dos demais, esses Índios não lutam de peito aberto: utilizam de todos os recursos, inclusive a traição, que aprenderam (?) com os brancos.

Isto começou nos anos de 40, quando três brancos, Pedro Alfredo e Antônio, funcionários do extinto SPI [Serviço de Proteção ao Índio], destacados para a região, depois de um trabalho penoso e demorado conseguiram a reaproximação com esses Índios (?). Mas o clima de confiança e harmonia foi logo quebrado, segundo os sertanistas, por causa de outros brancos, que cometiam toda sorte de afronta aos Índios.

Os funcionários Antônio, Pedro e Alfredo, indignados com o procedimento dos demais, apenas interessados em terras e lucros, abandonaram o posto e passaram a viver com os Índios. Morreram combatendo por eles, num ataque dos brancos, mas deixaram-lhes um legado: a luta suja, com todos os truques utilizados pelos civilizados, mas que eles até então se recusavam ou não sabiam aprender.

Pedro ficou conhecido como Pedro Guerreiro e quase todo Atroari tem hoje Pedro, Alfredo ou Antônio (?) no nome. Um exemplo do que os Índios aprenderam está no próprio massacre do posto da FUNAI. Por 2 dias eles compareceram às festas promovidas pelos funcionários, expediente que faz parte da estratégia de aproximação. Nessas festas, os Waimiri-Atroari comeram e beberam à farta, não esquecendo de levar os brindes e presentes que os brancos amistosamente lhes ofertaram. Partiram entre abraços e juras e, à noite, voltaram e flecharam os funcionários, matando a todos. (JB, N° 282)



**Jornal do Brasil, n° 266 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 31.12.1974**



**“Tem Branco no Meio”,
diz Sertanista Sobre o Ataque dos Waimiri**



Manaus – Eduardo Celestino Santana – o “*pai Santana*”, como era conhecido pelos Índios, disse ontem que em sua opinião “tem branco no meio da tribo, pois chegamos a encontrar picadas tão bem orientadas que temos a certeza de não terem sido feitas pelos Índios”.

O sertanista falava sobre seus três colegas que morreram na área da Rodovia Perimetral-Norte, num ataque atribuído aos Waimiri-Atroari. Gilberto Pinto, João Bosco Aguiar e João Alves Monteiro foram sepultados ontem nesta cidade. O funcionário Oswaldo de Sousa Leal continua desaparecido.

Suspeitas

Lembro-me ter visto um casal carregando seus filhos nos braços, como se fosse um civilizado.

O Índio jamais faz isso e na época comentei minha estranheza a Gilberto, que me deu razão. Disse Celestino.

Estou admirado com esse massacre. Gilberto era um profundo conhecedor, querido e respeitado pelos Índios e não seria nunca apanhado de surpresa.

No dia 24 último, às vésperas do Natal, dois mateiros de uma empreiteira que trabalham na construção da Rodovia Manaus–Caracaraí disseram em Manaus que havia sinais frequentes de guerra [flechas cruzadas] nas picadas abertas, anunciando um iminente ataque.

No mesmo dia, porém a FUNAI desmentia a informação, afirmando que os mateiros pretendiam levar o pânico aos trabalhadores, para forçar uma licença e passar o Natal em Manaus.

E informava a FUNAI que Gilberto Pinto chegara ao local e que tudo “*estava normal*”. (JB, Nº 266)

Conclusão

Podemos verificar, pelo noticiário, que a insatisfação dos WA com as invasões da área Indígena por posseiros e madeireiros, o contato com alguns funcionários de empreiteiras ⁽⁹⁾, a ação de estrangeiros que fomentavam a discórdia, a morte por doenças infecto-contagiosas (varíola, gripe, sarampo e tuberculose), e a incompetência do serviço de saúde da FUNAI comprometeram o esforço hercúleo dos sertanistas e funcionários da FUNAI que não mediam esforços para estabelecer um contato amigável e confiável com os WA. Nossa humilde homenagem aos heróis que tombaram no cumprimento de seu sacrossanto dever.

Cruzada Negra (Da Costa e Silva)

MORS ⁽¹⁰⁾ – em letras de luz gravo no meu escudo.

*A divisa imortal de cavaleiro traço
Em campo negro. E, após, visto a armadura de aço.
Preme a cota, a luzir, o meu peito desnudo.*

*O elmo à cabeça, a espada à cinta, a lança ao braço,
Desço ao pátio e cavalgo o meu corcel sanhudo,
E ele, a resfolegar, indiferente a tudo,
Rasga, como um fuzil, a escuridão do espaço.*

*Levo a lira no arção. Impassível e forte,
No solar do Não Ser, ante o perfil da Morte,
Cantarei a balada augusta e soberana*

*De cavaleiro errante menestrel transeunte...
E aonde vou? Aonde vou? Ainda há alguém que o pergunte?
– Busco a Jerusalém remota do Nirvana...*

9 Não é o caso do injustamente caluniado Celso Maia. (Hiram Reis)

¹⁰ MORS: Morte. (Hiram Reis)

Homenagem ao Traidor (Cecília Meirelles)



*Melhor negócio que judas
Fazes tu, Joaquim Silvério:
Que ele traiu Jesus Cristo,
Tu trais um simples Alferes.*

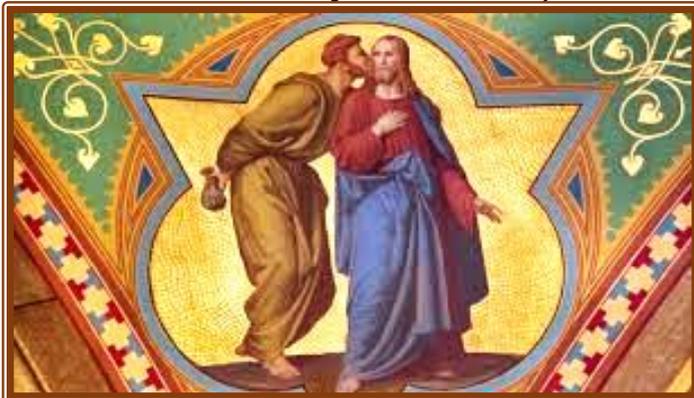
*Recebeu trinta dinheiros...
- e tu muitas coisas pedes:
Pensão para toda a vida,
Perdão para quanto deves,
Comenda para o pescoço,
Honras, glória, privilégios.*

*E andas tão bem na cobrança
Que quase tudo recebes!*

*Melhor negócio que Judas
Fazes tu, Joaquim Silvério!
Pois ele encontra remorso,
Coisa que não te acomete.*

*Ele topa uma figueira,
Tu calmamente envelheces,
Orgulhoso impenitente,
Com teus sombrios mistérios.*

*(Pelos caminhos do mundo,
Nenhum destino se perde:
Há os grandes sonhos dos homens,
E a surda força dos vermes).*



O Beijo de Judas I **(Mário Barreto França)**

*Sobre o jardim silente a noite reclinara,
Cheia de prostração de uma tristeza rara...
A alameda deserta em que Jesus seguia
Tinha a mudez claustal duma imensa agonia,
Em que tudo ficasse espiritualizado
Na volúpia sutil de padecer calado.*

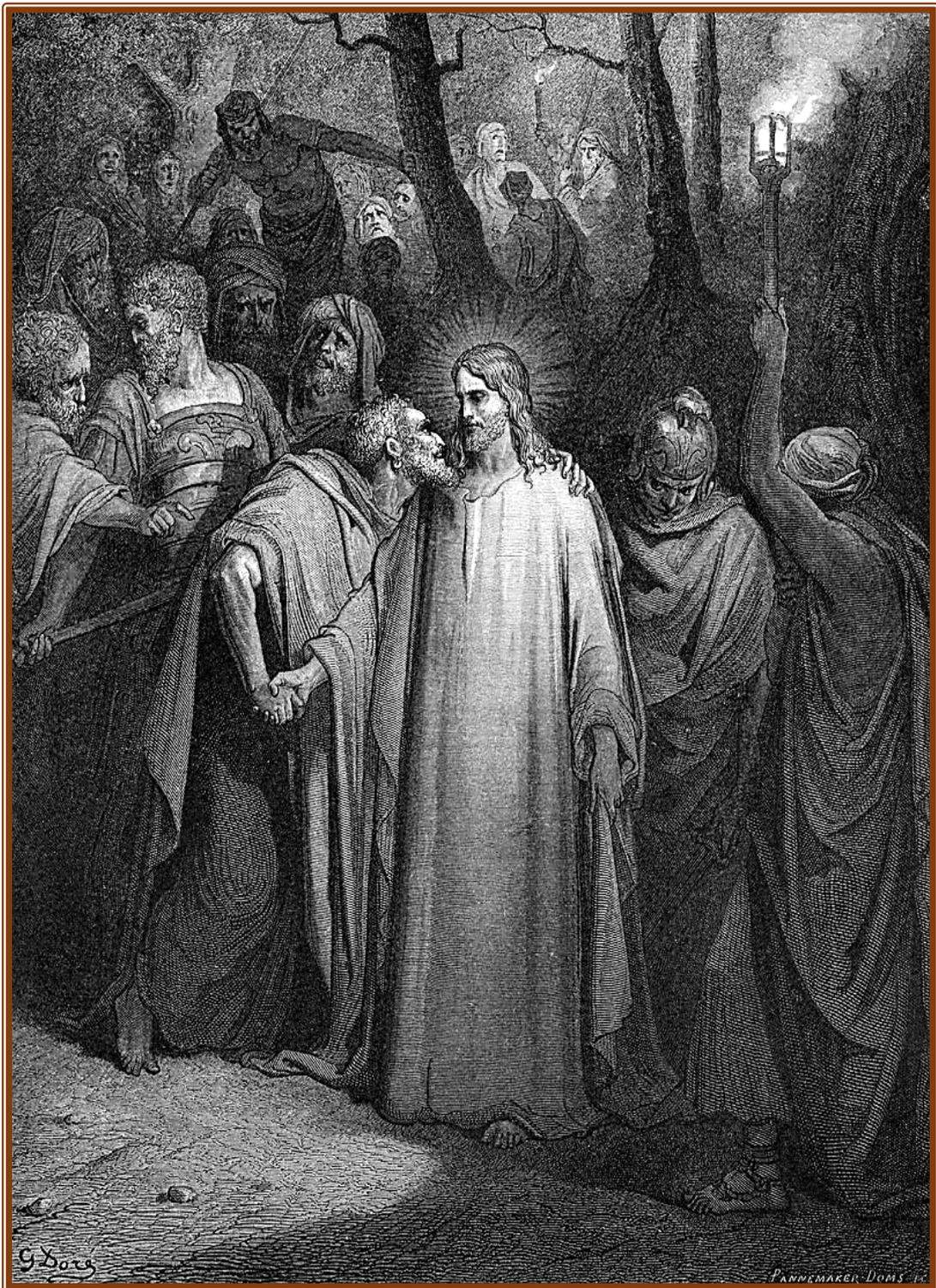
*Belo e calmo jardim das verdes oliveiras,
De ninhos a embalar as aves prazenteiras,
De sombras outonais, de frutos e de flores,
E, quem sabe? De bons e líricos amores...
Quem diria que tu, na tua formosura,
Irias presenciar tanta e tanta amargura!*

*E Jesus estacou. Seu olhar de piedade
De lágrimas turvou-se entre o amor e a saudade.*

*Súbito a multidão de homens feros e maus
Surge, erguendo para o ar archotes, varapaus,
Como que procurando um salteador que fora
Se esconder do jardim à sombra acolhedora...
E à frente desse bando, estúpido e covarde,
Ao rubro refletir de um grande archote que arde,
Vê-se o rosto cruel e cínico de Judas,
Fazendo revoltar as próprias trevas mudas.*

*O qual, com riso falso, ao Mestre se achacando,
Disse: Salve, Rabi! E curva-se, o beijando.*

*O beijo – a saudação de paz com que os antigos
Honravam pais, irmãos, os hóspedes e amigos;
O gesto delicado e cheio de carinhos
Com que se achegam sempre os ternos passarinhos;
Cumprimento de luz que à natureza envia
O majestoso Sol, no milagre do dia; [...]*



G. Doré

PANNEMAKER DONS 14

Ordens do General Gentil



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA 2º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

Manaus, AM, em 21.11.1974
Ofício nº 42-E2-Conf Do Comandante do 2º GECnst
Ao Comandante do 6º BECnst
Assunto: Trabalhos na BR-174
[Determina]

1. Em consequência da reunião realizada no KM 220 da BR-174, entre este e esse Comando, juntamente com os Sr. Francisco Mont'Alverne Pires, Delegado Regional da FUNAI no Estado do Amazonas e Saul Carvalho Lopes, Diretor da Divisão Amazônia da FUNAI, e, considerando:

- Os últimos acontecimentos havidos na região do Rio Alalaú;
- Que os trabalhos de implantação da BR-174 não podem ser interrompidos;
- Que estes trabalhos devem ser realizados obedecendo todas as medidas de segurança;

2. Determino que:

- O trabalho da Turma de Desmatamento Manual, a partir do Rio Alalaú, seja realizado em conjunto com a Turma de Limpeza e Destocamento e que ambas as Turmas possuam um só acampamento;
- A Turma de desmatamento Manual realize seus trabalhos agrupada e que esses grupos possuam, no mínimo, 15 homens;
- A Turma de desmatamento Manual seja sempre acompanhada por elementos especializados da FUNAI;
- Dentro das possibilidades da FUNAI, sejam as demais turmas acompanhadas por esses elementos especializados;
- Sejam dadas instruções intensivas para que todas as turmas ou grupos que recebam visitas amigáveis dos Índios as considerem como um aviso de futuro ataque e que tomem as necessárias medidas para retrain ou receber reforços;
- Sejam distribuídos às turmas e grupos – foguetes e bombas do tipo “*junino*” – para afugentar os Índios, devendo esses artifícios pirotécnicos serem utilizados com parcimônia, para que produzam resultados;
- Seja estabelecido no Destacamento Sul desse Batalhão um Grupo de segurança, comandado por um oficial, com efetivo a critério desse Cmdo e que tenha entre outras, as seguintes missões:
 - ✓ Planejar e dar segurança às turmas de trabalho, com prioridade para as turmas mais destacadas à frente;
 - ✓ Planejar e dar segurança nos deslocamentos motorizados que os oficiais e sargentos Chefes de turma são obrigados a fazer, por força de suas atribuições;

- Esse grupo de segurança seja devidamente instruído para, no caso de indícios de agressão, utilizar todos os meios de persuasão possíveis, só se valendo do uso da força nos casos de legítima defesa própria ou de outrem;
 - Esse Cmdo coloque, de início, homens à disposição da FUNAI para auxiliar o trabalho dos sertanistas e que, no futuro, forneça uma complementação de salário ao pessoal contratado da FUNAI;
 - Esse Cmdo forneça todo o apoio solicitado pelos elementos especializados da FUNAI, apoio esse em brindes, gêneros alimentícios, material para a construção dos Postos, alojamentos e deslocamentos necessários;
 - Esse Cmdo, caso haja visitas dos Índios, realize pequenas demonstrações de força, mostrando aos mesmos os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso de dinamite;
 - Sejam os acampamentos protegidos com cercas de 8 fios de arame farpado, e que, entre a cerca e a mata haja uma área de terreno limpo [desmatado], com no mínimo 6 metros de largura, envolvendo todo o acampamento.
3. Informo, outrossim, que, fica estabelecido que o relacionamento com vista à pacificação dos Índios é a cargo da FUNAI, a quem estamos solicitando medidas que precedam e acompanhem os trabalhos de implantação da rodovia.

Gen Bda Gentil Nogueira Paes
Cmt do 2º Gpt E Cnst

[Carta do General Gentil Nogueira Paes, entregue ao General Torres de Mello]

PRESERVACIONISTAS ACUSAM GOVERNO DE DIZIMAR ÍNDIOS

Sob o título acima, o jornal "A CRITICA" de Manaus, de 05.01.1983, publica matéria sobre uma reunião de cerca de vinte entidades para a discussão da situação dos Índigenas Waimiri-Atroari, em face da construção da hidrelétrica de Balbina.

Nessa matéria são publicadas informações que, para quem não conhece muito bem os fatos, dão uma noção completamente distorcida dos mesmos e dão margem a um juízo injusto dos órgãos e pessoas que, com patriotismo, honestidade e espírito humanitário estiveram envolvidos no trato com esses Índigenas, durante a construção da BR-174 e, principalmente, de homens que deram suas vidas nesse trabalho, cuja memória merece ser respeitada.

No comando do 2º Gpt E Cnst, no período de 1974 a 1978, tive de enfrentar imensos problemas cujo desafio, em resolvê-los, constituiu estímulo que me emociona até hoje. Dentre esses problemas, o trato com os Índios foi, sem dúvida, um dos mais delicados, pois sabia que estava pondo em jogo a vida de muitos homens, brancos e Índios, numa luta sem inimigos, onde, aos meus, era absolutamente vedado ferir ou molestar de qualquer maneira esses nossos irmãos.

Felizmente conseguimos manter um clima de respeito mútuo, Índio - Exército, que jamais entraram em choque e isso, em boa parte, devemos à abnegação dos homens da FUNAI, nossa intermediária e encarregada de todos os contatos com os Índios, que, nesse trabalho perdeu cerca de 13 homens e que, embora

tenha suas deficiências, como toda organização humana, não merece as injustiças que tantas vezes lhe fazem.

A matéria publicada pelo jornal em tela, que naturalmente foi mal informado, pois tenho muito respeito pela sua conduta imparcial, apresenta o problema do trato com os Índios Waimiri-Atroari de maneira totalmente deformada, mal informando e querendo, nitidamente, indispor o Exército com a população, apresentando-o como exterminador de Índios.

Afirma-se que *"centenas de silvícolas tombaram no silêncio da mata e foram sutilmente enterrados e esquecidos no tempo e no espaço"* e, ao mesmo tempo, se insinua a responsabilidade do Exército numa suposta redução de uma população Indígena de 3.000 em 1968 para apenas 1.000 em 1975. Nunca a FUNAI ou quem quer que seja soube o número de pessoas existentes nas duas tribos. Quando assumi o Comando do 2º GEC, em 1974, aquela Fundação estimava aquela população entre 1.000 e 1.500 pessoas.

A matéria publicada se refere a um encontro de *"preservacionistas"* e relaciona cerca de 20 organizações já bem conhecidas nesses movimentos de defesa dos Índios, mas nitidamente mal informados quando não mal intencionadas. Os fatos e os procedimentos da época da construção da BR-174 são do conhecimento do 2º GEC e do Comando Militar da Amazônia, nosso escalão superior, sob cuja supervisão, apoio e permanente contato agimos.

Valendo-me da memória, vou tentar alinhar algumas informações sobre os ataques dos Índios nos últimos meses de 1974 e seus antecedentes e os procedimentos do 2º GEC em comum acordo com a FUNAI e apoiado pelo CMA.

De fato nunca chegamos a determinar com precisão a causa da hostilidade das tribos WA aos brancos, podendo-se apenas formular hipóteses. Já que inicialmente eles viviam muito próximos da região de Manaus, é muito provável que tenham ocorrido choques com os brancos que deram origem ao ódio conservado por sua cultura, totalmente fechada, enquanto que a mobilidade e a diversificação da população dita branca esquecia os antecedentes, pois, até hoje, cada choque é considerado como um fato novo.

Tive em mãos, e deve estar nos arquivos da FUNAI e do 2º GEC, um Relatório, de meados do século passado, de um reconhecimento feito com o objetivo de abrir uma via terrestre, entre Manaus e os campos de criação de gado do Rio Branco, onde já se faziam referências expressas a ataques anteriores dessas tribos aos brancos.

Foi sempre muito difícil o contato com esses Índios, acredito que não só pela sua conhecida hostilidade ao branco, muito possivelmente justificada, como pela barreira da língua, pois eles falam uma língua que nada tem a ver com a "geral" dos demais Índios brasileiros. Acreditava o pessoal da FUNAI dever-se isto à sua origem caribenha.

Quando o Governo decidiu construir a BR-174, ligando Manaus ao Território de Roraima e à fronteira da Venezuela, foi encarregado dos primeiros contatos com esses Índios, não sei por iniciativa ou decisão de quem, uma Expedição chefiada pelo Padre Calleri cujo trágico desfecho é bem conhecido.

Em sua memória, quando concluímos a ponte sobre o rio Santo Antônio do Abonari, a ela demos o nome de Ponte Padre Calleri, uma homenagem a esse mártir humanitário, cuja intenção era exatamente batalhar para que a obra fosse realizada sem sacrifício de vidas.

Do seu grupo, salvo engano, de 11 pessoas, escapou um homem, conhecido por Mineiro, e que ainda trabalhou para a FUNAI. [...]

Desde que a missão de construção da estrada foi entregue ao Exército, o Ministério, representado pela Diretoria de Obras de Cooperação, pediu a colaboração da FUNAI e ficou assentado que haveria permanentemente pessoal daquela Fundação presente nas frentes de serviço e que, todo e qualquer contato com os Índios seria encargo seu.

Por isso normas foram baixadas determinando, entre outras coisas, a proibição, aos elementos do Exército ou quem para ele trabalhasse, de qualquer contato com os selvícolas, da penetração na mata para caçar, pescar ou o que fosse, ficando suas atividades confinadas à faixa de 70 metros, de domínio da estrada.

Ao assumir o comando do 2º Grupamento de Engenharia de Construção, em 22.06.1974, estavam os elementos do 6º BECnst iniciando a penetração na área da Reserva dos Índios, com a transposição do Rio Santo Antônio do Abonari, em cujas proximidades fora construído o acampamento de uma companhia daquela unidade e um acampamento, distante alguns quilômetros, para o pessoal da FUNAI, que nos assistia, e onde poderiam receber os Índios fora do ambiente de um acampamento militar.

Logo em fins de outubro deu-se o primeiro ataque ao pessoal da FUNAI. Um grupo de Índios Atroari, cujo cacique era conhecido por Capitão Comprido, visitou o acampamento daquela Fundação com todas as características dos costumeiros encontros amistosos.

Combinaram para o dia seguinte dois programas: parte do grupo ficaria no acampamento, com alguns elementos da FUNAI, trabalhando nas plantações,

enquanto outra parte, com outros homens da Fundação saíam para uma caçada.

Quando, no dia seguinte, estes últimos saíram do acampamento, a pouca distância foram atacados e mortos pelos Índios enquanto os que haviam ficado no acampamento, ao ouvirem seus gritos, atacaram e mataram os que aí ficaram. Escapou apenas um homem da FUNAI, que se embrenhou na mata, para contar a estória.

Segundo as informações da FUNAI, não houve qualquer Índio morto.

Em face desse fato fizemos a Primeira reunião de elementos do comando do Grupamento e do 6º BEC com os da FUNAI, cujo Delegado em Manaus era o Sr. Gilberto Pinto.

Dentre outras medidas e, além da confirmação das normas vigentes, ficou determinado expressamente que os elementos do Exército jamais poderiam trabalhar em pequenos grupos isolados, ficando estabelecido um mínimo de 15 homens. Isso porque vimos, pelas características do ataque, que eles sempre atuavam com superioridade local de homens, tendo tido antes, o cuidado de dividir o grupo da FUNAI.

Trabalhava para o 6º BEC um empreiteiro de desmontamento de nome André, que, desobedecendo a essa determinação, distribuiu seus homens em pequenos grupos por mais de 20 km, como era de seu costume, anteriormente. Em consequência, na segunda quinzena de novembro, um grupo mais avançado, de 4 homens, foi atacado de surpresa pelos Atroari.

Três foram mortos e o quarto escapou com uma flecha atravessada no peito e assim caminhou 22 km, até nossa frente de serviço, onde foi socorrido.

Fizemos então nova reunião com o pessoal da FUNAI, quando o Gilberto confirmava sua teoria de que a agressividade se centrava na tribo Atroari, enquanto que os Waimiri eram mais cordatos e seu Chefe, o Cacique Maruaga, era seu amigo, com quem já havia convivido tanto em suas malocas, onde passava dias, como em Manaus, onde o havia levado para se tratar. Achava Gilberto que através dos Waimiri e particularmente de seu amigo Maruaga, seria possível se chegar aos Atroari e sua consequente pacificação.

Mais uma vez ficou confirmado o encargo exclusivo da FUNAI no contato com os silvícolas e que tudo seria feito com o objetivo de mostrar aos Índios que nós estávamos ali com a missão de construir a estrada, mas como seus irmãos e que jamais alguma coisa seria feita para molestá-los, mais do que os inevitáveis transtornos da própria construção, mostrar que fora da estrada, seu Território era inviolável e por nós guardado, que ninguém podia caçar ou pescar em seus domínios, etc. e também se procurava arranjar uma maneira de lhes mostrar que éramos seus amigos e que não queríamos lhes fazer qualquer mal, embora tivéssemos meios e poder para isso.

Daí a ideia discutida e combinada das demonstrações que seriam feitas, e nunca o foram, por absoluta falta de oportunidade. Isso, se aparecessem no acampamento os Waimiri, que seriam convidados a assistir uma sessão de instrução da tropa, onde essas demonstrações seriam feitas contra os tradicionais e regulamentares alvos de instrução.

Maliciosamente quem forneceu a nota para o jornal daquilo que chamava de portaria do dia 21.22.74, trocou "*destruição de árvores com uso de dinamite*" por "*destruição de aldeias*". Veja-se a maldade, a má-fé no sentido de enganar os leitores, denegrir o Exército e incitar o ódio.

Como seria possível “destruir aldeias”, numa demonstração de instrução dentro do acampamento da tropa, distante algumas dezenas de quilômetros das aldeias dos Índios, que conhecíamos apenas quando as sobrevoávamos de avião?

Ficou combinado também que, caso ocorresse essa desejada visita dos Waimiri, o Gilberto seria trazido de Manaus para coordená-la. [...]

Finalmente, no dia 28 de dezembro, deu-se a tão almejada visita e o Gilberto foi chamado pelo rádio e veio imediatamente de avião. Os Índios manifestaram o desejo de receber panelas grandes de alumínio e outros utensílios de que necessitavam.

No mesmo avião em que viera o Gilberto foi mandado um oficial do 6º BEC para providenciar esse material em Manaus.

Depois de convencer os comerciantes a abrirem seus estabelecimentos à noite, ao clarear do dia seguinte, regressou ao acampamento e, antes de pousar, resolveu sobrevoar o acampamento da FUNAI para anunciar sua chegada e o que viu foi o acampamento juncado de cadáveres. Mais uma vez salvou-se apenas um homem para contar a estória.

Ao amanhecer, quando o pessoal da FUNAI fazia sua higiene matinal nas águas do Abonari, foram atacados de surpresa com flechas e bordunas, salvando-se esse homem que se atirou no rio e, embora perseguido pelas flechas atiradas da margem, conseguiu escapar.

Quando os homens do 6º BEC foram, de helicóptero, resgatar os cadáveres encontraram o Gilberto com uma flecha cravada nas costas e que apontava no peito. Não foi encontrado nenhum Índio morto e não se tem notícia de que eles tenham recolhido qualquer ferido. Não houve combate!

Depois desse terceiro ataque, já havendo, salvo engano, a perda de 13 homens da FUNAI e 3 do empreiteiro André, e desfeita a ilusão da amizade dos Waimiri, redobramos o sistema de segurança nos acampamentos, nos canteiros de trabalho e nos deslocamentos dentro da reserva, com a ideia dominante de, ostensivamente, mostrar nossa força com o fim exclusivo de desencorajá-los a novos ataques e nos mantermos sempre abertos aos contatos amistosos.

Tenho a impressão, e os fatos o confirmam, de que essa estratégia foi bem sucedida. Inicialmente eles desapareceram na mata por um longo período. Certo dia chegaram trazendo um menino gravemente queimado e que foi tratado pelo nosso pessoal de saúde. Depois apareceram Índios isolados, mais ousados, que vinham filar a comida em nossos ranchos ou, quem sabe, sondar nosso ânimo. Determinado dia vieram pedir socorro para um Chefe Atoari, que fora picado por cobra venenosa.

Nosso médico nos consultou se devia atender. Deixei isto seu critério, dizendo-lhe que se fosse uma cilada ele poderia ser morto, e, mesmo que fosse verdade, ele podia ser mal sucedido no tratamento e responsabilizado pela morte de um chefe Índio. No entanto se conseguisse curá-lo teria sua ação um valor extraordinário na conquista de sua confiança. Felizmente, graças à bravura e espírito humanitário do médico, a missão foi bem sucedida.

Daí em diante foram se ampliando os contatos, principalmente no encontro da estrada com uma trilha dos Índios que ligava as duas tribos. Nesse local, eu tive oportunidade de, já materializada a ligação Manaus-Boa Vista, na companhia de uma comitiva da Diretoria de Obras de Cooperação do Exército, encontrar um grupo de cerca de 100 Índios que visitavam o

peçoal da FUNAI, trazendo, inclusive suas “*Marias*”, o sinal máximo de confiança. Tenho um filme feito nessa ocasião que, apesar de sua péssima qualidade, serve para documentar o fato. Foi uma luta dura, de homens cujo silencioso heroísmo não merecia ser agora injuriado. Os nomes desses bravos, que deram suas vidas na tentativa de pacificação dos Waimiri-Atroari, ficaram gravados no bronze, em monumento que mandei erigir nas proximidades da ponte Padre Calleri e merecem todo o meu respeito e admiração e acho que também merecem ser respeitados por todo o brasileiro honesto.

Realmente a estrada foi construída sem a morte violenta de um só Índio e eu tenho imenso orgulho disso. O que se disser em contrário é pura invencionice, má informação ou intenção deliberada de distorcer os fatos para denegrir o Exército ou a FUNAI, ou os dois e, com toda certeza, no intuito contestatório de ferir o Governo.

É Possível que meu relato contenha algumas falhas de menor importância, já que o fiz de memória, mas, na essência, é a verdade absoluta. (General Gentil Nogueira Paes)



**INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
Nº 1.13.000.001356/2012-07**

**TERMO DE DEPOIMENTO
SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA**

No dia 25.11.2014, às 09:00, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA, que prestou as seguintes declarações: [...]

A ideia era que houvesse um local em que o Exército pudesse explodir dinamites e dar rajadas de metralhadora.

Mas isso não ocorreu. Questionado a respeito de depoimentos que confirmam que isso ocorreu, afirma que é mentira. Nossos postos registravam tudo, recebiam e repassavam tudo, não poderia ter acontecido sem ser registrado.

Todo o trabalho do Exército em relação ao trabalho de construção foi acompanhado pela FUNAI. Não há nada que se possa dizer do Exército. A FUNAI estava na linha de frente dos trabalhos.

A FUNAI ficava numa picada à frente, a máquina vinha à nossa retaguarda. Quaisquer acontecimentos estávamos à frente. A equipe de topografia abria a picada, vinha a empresa abrindo a estrada onde posteriormente viriam as máquinas. Estávamos nas picadas, tentando chegar antes, quando houvesse aldeias próximas, para proteger os Índios. [...]

O Beijo de Judas II **(Mário Barreto França)**

*[...] Bênção do Céu à terra e veludoso afago
Com que as ondas azuis vão às praias de um lago!*

*O beijo – a voz do amor em toda a natureza,
Em Judas se tornou o sinal de torpeza,
O gesto da traição que o Universo condena
Ao castigo maior, à mais terrível pena.*

*Mas Jesus, acendendo o seu olhar divino
A Judas apontou seu trágico destino.
E, sereno, lhe diz: – "Tu me trais, com um beijo?"
E essa interrogação foi um profundo arquejo
Que ecoou dentro dalma infeliz do traidor,
Que assim pagava ao Mestre as práticas de amor
Que tanta vez ouvira...*

*E o Salvador vendido
Por esse que se fez de amigo um vil bandido,
Levava dentro dalma a angústia indefinida
De quem vê pago o bem pelos males da vida.
Enquanto prosseguia a noite confidente
Jesus, abandonado e preso, sofre e sente
A mágoa mais profunda, a dor ilimitada
De se ver como réu, não tendo feito nada.*

*E em meio à multidão, ao longo da alameda,
Calmo seguiu Jesus com seus passos de seda,
Enquanto o soluçar das árvores, enfim,
Se ouve dentro da noite, em meio do Jardim.*



Contestação da AGU



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO NO ESTADO DO AMAZONAS

[...]

1. DA SÍNTESE PROCESSUAL

Trata-se de Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público Federal, em face da União e da FUNAI, cujo objetivo é a concessão de provimento jurisdicional que declare a violação de direitos fundamentais do povo Waimiri-Atroari [Kiña] em razão da construção da rodovia BR-174 [Manaus-Boa Vista] durante o período do Governo Militar e condene o Estado Brasileiro [União] e a FUNAI a adotar medidas de reparação. [...]

Ora, a construção de uma estrada ligando dois Estados do Norte do País, região que àquela época não era praticamente servida de estradas de acesso, não pode ser confundida com uma ação de violação de direitos humanos, nem muito menos com um ato de perseguição política. Ao revés, a obra pública tão debatida caracterizou nítido atendimento do interesse público que permeia a atuação da Administração Pública.

Neste ponto, vale destacar as considerações do Exército Brasileiro na Informação nº 23:

Mesmo que, em tese, os supostos danos tivessem ocorrido, durante o Regime Militar, não se relacionariam com o referido período, não possuindo condão político, uma vez que o próprio “*parquet*” ⁽¹¹⁾ enfatiza que foram medidas concernentes à construção da estrada, nada tendo a ver com o regime em si.

Não há nos autos comprovação clara e convincente quanto aos alegados prejuízos experimentados pelos Kiña, tampouco restou demonstrado que as incursões estatais para construção da rodovia BR-174 se deram por razões de perseguição política ligada ao regime de exceção. Frise-se, que a imprescritibilidade é uma exceção ao princípio constitucional da segurança jurídica, razão pela qual deve ser sempre interpretada e aplicada de forma restritiva. Na verdade, salta aos olhos a consumação da prescrição no caso em tela.

Com efeito, consoante informações da própria parte autora na presente ação civil pública, a BR-174 foi construída há 40 [quarenta] anos!

Sendo assim, o prazo prescricional de cinco anos previsto no Decreto nº 20.910/32 há muito já se esgotou. Confira-se:

Art. 1º As dívidas passivas da União, dos Estados e dos Municípios, bem assim todo e qualquer direito ou ação contra a Fazenda Federal, Estadual ou Municipal, seja qual for a sua natureza, prescrevem em cinco anos contados da data do ato ou fato do qual se originarem. [...]

Portanto, ante a inexistência de causas que autorizem a imprescritibilidade, só resta o reconhecimento da

¹¹ Parquet: termo jurídico muito empregado em petições como sinônimo de Ministério Público. (Hiram Reis)

prescrição da demanda, com a consequente determinação da sua extinção com o julgamento do mérito, conforme previsto no inciso II, do art. 487, do NCPC (12).

4. DO MÉRITO

Inicialmente, antes de se enfrentar especificamente as questões de direito material que envolve esta demanda, é fundamental traçar um corte distintivo na pretensão formulada pelo Ministério Público Federal, a fim de delimitar o objeto da ação. O MPF, agarrando-se ao argumento da violação dos direitos humanos durante o período do Regime Militar, tenta fazer crer que todos os pedidos formulados na presente ACP. No entanto, é salutar ressaltar que nem todos os acontecimentos sociais ocorridos no País durante o período de exceção dizem respeito ou tem vinculação com o viés político do Regime Militar, a exemplo da construção da rodovia BR-174. [...]

4.1. DO PRINCÍPIO DA SEPARAÇÃO DOS PODERES: IMPOSSIBILIDADE DE DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, PELO PODER JUDICIÁRIO E PELAS POPULAÇÕES INDÍGENAS

A presente demanda tem por objeto a declaração da violação de direitos fundamentais do povo Kiña em razão da construção da rodovia BR-174 durante o Regime Militar, bem como a condenação do Estado Brasileiro na adoção de medidas de reparação. Perseguindo tal fim, o MPF formulou os mais diversos pedidos visando impor à União, impropriamente, registre-se, a elaboração e implantação de políticas públicas, ofendendo diretamente o princípio constitucional da separação dos poderes.

¹² NCPC: Novo Código de Processo Civil. (Hiram Reis)

[...] Seguindo essa linha de raciocínio é que se chega à conclusão de que não compete aos povos Indígenas, igualmente, definir as políticas públicas a eles aplicáveis, de acordo com seus interesses e desconsiderando o interesse público, da forma como pretendida no item e.7 dos pedidos formulados na inicial.

Não é dado ao Poder Judiciário proceder a escolha na alocação de recursos públicos, sendo indevido determinar à Administração Pública a realização de políticas públicas, incorrendo na mesma impossibilidade o Ministério Público Federal. [...]

4.2. DA SOBERANIA NACIONAL E DO PRINCÍPIO DA LEGALIDADE COMO POSTULADOS DA ATUAÇÃO ADMINISTRATIVA. DA IMPOSSIBILIDADE DE CONDICIONAMENTO DA ATIVIDADE ADMINISTRATIVA AO CONSENTIMENTO VINCULANTE DA POPULAÇÃO INDÍGENA. DO CARÁTER CONSULTIVO DO ART. 6º DA CONVENÇÃO Nº 169/ OIT. [...]

No caso dos autos, de modo perigoso e irresponsável, o MPF pretende ver reconhecido em juízo a obrigação de que o Estado Brasileiro se submeta ao consentimento vinculante da tribo Waimiri-Atroari para adoção de qualquer medida legislativa ou administrativa que tenha impacto sobre o Território Indígena ou para a realização de empreendimentos na área. [...]

Percebe-se, pois, que o MPF objetiva com a presente ação criar uma soberania do povo Kiña, colocando-os acima da soberania nacional e do ordenamento jurídico, sob o argumento de proteger os interesses dessa comunidade. Permitir tal disparate é colocar em xeque a própria existência do Estado Brasileiro, ao interferir sobremaneira na sua capacidade de autogestão e auto-organização, da sua própria soberania.

Destarte, por ofensa direta aos postulados da soberania nacional e da legalidade, mostra-se completamente descabido e desarrazoado exigir que a Administração Pública condicione a adoção de medida legislativa ou administrativa que tenha impacto sobre o seu Território ou para a realização de empreendimentos na sua área ao consentimento vinculado das populações Indígenas.

[...] Revela-se igualmente desprovido de fundamento jurídico o pedido de proibição de incursões militares na área sem o prévio consentimento do povo Waimiri-Atroari, a ser obtido nos termos do art. 6º da Convenção nº 169/ OIT e a vedação da condução de assuntos referentes a direitos Indígenas do povo Waimiri-Atroari por agentes e órgãos militares.

É necessário se ter em mente que as Forças Armadas, instituições permanentes reconhecidas constitucionalmente [art. 142], são destinadas à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem.

Atuam, portanto, contribuindo para a garantia da soberania nacional, salvaguardando os interesses nacionais e cooperando com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social.

Permitir tal condicionamento seria o mesmo que autorizar a esdrúxula situação de as Forças Armadas precisarem pedir autorização aos Kiña para defender o Território Nacional em uma situação, por exemplo, de guerra declarada ou ataque estrangeiro ao Brasil.

Deve-se ter em mente que as Terras Indígenas estão localizadas na Amazônia, umas das maiores riquezas naturais do País, a qual não pode ter sua defesa pelas Forças Armadas impedida ou obstada pela vontade de uma pequena parcela de Índios.

Nessa esteira, a tentativa de afastar toda e qualquer atividade militar no território Indígena Waimiri-Atroari representa impedir as Forças Armadas de desempenharem seu papel constitucional de defesa do País, pretensão que também não pode prosperar, eis que é nitidamente desarrazoada.

4.3. DA INEXISTÊNCIA DE LIMITAÇÃO AO USUFRUTO CONSTITUCIONAL DAS TERRAS INDÍGENAS. PREVALÊNCIA DO INTERESSE PÚBLICO. IMPOSSIBILIDADE DE INDENIZAÇÃO OU COMPENSAÇÃO

Busca-se com a presente ação também a retificação, no prazo de 60 dias, da área objeto de homologação do Decreto nº 97.837/1989, de modo a afastar a exclusão, prevista no art. 2º, parágrafo único, do trecho referente à BR-174 do território Waimiri-Atroari.

Fundamentando tal pedido, o MPF alega que “a *construção da estrada representa uma limitação permanente ao usufruto constitucional*” [página 108 da inicial], razão pela qual pretende a inclusão da faixa da estrada nas terras dos Waimiri-Atroari, reparando-os pelos supostos prejuízos.

A Constituição da República Federativa do Brasil assim disciplina as terras Indígenas e o usufruto pelos Índios:

Art. 20. São bens da União:

XI- As terras tradicionalmente ocupadas pelos Índios.
[...]

Art. 231. São reconhecidos aos Índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. [...]

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos Índios destinam-se a sua posse permanente cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos Rios e dos lagos nelas existentes. [Grifo nosso].

O Texto Constitucional é claro ao prever que a propriedade das terras Indígenas pertence à União, cabendo aos Índios unicamente o usufruto das riquezas oriundas do solo, dos Rios e Lagos.

Isso significa dizer que os Índios não gozam, em relação às terras, de todos os direitos inerentes ao proprietário, sendo o seu direito sobre elas limitado. [...]

A existência da rodovia na terra Indígena revela obra e serviço de mobilidade de inegável interesse público, inclusive alinhado ao objetivo fundamental da República Federativa do Brasil consistente em garantir o desenvolvimento nacional [art. 3º, II]. [...]

O tema não é novo e também já foi apreciado pela Justiça Federal-PE e o TRF-5ª Região, os quais analisaram demanda análoga em ACP igualmente ajuizada pelo MPF, com pedido de retirada das torres de transmissão de energia elétrica "Paulo Afonso-Milagres", instaladas na reserva Indígena "Pankararu" e pagamento de indenização [Proc. 0013310-87.2004.4.05.8300 – 5ª Vara Federal-PE].

Nessa oportunidade, o Judiciário houve por bem julgar improcedente a pretensão, assinalando a legalidade da instalação das torres de transmissão de energia na área Indígena, tendo em vista o interesse público subjacente, afastando, portanto, a pretensão indenizatória forte na efetiva propriedade das terras por parte da União.

Vale transcrever os principais trechos da sentença do MM. Juízo da 5ª Vara Federal-PE: [...]

De mais a mais, observa-se que a solução ora adotada é a mais condizente com a necessidade de ponderar os interesses postos em choque no presente caso, a saber, o interesse público na prestação do serviço e o interesse das comunidades Indígenas.

A instalação das torres de transmissão, necessárias à prestação do serviço público de fornecimento de energia elétrica, não suprime, aos silvícolas da tribo "Pankararu", a fruição e o gozo das riquezas existentes em sua reserva Indígena, não lhes retirando a capacidade de desenvolver-se segundo seus valores e crenças. [...]

Neste ponto, não se poderia deixar de evocar o posicionamento firmado pelo Supremo Tribunal Federal no emblemático julgamento da Terra Indígena Raposa Serra do Sol [Pet. 3.388/RR].

Confira-se:

[...] 14. A CONCILIAÇÃO ENTRE TERRAS INDÍGENAS E A VISITA DE NÃO ÍNDIOS, TANTO QUANTO COM A ABERTURA DE VIAS DE COMUNICAÇÃO E A MONTAGEM DE BASES FÍSICAS PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS OU DE RELEVÂNCIA PÚBLICA.

A exclusividade de usufruto das riquezas do solo, dos Rios e dos Lagos nas terras Indígenas é conciliável com a eventual presença de não Índios, bem assim como a instalação de equipamentos públicos, a abertura de estradas e outras vias de comunicação, a montagem ou construção de bases físicas para a prestação de serviços públicos ou de relevância pública, desde que tudo se processe sob a liderança institucional da União, controle do Ministério Público e atuação coadjuvante de entidades tanto da Administração Federal quanto representativas dos próprios Indígenas.

O que já impede os próprios Índios e suas comunidades, por exemplo, de interditar ou bloquear estradas, cobrar pedágio pelo uso delas e inibir o regular funcionamento das repartições públicas. [...].

[Pet 3388, Relator[a]: Min. CARLOS BRITTO, Tribunal Pleno, julgado em 19.03.2009, DJe-181 DIVULG 24.09.2009 PUBLIC 25.09.2009 REPUBLICAÇÃO: DJe-120 DIVULG 30.06.2010 PUBLIC 01.07.2010 EMENT VOL-02408-02 PP-00229 RTJ VOL-00212- PP-00049.

Como já abordado, nos termos do art. 20, inciso XI, da Carta Magna, as terras Indígenas constituem bens da União.

Dessa forma, parece não fazer sentido que a União precise realizar qualquer compensação, seja material ou financeira, pelo uso dessas terras. [...]

4.4. DA LEI Nº 12.528/2011: A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE

Pretende-se também com a presente demanda a reunião e sistematização, no Arquivo Nacional, de toda a documentação pertinente à apuração das graves violações de direitos humanos cometidas contra o povo Kiña, além da realização de cerimônia pública de pedido de desculpas e entrega à comunidade de todos os documentos governamentais, civis ou militares, mantidos sob qualquer meio, produzidos no período de exceção, referentes à etnia e ao empreendimento de construção da BR-174. [...]

4.5. DA INEXISTÊNCIA DE CRIME CONTRA A HUMANIDADE E DE GENOCÍDIO

A presente demanda, sob a alegação de ocorrência de uma política de extermínio contra os Indígenas Waimiri-Atroari, pretende, ainda, a responsabilização do Estado Brasileiro pela prática de crime contra a humanidade e de genocídio, atribuindo a morte de centenas de Indígenas aos militares do Exército Brasileiro.

Cumpra aclarar que, para que haja a responsabilização por um crime, é necessário individualizar seus elementos objetivos, subjetivos e materiais, expondo o fato criminoso, com todas as suas circunstâncias e indicando o[s] infrator[es].

A atribuição de tais ilícitos à União exige que o MPF comprove cabalmente a ocorrência dos fatos, indicando os agentes públicos por eles responsáveis e o nexo de causalidade com os danos alegados, bem como a intenção dos agentes de provocar o dolo específico do crime.

Todavia, por não possuir provas contundentes da materialidade e indícios de autoria dos referidos crimes, a parte autora se limitou a alegar tais acusações, juntando relatos dispersos de pessoas que, supostamente, teriam vivenciado a construção da BR-174.

Como se percebe, o conjunto probatório sequer conseguiu individualizar a conduta de um militar ou outro agente público, nem caracterizar os crimes com todos os seus elementos. Desse modo, é impossível juridicamente atribuir tal responsabilidade ao Estado.

Exatamente por não possuir elementos capazes de demonstrar a prática dos aludidos crimes e, conseqüentemente, a responsabilidade penal do Estado brasileiro, o MPF visa com essa ação, responsabilizar civilmente a União pelos supostos delitos [atos ilícitos].

O ato ilícito, nos termos do art. 186 do Código Civil de 2002, pressupõe a existência de ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, que viole direito e cause dano a outrem. Verifica-se, portanto os seguintes elementos: ação ou omissão, violação de direito e configuração de dano.

No presente caso, consoante já robustamente demonstrado nos tópicos precedentes, não houve qualquer violação de direito por parte da União.

Ao contrário, as condutas administrativas que redundaram na construção da rodovia BR-174 e depois na demarcação da Terra Indígena Waimiri-Atroari [Decreto nº 97.837/1989] foram absolutamente pautadas na legalidade, seguindo as normas vigentes à época de cada acontecimento (13).

¹³ INFORMAÇÃO nº 023/2017 – CMA: “[...], os militares do Exército Brasileiro, em especial, do 6º Batalhão de Engenharia de Construção, utilizando apenas veículos comuns, equipamentos e instrumentos voltados à construção e pavimentação da rodovia, [...] deu continuidade à construção da BR-174, cumprindo o Plano de Integração Nacional, fruto do Decreto-Lei nº 1.106, 16 de junho de 1970, do Presidente da República, permitindo a Integração Nacional e o desenvolvimento econômico e social da região, além de garantir o direito de ir e vir que todo brasileiro dever ter, assegurando a todos a dignidade da pessoa humana.

O trato com os indígenas era o mais amigável possível, em clima de respeito da mesma forma que nos dias atuais e sempre com a intermediação de funcionários da FUNAI. Esse era, é e sempre será o padrão previsto e exigido de comportamento dos militares independente de qualquer atitude hostil por parte dos indígenas, apesar de terem ocorrido alguns ataques aos trabalhadores civis, inclusive com a morte de 13 [treze] funcionários da FUNAI e 3 [três] trabalhadores do empreiteiro André.

As informações acerca das referidas mortes aparecem em diversos momentos da inicial, como por exemplo na página 32, bem como na carta do General Gentil Nogueira Paes, na página 48, que inclusive é peça integrante da presente ACP, e, ainda, no Anexo 7, páginas 310 e 313. Há que se destacar nunca houve represálias.

Pelo contrário, buscou-se a pacificação e medidas defensivas, reforçando a segurança, ofertando presentes, proibindo a entrada de militares e civis na mata, assim como a caça e pesca e limitando o acesso dos trabalhadores [militares e civis] nas áreas de estacionamentos, canteiro de obras e eixo da estrada. Tudo visava a preservar a integridade física dos Índios e dos agentes públicos e pessoal empregado na obra objetivando sempre manter um clima harmonioso com os Silvícolas, brasileiros que são.

Deste modo, sem violação de direito, não há que se falar em ato ilícito. Tal conclusão, inclusive, é corroborada pelo próprio MPF, que em sua petição inaugural requer a “*declaração judicial da existência dos atos ilícitos apontados nesta inicial e de suas respectivas circunstâncias*”. [fl. 85 da exordial]. Ora, aqui, mais uma vez, a parte autora não foi capaz de provar o quanto alegado e tenta transferir ao Judiciário o seu ônus probatório, previsto no art. 373, do Código de Processo Civil, abaixo transcrito:

Art. 373. O ônus da prova incumbe:

I - ao autor, quanto ao fato constitutivo de seu direito:

Portanto, pela ausência de comprovação da existência de ato ilícito praticado pela União, não merece prosperar o pleito reparatório.

4.6. DO NÃO CABIMENTO DE DANOS MORAIS COLETIVOS

O MPF, ao requerer a condenação da União em danos morais coletivos, assevera que a União promoveu a remoção forçada daquela população Indígena, bem como foi omissiva ao adotar medidas para reparar os danos causados. [...] Ocorre que, como já se demonstrou, a construção da estrada se deu de modo lícito, agindo a União dentro dos parâmetros legais que direcionam a atividade estatal. Portanto, não há que se falar em conduta lesiva da União, haja vista se revestir da mais plena juridicidade. Ademais, o MPF alega que os Kiña sofreram danos por terem sido deslocados de sua terra sem qualquer reparação.

Assim sendo, durante a atuação do Exército na construção da BR-174, não existiram políticas, ações, medidas para ataques, extermínio remoção ou qualquer ameaça ao povo Waimiri-Atroari. O foco dos militares era o cumprimento da missão, de acordo com o previsto na legislação de forma harmoniosa [...]”. (CMA)

No entanto, o alegado deslocamento não restou comprovado, tampouco eventuais prejuízos advindos da construção da estrada. [...]

Por conseguinte, não se verifica presente o nexo de causalidade. Não resta outra conclusão, portanto, senão a de que não há qualquer dano moral sofrido pelos Kiña, razão pela qual todos os pedidos formulados pelo MPF devem ser julgados totalmente improcedentes.

Em verdade, a União agiu em exercício regular de um direito e no estrito cumprimento do dever estatal, ao agir para alcançar um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, qual seja o de garantir o desenvolvimento nacional [art. 3º, II, da CR/1988].

Embora ausente qualquer responsabilidade civil derivada de ato da União, caso o Ente federal venha a ser condenado, o que se admite por mero apego ao princípio da eventualidade, requer-se que o quantum pleiteado pelo Parquet seja substancialmente reduzido, ante a ausência de proporcionalidade e razoabilidade.

4.7. DA RAZOABILIDADE DA ATUAÇÃO ADMINISTRATIVA E DA AUSÊNCIA DE RAZOABILIDADE DA PRETENSÃO DO MPF [...]

Importante destacar que uma rodovia beneficia diretamente a sociedade, gerando externalidades positivas que se materializam no acesso à saúde, educação, vacinação, progresso científico e melhores hábitos de condução que reduzem riscos de acidentes. [...]

A construção da rodovia possibilitou o desenvolvimento econômico e social dessa região, facilitando a circulação de pessoas e bens, retirando os dois Estados da situação de quase isolamento em que viviam em relação ao restante do Brasil. [...]

Cabe ainda acrescentar que a faixa da rodovia é ínfima se comparada à totalidade das Terras Indígenas, o que descaracteriza todo e qualquer prejuízo alegado na inicial, especialmente se comparados aos grandes benefícios gerados pela BR-174. [...] O mapa também deixa claro que não havia outro traçado recomendável para a BR-174 que não fosse cortar o Território Waimiri-Atroari, pois do lado esquerdo a Terra Indígena faz divisa com o Rio Negro e o Parque Nacional do Jaú e do lado direito com uma extensa região alagada e a Reserva Biológica de Uatumã. Verifica-se, portanto, que para que a rodovia não passasse pela Terra Indígena seria necessário fazer um desvio imenso, contornando as regiões acima mencionadas, o que certamente tornaria o trajeto mais longo, difícil e oneroso para os cofres públicos e, talvez, fosse até mesmo inviabilizado do ponto de vista econômico-financeiro.

A proteção das terras Indígenas não pode impedir o desenvolvimento social e econômico do País, sobretudo quando não se está diante de uma retirada dos Índios de suas terras, mas de simples demarcação desse espaço. Numa ponderação de interesses, entre o direito dos Índios à proteção de suas Terras e o interesse público [desenvolvimento social e econômico, direito de ir e vir], deve prevalecer este último, pois visa proteger toda a coletividade. Por essas razões é que a construção da rodovia BR-174 não pode ser vista sob o ponto de vista míope e unilateral apresentado pelo MPF, sendo completamente desarrazoados os pleitos formulados na presente ação! [...]

Pede deferimento.

Manaus, 18 de novembro de 2017.

ANNA LUIZA SILVA ARAÚJO

Advogada da União

Sgt José Hocke???



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Grupo de Trabalho Povos Indígenas e
Regime Militar – 6ª Câmara de Coordenação
16 de agosto de 2017

[...] Soma-se a isso, no caso dos Waimiri-Atroari, o depoimento da jornalista Memélia Moreira, que esteve na área em 1978 e depois prestou depoimento ao Tribunal Russell, em 1980.

Em depoimento à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, Memélia Moreira contou que, em viagem em 1978 à estrada, já inaugurada, um Sargento lhe contou que no momento mais crítico das obras os Kinja tentavam resistir fazendo uma barreira humana, de braços dados, diante dos tratores, e foram executados. Já o então sargento do 6º BEC José Hocke disse a ela que os Waimiri-Atroari criavam muito caso:

Faziam uma barreira de gente na estrada, um de braço dado com o outro, para não deixar os tratores passarem.

Perguntado sobre como fazia para passar, o Sargento respondeu: “a gente resolvia sempre à bala”.

A jornalista visitou a região do Santo Antônio do Abonari. Lá encontrou uma certa devastação pelo alto, que não era de queimada, mas provocada por napalm, cujo tubo ela encontrou boiando na água.

Não era uma devastação de queimada, que vem debaixo, e eu não sabia o que era aquilo, nunca tinha visto aquilo antes. Eu pensei, na minha ignorância, que talvez fosse um tipo de resultado da seca que dá, porque a região tem uma parte do ano que não chove. Então eu achei que era isso, não era. Porque quando a gente pegou um igapozinho para chegar até a aldeia, que aí o Rio estreita, eu vi que tinha uma coisa não natural boiando, era assim, um...

Não era bem um tubo, mas parecia, porque era metade, que era de napalm. E eu vi a marca, eu não sabia o que era napalm, eu conhecia a marca de um dos fabricantes de napalm, era Tordon. Eu vi que tinha Tordon, aí eu digo, espera aí, napalm... Aí eu digo, encosta mais naquilo ali, vai mais devagar, tira o motor, eu quero pegar aquele caco ali, era um caco.

Peguei e botei na minha mochila e vim-me embora, não troquei uma palavra sobre o que eu achei, porque em 1974 a gente já sabia que eles tinham usado napalm no Vale do Ribeira, na Guerrilha do Araguaia, e nos Nhambiquaras. (Depoimento de Memélia Moreira à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, anexo 4)

(https://justicadetransicao.mpf.mp.br/documentos-1/AIND_5_Waimiri.pdf)



O tal Sgt José Hocke jamais existiu, é um personagem ficcional criado pela mente ignara e obscurecida da jornalista Luzia Maria Moreira Sceil que usa o pseudônimo – Memélia Moreira.



Contestação do TRF



PODER JUDICIÁRIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 1ª REGIÃO Coordenadoria da Quinta Turma

DECISÃO [...]

Decido.

[...] Aduz que a presente ação visa a buscar o reconhecimento das violações ocorridas e a adoção de medidas para assegurar que o povo Kiña tenha suas memórias valorizadas e os seus direitos reconhecidos.

As obras de implantação da rodovia BR-174 AM/RR iniciaram-se em 1968, mediante convênio entre o extinto DNER [Departamento Nacional de Estradas de Rodagem] e o Ministério do Exército. A rodovia foi inaugurada em 1977. Já as obras de pavimentação iniciaram-se em 1994 e foram concluídas em 1998.

A Terra Indígena [TI] Waimiri-Atroari foi homologada por meio do Decreto nº 97.837, de 16 de junho de 1989. No parágrafo único do art. 2º do referido Decreto é informado que fica excluída da área da TI a faixa de domínio da BR-174, observado que a rodovia foi implantada antes da homologação da Terra Indígena, da promulgação da Convenção OIT nº 169 como também anterior à nossa Carta Magna de 1988.

Em 27 de junho de 1989, foi assinada, em Genebra, a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Em 19 de abril de 2004, por meio do decreto nº 5.051, a Convenção foi promulgada pelo Presidente da República do Brasil, porém a regulamentação dos procedimentos de consulta não foi efetivada. [...]

À época da implantação da rodovia não havia instrumento legal que determinasse o licenciamento ambiental do empreendimento, nem tão pouco previsão de consulta a povos possivelmente afetados, uma vez que a Convenção OIT nº 169 só foi assinada em 1989. Logo, a rodovia foi construída com base na legislação vigente à época.

Conforme destacado na própria ACP, no caso do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal [STF] da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, uma das salvaguardas é que o usufruto dos Índios não impede a instalação, pela União Federal, de equipamentos públicos, redes de comunicação, estradas e vias de transporte, além das construções necessárias à prestação de serviços públicos pela União, especialmente os de saúde e educação.

Embora o Plenário do STF tenha decidido que a decisão só tenha aplicação naquele caso, a 2ª Turma já aplicou as salvaguardas em pelo menos dois mandados de segurança.

A construção de uma estrada ligando dois Estados do Norte do País, região que àquela época não era praticamente servida de estradas de acesso, não pode ser confundida com uma ação de violação de direitos humanos, nem muito menos com um ato de perseguição política.

Ao contrário, a obra pública tão debatida caracterizou nítido atendimento do interesse público que permeia a atuação da Administração Pública.

Não compete aos povos Indígenas, igualmente, definir as políticas públicas a eles aplicáveis, de acordo com seus interesses e desconsiderando o interesse público, da forma como pretendida no item e.7 dos pedidos formulados na inicial.

Da leitura do art. 6º da Convenção nº 169/OIT, não se verifica que a vontade das populações Indígenas possui caráter vinculante na atuação administrativa e legislativa. Pelo contrário, o dispositivo visa a estimular a participação dos Índios, por meio de consulta, repita-se, não vinculante, nos assuntos de seu interesse, ampliando o debate democrático.

O Texto Constitucional é claro ao prever que a propriedade das terras Indígenas pertence à União, cabendo aos Índios unicamente o usufruto das riquezas oriundas do solo, dos rios e lagos. Isso significa dizer que os Índios não gozam, em relação às terras, de todos os direitos inerentes ao proprietário, sendo o seu direito sobre elas limitado.

A existência da rodovia na terra Indígena revela obra e serviço de mobilidade de interesse público, inclusive alinhado ao objetivo fundamental da República Federativa do Brasil consistente em garantir o desenvolvimento nacional (art. 3º, II).

Não há nos autos comprovação clara e convincente quanto aos alegados prejuízos experimentados pelos Kiña, tampouco restou demonstrado que as incursões estatais para construção da rodovia BR-174 se deram por razões de perseguição política ligadas ao regime de exceção.

A condenação ao pagamento de indenização por alegados danos materiais e lucros cessantes depende de comprovação, ônus do qual não se desincumbiu o autor, visto que deixou de carrear aos autos documentos

apontando o montante dos prejuízos suportados, não servindo, para tanto, pedido genérico de ressarcimento relativo a danos que sequer foram demonstrados. [...]

Cabe ressaltar que não há prova nos autos de que locais sagrados, cemitérios e espaços territoriais imprescindíveis de pertencimento ao povo tenham sido impactados pela rodovia; que há no Brasil 66 Rodovias Federais que interceptam Terras Indígenas; que poderá a decisão agravada acarretar prejuízos ao sistema elétrico nacional, em especial, ao fornecimento de energia elétrica no Estado de Boa Vista, RR, dentre outros.

De igual maneira, descabe a concessão de antecipação de tutela de urgência, ou seja, de antecipação do próprio direito, pois inexistente probabilidade do direito e o perigo de dano ou o risco ao resultado útil do processo, conforme previsto no art. 300 do CPC.

À vista do exposto:

- A)** defiro o pedido de antecipação da tutela da pretensão recursal suspender a decisão agravada até o julgamento do mérito do presente agravo;
- B)** comunique-se ao Juízo de origem, com cópia desta decisão;
- C)** Intimem-se os agravados para os fins do artigo 1019, inciso II, do Código de Processo Civil/2015.

Publique-se.

Brasília, 21 de janeiro de 2019.

Juiz Federal Leão Aparecido Alves



O Pium

Meu caro amigo de longa data, ST Luiz Mário Severo Ávila, empresário, advogado, escritor e agrimensor, que tive, no dia 09.02.2019, a satisfação de reencontrar, é gaúcho de Santa Rosa, RS, onde nasceu a 14.06.1950. Atualmente junto com seu filho Engenheiro Rodrigo Edson Castro Ávila, exerce trabalhos de Engenharia e Consultoria na Empresa R. E. Castro Ávila e Cia Ltda. Graças a ele e ao Ten Cel Vandir Pereira Soares Júnior tive acesso à coletânea do Periódico "O Pium", criado em maio de 1974, pelo Sr. Ten Cel Eng QEMA João Tarcízio Cartaxo Arruda, Comandante do 6º BEC, que relatava o dia-a-dia da valorosa família do "Batalhão Simón Bolívar" do qual passarei a reproduzir alguns tópicos atinentes à Questão Waimiri-Atroari.



★ Atroari ★

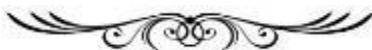
★ Voltaram a ser Notícia Reagindo
Violentemente nas Profundezas da
Portentosa Floresta Amazônica ★



Desta feita seus alvos foram os próprios funcionários da FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO [FUNAI] que, dedicada amigavelmente e tentam pacificá-los, mantendo-os, entretanto, afastados da civilização e do homem branco.

Agindo com tática e sangue frio, assaltaram o Posto da FUNAI, localizado nas proximidades do Rio Alalaú e a um quilômetro aproximadamente da rodovia BR-174, em construção, a golpes de terçado [facão] e fazendo uso de seu armamento convencional, arco e flecha. Dos ataques perpetrados já resultaram cinco mortos e três feridos que foram acolhidos por nossa turma de desmatamento. Reconhecimentos aéreos feitos no local demonstraram a aldeia Indígena incendiada, sinal de que os Waimiri-Atroari abandonaram a área.

Atualmente o 6º BEC desenvolve seus trabalhos na construção da BR-174 entre os rios Santo Antônio do Abonari e o misterioso Alalaú, em plena reserva Indígena, trabalhamos desarmados, nossa meta é de unir os brasileiros e a nossa missão é de paz. Venceremos!



* Atividades das Companhias *



* 1ª Companhia de Engenharia de Construção *

A linha do Equador será seccionada pela BR-174 exatamente no km 380. Para cortá-la, aceleram-se as máquinas, estafam-se os braços, exige-se sempre mais que INTELIGÊNCIA e VONTADE sejam transformadas em AÇÃO.

Ação não faltou aos militares e civis da 1ª Cia, que conseguiram atingir o Rio Alalaú com o desmatamento manual, enquanto poderosos "BULDOZERS" atingiam com suas lâminas o KM 258 da BR-174, no difícil e perigoso trabalho do desmatamento mecanizado. Ainda, até 31 de outubro, a terraplenagem atingia as alturas do KM 253 faltando, portanto, apenas 19 para ser atingido o Território de Roraima.

O volume escavado naquele mês foi de 508.238 m³ e há a salientar ainda a construção uma ponte de madeira com vão de 72 metros sobre o Rio MANILHA [Ten "MA"zzotti + Cap Bo"NILHA"] ou TAQUARI como é conhecido pelos Atroari.



★ 2ª Companhia de Engenharia de Construção ★

Enfrentando ainda pesados aguaceiros, a 2ª Cia teve durante o mês de outubro seu quinhão de vitórias. O Rio Anauá foi vencido e ultrapassado através de uma balsa metálica levada até àquela altura quando o Rio estava em seu nível máximo e apesar de as margens apresentarem-se pavorosamente desfavoráveis, barrentas e escorregadias, conseguiram os homens da 2ª lançar dois D-8 na margem Sul do Anauá.

Com estas máquinas, trabalhando dia e noite na limpeza e destocamento, a estrada avançou rumo ao Jauaperi onde ansiosos os tratoristas da linha de frente do Destacamento Norte esperam "bater as lâminas" com os do Destacamento Sul.

O inatingível e lendário Rio Anauá vai ficando para trás, com suas águas correntes cheias de ferozes piranhas e velozes pirandirás, a alertar aos que a enfrentam que suas águas foram descobertas, mas não domadas, e que mistérios insondáveis existem nas suas correntezas.

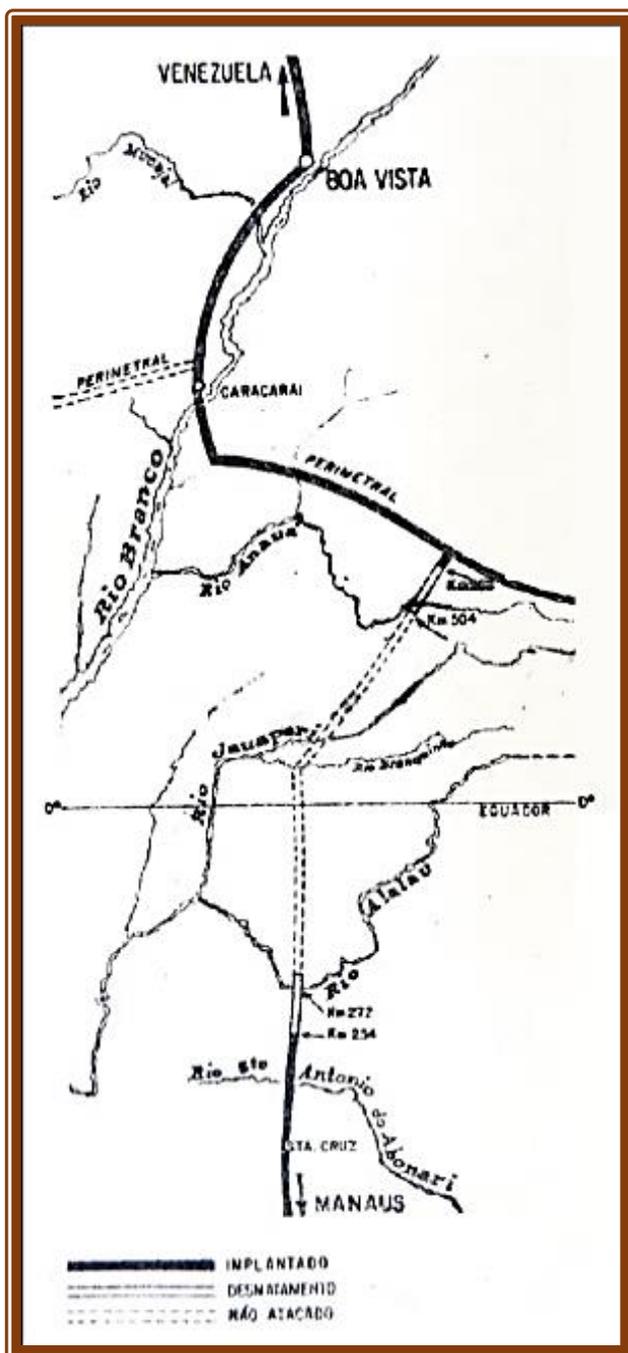
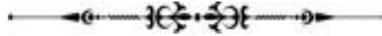


Imagem 12 – Atividades das Companhias



★ Atroari ★

No dia 07.11.1974, seis Índios Atroari mantiveram contatos amistosos com o pessoal de desmatamento da 1ª Cia Eng que está operando na margem Norte do Rio Alalaú.

O contato foi o mais cordial possível tendo aqueles Índios inclusive penetrado na barraca do nosso pessoal e se retirado da área, após reconhecerem o Posto da FUNAI, em cujo local funcionários foram sacrificados em cumprimento do dever, no massacre ocorrido no dia 02.10.1974.

No dia 13 de novembro, por volta das 16h00, repetiram a visita 04 Índios Atroari, desta vez no KM 271 [16 km ao Norte do Alalaú].

Após receberem abastecimento de gêneros alimentícios por troca com seus arcos e flechas, retiraram-se bastante satisfeitos.

Todavia, às 12h00, do dia 17 de novembro, eis que vinte deles atacaram quatro homens da turma de desmatamento, acampados no KM 25 ao Norte do Alalaú, levando os gêneros que puderam, flechando o restante do material existente.

Três homens nossos estão desaparecidos, consoante informação prestada pelo quarto, que fugiu na hora do ataque.

Em consequência, os trabalhos de desmatamento tiveram de ser paralisados até que uma "*Bandeira Branca*" seja levantada, e se fume o "*Cachimbo da Paz*".

Quando será?



* A Estrada – o Índio *

Revestido dessa crença de perigo à simples alusão do nome Atroari, iniciou-se o desmatamento manual, atingindo os trabalhos, sem problemas, o Rio Abonari, e depois o Alalaú. O primeiro contato entre os trabalhadores da estrada e os Atroari se deu às margens desse Rio.

Àquela altura, era impraticável o suprimento aéreo para o efetivo de 100 homens; da necessidade de se utilizar o Rio como via de suprimento, nasceu a decisão de estabelecer o contato.

E ele ocorreu em ambiente festivo, com inúmeras trocas de presentes, que consistiam da parte dos trabalhadores, em pedaços de plásticos coloridos previamente preparados e alimentos em geral, e da parte dos Índios em caças variadas [peixes, aves, jabotis, etc].

Sob esse clima de paz, vivendo quase em comum, trabalhadores brancos e os Índigenas, durante seis meses o desmatamento manual prosseguiu até atingir o Rio Jauaperi.

Nesse ponto foi interrompido o serviço e a equipe regressou à Manaus, acompanhada pelos Índios até o km 60 da rodovia. Logo após esse regresso ocorreu, em 17.12.1972, o ataque ao acampamento das

FUNAI, às margens do Alalaú, próximo à área desmatada, com o massacre de três funcionários residentes e a fuga com vida de outro. Mais tarde, já no ano de 1973, na construção de ponte madeira sobre o Rio Abonari, foram restabelecidos aqueles contatos amistosos iniciais, sob o mesmo ambiente de paz, embora menos frequentes.

Os relatos dos elementos que viveram tais situações evidenciam uma verdade grotesca: "*O Atroari, Antes de Tudo é um Faminto*".

Numa escala crescente de idade e decrescente de vigor físico, as crianças apresentam-se saudáveis, expressivos olhos pretos, cabelos aparados curtos de um preto reluzente, contrastando com os mais velhos raquíticos, aspecto físico deprimente, a causar pena. Vivem inteiramente nus, as Índias protegendo o sexo com sementes de açaí ligadas umas às outras lembrando grandes cachos de uvas.

No aspecto geral, seu biotipo não difere do branco e sua pele é bronzeada; não possuem hábitos regulares de higiene, à exceção do banho, não muito frequente, porém, entre as crianças.



★ Os Últimos Acontecimentos – A Situação Atual ★

Por imposição de projeto, atualmente, decorridos quase três anos daqueles contatos amistosos, a estrada avança numa diretriz paralela àquela desmatada, a partir do Rio Abonari. A equipe mais avançada, a de desmatamento manual [a cargo do mesmo empreiteiro do serviço anterior] já ultrapassou o Alalaú e trabalha em território roraimense. Em princípios de outubro de 74, ocorreu o ataque ao posto da FUNAI do Rio Alalaú, que apoiava essa equipe, conforme noticiamos no "*O Pium N° 5*".

No dia 17 de novembro [“*O Pium N° 6*”], quatro trabalhadores da turma de desmatamento manual foram atacados por cerca de vinte Índios; era domingo e o restante da equipe encontrava-se gozando dispensa em Manaus.

Dos três que, na ocasião, dávamos como desaparecidos, foram encontrados, mortos, em lastimável estado que pressupõe uma macabra sequência de torturas, os trabalhadores José Mendes e Cláudio Pires, o terceiro, João Moraes, continua desaparecido.

Duas flechas ligeiramente menores que as usuais, cravadas junto à estaca 1.250 [trecho Alaláú Jauaperi] pressupunham a intenção de represália dos Índios ao avanço dos serviços além daquele limite, o que obrigou o Batalhão a paralisar os trabalhos de desmatamento manual.

“*O Pium*” lamenta, profundamente ferido, as duas, provavelmente três primeiras vítimas dos Atroari, diretamente ligadas ao Batalhão.

No momento, a estrada avança [...]; o Destacamento Sul trabalha com uma preocupação maior: a da segurança.

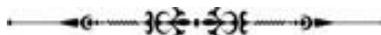
Com pesar, registramos esses últimos acontecimentos; não pudemos formar uma ideia das causas que deram origem a comportamentos tão diversos daqueles contatos iniciais.

Sugerir-se ser da própria natureza dos Atroari esse aspecto ambíguo de seu relacionamento social e outras considerações não passariam do campo das conjeturas.

Por enquanto, as teses se confundem, não há uma conclusão definitiva...



* Atroari – Waimiri *



A aproximação amistosa, a partida amigável, o ataque fulminante ao alvorecer: o Índio sutil "*inimigo*" não catalogado nos manuais de combate. A incrível coincidência das circunstâncias e dos saldos: superioridade numérica temporária, sobrevivência de um e apenas um elemento, degola sistemática de um dos massacrados, destruição do equipamento de comunicações, danificação do armamento.

Assim ocorreu, como os anteriores, o massacre de 29 de dezembro. Assim transcorreu o expirar do ano de 1974 no Destacamento Sul do 6º BEC. Divulgada plenamente nos órgãos de imprensa, eis a história do massacre detalhes:

27 de Dez de 1974 – 14h00 – quatro Índios Waimiri entraram em contato com os madeireiros Rafael Pereira da Silva e Bento Francisco da Conceição, que derrubavam uma árvore a 500 metros do acampamento do Destacamento Sul [km 220]. Conduzidos ao acampamento e apresentados ao Oficial de permanência, Tenente Eng Tiaraju, foram acolhidos e, como manifestassem fome, levados a almoçar. À mesma hora, mais três Índios chegaram ao acampamento vindos pela estrada. Todos jovens, desarmados e demonstrando medo diante do funcionamento das máquinas.

Atitudes amistosas, almoçaram no rancho das praças, comendo carne de gado pensando que era de anta, pediram e receberam camisas, calções, bolacha, banana.

14h40 – os Índios demonstraram desejo de retornar, apontando para o Sol. Embarcados em viatura, seguiram com o Sgt Goulart até a Ponte Padre Calleri, sobre o Rio Abonari, [km 226], onde se juntaram a mais vinte Índios que ali se encontravam. Repetição das atitudes, abraços com soldados, fotografias, promessa de retorno trazendo flechas para presentear a tropa.

15h30 – chegaram de Manaus o Capitão Bonilha e o sertanista Gilberto Pinto trazendo presentes, alertados da presença de mais trinta Índios no Posto da FUNAI, em Abonari.

16h00 – após entrarem em contato com o Comandante do 6º BEC, em Boa Vista, e, autorizados seguiram para o Posto Abonari II [20 minutos de barco à montante da ponte], estabelecendo contato com o Cacique Maroaga, chefe do Grupo Indígena.

Contato amigável, o cacique pediu para sobrevoar sua maloca, solicitou bolachas, martelo e panelas grandes.

28 de Dez de 1974 – 07h40 – o avião PT-CYB, do 6º BEC, decola de Boa Vista, cheio de presentes para os Índios: chapéus, panelas, biscoitos, etc...

12h00 – encontro na ponte entre os elementos do Batalhão e os Caciques Maroaga e Mimi, sempre acompanhados de Gilberto Pinto e mais vinte Índios.

Cordialidade troca de presentes, lanche com refrigerantes, passeio de caminhão.

À tarde, no campo de pouso, repetiram-se as trocas de flechas, pedido de mais panelas grandes, atendido com as existentes no Rancho do Destacamento e nas casas dos oficiais, despedidas do Capitão Bonilha que seguiu para Manaus prometendo trazer mais panelas.

29 de Dez de 1974 – 08h00 – o avião retornando de Manaus, sobrevoou o posto, tendo o Cap Bonilha constatado que o mesmo estava deserto e um corpo estendido no chão. No acampamento, a informação do funcionário da FUNAI, Ivan Lima Ferreira: Massacre ao alvorecer.

12h00 – um grupo armado, a comando do Cap Bonilha, seguiu para reconhecer o Posto. Uma hora após o cenário macabro: mortos por flechas e a golpes de terçado o Sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa e os funcionários da FUNAI João A. Monteiro e João B. Aguiar, este último degolado. Buscas até às 1600 horas não conseguiram localizar o corpo de Osvaldo de Souza Leal Filho.

Posto abandonado: os Indígenas levaram o barco a motor da FUNAI, danificaram o transmissor de rádio e quebraram as espingardas, deixando a munição. Ivan, o único sobrevivente, além de umas poucas galinhas, 02 cachorros e um filhote de caititu, jogara-se no Rio e fugira pelo mato, indo refugiar-se no acampamento de 1ª Cia E. Assim foi o final de ano no Destacamento Sul.

03 de Jan de 1975 – em operação autorizada pela FUNAI, o Destacamento empreendia uma verdadeira ação de marcha para o combate na selva, a comando do próprio Comandante do Batalhão, com a finalidade de resgatar o corpo do funcionário da FUNAI desaparecido, apesar os salvados do posto e reconhecer uma improvável presença Indígena remanescente.

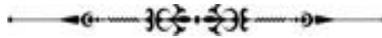
Ligação terra-ar por painéis, grupos de combate em deslocamentos por lances.

Comunicações em terra através transmissores de mão, vozes de comando inserindo-se à sinfonia da selva, a realidade do combate presente a cada movimento.

E os resultados: resgate do corpo de Osvaldo, morto quando em fuga, e o recolhimento de flechas, arcos, caixas de materiais diversos da FUNAI, panelas, armas quebradas, estações-rádio danificadas, barco Indígena, munições.



★ **Eu vi minha Pátria Renascer – 31 de Março** ★



Eu vi minha Pátria Renascer esplêndida, majestosa, altaneira. Eu vi minha Pátria reviver em meio das brigas, das lutas, do vendaval pavoroso da multidão enlouquecida. Era um cenário rude, torpe, muito estranho. O respeito não mais distinguia os ambientes de trabalho; o calor humano não tinha valor algum perante os interesses materiais.

Só a baderna encontrava destaque nos setores onde, frequentemente se alicerçava a discórdia. O quadro apresentado nada mais era do que um cenário de indisciplina e desrespeito. Minha Pátria queria sobreviver, impor a ordem, dignificar o respeito à criatura humana.

Sentia o peso da responsabilidade que lhe cabia de manter incólume as glórias de sua tradição; de preservar a ação benemérita de seus antepassado, de defender o valioso patrimônio histórico de suas glórias, conquistadas através dos tempos, em longos anos de extremado sacrifício.

O panorama da época se mostrava entristecedor. Não se divisava entendimento. Eram feitos degradantes onde o ódio palmilhava à risca sua trilha nefanda.

O princípio de autoridade sucumbia de maneira deprimente, cedendo lugar aos abusos da ação licenciosa. Era um verdadeiro tumulto. Minha Pátria esteve à beira do abismo, seduzida sorrateiramente pelo engodo de falsos compatriotas, os famigerados do poder que, no intuito de conquistá-lo, se lançaram no mísero ridículo da hipocrisia.

A dignidade levemente ia decrescendo de valor, subestimada em detrimento da maldade, na preservação da imunda crueldade.

Só se falava em guerra, greve, revolta, na luta dos direitos forjados como justificativa de toda desordem.

A ordem e a justiça eram ridicularizadas em plena via pública numa projeção clamorosa que atingia as raias da traição. Era sem dúvida um quadro deprimente.

Minha Pátria dileta, cuja bandeira tremula altaneira em nossos mastros, nos quartéis, nos navios, nas escolas, nas Unidades de Fronteira, da mais próxima à mais distante, simboliza em nossos corações o amor arraigado pela Terra que nos viu nascer.

E quando ameaçada em sua soberania, nos estimula ao processo de uma réplica austera, como sinal de resposta ao insulto provocado. O grupo da veleidade se constituía de pequena facção e foi por isso que não teve condição de sobreviver, apesar da força aparente que manifestava ter.

Em boa hora surgiu a Revolução de 31 de março de 1964, que teve como sustentáculo básico a mão redentora da Divina Providência, permitindo que as Forças Armadas, alicerçadas em homens de bem e de caráter elevado, assumissem as rédeas do poder e salvaguardassem e integridade de nossa Pátria, cuja soberania esteve seriamente comprometida.

São decorridos onze anos. Hoje, em todos os quadrantes do Brasil, comemora-se esta maravilhosa data que representa o repúdio e extermínio à essa grande chaga do totalitarismo que tentarem lançar no coração da nossa sacrossanta Nação, batizada que foi com o nome de Terra de Santa Cruz.

Brasileiros fieis que somos, ainda miramos espantados os perigos porque passamos e nos rejubilamos com o evento da grande data, que nos restituiu a paz, e confiança e a tranquilidade de vivermos numa terra ordeira, onde se cultiva o amor, atributo legado de nossos antepassados. No momento preciso, saberemos sempre nos defender com denodo, espírito da brasilidade e alma verdadeiramente patriótica.

Ten Saraiva



1966 - ANO 13 - Nº 66
13 de março de 1966
100 mil exemplares
Distribuição gratuita
Cada número custa 100 mil
R\$ 100

JORNAL DO BRASIL

Em circulação em Brasília, 30 de março de 1966

ANO 13, Nº 66

Passeata de 500 mil em São Paulo defende o regime

A passeata de 500 mil pessoas em São Paulo, realizada no domingo, 13 de março, foi a maior manifestação popular em defesa do regime militar brasileiro desde a sua instauração em 1964. O ato reuniu milhares de estudantes, trabalhadores e cidadãos comuns em uma demonstração de apoio ao governo federal.

A passeata foi organizada por um comitê de apoio ao regime, formado por representantes de diversas instituições e movimentos sociais. O ato ocorreu em um domingo de manhã, com o sol brilhando sobre a cidade.

MANIFESTAÇÃO NA PRAÇA



1. Fica a Via Paulista para desfilarem as multidões que comemoram os combates de Anápolis de 1964.

Uma manifestação pública de apoio ao regime militar brasileiro, realizada em São Paulo, no domingo, 13 de março, reuniu cerca de 500 mil pessoas em uma passeata em defesa do governo federal.

A passeata foi organizada por um comitê de apoio ao regime, formado por representantes de diversas instituições e movimentos sociais. O ato ocorreu em um domingo de manhã, com o sol brilhando sobre a cidade.

A passeata foi organizada por um comitê de apoio ao regime, formado por representantes de diversas instituições e movimentos sociais. O ato ocorreu em um domingo de manhã, com o sol brilhando sobre a cidade.

Fala de Dutra tem apoio generalizado

A fala do presidente Juscelino Kubitschek em defesa do regime militar brasileiro, realizada em Brasília, no domingo, 13 de março, recebeu o apoio generalizado da população brasileira.

A fala do presidente Juscelino Kubitschek em defesa do regime militar brasileiro, realizada em Brasília, no domingo, 13 de março, recebeu o apoio generalizado da população brasileira.

A fala do presidente Juscelino Kubitschek em defesa do regime militar brasileiro, realizada em Brasília, no domingo, 13 de março, recebeu o apoio generalizado da população brasileira.

Bom manifestação no Brasil, diz o irmão

O irmão do presidente Juscelino Kubitschek, o general Humberto de Alencar Castelo Branco, afirmou que a manifestação realizada em São Paulo, no domingo, 13 de março, foi uma excelente demonstração de apoio ao regime militar brasileiro.

Governo em nova pressão ao Congresso

O governo federal está exercendo nova pressão sobre o Congresso Nacional para a aprovação de medidas que fortaleçam o regime militar brasileiro.

O governo federal está exercendo nova pressão sobre o Congresso Nacional para a aprovação de medidas que fortaleçam o regime militar brasileiro.

O governo federal está exercendo nova pressão sobre o Congresso Nacional para a aprovação de medidas que fortaleçam o regime militar brasileiro.

Greve na comunicação continua

A greve dos funcionários da comunicação brasileira continua, afetando o funcionamento normal dos serviços de rádio e televisão.

UDN denuncia tendências totalitárias

A União Democrática Nacionalista (UDN) denunciou as tendências totalitárias que, segundo o partido, estão presentes no regime militar brasileiro.

A União Democrática Nacionalista (UDN) denunciou as tendências totalitárias que, segundo o partido, estão presentes no regime militar brasileiro.

A União Democrática Nacionalista (UDN) denunciou as tendências totalitárias que, segundo o partido, estão presentes no regime militar brasileiro.

Anos de "lockout" no litoral

Os anos de "lockout" no litoral brasileiro foram caracterizados por uma situação de tensão e instabilidade política.

OS PRINCIPAIS DESTAQUES DO DIÁRIO

Preço: R\$ 1,00
 Anual: R\$ 12,00
 Semestral: R\$ 6,00
 Trimestral: R\$ 3,00
 Mensal: R\$ 1,00
 Distribuição: em todo o Brasil
 e no exterior

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Segunda, 3 de abril de 1964
 ANO LXXIII — Nº 18

Circulação: 1.000.000
 Impressão: 1.000.000
 Redação: Rua do Ouvidor, 11
 Caixa Postal 1000
 Rio de Janeiro, RJ

GOULART TOMA RUMO DESCONHECIDO E O BRASIL VOLTA À NORMALIDADE

A GRANDE MARCA



2. Avenida Rio Branco (de esquerda, de cima a baixo, por cima do edifício) pouco antes do fim do ano

José Goulart e a família...
 O Brasil volta à normalidade...
 O Brasil volta à normalidade...
 O Brasil volta à normalidade...

Festa da vitória leva às ruas 1 milhão de pessoas

A vitória da Revolução...
 Um milhão de pessoas...
 A vitória da Revolução...

Ao Congresso

O Congresso...
 O Congresso...
 O Congresso...

O Congresso...
 O Congresso...
 O Congresso...

O ENRIQUE



11. José Goulart diante de filia acompanhada de parentes próximos

Publicado em 14 de Abril de 1964, às 17h30. Preço de venda: R\$ 0,20. Preço de assinatura: R\$ 1,00 por mês. Endereço: Rua do Ouvidor, 10, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: 222.2222.

JORNAL DO BRASIL

Diário de Notícias - Fundação em 24 de Abril de 1946

ANO XXXIV - Nº 87

Deficit vai a um trilhão e meio, diz Ranieri Mazzilli

... A falta de recursos para a manutenção das atividades do Poder Judiciário, a falta de pessoal qualificado, a falta de meios para a realização das atividades do Poder Judiciário, a falta de recursos para a manutenção das atividades do Poder Judiciário...

Assembleia quer eleger novo Vice

A Assembleia Constituinte decidiu, em sessão realizada ontem, eleger o Sr. Ranieri Mazzilli como Vice-Presidente da República, substituindo o Sr. João Goulart.

DESPENSA



O General Carlos Drummond de Azevedo em reunião de trabalho.

O Sr. Ranieri Mazzilli anunciou ontem a reunião da Assembleia Constituinte para discutir o projeto de lei que cria o cargo de Vice-Presidente da República.

O Presidente da República anunciou a reunião da Assembleia Constituinte para discutir o projeto de lei que cria o cargo de Vice-Presidente da República.

O Sr. Ranieri Mazzilli anunciou a reunião da Assembleia Constituinte para discutir o projeto de lei que cria o cargo de Vice-Presidente da República.

O Sr. Ranieri Mazzilli anunciou a reunião da Assembleia Constituinte para discutir o projeto de lei que cria o cargo de Vice-Presidente da República.

Desmentida a morte de Kneusechv

O Sr. Kneusechv não morreu, como se dizia anteriormente. Ele está atualmente em um hospital em Moscou.

ACRÉDITO E RESERVA

... A situação financeira do Brasil, a falta de recursos para a manutenção das atividades do Poder Judiciário, a falta de pessoal qualificado, a falta de meios para a realização das atividades do Poder Judiciário...

Castelo Branco vai formar Ministério eclético

Câmara adaptará Regimento

A Câmara dos Deputados vai adaptar seu regimento para permitir a formação de um ministério eclético.



O General Castello Branco em reunião com o Sr. José Diniz.

O Sr. Castello Branco anunciou a formação de um ministério eclético, incluindo membros de diferentes partidos políticos.

O Sr. Castello Branco anunciou a formação de um ministério eclético, incluindo membros de diferentes partidos políticos.

O Sr. Castello Branco anunciou a formação de um ministério eclético, incluindo membros de diferentes partidos políticos.

Americanos mandam 2 para a Lua

Os Estados Unidos mandaram dois astronautas para a Lua em uma missão de exploração espacial.

URSS reconhece dificuldades do comunismo

Suspensão de vez curtos de energia

A URSS reconhece as dificuldades do comunismo e suspende a suspensão de vez curtos de energia.

Cassação de Fostado não agrada EEA

A cassação de Fostado não agrada a EEA, que considera a decisão injusta.

Revolução mantém tudo a operário

A revolução mantém tudo a operário, garantindo seus direitos e benefícios.

Rissa do Vaara pede ser preso

A rissa do Vaara pede ser preso, devido a suas ações criminosas.

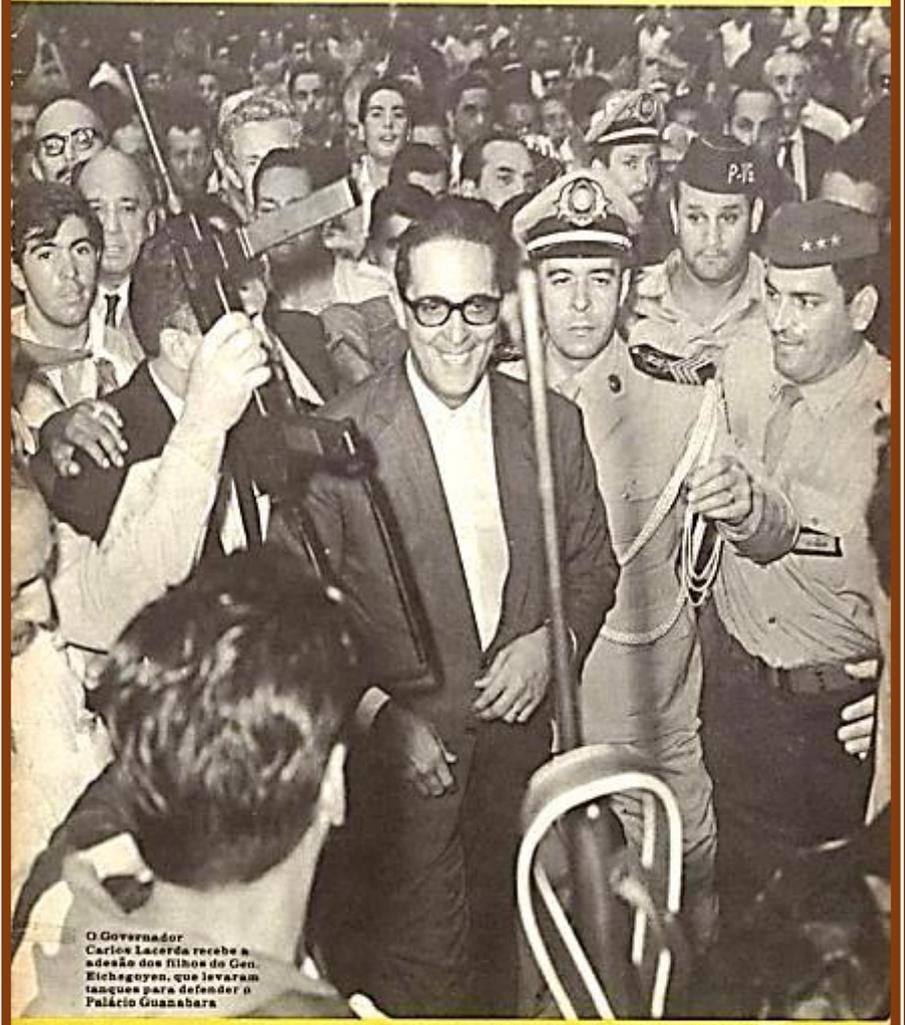
Comando apura ação de Goulart

O comando apura a ação de Goulart, investigando suas atividades durante o período de governo.

... A situação financeira do Brasil, a falta de recursos para a manutenção das atividades do Poder Judiciário, a falta de pessoal qualificado, a falta de meios para a realização das atividades do Poder Judiciário...

Manchete

EXTRA



O Governador Carlos Lacerda recebe a adesão dos filhos do Gen. Eichsguyen, que levaram tanques para defender o Palácio Guanabara

AS FOTOS DA REVOLUÇÃO

Imagem 17 - Revista Manchete nº 625, 11.04.1964

Manchete
HISTÓRICA



Jango chegou à base com os Srs. Eugênio Celind, Raul Rylf, Gen. Assis Brasil e mais três oficiais. Na fotografia de todos há-se a tampa da momenta.



JANGO DEIXA O RIO

As 17h50m de quarta-feira, 1.º de abril, os soldados da base aérea de Santa Damaris, no Rio, visam o automóvel negro do Presidente João Goulart penetrar lentamente no pátio da rua nº 10 da FAB. Os oficiais de sua esquadra o chegado de Jango, anunciada desde as nove horas da manhã, e os motores do Viscount logo começaram a roncar. Destino comunicado: Brasília. Jango falou com alguns assistentes e subiu a bordo. O avião saiu no momento.

SEGUE

Imagem 18 – Revista Manchete nº 625, 11.04.1964



★ Waimiri-Atroari, uma de Nossas Preocupações ★



O 6º BEC prossegue em seu ritmo dinâmico, de trabalho ativo, corrido e acelerado. Há uma pressa generalizada em todas as atividades: o fim do ano está próximo, e os dias esplêndidos de verão redobrarão o nosso entusiasmo em produzir mais. A 1ª Companhia de Engenharia de Construção, o Destacamento Sul, está atuando na região do Rio Alalaú: divisa do Estado do Amazonas com o Território de Roraima, em plena área dos silvícolas Waimiri-Atroari, que tem sido até hoje um dos grandes obstáculos ao prosseguimento dos trabalhos.

Depois dos episódios dramáticos e cruéis, em que várias vidas foram sacrificadas pelos temíveis Índios, agora, pelos fatos recentes ocorridos na linha de frente, indicam que os silvícolas, tomaram a iniciativa de manter contatos amistosos, talvez como prelúdio de uma convivência mais pacífica.



★ Um Contato Breve e Amistoso ★

No dia 08.10.1975, por volta das 13h00, no KM 240, na direção Manaus-Caracarái, a turma de desmatamento foi surpreendida com o aparecimento repentino

de Índios Atroari, que surgiram da selva desarmados carregando cestos com bananas, pupunhas e cana de açúcar; se mostravam muito nervosos e apreensivos, num estado psicológico de muita intranquilidade e até certo ponto desconcertante.

Depois dos primeiros contatos com o pessoal da linha frente, retornaram à mata e, logo a seguir, apareceram mais 04 Índios, todos desarmados, conduzindo às costas jamaxis cheios de frutas silvestres.

O Chefe do Grupo foi identificado como filho do Cacique Comprido. Eram dois adultos, 01 garoto de aproximadamente 10 anos e 02 de 14 anos. Os 02 primeiros foram reconhecidos, pelo pessoal da linha de frente, como sendo os mesmos que vieram no encontro do dia 14 de agosto passado.

O garoto de dez anos apresentava um ferimento no pé direito, resultante da mordida de um porco selvagem, que foi prontamente atendido pelo enfermeiro do acampamento, que lhe fez o curativo devido.

O receio dos silvícolas foi desaparecendo na medida em que se prolongava o contato com o pessoal do Acampamento. E, como estavam famintos, almoçaram com a equipe de limpeza. Queriam mais comida, sal, açúcar, redes [maquera]. Retornaram à selva prometendo voltar dois dias depois.



*** Novo Contato com os Índios WA ***

Os silvícolas, cumprindo a promessa que fizeram, regressaram ao trecho em construção da BR-174, na zona de ação da 1ª Cia E Cnst, no Destacamento Sul, às 15h00 do dia 12 de outubro.

O evento ocorreu na manhã de domingo e os Atroari que numa coincidência talvez, querendo homenagear o "Dia da Criança", trouxeram em sua equipe 03 crianças, para mostrar-lhes o mundo civilizado que desconheciam, portando frutas silvestres diversas, arcs e flechas. O filho do Capitão Comprido também fazia parte desse grupo e há quem diga que a equipe era liderada pelo Tuchaua Ponta de Lança que mostrava para os curumins [crianças] o "caminhão" [estrada]. Ponta de Lança era Capitão de outra maloca, que aproveitou a oportunidade e também nos visitou.

Esses Indígenas residem à margem direita da estrada a aproximadamente 4.000 metros do eixo e foram atraídos pelo barulho das máquinas da equipe de limpeza, que segue logo após a equipe de desmatamento.

Era meio-dia de domingo e as turmas regressavam dos diferentes locais de trabalho, bueiros, caminhos de serviço, desmatamento das baixadas de igapós etc, para o almoço e aproveitar a tarde desse dia para folga merecida e alguns afazeres pessoais. O Tenente de serviço, na linha de frente, tomou a iniciativa de transportar em caminhão esses silvícolas acompanhados de alguns elementos da FUNAI até o acampamento provisório do KM 297, onde foram efetuadas as trocas de brindes.

Naquele acampamento, 05 Índios dos mais velhos e 03 crianças, apavorados com o número de trabalhadores que se acercou do local, se evadiram bruscamente em direção à selva.

Os demais silvícolas permaneceram no acampamento por cerca de uma hora, aproximadamente, na troca amistosa de presentes. Depois retornaram no mesmo caminhão para a linha de frente, de onde seguiram

pela mesma trilha para suas malocas e prometeram retornar dentro de 03 dias. O aborígene Atroari já olha a equipe bequiana como "Baré" [amiga, bacana, legal, boa] e é através da troca de presentes e abraços, fato que se renova a cada encontro que ele procura comprovar essa amizade que se estreita a cada dia que passa. Ainda no desenrolar destes acontecimentos, registramos dois diálogos entre militares e os visitantes. Um dos silvícolas da segunda equipe perguntou ao Cabo Teles:

- *Caminzão, pra onde?*

Ao que o Cabo respondeu:

- *Pra Boa Vista.*

O Índio voltou a falar, dizendo num português bem ruim:

- *Boa Vista, marupá [ruim, não é amiga].*

Na última visita, um dos militares presentes perguntou a cada um dos visitantes:

- *Cadê Maria?*

E cada um respondeu:

- *Maria, não.*

Foi, então a vez de um silvícola indagar do militar.

- *E Maria?*

E o militar respondeu:

- *Maria longe, Manaus.*

E o Índio retrucou:

- *Manaus, bom, muita Maria.*

Desta forma, pelo desenrolar dos acontecimentos, acreditamos que dentro em breve, iremos vencer mais uma das grandes dificuldades que se antepuseram na dura e espinhosa caminhada de nossa vibrante jornada.



Durante um dos trajetos do Alalaú até a clareira, a equipe sobrevoou o Posto de Atração FUNAI, no KM 310, e por coincidência se deparou com grupo de seis Índios Atroari trocando presentes com os elementos que ali se achavam no momento. Aproveitando a oportunidades foi feito pouso para fotografar e filmar os silvícolas.

Os mesmos não se assustaram com o barulho do helicóptero e ficaram muito contentes em “*posar*” para os tripulantes, houve uma verdadeira confraternização entre os Índios, elementos da FUNAI e funcionários do Batalhão, provando assim, um relacionamento cada vez maior e diminuindo a rivalidade tão agressiva dos moradores da selva, que tantas marcas lamentavelmente tem deixado no desenvolvimento da nossa missão. [...]





★ Notícias do Batalhão ★
★ Jauaperi Ultrapassado ★



Primeiro foi a equipe de desmatamento mecânico, que, no dia 21.03.1975, ultrapassou sem muitas delongas para nos deixar cheios de ansiosa expectativa o "Rio Jauaperi".

Depois foi a vez do "Trairi", atingido no dia 23.10.1975 que ficou rapidamente para trás, e conseqüentemente visado está o "Rio Branquinho", mito que deixará de existir logo mais...

Parabéns à toda equipe, pois apesar da necessidade do bem-estar dos seus lares, fazem a força, unificada, transformar-se em grande serviço de derrubada das árvores de tamanhos descomunais, para acontecer o encontro alegre, que está previsto e esperado por todos do Destacamento Norte, 6º BEC e aos observadores, na "reta de chegada já bem próxima".

Na parte recuada, do desmatamento, segue a turma que vai disputando com barro, areia, pedra, piçarra, chapas metálicas, madeira e tudo enfim, pedindo lançamentos de bueiros e tudo mais que é necessário para irem mais rápido ainda.

A turma de terraplenagem que também não só ultrapassou o "Jauaperi" no dia 03 de novembro próximo passado a 430.900 metros da Capital Amazonense, como conseguiu a melhor produção, do ano de 1975, com 460.060 metros cúbicos de material escavado e lançado no eixo da estrada.

Com o famoso "Jauaperi" à retaguarda, seguem agora, a passos largos, em direção ao "Trairi", ansiosos, desde já pela chegada do Natal e com a acolhida sonhada em seus, nossos, de todos os lares na cidade. Entretanto, o "Trairi" fica próximo agora. Em frente companheiros, pois que estamos perto do objetivo – "CONCLUSÃO da BR-174", fator que impulsionará o progresso de Roraima.



*** Homenagem a João Morais ***

*** Flecha Atroari Impede a Marcha de Morais ***

O fatídico incidente ocorreu em plena selva Amazônica, já no Território de Roraima, no trecho considerado reserva Indígena. Na época foi manchete em todos os jornais do País e agora, passado um ano, vamos reviver o fato para prestar ao João Morais a homenagem que ele bem merece.

A tragédia se deu a 17.11.1974, era cedo ainda quando Morais saía para caçar, uma vez que ele era uma das molas mestras da firma Clodan Nunes, responsável pelo desmatamento manual da BR-174.

Por volta das 10h00, ouviu-se o estampido de arma de fogo ecoar pela floresta sombria. Depois voltou o silêncio, a calma, a tranquilidade. Só a mata com seus pássaros buliçosos e alegres, mais o farfalhar das folhas e o balouçar das flores silvestres enchem o ar com aquele aroma peculiar da selva.

Quando do retorno ao acampamento, seus companheiros notaram a sua ausência. Julgaram-no perdido, apesar do conhecimento profundo da região.

Combinaram-se e partiram para o tronco de uma grande árvore [Sucuubeira] onde com machado dariam batidas diversas para que pelo eco, pudessem ajudar o amigo retornar ao acampamento.

Dos três trabalhadores, um só ficou e quando a dupla se aproximava da árvore em mira, foi atacada e trucidada pelos Atroari. Com a algazarra dos Indígenas, o outro trabalhador saiu para ver o que se passava e, diante do horrendo espetáculo que assistiu, fugiu apavorado em direção ao acampamento do BEC, onde relatou a ocorrência.

O trágico acontecimento se deu no local onde hoje está plantada a estaca 1.125 [quilômetro 22,5 do trecho Alalaú-Branquinho]. Ao tomar conhecimento do fato, a equipe de busca do Destacamento Sul, adentrou à selva no intuito de localizar algum sobrevivente ou os cadáveres.

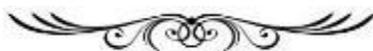
Os dois trabalhadores foram localizados, mas, o cadáver de João Morais não foi encontrado.

Hoje, a BR-174, como uma gigantesca sucuri serpenteia a selva Amazônica como a exibir o seu lombo vermelho da piçarra, às vésperas do encontro acalentado por séculos nos seios amazônidas, mormente, o roraimense.

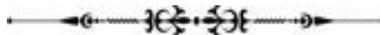
Esse encontro deixará de ser um sonho para tornar-se a realidade da década. Mas, antes que isso acontecesse era necessário que muitas e preciosas, vidas fossem sacrificadas, muitas lágrimas fossem derramadas, muitas noites mal dormidas, muito suor e sangue fosse derramado.

Era necessária coragem, bravura e, sobretudo, amor à Pátria. Isso é natural dos grandes empreendimentos. Foi na Independência do Brasil, na Batalha do Riachuelo, na Tomada de Monte Castelo, na construção da Belém-Brasília, Transamazônica e assim, na construção da Perimetral Norte e BR-174, que interligará Roraima ao resto do gigantesco Brasil.

Nessa hora de satisfação para nós, queremos lembrar o João Morais que sem dúvida nenhuma deu a sua parcela de colaboração, pagou com a vida a ousadia de ir bem à frente da estrada da integração Manaus-Boa Vista e, em sua homenagem, que a ponte construída sobre o Igarapé do km 253 receberá o nome João Morais.



**★ Marcamos um Encontro com o Impossível
Para Vencê-lo ★**



Em 22 de dezembro de 1975, o 6º BEC concluiu o desmatamento da BR-174, com o encontro das duas frentes de serviço, aproximadamente sobre a linha do Equador, na altura do KM 362. A conclusão desse trabalho possibilita, pela primeira vez, a ligação, por via terrestre entre Boa Vista, capital do Território de Roraima e Manaus, através de uma rodovia de classe

pioneira, com 776 KM de extensão, dos quais 86 KM ora em caminho de serviço, construído ao longo da faixa desmatada de 70 m roubados à floresta.

Este significativo evento cresce de importância, e se constitui num verdadeiro feito heroico ao considerarmos que, no afã de concluir os trabalhos antes do Natal de 1975 antecipando-se aos prazos previstos as duas equipes de desmatamento mecânico, sob as chuvas dos últimos quilômetros, conseguiram o expressivo rendimento de 72 KM em apenas um mês de trabalho.

Fato interessante ocorreu nos últimos dias que precederam o histórico encontro. Simultaneamente com o avanço dos tratores derrubando a mata virgem, procedia-se o estudo de uma variante no Rio Branquinho.

A contagem regressiva indicava que no dia 18 de dezembro, faltavam apenas 07 KM para o fechamento; logo, verificou-se que houve engano da informação; a variante tinha alongado o traçado e na realidade faltavam 12 KM para se atingir o Rio Branquinho, meta da chegada das duas equipes de desmatamento mecânico.

Era quase impossível proceder-se a junção das duas frentes de serviço antes do Natal.

No dia 20.12.1975, o Destacamento Sul atingiu o Rio Branquinho e iniciou imediatamente a construção de uma "*pinguela*" para transpô-lo com suas máquinas. Nesse dia o Ten Cardoso Ramos, do Destacamento Norte venceu a pé, os últimos quilômetros de pântano e fez ligação com o Ten Cláudio do Destacamento Sul.

Juntos hastearam a Bandeira Nacional nas margens conquistadas do Rio Branquinho.

O tempo passou a ser ameaçador e pesadas chuvas fizeram subir águas do Rio, dificultando ainda mais a construção da ponte pinguela. O Cap Seabra, Cmt do Destacamento Norte, fez ligação com o Cmt do Batalhão e marcaram a data de 22 de dezembro, para o encontro impossível.

Rapidamente o Cmt do Destacamento Norte transmitiu a ordem ao Chefe da Equipe de Desmatamento Mecânico, Sgt Garcia:

- *Cumpra-se a previsão!*

Enquanto o Destacamento Sul, embora tenha sido o 1º a chegar ao lendário Rio Branquinho, permanecia imobilizado nas jornadas de 20 e 21, detido pela fúria desse Rio ainda não domado, redobram-se os esforços do Destacamento Norte, agora tendo à frente um imenso pântano de quase 05 km formado pelas últimas chuvas caídas.

No dia 21 dez, três tratores de lâmina do Destacamento Sul conseguiram transpor o Rio. Trabalhou-se dia e noite ininterruptamente quando na tarde de 22.12.1975, nas turmas dos Destacamentos Norte e Sul ouviu-se mais forte o ronco dos tratores.

Diante de nós tombou a última das grandes árvores, cujo estrondo concretizou finalmente, o desfecho da grande epopeia, como Éolo ⁽¹⁴⁾ que sacudiu nossas mentes de intensificadas vibrações depois de estabelecer a inscrição do epônimo ⁽¹⁵⁾ de quantos se imolaram na íngreme e exaustiva caminhada. Por fim, às 16h00, deu-se o tão esperado "encontro".

¹⁴ Éolo: deus dos ventos. (Hiram Reis)

¹⁵ Epônimo: palavra que significa dar ou emprestar seu nome próprio a um evento, regime, invento... (Hiram Reis)

Companheiros que vibraram no afã de incontrolável contentamento da vitória e se defrontaram com chavascas quase pântanos onde geralmente ficavam enraizadas ao terreno duas e às vezes três máquinas, mas sempre ajudadas por uma quarta, que lhes servia como tábua de salvação naqueles instantes quase angustiosos para o insofismável encontro, que se daria dali a horas...

Prosseguiram, vendo já as colunas de fumaça que as máquinas do Destacamento Sul levantavam ao derrubar cortar e forcejar em direção Norte, e isso dava uma sensação de saber-se necessário, pois na posteridade seria lembrado com bravura, já que a guerra, luta contra a natureza adversa havia vencido e isso fazia a todos que estavam presentes, sentir a euforia de verem por terra os primeiros a virem de Manaus até o nosso Território em veículos, coisa jamais conseguida antes...

Encontraram-se; pararam e olharam-se; operadores, chefes de equipes e, como duvidassem do feito, correram e abraçaram-se cheios de alegria, concretizando-se em seus lábios:

- *UFA! Vencemos companheiros!*

Passados os primeiros instantes onde a emoção tomou conta das palavras, mesmo cheios de lama em suas roupas, foi pedido o encontro das lâminas dos tratores do Norte com os do Sul, sempre irmanados pelo objetivo alcançado, e tiraram fotos debaixo da fina chuva que caía implacável desde há muitos dias.

O objetivo, inesperadamente conquistado, alenta-nos o propósito de prosseguir com a experiência conquistada, para a definitiva ligação de Manaus ao BV-8.

A Hileia intransponível chega finalmente ao término de sua inviolável penetração.

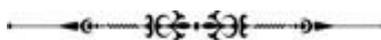
O último desvão do Território Nacional que ainda restava, ligado agora ao resto do País, demonstrando à Nação e ao Mundo que nos olha que o temeroso desafio fora sobejamente conquistado para, gáudio de todos os brasileiros, que neste momento nos rejuvilamos com a conquista do evento.

Nosso preito de gratidão, de reconhecimento e de saudade, àqueles que tombaram, no próprio campo de trabalho e que a posteridade não irá esquecer.

Foram 23 companheiros, de Germano Miranda a Severino Xavier Filho, verdadeiros lídimos da Engenharia Militar de Construção que tudo deram de si, à sua Pátria, até mesmo o sacrifício da própria vida. Aqui fica a nossa homenagem póstuma.



★ **Nosso Entrevistado** ★
★ **"O Cearense de Cedro"** ★



Estatura mediana, mãos calejadas e pele curtida pelo Sol do Equador, semblante alegre e conversa pausada, caracterizam o Cearense de Cedro, André Moreira Nunes, que apesar do seu corpo franzino, é como disse Euclides da Cunha, - "o sertanejo é, antes de tudo, um forte".

Chamado de "Pai André" pelos arredios Índios Atroari, o grande pioneiro e desbravador, iniciou seus trabalhos de desmatamento na Amazônia, no 5º BEC por ocasião da abertura da BR-364 e continuou no 6º BEC, a partir de 1973, sendo o encarregado de uma das turmas de desmatamento manual que atuou na frente Sul da BR-174.

Pioneiro da grande Rodovia viveu os mais diversos episódios e imprevistos impostos pela natureza da região inóspita da selva, destacando-se a passagem pela Reserva Indígena, como o problema mais extenso.

Sempre sorrindo, relatou passagens difíceis da sua tarefa, demonstrando grande tranquilidade.

– **André:** *iniciamos o trabalho de desmatamento manual no KM 86 até o Rio Jauaperi e foi justamente nesse trabalho, que tivemos o primeiro contato com os Índios Waimiri-Atroari, na ocasião da chegada ao Rio Alalaú.*

– **Repórter:** *qual a sua reação ao se deparar com uma tribo Indígena, você teve receio de prosseguir na missão ou continuou com esta tua maneira tranquila?*

– **André:** *bem, eu já estava prevenido de que iria encontrá-los e como deveria proceder, porém passaram-se dois dias e não, apareceram, o que indiretamente me forçou a realizar o primeiro encontro após o Massacre do Padre Calleri.*

Fui pela lógica do serviço, se tínhamos de enfrentá-los, tínhamos de achá-los. Não me causou nenhuma surpresa, apesar de ser um problema a mais, no desenvolvimento dos nossos trabalhos; considero-os um acontecimento secundário ante a grandeza e importância da nossa missão.

– **Repórter:** *que atitude você tomou para criar uma situação amistosa entre os silvícolas e o seu pessoal?*

- **André:** *foi muito fácil, levamos brindes e fiz-lhes um convite a visitar o nosso acampamento. Daí sucederam-se as visitas em caráter inteiramente amistoso, o que possibilitou prosseguirmos tranquilamente até alcançarmos o Rio Jauaperi, ponto de conclusão desse trabalho.*
- **Repórter:** *André, quando aconteceu e como você procedeu com o primeiro alarme de um provável massacre?*
- **André:** *justamente quando os trabalhos já alcançavam os 30 KM, após o Alalaú. Na ocasião, eu estava aqui na Sede e o Coronel Oliveira, Comandante do Batalhão na época, havia recebido um alarme de que os Índios atacariam o pessoal da topografia e solicitavam autorização para suspender os trabalhos. Tranquilizei o Comandante e retornei imediatamente pedindo-lhe apenas que ficasse em contato permanente comigo pela estação rádio do Batalhão. E tudo aconteceu como eu previra era apenas um alarme falso, um alvoroço sem nenhum significado. Apenas realizaram um dos seus costumeiros rituais. Dançavam entre batuques de tambores e gritos, em volta do pessoal da topografia. E conforme transcorria o festival, eu transmitia ao Comando e demais oficiais do 6º Batalhão, as ocorrências através do rádio.*
- **Repórter:** *quando realmente ocorreu o primeiro massacre e quais as causas que o provocaram?*
- **André:** *o Batalhão, por razões técnicas, modificou o traçado da rodovia, o que nos fez refazer todo o serviço de desmatamento manual a partir do Rio Abonari. E nesse trabalho, no dia 17 de novembro de 1974, aconteceu o primeiro massacre, onde lamentavelmente padeceram três funcionários da minha equipe de serviço.*

Como aconteceu no primeiro alarme, eu estava aqui na Sede e retornei imediatamente ao acampamento a fim de estudar um meio de encontrar e resgatar os corpos.

Os trabalhos foram paralisados, até segunda ordem, pelo General Fernando Belfort Bethlen, Comandante Militar da Amazônia, e somente após seis dias encontramos dois corpos completamente trucidados e em alto estado de putrefação.

O terceiro corpo do trabalhador João Moraes até hoje continua desaparecido. Quanto as causas não posso lhe dizer nada, pois não cheguei a nenhuma conclusão. Apenas o que pude constatar foi que alguém permaneceu guardando [vigilando] os corpos por dois ou três dias.

- **Repórter:** *e o que o levou a concluir isso?*
- **André:** *os vestígios deixados. Alguém armou uma espécie de acampamento provisório, com palhas de buriti, para proteger-se do Sol ou da chuva.*
- **Repórter:** *como você reagiu após o massacre?*
- **André:** *com mesma tranquilidade de antes, eles não me assustam. A minha reação foi de curiosidade, de observação e não de medo. Sempre me relacionei bem com eles e não consegui entender até hoje o porquê do massacre.*
- **Repórter:** *durante o contato com esses Índios você aprendeu a linguagem deles ou se entendiam apenas de forma mímica?*
- **André:** *a linguagem deles é uma repetição contínua, portanto, fácil de aprender. Eu mesmo forçava algum acontecimento, para provocar uma repetição, para ligar o que diziam com o que eu entendia.*

São dotados de uma grande inteligência e tem uma facilidade de memorizar e de reconhecer o valor das coisas o que muito me impressionou.

- **Repórter:** *Você pode citar algum exemplo da rapidez de memória e reconhecimento do valor que eles demonstraram para convencê-lo?*

– **André:** *a facilidade de memorizar reconheci pelo seguinte teste; juntei um grupo dos nossos funcionários, chamei um Índio e conforme apontava para cada um deles, dizia-lhe o nome. Afastei-me do grupo e chamei o mesmo Índio e disse-lhe:*

- Marcondes, cigarro mim [Marcondes, era um dos meus funcionários que foi vitimado num desastre de carro em setembro de 1975].

Ele foi até o Marcondes e disse-lhe:

- Pai André cigarro.

E, em seguida, entregou-me. Quanto ao reconhecimento do valor, foi muito fácil, logo entendê-lo. Uma vez queria conseguir uma rede Indígena feita de palha de buriti e em troca ofereci um pequeno brinde que eles recusaram, voltei no dia seguinte e levei-lhes uma rede das nossas e imediatamente aceitaram.

– **Repórter:** *essa passagem da Reserva Indígena que foi vencida tão heroicamente, você considera a sua grande realização nessa missão?*

– **André:** *não, não a considero como minha grande realização. Como já disse antes, o Índio é um fator secundário na minha tarefa. As duas grandes realizações foram:*

- 1ª Cruzamento dos dois tratores de lâminas no Rio Branquinho, ocorrido no dia 20.12.1975, que dependeu da construção de uma ponte tipo pinguela, onde foi necessário o trabalho de 4 dias e 4 noites sem dormir, para atingirmos o outro lado do Rio.
- 2ª Construção da Ponte de 130 metros sobre o Rio Abonari, sem apoio de rodovia.

Um dos encargos mais difíceis a mim confiado foi a construção, no KM 238, de uma pista de pouso onde tivemos de lançar todo o material necessário, inclusive rancho, através de um avião Cessna. Ainda na fase final de construção, tivemos que pousar naquela pista para retirar 02 operários doentes. Todavia, gosto de trabalhar na linha de frente e recomeçaria novamente, se necessário, fosse.

Além das grandes realizações citadas e das passagens difíceis que a selva lhe reservou, André teve as suas traquinagens e improvisações necessárias ao seu trabalho.

É o maior “*caroneiro*” do Destacamento Sul, não há viatura para Manaus ou avião para Boa Vista que ele não “*pirue*” uma vaga.

Seus meios de transporte são os mais diversificados. Para um bate-estaca, improvisou uma balsa, para uma serra, usou a cabeça dos peões e assim por diante.

E visando melhorar aqueles meios, comprou um jeep e para incentivar sua equipe, escreveu no para-choque dianteiro RUMO NORTE.

Mas, como não tem Serviço de Transporte Automóvel [STA] – oficina de equipamento, o seu jeep não resistiu às baixadas e, foi encontrado na região do encontro das duas frentes de serviço, sob uma castanheira, todo depenado, porém ostentando como símbolo, sua contribuição para a arrancada final que motivou a junção das duas equipes de desmatamento: RUMO NORTE.



★ Piada do André – Peão – D-155 ★

André retornava de Manaus, na carroceria alguns peões de volta ao trabalho, quando no KM 17 da BR-174, foi barrado pelo guarda da Patrulha Rodoviária, ocasião em que o seguinte diálogo foi mantido:

- **Guarda:** *o Sr. não pode conduzir pessoal na carroceria.*
- **André:** *Sr. guarda nós somos trabalhadores da estrada e retornamos para o serviço.*

- **Guarda:** *é, mas não pode.*

Nisso, um peão desce desconsolado e se dirige ao guarda.

- **Peão:** *Seu guarda, nós somos mesmo azarados, iguais ao D-155.*

O guarda não entendeu a comparação do peão, ficou atrapalhado e perguntou:

- **Guarda:** *D-155... azarado? por que rapaz?*
- **Peão:** *Olha seu guarda, nós somos do desmatamento manual da BR-174, abrimos esta estrada, do km 50 ao 360.*

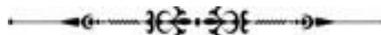
Fomos mordidos por cobra, picados por abelha, atacados pelos Índios e no fim de tudo, não podemos andar na estrada! Pois é, com o trator D-155 é a mesma coisa.

Ele derruba as árvores, constrói os aterros, abre os cortes e no fim de tudo, quando a, plataforma da estrada está pronta, só pode andar se for trepado na carreta.

É ou não muito azar seu guarda?



★ 6º BEC e os Waimiri-Atroari ★





Após o Massacre do Posto Abonari II em que pereceram o Sertanista Gilberto Pinto e mais 3 funcionários da FUNAI, os Índios Waimiri-Atroari permaneceram nas suas malocas, não mantendo nenhum contato com os elementos da FUNAI ou do 6º BEC, durante o 1º semestre de 1975.

Quando o desmatamento mecânico atingia o KM 280,8 ao Norte do Rio Alalaú, 10 Índios Atroari assustados e medrosos, porém armados de arcos e flechas estabeleceram o 1º contato do ano com a turma de desmatamento do 6º BEC em 14.08.1975.

Seguiram-se no decorrer deste ano e até março de 1976, 16 contatos de Índios Atroari com os trabalhadores e militares do 6º BEC e da FUNAI, e cuja sequência cronológica é a constante do documento anexo publicado no "O Pium" do mês de abril passado.

No entanto, até a presente data os Índios Waimiri, que habitam as cabeceiras do Abonari, continuam desaparecidos. Eles deverão voltar. É imprevisível saber qual deverá ser sua intenção se amistosa como a dos Atroari, ou se repetirão o massacre traiçoeiro de 29.12.1974.

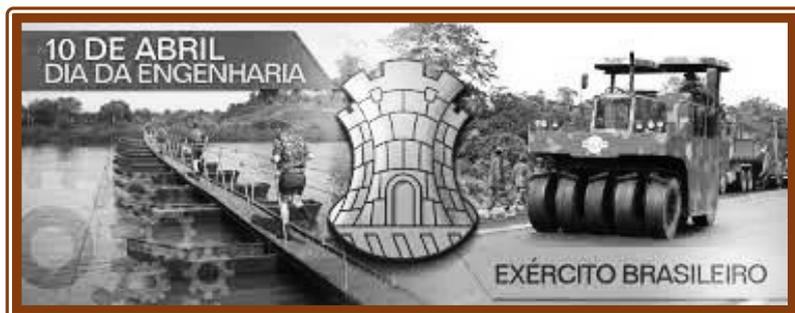
O ano de 1975 foi decisivo na atração dos arredios Índios Atroari. O 6º BEC cruzou a sua Reserva Indígena de Sul a Norte, com a preocupação única de implantar a estrada, tendo seus elementos, civis e militares, não se adentrado 01 metro sequer além da faixa de domínio da BR-174.

A iniciativa dos contatos foi deixada, por acertada tática, combinada com a FUNAI, à iniciativa dos silvícolas. Os 16 contatos amistosos de agosto de 1974 a março de 1976 é uma prova irrefutável de que o tratamento dispensado pelo Batalhão e FUNAI foi correto, que foram respeitados usos e costumes dessas tribos, que houve brandura no trato, que a confiança dos silvícolas no pessoal que “*invadia*” suas terras foi criada, em razão deles sentirem quais as verdadeiras intenções desses novos pioneiros, construtores de estradas e não predadores de Índios, ou destruidores da sua caça, pesca e das suas reservas alimentares, tais como: a pupunha, o patauá, a castanha, o cacau, etc.

O precioso legado deixado pelo Marechal Rondon aos nossos bravos sertanistas, traduzido na frase célebre: “*Morrer, se preciso for, matar, nunca*”; foi inteiramente seguida pelos soldados e civis do 6º BEC, que seguindo seus belos ensinamentos, prestaram relevantes serviços à causa Indígena.

Deixamos à FUNAI a missão da proteção e progressiva aculturação das tribos Waimiri-Atroari, após a BR-174 ser entregue ao tráfego e que ocorrerá no decorrer do ano de 1976, certo de que o ciclo de massacres e atrocidades por parte desses silvícolas, no passado se tenha encerrado.

Ten Cel Arruda



Vento Xucro
(Jayme Caetano Braun)

*[...] Antes tempos, nas tropeadas
Vento de sina haragana ⁽¹⁶⁾
Tirei muita lechiguana ⁽¹⁷⁾
E te peleguiei ⁽¹⁸⁾ de frente,
Quando furioso, inclemente,
Zunindo mesmo que bala
Levantavas poncho e pala
Gelando os ossos da gente!*

*Mas hoje, longe do campo
Metido dentro do povo
Para te escutar de novo
Só nalgum canto de rua,
Mesmo assim, vento Charrua,
Te juro que até este dia
Nunca escutei melodia
Mais crioula do que a tua!*

*E na última tropeada
Desta vida onde me abombo ⁽¹⁹⁾
Quero te sentir no lombo
Para afugentar as penas;
E mais um desejo, apenas,
Por último refrigério,
Sentir teu sopro gaudério
Me desmanchando as melenas!*

¹⁶ Haragano: diz-se do cavalo que dificilmente se deixa lidar. Mandrião, vadio, velhaco. (Hiram Reis)

¹⁷ Lechiguana: frio. (Hiram Reis)

¹⁸ Peleguiei: toureei com pelego. (Hiram Reis)

¹⁹ Abombo: extenuo. (Hiram Reis)

Cap Telmo Travassos de Azambuja

Verdades X Mentiras: O Exército Brasileiro na Construção da BR 174



A melhoria da infraestrutura fez parte das iniciativas para o desenvolvimento do País, no período de 1964 a 1984. A construção de rodovias como a BR-174, Manaus – Boa vista, com destaque para o trecho Caracaraí [RR] / Manaus [AM], possibilitando a ligação dos dois Estados, por inserir-se neste contexto, representou um passo importantíssimo para a consolidação da Rede Viária Sul-Americana e do Sistema Pan-Americano de Rodovias (Brasil, Venezuela, Uruguai, Argentina e Paraguai). Para que a BR-174 pudesse ser construída foi preciso criar, pelo Decreto Presidencial N° 63.184, em 27.08.1968, o 6° Batalhão de Engenharia de Construção, sediado em Boa Vista, RR. Posteriormente, em 1970, o DNER e o Exército Brasileiro assinaram convênio para que a BR-174 fosse construída. Tal ano é considerado o marco do início das ações efetivas para a construção da BR 174.

Cabe ressaltar que:

1. No cenário da época vigorava a chamada “*Guerra Fria*” [de 1947 a 1991], tendo de um lado a liderança dos Estados Unidos da América – defensor do capitalismo e da democracia – e de outro a liderança da URSS [União das Repúblicas Socialistas Soviéticas]

cas], defensora do socialismo e do comunismo. Aliados na Segunda Guerra Mundial, suas ideologias contrastantes segmentaram a liderança política, econômica e militar mundial no pós-guerra. Foi neste contexto que o Governo Brasileiro implantou projetos para segurança, integração e desenvolvimento da Amazônia, dentro de um planejamento geopolítico para a região, com base na doutrina de Segurança Nacional, com alinhamento ao capitalismo e à democracia;

- 2.** A ideia de construção de uma estrada nos moldes da BR-174 era antiga, tendo sido realizadas várias tentativas, todas sem sucesso: em 1847, em 1893 e em 1928. O ponto central deste desejo sempre foi a integração da Amazônia ao restante do País;
- 3.** Os Waimiri-Atroari na verdade são dois subgrupos de Índios, ambos do Grupo Kinja: os Waimiri, que na época da construção da BR-174 eram liderados pelo Tuxaua [Líder, Cacique ou Capitão] Maroaga, e os Atroari, então liderados pelo Tuxaua Comprido. A comunicação verbal destes grupos é a do ramo Caribe. Os Atroari foram considerados mais belicosos do que os Waimiri, talvez pela influência do temperamento de seu líder Comprido, mais jovem e sem a maturidade de Maroaga [na faixa dos sessenta anos de idade, na época]. Os grupos eram unidos, mesclados, sendo que a companheira de Comprido era filha de Maroaga.

É importante considerar que desde a segunda metade do século XIX a área por onde passaria a rodovia BR-174 serviu de palco para recorrentes conflitos entre os Índios Waimiri-Atroari e garimpeiros, caçadores, castanheiros, tartarugueiros e aventureiros de todo tipo, bem como com a Polícia Militar do Amazonas, esta especialmente atuante nos anos 60. A justificativa da PM do Amazonas de interferir no contato com os Waimiri-Atroari deveu-se à proximidade de algumas aldeias com a capital Manaus.

Em 1968 uma das mais conhecidas Expedições para consolidar a aproximação com os Índios Waimiri-Atroari dentro das iniciativas denominadas "*Frentes de Atração*", coordenadas pela FUNAI, que substituiu o SPI [Serviço de Proteção ao Índio], foi liderada pelo Padre e antropólogo italiano Giovanni Calleri. Onze pessoas fizeram parte de referida expedição, sendo que dez membros da Expedição foram mortos pelos Waimiri-Atroari, sem nenhuma chance de defesa.

O único sobrevivente foi o mateiro Álvaro Paulo da Silva, conhecido como Paulo Mineiro. Calleri foi alertado por Paulo Mineiro que em função do comportamento rude e teimoso com que estava lidando com os Índios havia uma ameaça à vida dos membros da Expedição. Apesar do aviso e da insistência do citado mateiro, Calleri não lhe deu a devida importância. Então, Paulo Mineiro decidiu abandonar a Expedição para salvar a sua vida. No dia em que Paulo Mineiro fugiu, todos os demais membros da Expedição foram mortos pelos Índios, alguns enquanto dormiam. Segundo relato de Paulo Mineiro, ele foi perseguido pelos Waimiri-Atroari ao longo de alguns dias. Somente logrou sobreviver por causa da sua inegável experiência e competência em lidar com a realidade da selva.

O sobrevivente Paulo Mineiro, no período em que estive comandando a construção do trecho da estrada pertinente ao Destacamento Norte, foi um dos mateiros com os quais eu contava. Tive a oportunidade única de ouvir dele mesmo, detalhes do ocorrido na Expedição Padre Calleri.

Lamentavelmente, após a minha saída, ele faleceu em decorrência de um acidente, quando prestava serviços de manutenção da estrada. Com ele se foi a memória dos detalhes do ocorrido no massacre dos membros da Expedição.

Durante a construção da BR-174 há evidências objetivas de 23 [vinte e três] mortes de colaboradores, sendo que 15 [quinze] delas foram decorrentes de ataques de emboscada pelos Waimiri-Atroari. Na área de responsabilidade do Destacamento Norte nunca revidamos, molestamos, ferimos ou matamos um Índio.

Nossos contatos com Índios e informações sobre eles eram sempre através da FUNAI. Nosso lema era o mesmo de Rondon: "morrer, se preciso for, matar, nunca". Nós é que estávamos cortando as terras que eles consideravam ser deles. A atuação da FUNAI ocorria apenas de forma pacífica, sem violência.

Outras iniciativas geradas pelas "*Frentes de Atração*", coordenadas pela FUNAI e seus sertanistas, tiveram sucesso, embora relativo, pois os Waimiri-Atroari tinham comportamento notoriamente ambíguo [momentos de aparente receptividade e outros com doses de agressividade]. Tal variação de conduta dos Waimiri-Atroari provavelmente foi consequência dos contatos e conflitos [segundo pesquisadores, desde 1856], com os invasores já citados no início deste texto.

A construção da BR 174, iniciada em 1970, marcou a efetiva presença do Exército Brasileiro numa área com histórico de conflitos, num ambiente hostil não gerado nem fomentado pelos militares. Tal cenário de atritos, com aproximações e tentativas de aproximação, por décadas, gerou sequelas para todos. As sequelas ocorreram, tanto no lado dos Índios quanto no lado de civis e militares, pelas mais diversas razões [conflitos físicos, mortes, doenças como gripe, malária e outras decorrentes da presença de estranhos no bioma natural da região]. Presenciei, numa das chegadas de um grupo de Waimiri-Atroari no posto da FUNAI na área do Destacamento Norte, em 1976, que vários Índios estavam com sarna, que pegaram de seus cachorros. É importante destacar que epidemias oriundas de contatos dos Índios com invasores de seu território já eram conhecidas há muito tempo. Por exemplo, há registros de que, em 1926, dezenas de Waimiri-Atroari morreram por causa de uma epidemia de gripe.

Apesar das conhecidas quinze perdas humanas causadas pelos Waimiri-Atroari ao longo da construção da BR-174, reitero que nenhum ataque aos Índios nem qualquer morte de um Índio ocorreu por ação do Destacamento Norte do 6º BECnst, Unidade que comandeiei com muito entusiasmo e energia. O Exército matou Índios durante a construção da BR-174?

É uma pergunta que precisa ser respondida por quem viveu a situação ou por quem analisa informações confiáveis, de forma isenta, e não por pessoas que teorizam sobre a questão. Com a autoridade de quem comandou o Destacamento Norte do 6º BECnst nos anos 1976 e 1977 [portanto, nos dois últimos anos de construção da BR-174] reafirmo que nenhum Índio foi morto por ação militar, em toda a área que cobrimos.

As mentiras em contraponto ao que afirmo são revoltantes, disseminadas por meios de comunicação viciados, por pessoas desinformadas ou ideologicamente fanatizadas, considerando apenas as versões que lhes convêm. Na enorme área que abrangeu minha participação na condução das atividades do Destacamento Norte eu asseguro que tratamos os Índios de maneira respeitosa, mesmo após termos sido agredidos. Antes de ocuparmos a Amazônia os Índios já estavam na terra que chamamos Brasil.

Na área e no período em que estive na liderança da construção da estrada, até a sua conclusão, dou meu testemunho de que a atuação do Exército foi digna, competente, honesta e altamente profissional. Orgulho-me deste período da minha vida. Vi subordinados adoecerem, alguns morrerem, outros superarem extremas dificuldades, tudo para o bem do Brasil e dentro dos princípios éticos, de cidadania, de patriotismo, de respeito ao próximo, de disciplina, que caracterizam a formação de qualquer militar. Eu também passei por momentos delicados, de grandes riscos e graças a Deus os superei. Trabalhamos vinte e quatro horas por dia, durante todos os anos da construção, equipes de dia e de noite, sem parar. Paradas apenas no período das chuvas torrenciais, que aproveitávamos para manutenção dos equipamentos, capacitação do pessoal e planejamentos. Nenhuma hora-extra ganhamos ou reivindicamos ao longo do nosso trabalho. O que ganhamos, dinheiro não compra. A conclusão da BR-174 ocorreu em 06 de abril de 1977, dia do histórico e inesquecível encontro entre as frentes Sul [Destacamento Sul, responsável pela construção no sentido Manaus – Boa Vista] e Norte [Destacamento Norte, responsável pela construção no sentido Boa Vista – Manaus] do 6ºBECnst.

Eu estava presente no local [km 356,4] deste encontro e não é possível transformar em palavras a sensação, o orgulho da missão cumprida, o sentimento de ter concluído um esforço de muitos anos, conquista de muitas pessoas. O resultado prático da construção da BR 174 nos leva aos seguintes fatos:

- 1.** Índios morreram, mas não por causa ou ação direta de militares do Exército Brasileiro. Pelo menos na área em que eu atuava isso nunca aconteceu;
- 2.** Dos 23 [vinte e três] mortos da equipe de construção, 15 [quinze] foram mortos de maneira covarde [emboscada] pelos Waimiri-Atroari;
- 3.** A integração por rodovia com o resto do Brasil e o desenvolvimento de Roraima, tornaram-se realidade;
- 4.** A magnitude da obra e a capacidade de superação técnica e física dos obstáculos enfrentados com sucesso, é motivo de orgulho para o Brasil, para o Exército Brasileiro como um todo e, particularmente, para a sua Engenharia e Logística [Intendência].

O momento atual pelo qual passa nosso País, também merece algumas considerações:

- 1.** Durante o período em que membros do Exército Brasileiro [EB] lideraram os rumos do Brasil, muito foi realizado, bastando buscar os registros do período, sendo que o principal objetivo [evitar que comunistas pró-Cuba e União Soviética destruíssem o Brasil] foi alcançado;

- 2.** Quando os militares tinham o poder de decisão em suas mãos, democraticamente, nunca se aproveitaram para elevar salários ou gerar benesses próprias. Os salários dos militares sempre foram baixos comparativamente com outros segmentos. Nenhum poderoso militar enriqueceu às custas do dinheiro do povo;
- 3.** De 1984 até o presente momento, os militares continuaram com baixos salários, sofreram grandes quedas em seus orçamentos e ainda passaram a ser tratados com desrespeito pelos ocupantes do poder;
- 4.** Está sendo alimentado pelos poderosos do momento, a maioria oriunda de grupos ideológicos ultrapassados, simpáticos a movimentos antidemocráticos e buscando interesses materiais próprios, um preconceito contra os militares e até retaliações;
- 5.** O povo brasileiro tem orgulho de suas Forças Armadas e boa parte sonha para que assumam novamente as rédeas da Nação, porém tal possibilidade está restrita à ação de intervenção dentro do que especifica o Artigo 142 da nossa Carta Magna;
- 6.** Mentiras são espalhadas, sistematicamente, para desmerecer o comportamento e os feitos do EB [seminários, jornais, filmes, novelas, programas de entrevistas, etc.] quase como um mantra, uma orquestração;
- 7.** Certas análises de valor e de versões dos fatos deixam de levar em conta o cenário, o contexto no período de construção da BR-

174, gerando conclusões distorcidas da realidade;

8. Testemunhos e informações coletadas são analisados e levados em conta desde que sirvam de justificativas para o demérito do Exército Brasileiro e do Governo daquela época.

O exposto neste texto tem por objetivo trazer uma parte da verdade à tona, tendo como foco a BR-174, particularmente quanto à atuação do Destacamento Norte do 6º BECnst, no período de 1976 e 1977.

Este meu testemunho é fundamental, neste momento em que se divulgam mentiras, do pós-verdade [*“post-truth”*, onde boatos ou versões apoiadas em apelos e crenças pessoais têm o mesmo peso em relação a fatos objetivos], do cinismo, da hipocrisia, das *“fake news”* [notícias falsas], de manipulações de dados e informações de todo tipo, visando interesses sórdidos de pessoas e grupos que assaltam a Nação sem nenhuma piedade com seu povo, tão deseducado para entender o quanto é manobrado, o quanto é incapaz de separar o joio do trigo.

Espero que um dia uma verdadeira *“Comissão da Verdade”* exponha para a Nação o fiel retrato do que ocorreu e do que está ocorrendo.

Rio de Janeiro – RJ, 01 de novembro de 2017

Telmo Travassos de Azambuja

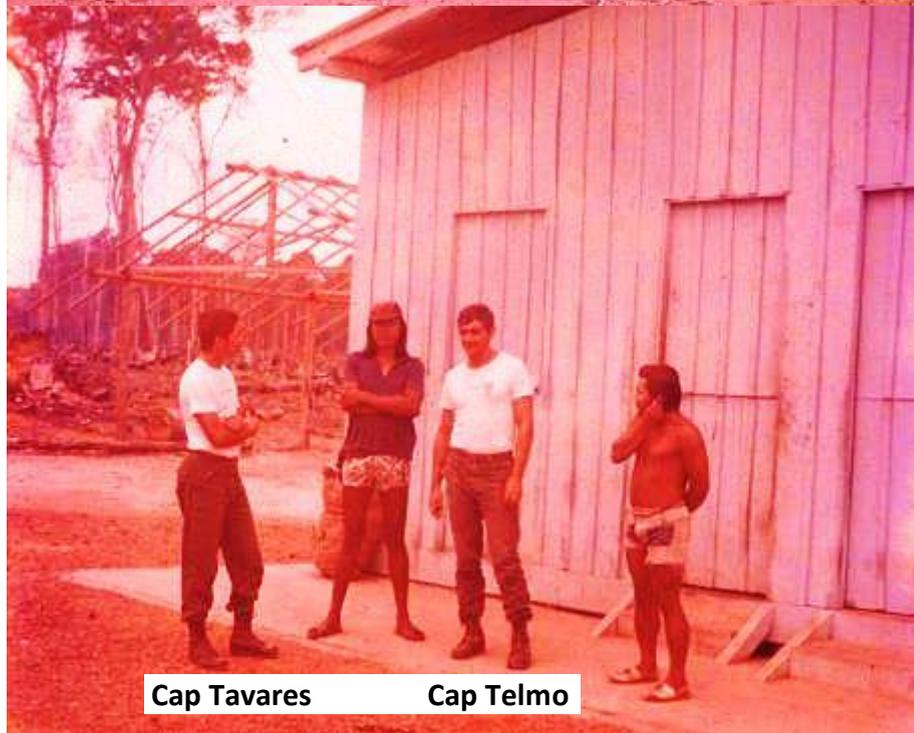




Imagem 19 – BR-174 (Telmo Travassos de Azambuja)



EST 1250 BR-174 KM 0,00
NÃO LIGAR NEM 15 DE NOVOEMBRO DE 1974
OS OPERÁRIOS JACÓ PEREIRA, JOSÉ PINHEIRO E
CLÁUDIO FORTES PERCECINI, VITÓRIOS MELLO
FLEURY DOS ANJOS, SÃO TEMPERANÇOES
PROVINCIAIS E COMENDADO TELMO A GON
VILTA
DO GRUPO DE DESENVOLVIMENTO MINERAL.



Cap Tavares **Cap Telmo**

Imagem 20 – BR-174 (Telmo Travassos de Azambuja)

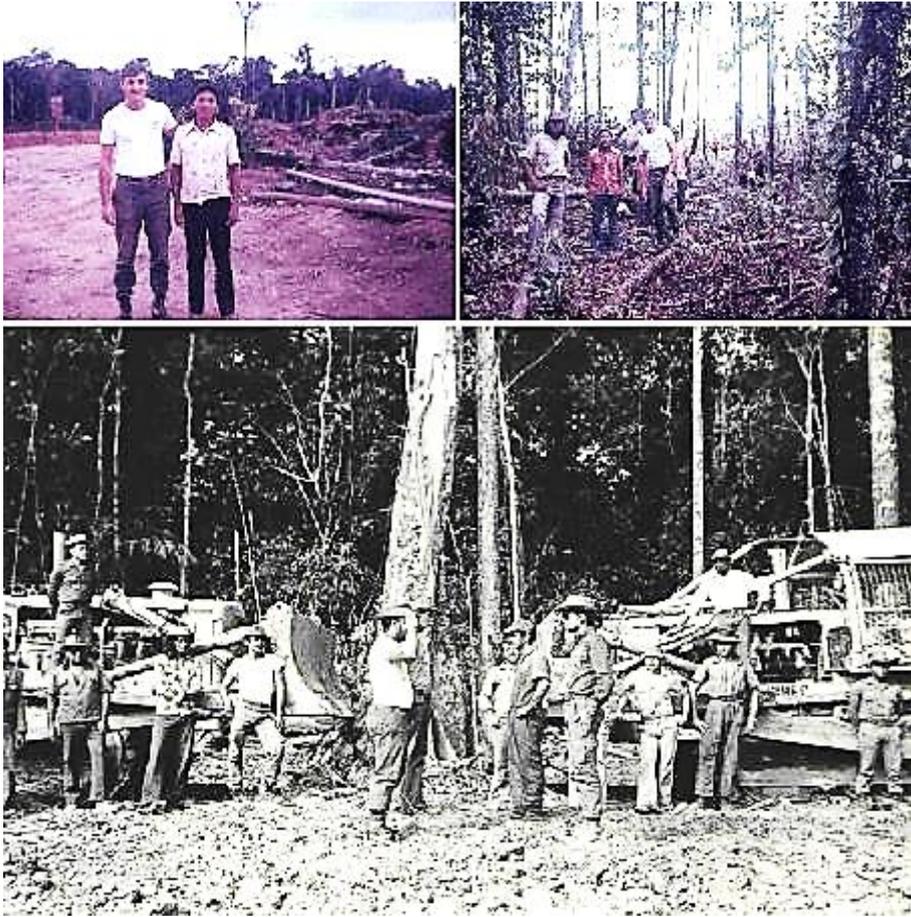


Imagem 21 – BR-174 (Telmo Travassos de Azambuja)

As duas fotos com os Índios Wai-Wai, merecem uma explicação:

Em 1976, quando estava inspecionando a parte já construída da BR-174, vi um grupo de Índios na borda da selva, próximo às margens da BR-174. Parei o carro e eles vieram até mim, amistosamente. Meu motorista era de origem Indígena (se chamava Aniceto / faleceu após 1977, num acidente com uma balsa na BR-174). Nem eu nem o Aniceto entendíamos o que falavam.

Após algum sucesso na comunicação corporal, coloquei uns oito Índios na caminhonete, três dentro da cabine e outros tantos na parte aberta de trás do veículo, comunicando que iria levá-los até um Posto da FUNAI. Demais Índios permaneceram na selva. Levei-os até o Posto da FUNAI, onde foram recebidos.

Segundo os funcionários da FUNAI houve um contato anterior entre a FUNAI e os Wai-Wai para ocuparem aquela área da selva próxima ao Posto. Por esta razão eles se deslocaram para o encontro. O Wai-Wai na foto comigo era o tuxaua dos Wai-Wai.

Chegando ao Posto eu passei apenas a observar os diálogos deles com o pessoal da FUNAI e acompanhei a apresentação inicial do local, na mata, pelo pessoal da FUNAI, onde os Wai-Wai analisaram o solo, a vegetação, se espalhando pela selva.

Após as fotos me retirei do local e voltei à BR-174 para a minha rotina. Soube, depois, pelo pessoal da FUNAI, que os Wai-Wai não gostaram da área e optaram por não ocupá-la. A ideia básica da FUNAI era que com a presença dos Wai-Wai (já com fortes laços com os brancos) naquela área a belicosidade dos Waimiri-Atroari diminuiria ⁽²⁰⁾.

Encontrei esta histórica (Imagem 21) que mostra, após a euforia do primeiro contato das frentes Norte e

²⁰ Nota: vários índios Wai-Wai estavam resfriados. Neste contato peguei uma gripe violenta e no dia seguinte tive que me deslocar com urgência para Boa Vista para tratamento médico. Diagnosticada pneumonia. Fiz tratamento forte por duas semanas e retornei para comandar o Destacamento Norte. Esta pneumonia, parcialmente curada, somente foi me deixar anos depois, por volta de 1984. Para você ter uma ideia do poder do vírus gripal oriundo de Indígenas. (Telmo Travassos de Azambuja)

Sul da BR-174, as lideranças presentes se cumprimentando em continência, para registro oficial do encontro, à margem da estrada. À direita da foto está o então 1º Tenente Eng Cardoso Ramos (representando o Destacamento Norte) e à esquerda (de camiseta branca) um militar (não sei quem é) representando o Destacamento Sul.

Note que os trabalhadores das frentes observam, com respeito, a saudação dos dois representantes, marcando a união das frentes pela importante etapa da missão, alcançada.

Eu cheguei à BR-174 em janeiro de 1976 e comandi o Destacamento Norte até a inauguração oficial da estrada, em abril de 1977. Com a minha chegada, em 1976, o Cardoso Ramos passou a ser meu principal colaborador. Ele foi promovido a Capitão em 1976, tendo continuado a ser meu principal colaborador no Destacamento Norte.

Dou meu testemunho do quanto ele foi importante na construção da BR-174, antes da minha chegada e depois me ajudando na condução da missão que recebi.

Acho que esta foto (com menção ao Marcos Cardoso Ramos), teu relato do primeiro encontro ficará completo ⁽²¹⁾.



²¹ Me surpreendi ao achar esta inacreditável foto. (Telmo Travassos de Azambuja)

Depoimento do Cap Telmo Travassos de Azambuja

Termo de Depoimento do Sr. Telmo Travassos de Azambuja

Aos 29 dias do mês de agosto de 2022, às 15h00 (Horário de Brasília), em audiência virtual, realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União dos autos da ação cívica Waimiri-Atroari nº 1001605-06.2017.4.01.3200, vamos iniciar a inquirição com o testemunho do Cap Eng Telmo Travassos de Azambuja. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu [trabalhou ou prestou serviço] no 6º Batalhão de Engenharia de Construção [6º BEC] em que período?

Resposta: Eu servi em 1976 e 1977. Para ser mais preciso, oficialmente eu entrei no dia 2 de março de 1976, saindo do CPOR de Recife, onde ajudei a formar 4 turmas de Oficiais da Reserva, e sai dia 17 de fevereiro de 1978. Eu falo de 1976 e 1977 porque, na verdade, no final do ano, eu me preparava para viajar.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: Logo que eu cheguei, fui destacado para o Destacamento Norte, responsável pela construção da BR-174 no sentido Caracarái-Manaus. O Destacamento Sul era o contrário Manaus-Caracarái. Mal cheguei já fui para a Selva e lá fiquei até fechamento da estrada.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos

massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Posto Alalaú I [no dia 29.12.1974]?

Resposta: Eu tomei conhecimento de maneira geral, sem a precisão de datas. Inclusive tenho uma foto, junto à estrada, com uma cruz com os nomes de alguns mortos pelos índios. Então eu tinha conhecimento ao entrar no Destacamento Norte e ao comandar comecei a juntar estas informações, não com precisão de datas, eu estava mais ligado à construção da estrada em si.

Pergunta: o Sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: Não era nosso papel contatos com os Índios, sendo tal responsabilidade da FUNAI. No entanto, em 1976, resolvi fazer uma visita ao Posto da FUNAI situado em nossa área. Ao chegar no Posto, por incrível coincidência, Índios Waimiri-Atroari surgiram de repente na estrada e foram até o Posto da FUNAI. Eram muitos Índios, incluindo mulheres, crianças e até cachorros. Os homens estavam armados com arco e flexa e outros instrumentos Indígenas. Creio que eram aproximadamente uns 30 Índios. Não eram poucos. Dentro de uma das salas do Posto houve uma aproximação maior entre mim e alguns Índios enquanto outros se comunicavam com os funcionários da FUNAI. Eram uns dois funcionários presentes no Posto. Eu tinha em minha cintura uma faca. Um dos Índios se aproximou de mim e tentou sacar a minha faca para ficar com ela. De maneira polida, mas firme, não permiti que ele se apoderasse da faca. Desviei a atenção dele para uma prateleira da FUNAI onde havia latas e pacotes com alimentos. Peguei alguns e dei a ele, em troca ele me deu uma flexa e outro instrumento [parecia um tipo de tacape, de tamanho

médio]. Passados alguns minutos um dos funcionários de FUNAI chegou até mim e disse:

É melhor o senhor e seu motorista saírem daqui, pois dá pra perceber que o Índio não gostou do senhor ter evitado que ele pegasse sua faca. Isso pode gerar uma agressão em todos. Eles estão em maioria, armados e são imprevisíveis.

Esperei alguns minutos e, com meu motorista soldado Aniceto [de origem Indígena, servindo ao EB], me retirei do local. Nenhuma notícia posterior recebi nem procurei saber sobre a visita dos Waimiri-Atroari.

Pergunta: o Sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6º BEC após a chegada do 1º BIS?

Resposta: Não, porque minha atuação era no Destacamento Norte e a partir do início de 1976. Nunca tive contato nem soube da presença do 1º BIS na região onde o Destacamento Norte atuava. O 1º BIS estava próximo do Destacamento Sul.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: Não, nunca aconteceu isso, nunca ouvi nada disso, mesmo porque este tipo de armamento não havia no local. Nós, militares da arma de engenharia, éramos concentrados na construção. Eventualmente tínhamos a tradição de levar as pistolas, uma faca, uma coisa assim porque o ambiente era hostil de animais e tudo mais.

Mas não tinha armamento desse tipo pesado aí, metralhadora, nem fuzis, isto é de uso militar, o FAL e coisas assim isso é fantasia.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu Índios serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Nunca, no período em que trabalhei na BR-174.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI ou do 6ºBECnst?

Resposta: Não, os únicos aviões que vieram foram os aviões que nós usávamos um Seneca ⁽²²⁾ e outro monomotor para o transporte de Boa Vista até o acampamento e, às vezes, do acampamento até Manaus. Era a única forma de trajeto que nós tínhamos. Estes eram os aviões que nós usávamos, nenhum outro avião eu vi passar por lá.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: Eu posso afirmar do período que estava lá. De 1976, bem no início do ano, até a conclusão da estrada a FUNAI se concentrava nos Postos dela em contatos que eu não acompanhava, eu não sabia como faziam. Tínhamos contato para a informação de algum fato ou alguma coisa, mas eu não acompanhava os trabalhos da FUNAI.

²² Piper Seneca: aeronave bimotor de pequeno porte, com capacidade para transportar um piloto e cinco passageiros. (Hiram Reis)

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os Indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: Nunca, mesmo porque da FUNAI, na área em que eu estava, eram sempre um ou dois funcionários, alguma coisa assim, raramente se houve mais de dois eu não acompanhei. Mas, geralmente era dois funcionários, um número insuficiente para adentrar a mata em busca de Índios. Isso é uma fantasia sem tamanho.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Não, eles tinham um temor e um cuidado só, mas tinham muita confiança pela calma que ultimamente estava no período em que estive lá não teve muita agitação deste tipo aí. E qualquer coisa que tivesse acontecido ninguém, absolutamente ninguém, ninguém mais do que eu saberia, eu era o número 1 em toda a área, tudo que acontecia eu tomava conhecimento, desde os mateiros até os militares eu tinha o controle de absolutamente tudo, toda informação era concentrada em mim e repassada para o Batalhão e para quem quisesse, é impossível alguém saber mais do que eu neste período.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Que contatos e relações com os Índios eram de responsabilidade da FUNAI e que nunca deveríamos agir de forma agressiva com eles no caso de algum eventual encontro, mesmo quando agredidos não revindicarmos como ato de vingança. Nestes casos, imediatamente deveríamos acionar o Posto da FUNAI mais próximo.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Em 1976, recebemos por volta de uns 10 Cadetes chilenos, da Academia Militar do Chile, que passaram um período conosco lá. Foram muito bem recebidos, acompanharam as obras e ficaram encantados com a selva amazônica e com a qualidade e intensidade dos nossos trabalhos, não tiveram nenhum contato com os Índios e de coisa nenhuma, mesmo porque não era o assunto predominante do nosso trabalho.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual o comportamento da mídia, em geral, às ações Governo Nacional no período chamado Regime Militar?

Resposta: Bem eu posso falar de antes e durante o meu período na BR-174. Na BR-174, eu praticamente ficava muito isolado a não ser quando ia para Boa Vista, na sede, ou então a Manaus. A concentração era muito forte no trabalho e não tínhamos assim essa oportunidade de ficar vendo o que estava saindo na mídia, mas antes de eu chegar, como eu disse fiquei 4 anos em Recife, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, a mídia toda era favorável, eu vivia isso intensamente numa capital de renome, como Recife. Totalmente favorável, nada maculando a atuação do Exército. Depois que eu sai, também no período da EsAO, sempre foi uma visão de uma interpretação de que o que o Exército fez era necessário.

Pergunta: o Sr. Não acha que qualquer ataque perpetrado pelas Forças armadas, no final da década de 60 e 70 seria amplamente explorado pela mídia?

Resposta: Eu acho que sim, tudo que era informação convinha para um lado e para o outro, oficialmente ou

não oficialmente, todo mundo sabia de tudo.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: O meu comentário é muito individual, depois que eu sai da ativa do Exército eu participei de muitos eventos no Brasil inteiro, conheço o Brasil inteiro, sou consultor na área de gestão, tenho um currículo bem farto e me revoltou algumas vezes, entrando na internet, vendo algumas besteiras ditas em alguns sites, e em dois que eu entrei, desdizendo, me revoltei tanto com mentiras ditas na construção da estrada, e eu entrei e questionei – olha quem está falando aqui é quem esteve lá e o que está dizendo aí é uma besteira, para o dono do site não é, então por duas vezes a resposta é de que o site ficou mudo. O que eu vi assim foi gente falando sem a mínima noção da realidade por motivos sei lá, que interesses ou objetivos que estão por trás aí. Eu sempre procuro falar com quem esteve no local, ou estudou muito e foi atrás de informações verídicas para comentar. Então me revoltei muitas vezes com notícias aleatoriamente que eu entrava na internet e via absurdos e até hoje ainda tem.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado dou por encerrado o Presente depoimento à 15h17 (Horário de Brasília).

Depoente: Cap Telmo Travassos de Azambuja

Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)

Vida **(Augusto Branco)**

Já perdoei erros quase imperdoáveis, tentei substituir pessoas insubstituíveis e esquecer pessoas inesquecíveis. Já fiz coisas por impulso, já me decepcionei com pessoas que eu nunca pensei que iriam me decepcionar, mas também já decepcionei alguém. Já abracei pra proteger, já dei risada quando não podia, fiz amigos eternos, e amigos que eu nunca mais vi.

Amei e fui amado, mas também já fui rejeitado, fui amado e não amei. Já gritei e pulei de tanta felicidade, já vivi de amor e fiz juras eternas, e quebrei a cara muitas vezes! Já chorei ouvindo música e vendo fotos, já liguei só para escutar uma voz, me apaixonei por um sorriso, já pensei que fosse morrer de tanta saudade e tive medo de perder alguém especial [e acabei perdendo].

Mas vivi! E ainda vivo! Não passo pela vida. E você também não deveria passar! Viva!!! Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito para ser insignificante.



Cel Eng José Antônio Carneiro Borges

Lembranças da Minha Vida no Destacamento Sul do 6º BEC

(1ª Parte)



Cheguei a Manaus, com minha esposa, no final de março de 1975 e fomos para a Casa de Hóspedes do 6º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção), situada na Rua Lima Bacuri. Tinha sido transferido do 3º BE (Batalhão de Engenharia de Combate), situado em Cachoeira do Sul (RS) para o 6º BEC, sediado em Boa Vista (RR). A missão principal na época era a construção da BR-174 entre Caracaraí (RR) e Manaus (AM).

Eu ainda tinha alguns dias de Trânsito e nós queríamos conhecer um pouco de Manaus e sua famosa Zona Franca.

Estava lá, quando dois dias depois chegou o Cel Arruda, Comandante do Batalhão, vindo de Boa Vista, junto com o Cap Yamanaka, Chefe da Seção Técnica.

Apresentei-me ao meu novo Comandante e fui comunicado que iria, por algum tempo, ficar na sede do BEC, onde ficaria preparando a incorporação dos novos soldados e que, após a incorporação, eu iria para o Abonari, pois estava designado para servir na 1ª Cia de Construção que era diretamente subordinada ao Destacamento Sul.

O Cel Arruda tinha ido a Manaus para receber o Gen Diretor da DOC (Diretoria de Obras de Cooperação) que estava chegando de Brasília para inspecionar as obras e verificar os problemas do Destacamento Sul. Fui convidado pelo Cel Arruda para me incorporar à comitiva a fim de conhecer o Abonari e os trabalhos com que iria me deparar em breve.

No dia seguinte, decolamos cedo em um Búfalo da FAB e aterramos na pista de pouso do Abonari. Lá estavam para recepcionar a comitiva, o Maj Balbino, Cmt do Dest Sul, o Ten Mazotti, Cmt da 1ª Cia e outros oficiais.

Seguimos em várias viaturas até a frente de serviço que ficava a alguns quilômetros adiante, em sentido Norte. Fui em um jeep com o Mazotti, da Turma de 1971, com quem eu tinha servido no 3º BE, em Cachoeira do Sul.

Durante o deslocamento soube de alguns detalhes sobre os massacres e também da forma como a Companhia atuava na construção da rodovia.

Fomos até onde ficava um acampamento de obras e retornamos ao Abonari, passando pelo campo de pouso e chegando ao acampamento do Destacamento Sul.

Lá foi explanado à comitiva, pelo Maj Balbino, a situação das obras e os cuidados que estavam sendo tomados para o retorno aos trabalhos com segurança.

O Cel Arruda, o Maj Balbino e o Cap Yamanaka acompanharam a comitiva em uma visita a todo o acampamento, que ainda estava em construção, inclusive a vila onde residiam as famílias.

À noite foi realizada uma pequena recepção para mim pela tenentada: Mazotti, Tiaraju (da minha Turma 72) e um Ten R2 chamado Eduardo, oriundo do CPORR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Recife). Foram bons momentos com eles e suas esposas na casa do Mazotti.

Nessa reunião eu soube de mais alguns detalhes sobre o que eles vivenciaram durante os massacres de dezembro de 1974.

No dia seguinte, decolamos para Manaus, onde a comitiva pousou para uma escala e nós seguimos para Casa de Hóspedes (CHO) onde permaneci mais alguns dias, antes de seguir para Boa Vista, pois ainda tinha mais alguns dias de Trânsito.

O Cel Arruda e o Cap Yamanaka seguiram para Boa Vista no mesmo dia, através de um bimotor, locado pelo Batalhão, tendo antes comparecido ao QG (Quartel General) do 2º GEC (Grupamento de Engenharia de Construção).

Durante o deslocamento que realizei com o Mazotti e no jantar daquela noite, aprendi muitas coisas sobre a obra e me inteirei da situação com os Indígenas.

Eles me informaram que a 1ª Cia e o Dest Sul ocupavam, até então, o mesmo acampamento, mas que de agora em diante o Destacamento ficaria no Abonari e a Cia seguiria se deslocando e realizando a obra.

Esses acampamentos mudavam constantemente de localização à medida que a obra avançava. Naquele momento o acampamento do Abonari estava em conclusão, ficava localizado a 220 km de Manaus.

O acampamento que estava sendo desmobilizado era o de Santa Cruz, a 140 km de Manaus, próximo a atual cidade de Presidente Figueiredo.

Na sede do Destacamento, além do Comando, permanecia o pessoal do BEC encarregado da segurança, a Seção de Saúde, as oficinas, os depósitos de suprimento, os locais de armazenamento de combustíveis, a subsistência e demais setores de logística, bem como as vilas para as famílias de alguns militares.

Soube também que o Abonari estava sendo reforçado com a construção de uma alta cerca de arame farpado, guaritas de segurança e recebendo mais militares da sede.

Além dessas medidas, a FUNAI iria refazer seus quadros que haviam sido destroçados pelos massacres, como vou relatar pelas informações recebidas.

Segundo estas informações, o que ocorreu em dezembro de 1974, foi o seguinte:

Antes do Natal o Destacamento Sul entrou em uma dispensa de fim de ano e só retornaria aos trabalhos nos primeiros dias de janeiro de 75. Quando ocorriam essas dispensas, chamadas de arejamento, ficavam alguns homens de serviço no acampamento, havendo sempre um oficial no comando.

Naquela dispensa o oficial era o Ten Tiaraju que permaneceu no Abonari com o pessoal de serviço e sua esposa, a senhora Olinda.

O acampamento do Destacamento ficava a alguns quilômetros do Rio Abonari e entre eles ficava o campo de pouso.

Partindo do acampamento do Destacamento, chegando ao Rio Abonari e navegando para montante, no caso para a esquerda, em alguns minutos de deslocamento, por voadeira (canoa motorizada), chegava-se ao acampamento da FUNAI.

Lá ficava um grupo de homens chefiados pelo Sertanista Gilberto, responsável pela Fundação na área. O relacionamento entre os componentes da FUNAI e do Exército era bom, mas havia um problema até então, qual seja, a não existência de comunicação rádio entre ambos.

Alguns dias após o início da dispensa, um grupo de Índios Atroari apareceu na entrada do acampamento do Destacamento e o Ten Tiaraju foi informado e se dirigiu ao encontro deles. O encontro foi amigável, os Indígenas receberam alimentação, andaram um pouco pelo acampamento, passearam em uma caçamba, conheceram o pessoal de serviço e também a esposa do Ten Tiaraju. Enquanto isso ocorria, um mensageiro foi ao acampamento da FUNAI dar conhecimento do fato.

O Sertanista Gilberto, único que conhecia a língua dos Atroari, seguiu com alguns de seus homens ao Destacamento, sendo que de lá voltou à sua base levando os Índios consigo.

Passaram-se poucos dias e nenhuma notícia chegou ao Destacamento, até que um dos funcionários da FUNAI apareceu na estrada com uma flecha atravessada no corpo. A flecha entrou nas suas costas e cruzou o tórax abaixo da clavícula esquerda. Ele foi evacuado prontamente para Manaus, mas antes deu a sua versão sobre o ocorrido. Seguiu de viatura para atendimento médico, tendo antes de partir recebido os primeiros socorros dados pelo pessoal do 6º BEC.

Ele disse que chegaram ao acampamento da FUNAI no fim da tarde e jantaram com os Indígenas e após a refeição se dirigiram para os seus alojamentos e os Índios ficaram em um tapiri construído com a finalidade de recepcioná-los.

Pela manhã, o sobrevivente foi à margem do Rio para fazer sua higiene e quando estava se lavando ouviu um alvoroço no acampamento olhou para trás e viu um Índio apontando uma flecha para ele. Instintivamente ele mergulhou no Rio e foi flechado. Fingiu-se de morto a correnteza o levou até próximo da ponte, de onde ele percorreu a estrada e chegou ao Destacamento.

Não sabia mais do que isso, não sabia dos outros seis homens da FUNAI, nem tampouco dos Índios.

O Ten Tiaraju informou, ao pessoal que estava em dispensa em Manaus, o que ocorreu, e preparou uma pequena Expedição seguindo para o acampamento da FUNAI, onde encontrou os cadáveres dos outros funcionários, inclusive o de Gilberto.

O acampamento estava muito danificado e não foi possível se comunicar com ninguém da FUNAI na área ou em Manaus, via rádio.

Os corpos foram recolhidos ao Destacamento e colocados em um caminhão frigorífico, de onde, posteriormente, seguiram para Manaus.

Nesta mesma época houve dois outros massacres, um em um acampamento da FUNAI no Rio Alalaú, onde todos os funcionários foram encontrados mortos a flechadas e um terceiro em uma equipe de desmatamento manual. Não sei quem participou do resgate ou enterrou os mortos.

Este acampamento da FUNAI às margens do Rio Alalaú para montante, tinha seu acesso somente por água. O Rio Alalaú, como sabemos, é a divisa entre os Estados do Amazonas e Roraima, e que na época era um Território Federal.

Vista de cima, a chamada Planície Amazônica parece um tapete, pois todas as árvores crescem a procura da luz solar e parece uma imensa planura. Todavia lá embaixo a situação é diferente, existem ondulações no terreno e em todas as áreas mais baixas existe água e solo lodoso, seja água corrente formando igarapés (arroyos) ou água parada formando os chamados igapós.

O primeiro trabalho na execução de uma estrada na floresta é o desmatamento e no caso da BR-174, era executado de duas formas. O principal era realizado por grandes tratores com cabine tipo Komatsu 155 e Caterpillar D8. Esses tratores não conseguiam trabalhar nas baixadas por causa de seu peso, pois atolavam.

Nas baixadas o desmatamento era manual, utilizando homens de uma empreiteira com moto-serras, foices e facões. Além do desmatamento manual, esses homens faziam com os troncos das árvores caídas, um caminho para a passagem dos tratores para a região mais alta seguinte.

O tamanho das baixadas era muito variável e a quantidade de homens do desmatamento em cada uma delas dependia da sua extensão, chegando, em alguns casos, a ter mais de vinte. Como os tratores desmatavam em um ritmo muito grande e para que eles não parassem, o desmatamento manual estava sempre muitas baixadas à frente.

O massacre aconteceu então em uma pequena baixada onde três homens trabalhavam, quando foram atacados pelos Indígenas. Pelo que soube dois morreram e o terceiro desapareceu, provavelmente ferido e nunca mais encontrado.

Após esses massacres, que ocorreram no final de 1974, o (CMA) Comando Militar da Amazônia ordenou a suspensão das obras até haver segurança para todos, pois os quadros da FUNAI na área estavam a zero junto à obra e havia necessidade de mais proteção.

Esses foram os fatos que tomei conhecimento. Como disse me encontrava em Manaus, onde fiquei alguns poucos dias e segui para Boa Vista, sede do 6º BEC. Lá trabalhei no preparo da incorporação e no início dela, até que chegou, transferido, também do 3º BE de Cachoeira do Sul para o 6º BEC, o Ten Cláudio, que me substituiu e eu segui com a esposa para o Abonari. Neste período a minha mudança já tinha chegado ao Destacamento Sul e, inclusive, o meu Fuscão 73.

(2ª Parte)

Depois de passar pouco mais de dois meses em Boa Vista, sede do 6º BEC, envolvido na instrução dos novos recrutas, segui viagem para o meu destino final daquela empreitada, ou seja, trabalhar na construção da BR-174, entre Manaus e Caracaraí. Minha esposa e eu embarcamos em um avião monomotor que estava locado pelo Batalhão para dar apoio ao Destacamento Sul, seu prefixo era PT-JOH e pertencia a uma empresa de táxis aéreos de Santarém-Pará e seu piloto era o Cmt Márcio. Foi um voo tranquilo, onde se pode observar bem a vegetação. Inicialmente era o lavrado de Roraima e logo após Caracaraí, a transição para a floresta e finalmente, a esplendorosa Floresta Amazônica, nossa Hyloea.

Pousamos no campo de pouso do Abonari, onde fomos recebidos e embarcamos em uma camionete de onde seguimos para o acampamento do Destacamento. Existia uma vila de oficiais, onde uma casinha recém-construída estava à nossa espera. A vila era formada por seis casas iguais e as esposas do Mazotti, do Tiaraju e do Eduardo nos aguardavam. A esposa do Eduardo estava com um filhinho de aproximadamente dois anos no colo. Enquanto as mulheres se conheciam, eu me dirigi ao Pavilhão de Comando, para me apresentar oficialmente ao Maj Balbino, Cmt do Destacamento Sul e receber as suas orientações sobre o meu trabalho que seria na frente de serviço, como chefe da terraplenagem.

Conheci com mais detalhes o acampamento tendo como cicerone o Ten Tiaraju que era, na realidade, o *"Prefeito do Abonari"*.

Passei aquela tarde no acampamento e à tardinha regressou ao Abonari, o Ten Mazotti. Ficamos conversando até tarde e na madrugada seguinte segui com ele para a frente de serviço, já que o CMA havia suspenso a ordem de paralização das obras e elas recomeçaram

Os trabalhos estavam se desenrolando lentamente devido a insegurança e principalmente porque a época de chuvas na área ainda não tinha terminado, estávamos em uma transição do inverno para o verão, era junho de 1975.

As obras de terraplenagem estavam além de um morro conhecido como Morro da Voada e que tinha se transformado em um atoleiro devido às chuvas intensas. Da frente de terraplenagem até o Rio Alalaú eram cerca de oito quilômetros desmatados, onde havia um caminho de serviço precário e intransitável para veículos.

Para a travessia do Rio fora lançada uma balsa que se movimentava utilizando um cabo de aço como guia e que havia transportado dois tratores para a margem Norte, ou seja, para Roraima. Essas máquinas haviam desmatado uma cabeça de ponte de aproximadamente duzentos metros e haviam lá ficado à espera do fim da dispensa.

Neste período os Indígenas quebraram os painéis de instrumentos dos tratores, rasgaram o estofamento dos assentos e fizeram outros pequenos estragos.

Ali começaria a minha odisseia na Amazônia e talvez a minha maior missão na vida. Foi determinado, pelo comando do Destacamento, que parte da 1ª Cia avançasse para além do Rio Alalaú, enquanto o grosso da mesma chegasse com a estrada até a balsa. Coube a mim chefiar estes homens que foram trabalhar além do Alalaú, no Território de Roraima.

Montamos um acampamento precário junto a margem Norte do rio e começamos a trazer máquinas da retaguarda para junto da margem Sul e fazíamos a travessia das mesmas com a balsa.

Meu segundo homem no comando era o Sgt Okamura, um veterano nas obras da BR-174. Enquanto a travessia era realizada e as máquinas colocadas em condições de operação, algumas delas faziam um desmatamento em um terreno mais alto, à direita do futuro eixo da estrada.

Este local passaria a ser a sede da 1ª Cia até a junção das frentes de desmatamento do Destacamento Sul e Destacamento Norte que se deu em dezembro daquele ano de 1976. Atualmente, ali fica um posto da FUNAI.

Aos poucos a travessia das máquinas foi realizada e o acampamento definitivo foi ficando pronto. A frente do acampamento, no local da rodovia, a pista de rolamento foi alargada em uma grande extensão, de modo que servisse de pista de pouso para aeronaves pequenas e até aviões do porte dos Búfalos da FAB.

Essa maneira de fazer pistas já estava incorporada a rotina do BEC, pois as pistas de Santa Cruz e Abonari tinham sido feitas dessa forma e a futura pista de pouso do Jundiá também seria.

Eu trabalhava na coordenação de todos os serviços realizados do lado Norte do Alalaú e de dois em dois dias ia até minha casa no Abonari. Chegava em casa à noite, quando o gerador já havia sido desligado e voltava de madrugada. Normalmente ia com o Mazotti, em uma camionete, até o acampamento antes do Morro da Voada. De lá seguia em um jeep até onde fosse possível e depois continuava a pé por mais de uma hora caminhando na área desmatada e que deveria ter sido um caminho de serviço, antes do inverno. O caminho era totalmente enlameado devido às chuvas e ao tráfego das máquinas e veículos, que seguiram do morro até à balsa, na maioria das vezes, tracionados por tratores que ainda continuavam no afã, pois tinham que levar combustível para a frente de trabalho.

Todos os oficiais e sargentos trabalhavam armados, eu usava um revólver .45 e uma carabina .30. A ordem era não atirar a não ser se fosse atacado. Neste meio tempo a FUNAI tinha refeito seus quadros e o 1º BIS [Batalhão de Infantaria de Selva], sediado em Manaus tinha colocado a disposição do BEC, um Pelotão reforçado, com 4 Grupos de Combate e aproximadamente 40 homens, sob o comando de um Tenente.

A FUNAI tinha mandado para a região três sertanistas e mais outros funcionários. Esses sertanistas eram Apoena Meireles, Zé Bel e Aimoré. Para dar segurança ao meu pessoal foi designado um dos GC [Grupo de Combate], sob o comando de um sargento.

Aos poucos as condições melhoraram, começamos a receber óleo diesel por balsas que chegavam pelo Rio Alalaú partindo de Manaus, o tempo melhorou e a terraplenagem que estava para traz, chegou até o Alalaú, unindo toda a estrada. Durante este período não se soube nada a respeito dos Indígenas. Por volta do mês de julho, o Ten Cláudio também chegou à frente de trabalho da 1ª Cia, que era a executante da obra no Sul, que ficou assim constituída:

- * Comandante da Companhia: 1º Ten Mazotti;
- * Chefe da Terraplenagem: 2º Ten Carneiro;
- * Chefe do Desmatamento: 2º Ten Cláudio.

A frente de obras se dividia em várias equipes ao longo do trecho.

Na vanguarda estava o desmatamento com seu time de máquinas para derrubar a floresta e junto a este pessoal, no máximo três baixadas à frente, o desmatamento manual. Também estava subordinada ao Ten Cláudio uma pequena equipe que mantinha uma ligação do restante da Cia até esse pessoal. Era a chamada equipe do Caminho de Serviço. Entre o Desmatamento e a Terraplenagem havia homens que eram de uma pequena empreiteira que montava bueiros metálicos. Logo depois vinham as equipes de terraplenagem, constituídas de máquinas diversas para a construção propriamente dita, da estrada.

Eram duas equipes de máquinas, que trabalhavam 24 horas, havendo, portanto, no mínimo quatro equipes de homens e mais os reservas. Após encontrava-se a equipe de revestimento primário que, com caçambas, executava o encascalhamento da rodovia.

Além dessas grandes equipes havia outras menores, tais como as de topografia, de manutenção e mecânica, de construção de pontes de madeira, de abastecimento, de confecção e distribuição de alimentação, etc.

Eram centenas de homens envolvidos, sem contar com os militares do BIS e o pessoal da FUNAI que tinham como missão dar segurança e contatar com os Índios, respectivamente. O tempo foi passando e chegamos ao mês de agosto, a obra estava se desenvolvendo bem e não tínhamos tido nenhum contato direto com os Indígenas. Vez por outra encontrávamos alguns vestígios, tais como pegadas, jabutis amarrados em árvores e algum resto de alimento. Como curiosidade, os Índios costumavam sair para caçar e quando encontravam jabutis, eles faziam um pequeno furo no casco e o amarravam com cipó á uma árvore. Se caçassem algo maior ou melhor, deixavam o jabuti preso como reserva de alimento. Caso não tivessem êxito, retornavam e comiam o animal. Sabíamos, portanto, que os Indígenas estavam cerca de nós, mas não os víamos.

Como foi relatado, deu para ver que o nosso desdobramento ao longo do trecho era longo e só tínhamos dois Grupos de Combate para fazer efetivamente a segurança das equipes, pois um dos quatro grupos permanecia sempre com o pessoal do desmamentamento e outro ficava de sobreaviso no acampamento do BIS, podendo se deslocar a qualquer momento.

Esse acampamento era chamado de Base e tinha ligação via rádio com todos os Grupos, além de viaturas rápidas para sua locomoção.

O avião PT-JOH tinha várias e importantes missões na nossa atividade, tais como levar doentes ou acidentados, em situações graves, para Manaus, buscar peças importantes para que as máquinas parassem o menos possível, ligação do Destacamento Sul com a sede do 6º BEC em Boa Vista, pois não havia ligação por terra.

E mais uma foi acrescida a partir dos massacres que ocorreram em dezembro de 1974, executar voos de reconhecimento sobre as malocas para ver onde havia fumaça e com isto identificar onde os Índios estavam naquele momento. Estes voos eram realizados com o Ten do BIS e algum dos nossos oficiais. Sabendo quais as malocas estavam habitadas no momento, o oficial do BIS poderia distribuir melhor os seus homens.

De vez em quando recebíamos uma visita inusitada como a que vou relatar. Era dia 13 de agosto e o Capelão do CMA, Padre Quinto chegou ao acampamento do Alalaú, passou o dia conosco e rezou uma missa no final da tarde. Ele queria ir até a ponta do desmatamento, ou seja, percorrer toda a obra e nós insistíamos para que não fosse devido a segurança, mas ele era muito determinado e no dia seguinte seguiu em um jeep até onde se encontrava o Ten Cláudio.

Estavam observando o desmatamento mecanizado quando surgiram da mata três Índios armados de arco e flecha. Foi dada a ordem de paralização das máquinas e o Grupo de Combate se posicionou em torno da frente de serviço.

Ouviram ruídos na selva e dava para sentir que haviam mais guerreiros na floresta. O momento era tenso, os Índios estavam com as flechas nos arcos e os soldados com seus fuzis. O Padre Quinto tomou a iniciativa, tirou de sua cintura um cinto do uniforme e deu para um dos Índios e este deu-lhe, em troca, uma flecha e retornaram para a floresta. Este encontro no dia 14 de agosto foi o primeiro que ocorreu naquele ano. A FUNAI foi informada, mas não chegou a tempo de presenciar o contato.

Após esse encontro, vários outros ocorreram neste ano, eu me recordo de ter participado de três deles. Todos foram amistosos, com troca de presentes, eles nos dando biju, flechas, balaios, redes e algumas frutas e nós dando-lhes bijuterias, panela, espelhos, facões e o mais valioso de todos, lima que eles passaram a chamar de cricri pelo som que fazia quando utilizada.

Era muito valiosa, pois com ela, eles faziam pontas para suas flechas desmanchando objetos metálicos. Em um destes encontros consegui algo que era muito caro para eles, em troca de algumas limas. Consegui um belo arco. As flechas eram munição, mas o arco era a arma e valia muito. No início, aos encontros só vinham homens, depois passaram a vir crianças maiores e, por último, mulheres e crianças menores.

Aos poucos os Atoari e os Waimiri foram se tornando menos ariscos. Passamos a conhecer algumas palavras, sendo que duas eram fundamentais. Maré era tudo de bom, amigo, gostoso, companheiro e belo.

Marupá era o contrário, inimigo, ruim, dor, machucado e feio. Quando víamos um ou mais Índios nos aproximávamos gritando, maré, maré.

A FUNAI também conseguiu outros contatos com os Índios, tendo levado Indígenas oriundos de Rondônia, da tribo Surui para os auxiliarem. Também levou um casal de antropólogos americanos para estudar o idioma dos Atroaris e que passou a residir no acampamento da FUNAI do Abonari. Assim continuou a nossa vida até dezembro daquele ano e na antevéspera do Natal as frentes de desmatamento dos dois destacamentos se encontraram e estava aberta a BR-174, ligação de Manaus até a fronteira com a Venezuela, no marco BV8.

A abertura ao tráfego demorou mais de um ano, pois assim que terminou a junção das frentes, iniciou um inverno com muitas chuvas.

Fiquei mais uns meses no Destacamento Sul e fui transferido, a meu pedido, para o Rio de Janeiro. Fui classificado no 1º BECmb, sediado no bairro de Santa Cruz.



Depoimento do Cel Eng José Antônio Carneiro Borges

Termo de Depoimento do Sr. José Antônio Carneiro Borges

Aos 29 dias do mês de agosto de 2022, às 16h30 (Horário de Brasília), em audiência virtual, realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União dos autos da ação cívica Waimiri-Atroari nº 1001605-06.2017.4.01.3200, vamos iniciar a inquirição com o testemunho do Cel QEM José Antônio Carneiro Borges. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu [trabalhou ou prestou serviço] no 6º Batalhão de Engenharia de Construção [6º BEC] em que período?

Resposta: Sim, eu servi em dois períodos, no 6º BECnst, o primeiro período foi do início de fevereiro de 1975 ao final de fevereiro de 1976 e o outro período de fevereiro de 1980 a fevereiro de 1982.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: Eu trabalhei na construção da BR-174, nestes dois períodos. A primeira vez eu cheguei e fiquei dois meses na sede do Batalhão e depois fui para o Abonari, sede do Destacamento Sul, e fiquei lá até completar o meu tempo que foi em fevereiro de 1976, quando fui para o Rio de Janeiro, para o 1º BECmb. A segunda vez após a conclusão do curso do IME (Instituto Militar de Engenharia) eu fui para o 6º BECnst chegando lá em fevereiro de 1980 e fiquei por lá até fevereiro/março de 1982.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Posto Alalaú I [no dia 29.12.1974]?

Resposta: Eu soube dos massacres quando eu cheguei ao Abonari a primeira vez por contatos com outras pessoas que tinham participado principalmente do resgate dos corpos do pessoal massacrado no Abonari e também me falaram sobre estes dois outros massacres, mas “*an passant*”⁽²³⁾, porque quem sabia exatamente como tinha

²³ An passant: superficialmente, ligeiramente. (Hiram Reis)

sido já não estava por lá, mas os massacres do Abonari eu conheci pessoalmente as pessoas que trabalharam e tiveram contato com os Índios, no caso o Coronel Tiara-ju, na época Tenente da minha turma e também fez o recolhimento dos corpos do pessoal da FUNAI

Pergunta: o Sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: Bom como eu cheguei no Batalhão depois de terem acontecido os massacres, eu não vi nenhuma diferença do antes e do depois, porque eu não tive o antes, só tive o depois. Mas o depois, eu fui para Boa Vista, quando cheguei e fiquei dois meses lá e por volta do mês de abril eu fui para o Destacamento Sul, trabalhar na 1ª CiaCnst, do 6º BECnst que ficava no Alalaú e aí que eu comecei a ter contatos quase que diários, ainda tinha pessoal com medo, receoso, a obra tinha ficado parada após os massacres e tinha reiniciado novamente. Então não sei te dizer se houve uma diferença do antes e do depois porque eu não estive lá antes.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: Não. Nunca ouvi falar nada sobre isso, sobre estes tiros, rojões, etc. Nunca vi nem ouvi falar que isso tenha ocorrido.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu Índios serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Não, nunca vi.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI ou do 6ºBECnst?

Resposta: Não. Somente naquela época o que mais voava por lá eram os aviões fretados pelo Batalhão, um monomotor que ficava no Destacamento Sul e outro que ficava Destacamento Norte, avião militar nenhum.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: As picadas da topografia foram na verdade realizadas pela equipe que fez o projeto da Estrada e esta empresa, se não me falha o nome, que eu me lembro que estava escrito nos projetos eu acho que era empresa LASA. A LASA é que executou os projetos e as picadas da topografia. Então não tinha ninguém da FUNAI acompanhando as picadas da topografia que eu saiba. Se houve foi antes do meu período e deve ter sido, se houve, alguém da equipe do Gilberto que morreu.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os Índigenas das frentes de trabalho?

Resposta: Não, não sei de nenhuma, de nada que tentassem fazer com que os Índios saíssem, ao contrário, que eu saiba eles tentavam estabelecer contatos através de Índios que eles levaram de outras tribos para lá, principalmente Suruí que levaram de Rondônia para lá.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Não. O pessoal até tinha medo, mas eles ficavam a maior parte do tempo no eixo da estrada, então ato hostil mesmo depois que houve os contatos que eu presenciei nunca houve nenhum ato hostil que eu tenha visto de qualquer militar ou civil que estivesse trabalhando lá contra os Índios.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: A ordem era tratar os Índios com benevolência, tentar sempre a amizade deles, então podemos dizer que a orientação que nos foi dada era de que jamais deveríamos nos mostrar como inimigos e sim, sempre como amigos dos Índios. A primeira relação deveria ser a mais amistosa possível e também a primeira coisa que deveríamos fazer assim que tivéssemos contato com os Índios era avisar a FUNAI, às vezes não era possível, ou quando ela chegava o contato já tinha sido feito, mas nunca houve nada hostil contra os Índios. E também a ideia era essa sempre tentar manter a amizade e até aprendemos algumas palavras da linguagem deles uma é "*maré*" e a outra é "*marupá*" – "*maré*" significa tudo que é bom e "*marupá*" tudo que é ruim, então quando nós víamos os Índios de longe já começavam a dizer "*maré, maré, maré*". Essa era a nossa orientação.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Sim. A FUNAI depois que houve o massacre do Abonari, praticamente ficou sem ninguém lá e houve necessidade de refazer seus quadros e levaram para lá três Sertanistas. Sendo que um deles já tinha certo

renome – Apoena Meireles, era da família Meireles. Os irmãos Meireles também junto com os irmãos Villas-Bôas eram praticamente os ídolos da FUNAI. Então foi o Apoena Meireles para lá e junto com ele foi um sertanista daqui do Rio Grande do Sul Aimoré e outro conhecido com Zebel (acho que deve ser apelido – José Belo, ou algo assim).

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual o comportamento da mídia, em geral, às ações Governo Nacional no período chamado Regime Militar?

Resposta: Poderia te dizer que haviam duas mídias, uma mídia que era favorável, ou pelo menos se mostrava favorável ao Regime e uma outra que tentava prejudicar e hostilizar tudo que acontecia. Estas eram as duas posições da mídia, sendo que esta segunda estava sempre rocurando algo que ela pudesse espezinhar o Governo.

Pergunta: o Sr. não acha que qualquer ataque perpetrado pelas Forças Armadas, no final da década de 60 e 70 seria amplamente explorado pela mídia?

Resposta: Sim, seria um “prato feito” para eles e se tivesse acontecido alguma coisa com certeza eles explorariam e teriam conhecimento o mais rápido possível.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: Sim, o que eu poderia dizer é o seguinte: posso ler? Eu escrevi algumas coisas sobre isso... O melhor não é ler é falar. Quando eu cheguei ao Abonari, Destacamento Sul, maio/junho havia sempre aquela, pairava aquele problema no ar que os Índios nunca mais

tinham feito contato direto, não se sabia o que ocorreria em um próximo encontro e aconteceu algo interessante no mês de agosto foi à frente de serviço um Padre, um Capelão Militar chamado Quinto. O Padre Quinto passou pelo Abonari, ele ficava pouco no Abonari, e assim que ele passou pelo Abonari e, foi com a autorização do comando do Destacamento ele foi até a Frente de Serviço, foi até o Alalaú onde ficava a sede da Companhia e lá ele exerceu suas funções religiosas, acho que rezou uma missa, eu não sei bem porque eu não sou católico, e ele queria ir para Frente de Serviço, até a ponta de serviço e foi, ele insistiu tanto que dormiu de 13 para 14 de agosto de 1975 (eu me lembro do dia porque é o dia do aniversário do meu pai).

O Padre Quinto foi até a frente de serviço e passou por todas as nossas equipes bueiros, terraplenagem, revestimento primário, e chegou à ponta do desmatamento onde estava o Ten Cláudio. Enquanto ele lá estava e as máquinas trabalhavam fazendo o desmatamento mecânico, dali a pouco apareceram três Índios, e assim que estes três índios que surgiram todo mundo parou, as máquinas pararam e ficou aquele clima tenso a equipe sentiu que estava cercada e como havia muito barulho no mato deveriam ter muitos índios por ali. O Cláudio não estava sozinho com esse pessoal, estava com ele um GC (Grupo de Combate) do 1º BIS de Manaus, nove homens comandados por um Sargento e armados de FAL e o clima ficou tenso e o Padre Quinto teve a iniciativa de tirar um cinto um cinto NA, que ele levava na cintura, e entregou a um dos três Índios que estavam armados de arco e flecha e esse Índio pegou e deu uma flecha ao Padre Quinto. Isso aí então quebrou uma barreira, o último contato com eles com os brancos que nos conhecemos tinha sido em dezembro, um dia ou dois antes do massacre do Posto do Abonari.

Então desde dezembro foram oito meses, e ali as coisas começaram a melhorar, aos poucos os Índios foram se aproximando de nós, eles surgiam quando a gente menos esperava.

Eu mesmo tive três ou quatro contatos com eles, Eles sempre apareciam querendo fazer trocas. O Padre deu o cinto e recebeu uma flecha outras vezes biju, redes e outros apetrechos deles em troca de coisas que a gente tinha. Então sempre tínhamos algo para dar para eles, espelhos, facões, panelas, e coisa que eles mais gostavam de tudo era a lima.

A lima para eles era o máximo, pois eles pegavam os outros objetos metálicos e limavam e faziam pontas de flecha. Estes contatos aconteceram vários, no começo só apareciam somente os Índios adultos, os homens, depois começaram a aparecer adolescentes e por último começaram a aparecer mulheres e crianças e com isso aí as coisas começaram a ficar compactuadas nunca mais, que eu saiba teve algum contato inamistoso com os Índios.

Eu fui embora transferido para o Rio de Janeiro e de lá para o 1º BECmb e de lá para o IME, e três anos depois eu voltei para o 6º BECnst, fui corresponsável técnico pela construção da ponte do Alalaú, fronteira do Estado do Amazonas e, na época, Território federal de Roraima, hoje Estado de Roraima.

E naquela época os Índios já estavam, a meu ver, os que estavam perto do Posto, aculturados, o acampamento deles era o nosso antigo acampamento da 1ª CiaECnst do lado Norte do Rio Alalaú. E nesse período a Reserva já estava consolidada começando no Rio Abonari e indo até Jundiá.

Então são estas considerações, jamais vi qualquer encontro inamistoso com os índios.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado dou por encerrado o Presente depoimento à 16h54 (Horário de Brasília).

Depoente: Cel Eng José Antônio Carneiro Borges

Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)



Ten-Cel Inf Walter Chiarato

No dia 30 de agosto de 2022, às 15h03 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, nº 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Walter Chiarato. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 1º Batalhão de Infantaria de Selva (1º BIS) em que período?

Resposta: Cheguei lá como Aspirante em fevereiro de 1975 e sai em janeiro de 1976.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonari II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: Tomei conhecimento quando participei das missões lá do 1º BIS, que tinha ordem para, inicialmente, fazer um rodízio de tropa valor Pelotão de Fuzileiros para dar segurança à construção da estrada que estava em ritmo de desmatamento e depois, posteriormente, a terraplanagem.

Então em novembro de 1975 eu participei pela primeira vez desse Pelotão de Fuzileiros que foi designado para cumprir missão lá durante um mês, era um rodízio de Pelotão e fui uma segunda vez, em agosto de 76, e dessa forma já não havia mais rodízio foi uma missão inopinada que foi solicitada pelo Destacamento do BEC.

Então eu tomei conhecimento nessa época dos massacres que lá ocorreram conversando com os mateiros e com os funcionários da FUNAI.

Pergunta: o Sr. tem conhecimento de quais foram as medidas tomadas pelo Exército Brasileiro para dar continuidade aos trabalhos da BR-174, temporariamente suspensos após os ataques?

Resposta: Era a designação de uma tropa para fazer a segurança na região da abertura do desmatamento ao longo da picada, não é, tinha uma picada inicial que tinha sido marcado pela topografia e nessa picada vinha o desmatamento para poder fazer depois a terraplanagem e nesse desmatamento o mais complicado era travessia que tinha ali de parte alagada, depois vinha uma equipe, principalmente de funcionários civis, de uma firma contratada pelo 6ºBEC, faziam a derrubada manual onde os tratores podiam passar com segurança para atravessar e fazer o desmatamento do outro lado desse charco, desse alagado. Então era uma tropa de valor Pelotão de Fuzileiros, não mais que isso, para dar segurança nos trabalhos ao longo da picada.

Pergunta: só para ilustrar qual era o efetivo para o pessoal que não é militar?

Resposta: O Pelotão de Fuzileiros tem em torno de 35 homens.

Pergunta: Quantas vezes o Sr. fez parte de uma tropa do 1º BIS encarregada da segurança dos trabalhadores da BR-174?

Resposta: Foram duas vezes, uma primeira vez era a segurança normal, era corriqueira, era um rodízio de tropa que fazia segurança quando houve, no caso, a

ligação do desmatamento da Frente Norte com a Frente Sul foi suspensa essa segurança porque acharam que não tinha mais necessidade, achavam que não tinha muito risco pela fato da estrada já estar desmatada em torno de 60 m.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade teve de lançar mão de rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos?

Resposta: Não, tive contatos duas vezes com eles, na primeira vez foi um contato fortuito e eles não apareciam na picada, quando eles tinham de aparecer eles apareciam na estrada e iam ao Posto da FUNAI que era montado ao longo da estrada, no desmatamento não tinha Posto da FUNAI no meio do mato era na estrada mesmo que era montado um Posto da FUNAI e ele se deslocava conforme se deslocava a estrada, a terraplanagem, o desmatamento e eles também se deslocavam mais próximos das picadas. Então não foi necessário fazer rajada nem nada e a nossa missão era a segurança não era fazer ataque nem afugentar nem nada. Eu particularmente não, nem quando ele chegaram, da primeira vez, na estrada em novembro de 1975, nós tivemos um contato com eles que apareceram fortuitamente com mulheres crianças, tudo, no Posto da FUNAI. Aí nós tivemos um contato lá com eles.

Pergunta: O Sr. em alguma oportunidade viu índios mortos serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Não. Nem mortos nem transportados em caminhões.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI e do 6º BECnst?

Resposta: Não, nem uma aeronave, nem militar nem civil, nem da FUNAI, não teve sobrevoos de aeronave nesta época lá.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os Indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: Não, não, inclusive quando eles apareciam eles chegavam constituídos de mulheres e crianças como já disse e amistosamente aparecendo e a FUNAI apenas fazia o contato.

Alguns funcionários da FUNAI que sabiam alguma palavra lá do idioma deles tentavam fazer a comunicação e era difícil a comunicação com os Waimiri-Atroari porque era um caso bem particular, eles repetiam tudo que nós falávamos com eles sem sotaque sem nada, se eu dizia "*a chave de fenda*" ele repetia "*a chave de fenda*", se eu falava "*pistola*" ele respondia "*pistola*", "*fuzil*" respondia "fuzil" com a mesma entonação de voz, não sabíamos onde eles aprenderam como é que eles tinham essa facilidade de repetir o que nós falávamos com a mesma entonação de voz, mesmo sotaque, vamos dizer assim.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Não, não presenciei apenas tive conhecimento, mas não de ato hostil dos trabalhadores nem da FUNAI, mas deles contra o pessoal não é, sempre com algum motivo.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação recebida do Escalão Superior em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Era para fazer a segurança na região do deslocamento da trilha e não se afastar dela não perseguir nem nada era para fazer a defesa caso fosse atacado, mas não teve nenhum caso, era segurança ao longo da trilha, essa segurança se baseava, dependendo da visibilidade da selva, em torno de 50 metros mais ou menos isso dependendo da vegetação, então nós não saímos do lombo da trilha, vamos dizer assim, do traçado da trilha que seria em torno de uns 50 metros devido a visibilidade com o pessoal que trabalhava. Era apenas segurança nada de ação de combate era a segurança do pessoal.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: Da primeira vez eles chegaram, na estrada, no Posto da FUNAI ficaram lá um dia e foram embora. Da segunda vez é que nós recebemos a informação, naquela época as comunicações eram bem precárias e não tinha como, às vezes, se ter certeza.

Eram feitas mediante aqueles rádios SSB que nós tínhamos e que era difícil estabelecer contato, ficávamos muito tempo sem conseguir falar com Manaus até que chegou a mensagem no CMA (Comando Militar da Amazônia) de que o Posto do Abonari, não do Alalaú, estava sendo atacado por Índios e que o 1º BIS deveria ir até o Posto do Alalaú para dar segurança por que estaria sendo atacado.

Então rapidamente, tipo patrulha de infantaria, missão inopinada, eu fui escolhido para comandar essa tropa. Organizei uma tropa valor Pelotão, claro estavam sendo atacados, pegamos munição e um pouco de ração e nos deslocamos para área chegando lá tarde da noite.

Não lembro da hora, fazem quarenta e poucos anos, chegamos ao Posto do Alalaú e ordenei que ocupassem o perímetro – porque estava sendo atacado e fui estabelecer contato com o comandante do Posto do Alalaú do Destacamento de Engenharia de onde saiu o Capitão apavorado dizendo que não sabia o que estava acontecendo enfim não era nada daquilo.

A situação era a seguinte os Índios tinham aparecido no Posto da FUNAI e, se não me falha a memória, no Abonari, tinha outro Rio à frente, agora não me recordo o nome, eles tinham aparecido no Posto da FUNAI, passaram por ali, eles eram nômades, eles passaram de um lado para o outro nas malocas deles, porque quando eles ficavam muito tempo no local começava dar carrapato, bichos e outras coisas e eles saíam para esterilizar aquela área e iam para outra área até mesmo de caça, eles tinham que ir para outro local e disseram que iam voltar depois de alguns dias e se por acaso a FUNAI poderia arrumar voadeiras para eles, aquelas canoas a motor, para levá-los para um ponto Rio acima que seria mais perto.

Esta era a situação lá, mas chegou no CMA que ia ser atacado, aí acabaram chegando, onde ficamos aguardando, montamos acampamento lá no local, porque a FUNAI tinha medo deles e era justificado pelos dois massacres que os funcionários da FUNAI tinham sofrido.

Ficamos lá no local e quando eles chegaram organizamos, no caso, o transporte como era muito Índio não tenho como precisar nem posso falar do valor, eu só sei que tinha umas três ou quatro canoas, voadeiras e nós fizemos umas duas ou três viagens para transportar todos eles e chegando lá no Rio onde tinha uma ponte de madeira.

Da ponte nós fizemos o transporte deles em umas três ou quatro levadas e nessa leva ia um soldado mais o piloto do barco que era da FUNAI e os Índios em torno de 6 a 7 índios de cada leva.

Chegamos ao local designado, da 1ª leva, eu, e mais uns seis soldados e um sargento, desembarcamos junto com eles ficamos lá no meio deles com um pouco de receio, mas naquela época estávamos preparados para tudo e terminado o transporte retornamos e não teve mais não teve incidente nenhum lá.

Pequenos entreveros lá ocorreram, teve um que, agora não me recordo se foi da primeira ou da segunda vez que ocorreu, acho que foi da primeira vez. Não sei se foi um funcionário civil da empresa contratada, porque quando chegavam os Índios na estrada vinha um monte de gente ver por curiosidade, funcionários, soldados, às vezes até militares que não eram da segurança ou da FUNAI.

Eu sei que houve uma troca lá, um indivíduo pegou um cachorro, porque todo mundo ficava de olho no arco e flecha do Índio, para trocar, pegou um cachorro entregou para o Índio pegou a flecha aí o cachorro não era dele e eu vi que estava um entrevero lá entre eles e eu fui ver o que era e disseram que o Índio estava bravo porque o dono do cachorro pediu o cachorro de volta

Foi complicado, nessa época eu chamei o Comprido, tem até uma foto com ele, eu chamei o Comprido conversei com ele, o abracei tudo direitinho conversamos e mandei buscar panelas o que tinha lá pra entregar para este Índio que estava bravo e para o Comprido fiz uma troca com ele, acabei dando meu relógio pra ele e peguei lá dois arcos e umas 5 ou 6 flechas, cobre caro o relógio, mas ele deu tudo numa boa sem problema algum.

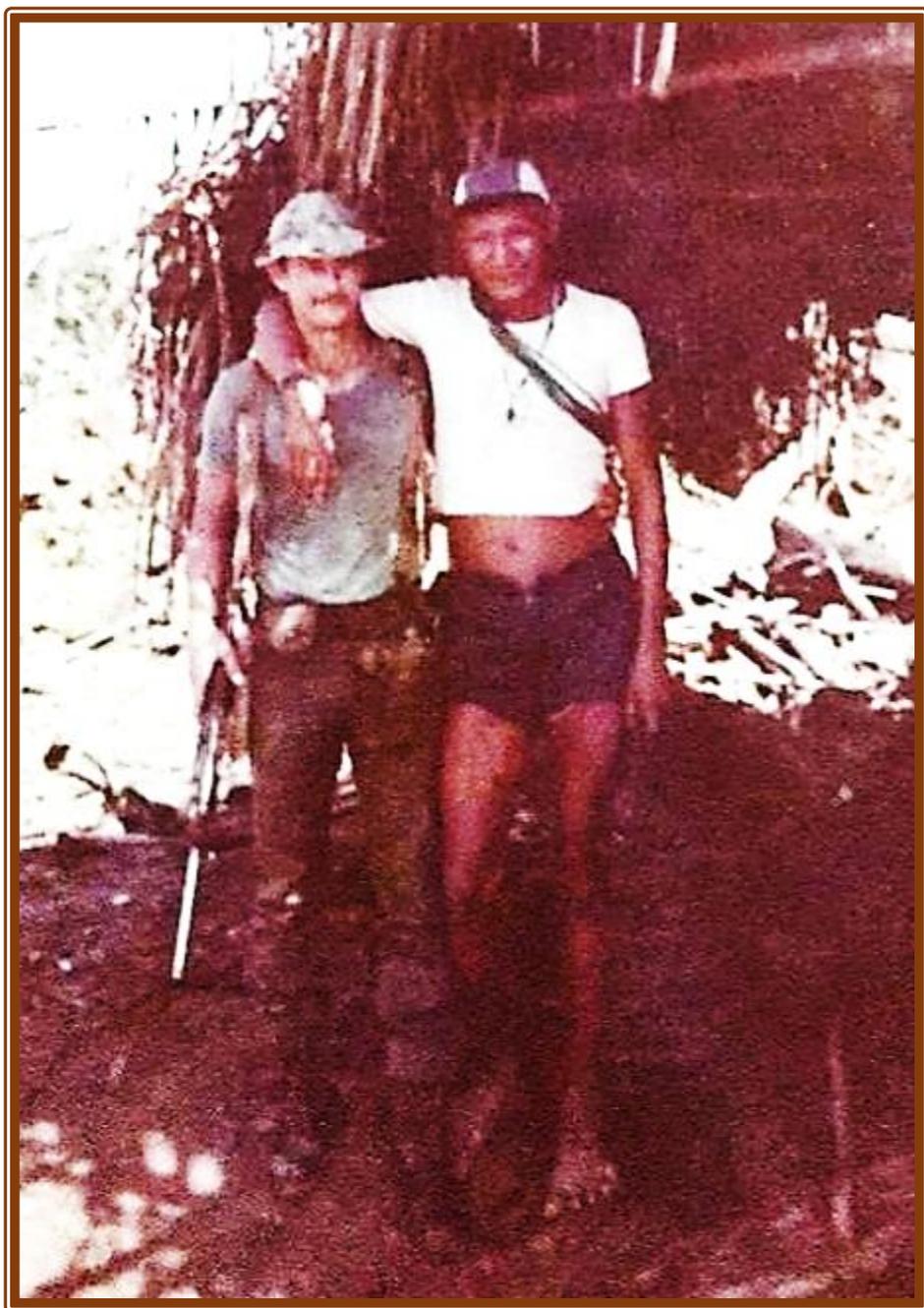


Imagem 22 – Tenente W. Chiarato e Comprido (1975)

Então nesse caso foi tudo sem problema, não me recordo se foi na primeira ou segunda vez que teve esse encontro entre o pessoal e eles. Eu quis devolver, chamei a pessoa para que devolvesse o arco para o Índio e ele não quis de volta porque disse que não era mais dele. Eles tinham um pouco de sentimento de posse. Um fato que me chamou a atenção foi que eu estava andando no meio deles e um Índio se abaixou e achou um pedaço de uma vela de bateria no chão, aquele quadrado de chumbo, ele pegou e olhou assim e veio me entregar e eu disse – não pode ficar para você.

Eles tinham um pouco de sentimento de posse, de propriedade, isto eu senti entre eles, mas não teve mais nada. Eu não sei aí eu posso até comentar porque eles vinham com crianças, com mulheres, vinha todo mundo, não observei nenhuma hostilidade por parte deles. Estou dando uma opinião minha contrapondo o que todo mundo diz que eles eram hostis, traiçoeiros, talvez em virtude de estarem acompanhados das mulheres, mas não atacaram nessa época depois dos dois massacres eu não vi nada que caracterizasse alguma atitude hostil por parte deles e podemos comentar o que eu escutei lá a respeito da hostilidade dos Índios, não se isso vai adiantar ou não.

O do Padre Calleri, eu estava na preparatória quando vi pelos jornais [...]

Pane na gravação, interrompida às 15h24min30seg - vídeo 00:21:34

No dia 09 de setembro de 2022, às 12h04 (Horário de Brasília), em audiência virtual, damos sequência à audiência de 30 de agosto de 2022, interrompida por pane no sistema:

Resposta: [...] os outros massacres eu tomei conhecimento quando estava ali na região do Abonari, do Alalaú e outro Rio que me falha a memória agora, mas quando estava na região em conversas e contatos com os funcionários da FUNAI e alguns trabalhadores que eram contratados pela empresa civil que executava o desmatamento o corte da floresta, ouvi o seguinte o do Padre Calleri a informação que eles disseram era que o Padre Calleri tratava muito mal os Índios e os Índios não gostavam dele até que culminou com o massacre da equipe do Padre Calleri.

E o massacre posterior, que foi conhecido como o do Gilberto, eles disseram que o Gilberto estava no Posto, não estava na maloca, na aldeia deles e houve uma festa e nessa festa, isso foi o que eles falaram, essa festa com aquela bebida que o Índio tinha, uma bebida destilada que era feita com abacaxi e mandioca que eles destilavam e bebiam disseram que alguns funcionários FUNAI que assediaram as Índias e por isso os Índios pegaram e massacraram eles, como o Gilberto era muito adorado pelos Índios, eles ficaram com medo que o Gilberto fosse ficar bravo com eles e aí eles se deslocaram e fizeram aquele massacre também do Gilberto.

Mas sempre os massacres tiveram algum motivo não teve aquela situação do Índio chegar e vamos, vamos matar o pessoal porque quando eles chegaram lá nas duas vezes que eu estive lá em novembro de 75 e se eu não me engano agosto de 76, acho que foram estas datas mesmo, eles chegavam com mulheres e crianças e chegavam de peito aberto e viam que ali naquele local só tinham homens, tinha um pessoal adulto não é, não tinha criança não tinha nada, ele talvez conhecessem já os costumes nossos, porque quando a gente falava alguma coisa para eles, eles repetiam sem sotaque sem

nada da mesma forma por exemplo se eu falava assim "eu vou ali" eles vão falar "eu vou ali", aí você dizia o nome de alguma outra coisa "isso aqui é abacaxi" eles falavam "isso aqui é abacaxi" sem sotaque sem nada do mesmo jeito, então eles já deviam ter algum contato há bastante tempo com o nosso pessoal ou era um dom deles repetir isso daí, mas eles chegavam com a família toda e porque que eles chegavam ali, porque sabiam que a estrada estava sendo construída e eles faziam o deslocamento de um lado para o outro, de um local de permanência para outro local e com isso eles poderiam ao estar passando por ali e ter aquela atitude amigável.

Isso é uma avaliação pessoal, poderia ter aquela atitude amigável porque estavam com as mulheres, com filhos, com todo pessoal e fazendo uma mudança de um local para o outro. Isso já fora constatado pela FUNAI, eles já tinham falado isso lá, que eles sempre faziam isso indo de um local para o outro até que novamente aquele local que eles tinham abandonado ficasse em condições, sem pragas, com a roça em condições de ser colhida, a caça já tivesse voltado, já não era mais escassa, essas foram as informações que eu tive.

E pelo que foi demonstrado lá, as atitudes deles eram amigáveis, não tinham intenções de assalto e que sempre o pessoal da FUNAI e mesmo o pessoal civil diziam que os dois massacres e o mais recente aconteceram em decorrência das atitudes do Padre Calleri que ele era muito rude e até batia nos Índios e o do Gilberto com a equipe dele porque houve esse incidente na maloca e eles não gostaram e depois foram atrás do Gilberto porque ele fazia parte da equipe e que o Gilberto também ia ficar bravo com eles, foi uma história contada não é, mas em síntese foi isso que aconteceu do contato que eu tive e tomei conhecimento a respeito desses dois massacres.

É claro que eles chegavam, sabiam onde é que a gente estava, tanto que quando eles apareciam para serem vistos era no Posto da FUNAI, normalmente no Posto da FUNAI, agora se quando tinha a trilha se por acaso eles estavam próximos da gente nunca houve um ataque, pelo menos enquanto eu estive lá porque da primeira vez eu fiquei 30 dias na trilha e o pessoal estava fazendo a limpeza do leito da estrada, e nestes 30 dias a gente ficava no eixo da trilha e não se afastava daquilo ali aí, nós não nunca tivemos informações que estavam por lá e de pegadas também não dava para ver porque o pessoal entrava com um monte de gente na trilha.

Os trabalhadores, não posso precisar a quantidade, mas se tivesse vestígio não tinha o "expert" que fosse à frente para poder ver e quando saia do eixo da trilha em torno 50 m, no máximo devido a visibilidade na selva que é difícil, nunca cheguei a ver pegada deles, mas que eles poderiam estar nos observando poderiam e quando eles permitiam ser vistos era no posto da FUNAI, um local aberto então não houve indícios de ataque por parte deles, nem nada, durante esse período que eu fiquei lá, na primeira vez.

Na segunda vez foi uma missão inopinada que surgiu e lá também eles chegaram depois de uns dias que a gente estava no local, chegaram amistosamente e pediram o transporte para serem levados Rio acima, acho que foi no Rio Abonari. Conduzimo-los nas voadeiras e fizemos algumas vagas de transporte porque não cabiam todos, eu fui inclusive à frente junto com a voadeira desembarquei lá no local deles, fiquei lá eu mais um Sargento e, acho que, um ou dois soldado e o restante estava fazendo o transporte com piloto da embarcação que eu não posso agora precisar se era da FUNAI ou era do 6ºBEC e mais um militar nosso, do meu Pelotão que

ficava junto na embarcação também como um possível segurança da embarcação.

Mas depois do transporte nós retornamos e ficamos lá mais um tempo na região e não tivemos mais notícias, até que em torno de 45 dias depois da nossa chegada tentei me comunicar dizendo que não tinha mais problema que estávamos sem suprimento, sem nada, e que se podíamos regressar e depois de um tempo o CMA determinou que esse Pelotão, no caso o meu Pelotão, retornasse para Manaus e isso foi feito.

Mas essa segunda vez foi em torno de, não era um rodízio normal, ficamos em torno de 45 dias lá e não houve também nenhum deslocamento para fora do eixo na estrada que já estava aberta já estava até compactada, transitável, não houve nenhum deslocamento fora do eixo, a gente fazia apenas um patrulhamento, dentro do possível, não é.

Quando tinha disponibilidade de viatura e combustível, fazia um deslocamento na estrada embarcado sem maiores problemas e foi o que aconteceu nesta segunda vez. Então não teve e nem vi no caso, maiores problemas e foi o que acontece nesta segunda vez. Não nenhuma atividade hostil por parte dos Índios. Foi isso que aconteceu dessas duas vezes que eu gostaria de acrescentar porque não senti neles uma atitude hostil, não sei se porque estavam com a família e tudo, mas as duas vezes que estive lá não houve nada assim que indicasse que eles tinham algum receio para conosco e que nós tivéssemos feito alguma coisa contra eles porque eles não iriam chegar de peito aberto se tivessem algum receio vendo que estávamos com nosso armamento individual, que apesar de ser um armamento individual era um fuzil, não é.

Então eles chegavam de peito aberto com flechas, apesar de que dentro da selva eles poderiam ter um pouco de vantagem com as flechas, e no local aberto nós teríamos ampla vantagem com o nosso armamento, mesmo sendo o fuzil. Então eles chegavam de peito aberto, eles possivelmente conheciam o poder do nosso armamento e tinham um pouco de respeito porque qualquer um que chega desarmado e vê o pessoal armado de fuzil tem medo, mas eles não apresentavam nada de hostilidade não.

Pergunta: O Ministério Público afirma que: “*diariamente, os integrantes do 1º BIS deslocavam-se à área, com artilharia pesada*”. Qual era o armamento de dotação do Pelotão do 1ºBIS?

Resposta: O armamento de dotação era o armamento orgânico de um Pelotão de Fuzileiros, inclusive o armamento coletivo do Pelotão nós não o levávamos porque era inviável o deslocamento com ele dentro da selva, no caso, e não teria nenhuma finalidade, até você pegar uma metralhadora, no caso nosso a dotação do Pelotão de Fuzileiros de Selva era uma metralhadora e a metralhadora para fazer o tiro teria que colocar em posição teria que ter um local de defesa.

E se a gente se deslocava diariamente, e eles afirmam que nós deslocávamos diariamente para o local, não, nós já estávamos no local com o nosso armamento, mas o armamento de dotação do Pelotão de Fuzileiros e o armamento – individual, não levamos, não conduzimos o armamento coletivo que era a MAG ⁽²⁴⁾, metralhadora automática a gás também de calibre 7.62, a mesma

²⁴ A metralhadora FN MAG (“*Mitrailleuse d'Appui Général*” – Metralhadora de Apoio Geral), calibre 7,62×51mm NATO, desenvolvida e originalmente fabricada pela empresa belga FN Herstal. (Hiram Reis)

munição do fuzil, do FAL, eu no caso eu levava mais uma pistola e tinha uma metralhadora de mão também, então os sargentos levavam uma pistola e a metralhadora de mão e um fuzil e o soldado levava somente o fuzil automático o FAL, que era 7.62, com carregador com 20 cartuchos.

Quando fazíamos o deslocamento eu determinava que levassem em torno de cem cartuchos em cada deslocamento que a gente fazia na trilha, no caso, e era para segurança e quando eu estava na segunda vez só amamento individual mais nada e levávamos munição 7.62, claro, eu levei mais munição, dessa vez, que ficava guardada no posto e também não tinha isso daí e também só falta de conhecimento, mesmo, para fazer tal afirmativa, não tinha como.

Pergunta: O Sr. tem mais alguma coisa a acrescentar Coronel?

Resposta: Não era só isso e às vezes a memória falha, mas, em síntese, foi isso daí que ocorreu e essas últimas informações foi o que eu ouvi lá no local e o que eu presenciei foi a atitude dos Índios, aquele transporte que nós fizemos, eu inclusive tirei uma foto com um Índio que era o chefe deles, o Comprido, me falaram que o pai do Comprido era o Maruaga que tinha falecido no combate com Wai-Wai, por quê?

Porque os Wai-Wai eram mais aculturados, tinham mais contato com os brancos e eram do Norte e faziam incursões nas tribos Waimiri-Atroari para pegar as mulheres, para roubar as mulheres e o Maruaga tinha sido morto num desses embates entre eles, entre os Índios Wai-Wai e os Waimiri-Atroari e assumiu o Comprido que era o Capitão Comprido.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 12h22 (horário de Brasília)

Deponente: Ten-Cel Inf Walter Chiarato

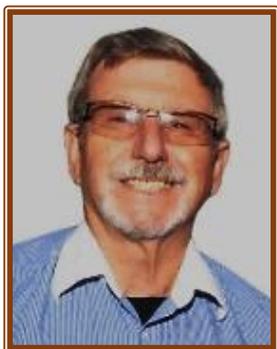
*Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)*



***Se eu Fosse um Padre
(Mário Quintana)***

*Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões,
Não falaria em Deus nem no Pecado
Muito menos no Anjo Rebelado
E os encantos das suas seduções,
Não citaria Santos e Profetas:
Nada das suas celestiais promessas
Ou das suas terríveis maldições...
Se eu fosse um padre eu citaria os poetas,
Rezaria seus versos, os mais belos,
Desses que desde a infância me embalaram
E quem me dera que alguns fossem meus!
Porque a poesia purifica a alma...
A um belo poema – ainda que de Deus se aparte,
Um belo poema sempre leva a Deus!*

Cel Eng Zauri Tiaraju F. de Castro



O Coronel de Engenharia Zauri Tiaraju Ferreira de Castro parceiro de trabalho no 6º BECmb, São Gabriel, RS, (quando eu era ainda um jovem Tenente), e ex-prefeito de Caçapava do Sul no período de 2009/2012, enviou-me um texto de sua autoria que faço questão de compartilhar com os leitores.

CAMPEREANDO ANDANÇAS – I

SETENTRIÃO NACIONAL

Em maio de 1974 desembarquei em Roraima, um dos quatro Territórios Nacionais, que ainda não detinha o status administrativo de Estado da Federação junto com o Acre, Rondônia e Amapá.

Boa Vista era uma cidade planejada com avenidas largas, asfaltadas, com muitos espaços vazios e um monumento majestoso ao garimpeiro localizado bem no centro do traçado urbano, defronte à Catedral e ao Palácio do Governo.

Não havia ligação terrestre com o restante do País e ganhavam importância a navegação fluvial que chegava pelas águas do Rio Branco na época das cheias e o transporte aéreo feito pela FAB, o oficial, e o privado pela VARIG e Transbrasil. Sua população era predominantemente de caboclos da região, nordestinos remanescentes dos garimpos e alguns sulistas atraídos pela presença do Campus da UFSM que fora instalado ali e fazia esse intercâmbio permanente.

No quartel de engenharia [6º Batalhão de Engenharia de Construção] que tinha a missão da abertura pioneira da BR-174 havia gente de todo o Brasil. Anualmente, incorporava jovens da terra para o serviço militar. Haviam os Índios Macuxí vindos do Norte, fronteira com as Guianas e Venezuela. Ao Sul, na divisa com o Amazonas era a terra dos outros grupos Ianomâmis, não totalmente aculturados como os do Norte, administrados pela FUNAI e diversas missões do Conselho Indigenista Missionário que abrigavam um número significativo de padres e religiosos estrangeiros, inclusive europeus.

Entre os soldados recrutados, havia um número de cerca de 30% de Índios aculturados. Apresentavam um comportamento discretíssimo, sendo difícil arrancar deles uma reação mais positiva sobre qualquer tema diferente. Quando comandeí uma companhia encarregada de manter o tráfego da estrada ainda não pavimentada de Boa Vista até o BV 8, para o transporte de madeira para a Venezuela, implantei uma horta para ajudar no rancho do pessoal, onde trabalhavam três soldados Índios. Numa das minhas andanças para ver as verduras encontrei diversas melancias ainda no barço identificadas com a minha rubrica, imitadas pelos bugres.

Serviam ao Exército e retornavam às suas malocas de origem para manter o apoio da FUNAI e continuar na vidinha sossegada que levavam desde que nasceram. À sombra dos mangueirais frondosos e seculares.

Nesse tempo, também não havia satélite retransmissor para as TV da cidade. As novelas chegavam por malote em fita cassete. Quando se extraviava o malote por qualquer motivo fortuito, lá se ia um pedaço da novela.

Quando o atoleiro era grande ou o serviço de manutenção ou recuperação de pontilhão ou bueiro era mais demorado, o pessoal acampava em alguma fazendola a beira da estrada.

Normalmente, o pagamento do aluguel da instalação era o fornecimento de alguns litros de combustível para alimentar as lamparinas dos moradores, sem luz elétrica. Na cidade, a energia era fornecida por uma usina termo-elétrica que comia um horror de diesel e por isso mesmo era bem cara.

Numa visita a um desses acampamentos, conheci um galpão das tralhas com um girau construído com as placas de sinalização de latão arrancadas da estrada e que tanto trabalho nos traziam para serem repostas. Mandei que o encarregado, quando terminasse o serviço, agradecesse pela hospitalidade e desmontasse o paiol, carregando as nossas placas tomadas por empréstimo sem autorização e que fornecesse um pouco mais de óleo diesel para o lampião da casa.

Houve uma emergência para o concerto de uma ponte de madeira na Perimetral Norte, trecho semiconcluído que na altura de Caracará, às margens do Rio Branco, 200 km para o Leste e outro tanto para o Oeste, servia aos Índios e moradores locais.

Na hora de formar a equipe me apareceu o Roberval, cearense, motorista de caminhão que justificava sua voluntariedade na oportunidade que via de “pegar” uma indiazinha daquelas para ver se era mesmo verdade tudo aquilo que contavam. No primeiro final de semana no trecho, os Índios que já utilizavam espingarda fornecidas pela FUNAI lhe convidaram para caçar catitu. Arrependeu-se de ter nascido.

Foi escalado para transportar o primeiro porco abatido, de uns quarenta quilos, nas costas, com dois rasgos laterais na barrigueira enfiado nos dois braços, como se mochila fosse. Quase morreu, correndo pelo mato com aquela bruta carga nas costas, com medo de se perder atrás daqueles.

Outro incidente não comum foi quando resolvi convidar alguns civis “*casados*” para participarem da reunião mensal que fazíamos para confraternizar entre Oficiais, Sargentos e alguns Empresários locais e suas famílias. Apareceu-me um funcionário de nome Roberto, discreto, boa gente, bem apessoado, acompanhado por uma senhora com idade para ser sua mãe.

No outro dia perguntei ao meu motorista Costa, um civil veterano de Boa Vista, muito discreto e muito bem informado pelos seus mais de vinte anos de Batalhão qual o significado daquela união um tanto quanto disparatada para a região. Respondeu que aquela parceria era uma estratégia do Roberto que andava querendo mesmo era pegar a filha da velha...



Campereando Andanças – II

O Sertanista

Em meados de 1974, como já disse antes, rasgava-se em pleno coração da selva amazônica uma ligação coronária de terra e piçarra, entrecortada por várias pontes de safena feitas com madeira de lei abundante nas cercanias daquele risco avermelhado civilizadamente denominado BR-174.

Vivia-se o mês de agosto ou setembro, pode ser que até outubro, não lembro bem o certo, mas já havia virado o meio do ano e luta-se como era de costume, contra a falta de tecnologia e o imprevisto, carência de mão-de-obra especializada, intempéries e desregramentos do clima da região, cerca de uns 150 km ao Sul da linha imaginária do Equador. Nós, os Tenentes, jovens oficiais do 6º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército, Mão Amiga e Braço Forte, de que tanto a Amazônia inexplorada e não ocupada precisava naqueles tempos de pioneirismo, reagíamos, contra as ordens gélidas emanadas da sede, em Boa Vista, que nos impunham procedimentos técnicos quase que irrealizáveis.

Isso dificultava a execução e predispunha nossas vontades negativamente. Por mais que se fizesse nunca estava bom. Mas, lutávamos. Aos trancos e solavancos a estrada caminhava, experimentando atalhos compensadores e premiando em si mesma a criatividade dos funcionários civis e militares batalhadores, Bandeirantes do século XX. Cumpria-se com um pouco de atraso o PT (Plano de Trabalho) do Batalhão para aquele ano, fruto de convênio assinado pelo Departamento de Engenharia de Construção do Exército com o Governo Federal representado pelo então DNER. No conjunto heterogêneo da obra como um todo exteriorizava-se um belo complexo de integração que permitia ocupar as fronteiras mais Setentrionais do País, levando ao povo quase desconhecido do Território de Roraima, por terra, um pouco mais de desenvolvimento econômico e brasilidade.

No detalhe do dia-a-dia do serviço na selva desconhecida, o cômico, o trágico e o pitoresco se misturavam e se confundiam.

Essas pequenas estórias formam um grande mosaico de lembranças, perpetuadas como saudável recordação para quantos tantos fizeram parte, na condição de protagonista ou de coadjuvantes, dos seus meandros espetaculares.

É dentro deste contexto que conheci alguns sertanistas da Fundação Nacional do Índio [FUNAI], abnegados ermitões daqueles matos repletos de onças, Índios, malárias e dificuldades sem fim. Entenda-se por sertanista, neste caso, toda pessoa que conhece, explora ou percorre os grotões. Aventura-se penetrá-lo em busca de caças, riqueza fácil ou para cumprir obrigação funcional de amansar Índio arredo, selvagem. O nosso personagem deste caso verídico, difere um pouco em seus aspectos básicos em relação ao conceito acima transcrito, mais tradicional.

Trata-se de um habitante da margem esquerda do Rio Abonari, afluente do Uatumã, que é cortado pela BR-174, no Estado do Amazonas, cerca de 240 km ao Norte de Manaus. Nesse confim de mundo, em pleno coração da floresta equatorial inóspita e pouco conhecida, em 1974, instalado em grosseira construção de madeira habitada por cinco pessoas Índias, aculturadas, não oriundas do lugar, chefiava o Posto de atração Abonari, da FUNAI. Sua missão era manter contato civilizatório com os Índios da tribo Waimiri-Atroari. Essa relação já durava 12 anos num puxa e frouxa de intensidade intercalada por incidentes e acidentes dos mais diversos.

Fora essa tribo de conhecida agressividade e de um desenvolvimento cultural da idade da pedra que, em 1968, na mesma região, massacrara a Expedição Indigenista chefiada por um Padre italiano de nome Calleri

em circunstâncias não bem esclarecidas da qual resultou apenas um sobrevivente, Paulo Mineiro, que escapou navegando numa balsa rústica por cerca de 13 dias até Itacoatiara. Com a construção da "*Estrada da Integração*", Manaus-Boa Vista, os contatos foram novamente intensificados com trocas de presentes, visitas recíprocas, caçadas e pescarias conjuntas, inevitáveis, já que o traçado da rodovia cortava o território dos Índios, inclusive a menos de mil metros de algumas malocas.

Nosso Sertanista, um sulista gaúcho de Cachoeira do Sul, de nome de guerra Machado, alistou-se voluntariamente para a função em Brasília e após curto estágio no Parque Nacional do Xingu, com os Xavantes, foi destacado para o posto a que nos referimos meio sem pai e nem mãe, naquele cafundó.

Adaptou-se rapidamente, convivendo com seus cinco comparsas, funcionários da FUNAI, todos Indígenas aculturados de outras tribos e acabou se integrando ao contexto da aventura amazônica. Caçava, pescava, comia farinha grossa de macaxeira que abundava na região, escrevia muitas cartas, ouvia rádio, inclusive o oficial com o qual se comunicava com sua chefia em Manaus.

Seu meio de locomoção era o barco a motor ou caroneando ao longo das nossas frentes de serviço daquele trecho e cujo acampamento principal, ao qual eu pertencia na condição de chefe administrativo, ficava há 6 km pela selva do posto onde vivia o Machado.

Possuíamos um efetivo de mais de 400 homens, sendo sete Oficiais, uns 70 militares e cerca de 300 contratados civis de toda parte do Brasil, com a maciça predominância dos maranhenses. Nossas equipes se espalhavam por mais de 50 km.

A mais avançada era a de desmatamento, cujo desempenho de cinco tratores D8 rendia em torno de um quilômetro por dia trabalhando em tempo de seca. No inverno, quando o tempo era chuvoso, os trabalhos eram paralisados totalmente.

No final de dezembro de 1974, 27 Índios armados aportaram suas canoas em visita ao posto do Abonari. Pernoitaram, alguns caçaram jacaré e paca à noite junto com o pessoal da FUNAI. Uns 8 deles visitaram o nosso acampamento sede durante um final de tarde, quando só existia uma reduzida guarnição de serviço constituída por uns 10 homens a qual eu comandava, tendo chegado de surpresa, desacompanhados de civilizados. O grosso do efetivo encontrava-se na dispensa de final de ano, civis e militares.

No outro dia, pela manhã, percorremos a pedido da FUNAI, um trecho de uns 30 km da estrada já pronta na carroceria de um caminhão, eu dois soldados e os Índios. Como não falavam e nem entendiam nossa língua, não obtive sucesso na missão que me foi confiada pelo Major Bonilha, Engenheiro de Boa Vista, para convencê-los de que somente a estrada era nossa, a mata continuava deles, sem limitações para movimentação, sobrevivência, caça, pesca etc.

No terceiro dia, cedinho, quando preparavam as canoas para partir, desfecharam o ataque já planejado contra os homens da FUNAI que os receberam no posto. Quatro deles foram mortos a flechadas e a golpes de terçado, fugindo em debandada para o interior da floresta, talvez em defesa do seu Território invadido pelos brancos que tentavam abrir uma estrada para lhes perturbar a paz e poluir o seu habitat com as consequências do progresso incompreendido e invasivo.

Sobrou um para contar a história, escapando com vida pela ousadia de um mergulho apavorado e mais 60 metros de nado nas águas do Rio selvagem.

Auxiliei no resgate dos corpos e senti a grande emoção de entrar na floresta a pé, armado para a guerra com uma metralhadora INA embalada, sem saber do inimigo que não enxergava. Morreu nesse episódio o Sertanista Gilberto Pinto da regional de Manaus que viera em socorro ao posto, momentaneamente sem chefe. Foi atravessado por duas flechas de ponta de aço pelas costas. Coube a mim a missão de cortar suas hastes de bambu, já que as lâminas de aço bem afiadas só foram extraídas na realização da necropsia.

Carregamos os corpos em uma balsa de circunstância que fabricamos no local, utilizando dois ubás esquecidos pelos Índios que levaram as canoas da FUNAI, unidos por duas portas que arrancamos da casa depre-dada.

Nosso sertanista Machado, que se encontrava em férias no Rio Grande, retornou ao posto convocado por um telefonema da sua direção que lhe interrompia as férias depois da tragédia. Honrado e envaidecido agradeceu a Deus por lhe haver permitido viver mais algum tempo. Entendia que já fizera a sua parte em prol da integração e do desenvolvimento da Amazônia. Pediu as contas e foi-se embora, abandonando o plano de ser um novo Villas Boas.

Naqueles 14 meses em que servi por lá, houve diversos massacres, vitimando 12 funcionários da FUNAI e alguns Índios em menor número. Até hoje, passados mais de 30 anos, ainda sonho com operações daquele tipo, tal foi o sentimento de insegurança em que vivemos esse arremedo de guerra de guerrilha na selva.

Enquanto isso, o tempo passa e eu cada vez mais me dou conta que o velho amigo Machado que depois virou funcionário da CEEE, naquele final de 1975, entrou na fila da vida ou, saiu da fila da morte.

O serviço da estrada parou por cerca de seis meses, porquanto se discutia nos gabinetes a solução para a segurança da continuidade das obras. Os Atroari hoje vivem aculturados na beira da estrada, esperando na fila da evolução que o seu mundo se transforme para o bem e aqueles que lá pereceram a certeza de que já foram esquecidos e de que, como é comum nesse nosso País gigante, ninguém sabe que muitos morreram e sofreram pelo desbravamento desse naco de Brasil rico, imenso e poderoso.

Quando rememoro essas passagens, sinto uma imensa alegria interior e o orgulho de ter podido participar de uma grande luta anônima pelo início do desenvolvimento da Amazônia e de seu povo sofrido e pacífico.

Foi por esse motivo, para poder vivenciar essas aventuras que escolhi a Arma de Engenharia através da qual conheci e vivi na Amazônia Brasileira por cerca de 4 anos, abrindo picadas para o desenvolvimento e a Integração Nacional de fato.

Ainda carrego no fígado as marcas de uma malária "*falciparum*", curada na distância de São Gabriel, recebendo cloroquina e primaquina pelo correio. Lá de vez em quando, ela me relembra que ainda sou hospedeiro e que por isso estou proibido de doar meu sangue.



Amigo Hiram

Li o relato do Porfírio sobre a morte do Gilberto Pinto. Não conheço das tratativas do sertanista com os Cmdos do BEC e do GPT, mas sei do que acontecia lá na região dos Índios, onde se construía a estrada. Tive poucos contatos pessoais com Gilberto, minha ligação maior era com o Machado que era o chefe do posto do Abonari e que necessitava muito do nosso apoio para minorar as carências materiais pelas quais passavam os integrantes da sua equipe.

Menos mal que todos, exceto ele – Machado, eram Índios aculturados de outras tribos, já acostumados com aquela vida precária de farinha e peixe na alimentação, luz de gerador e deslocamentos de canoa e a pé. Auxiliávamos a ele e seu pessoal fornecendo combustível para o gerador, medicamentos básicos e muitas caronas ao longo do trecho em obras. Integrei uma patrulha de 13 homens, a pé por dentro do mato, partindo do nosso acampamento que distava 6 km do Rio Abonari, comandada pelo Cap Bonilha, para averiguar a denúncia de um sobrevivente do massacre.

Fui eu, pessoalmente que cortei com um terçado as três flechas de lâmina de aço que atingiram Gilberto Pinto pelas costas, dentro da casa de farinha, bem próximo à margem do rio. Essas lâminas pontudas entraram na altura dos rins e ficaram apontando no abdômen [barriga] sem, contudo, atravessá-lo completamente.

Construímos duas balsas com os ubás que os Índios Waimiri abandonaram, unidos dois a dois com um tabuleiro construído com as portas de tábua da casa do posto.

Nesta ocasião, ainda pela manhã, encontramos mais duas vítimas: um na boca da picada de onde chegamos vindos de NE com muitos cortes de facão na cabeça e outro no interior da casa onde parecia haver tentado se esconder. Tinha cortes no peito e barriga. No outro dia, outra equipe do Destacamento encontrou uma quarta vítima, distante uns 50 metros da casa do posto e dentro da mata, entrincheirado em um tronco caído, morto com 11 flechas nas costas e um Índio morto com um tiro de revólver na boca a sua frente.

Depois disso a obra foi paralisada por cerca de 50 dias e quando retomou foi apoiada por um Pelotão do BIS de Manaus que se revezava como segurança preventiva dos trabalhadores, armados de fuzil.

Eles eram distribuídos no trecho de acordo com as necessidades imaginadas. Nunca houve nenhum incidente que tenha importado em emprego de arma de fogo. Um novo contato amistoso ocorreu próximo do Rio Alalaú lá pelo mês de outubro, mas sem nenhuma violência de quem quer que seja.

Durante esse intervalo de tempo, antes do massacre do Abonari, por diversas vezes, tivemos a impressão de ser observados pelos Índios: em certa ocasião fui acompanhado pelo motorista do Jeep e um segurança civil do Batalhão armado com um mosquefal [era um funcionário da equipe de bueiros que havia servido ao EB e tinha conhecimento – sabia atirar – transformado em segurança na emergência] levar uma bateria Honda de pequeno porte para o rádio do grupo mais avançado [Desmatamento] e que havia “*pulado*” uns 2 km de terreno muito molhado onde o desmatamento seria manual e tive de fazer esse trecho a pé.

Encontramos na picada marcas muitos recentes de pés descalços de um adulto e uma criança [aquele dedão do pé aberto para dentro marcava o barro do chão]

Abraço

Caçapava do Sul, 27 Jul 2022

ZAURI TIARAJU



Depoimento do Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro

No dia 30 de agosto de 2022, às 16h09 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, nº 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Zauri Tiaraju Ferreira de Castro. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu [trabalhou ou prestou serviço] no 6º Batalhão de Engenharia de Construção [6º BEC] em que período?

Resposta: Eu servi por duas vezes no 6º BEC; de maio de 1974 a agosto de 1975 e depois, novamente, de 1978 a 1980.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: Eu participei neste primeiro período que servi no 6º BEC destacado no Acampamento de Santa Cruz, e depois fui o primeiro morador, primeiro habitante com esposa, no acampamento do Santo Antônio do Abonari ali desempenhei funções administrativas tais quais supervisor e coordenador do rancho, da Classe I, da alimentação do pessoal, do controle e administração do pessoal civil, de chefe da carpintaria, um administrativo inicial geral de um acampamento do Abonari. E nas férias de alguns companheiros da linha de frente eu substituí, por exemplo, o Tenente Mazoti quando entrou em férias, ele era o chefe da equipe de terraplenagem, então estive à frente da equipe de terraplenagem.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Posto Abonari II [no dia 29.12.1974]?

Resposta: O primeiro massacre, o massacre do Alalaú, eu me encontrava na sede do destacamento em Abonari e sei desse massacre pela participação administrativa que nós tivemos, porque foram massacrados funcionários da empresa terceirizada que ia realizar um trecho de desmatamento manual e houve um sobrevivente que eu conheci e conversei com esse sobrevivente pessoalmente e ele contou como é que se deu esse massacre lá do Alalaú. Houve dois no Alalaú, na verdade, um às margens de uma balsa que tinha lá em que alguns funcionários da FUNAI escaparam, nadando no Rio Alalaú e houve outro, mais adiante, que é esse que eu me referi anteriormente.

O do Santo do Abonari eu fui testemunha ocular e mais que testemunha ocular eu participei das ações que vieram a desencadear e desembocar neste massacre, eu fui o oficial responsável pela administração e guarda do acampamento, no final de dezembro de 1974, por ocasião da dispensa do pessoal civil e militar em função das festas de final de ano. Como muita gente tinha a família longe em outros Estados foi dada uma larga dispensa para esse pessoal eu fui voluntário para permanecer no acampamento porque logo depois quando o pessoal que estava todo fora retornasse eu entraria em férias, então fui voluntário para permanecer no acampamento, fiquei eu a minha esposa um 3º Sargento Goulart de engenharia e me parece que 13 militares e alguns civis, nós completávamos um efetivo em torno de 20 pessoas nesse acampamento num dia que eu não sei a data exatamente, na parte da tarde, 5

Índios Atroari apareceram no nosso acampamento e o Sargento Goulart, que tinha uma compleição física – um pouco gordinho – assim como a gente fala na caserna, chegou na minha casa que ficava a uns 300 m do acampamento bufando, assustado porque os Índios tinham chegado ao acampamento.

Imediatamente botei a farda e me dirigi para o acampamento e lá encontrei os Índios comendo algumas bolachas, tomando suco, curiosos observando as instalações do acampamento, a minha mulher que ficou nervosa porque eu ia entrar em contato com os Índios vestiu uma farda botou um chapéu Bandeirante e foi até o acampamento e na hora que ela chegou lá vestida de soldado os Índios a identificaram como mulher e chamaram “*Maria*” foi nessa hora que foi realizada uma troca, eles manifestaram o desejo de ofertar a ela um passarinho que estava preso numa gaiola feita de cipó e embira e ela como não tinha um presente ali para dar na hora consegui uma marmitta dessas de metal, dessas que o gaúcho chama de vianda, uma marmitinha dessas e deu em troca para o Índio, conversamos um pouco ali tentamos explicar algumas coisas para os Índios e um Índio foi na minha casa pegar esta marmitinha, acompanhado de alguns soldados, foi à pé assim uns 300 m buscar a marmitinha trocada pelo passarinho e eu convidei os Índios, mandei que colocassem umas latinhas vazias de goiabada a uns 20 m de distância, pedi para o Soldado de guarda que me emprestasse o mosquetal dele, mosquetal, você sabe não é Hiram aquelas armas antigas do mosquetão adaptado. Dei uns tiros pessoalmente e atirei naquelas latinhas, acertei e os Índios imediatamente sentiram vontade e também atiraram de flecha, duas ou três flechadas e também acertaram as latas. Depois daquilo, eles retornaram para o acampamento do Abonari.

Foi contatado, pelo Posto da FUNAI, o Gilberto Pinto em Manaus, eu não me lembro se ele veio no outro dia de manhã de avião, me parece que sim, e foi combinada a vinda do Capitão, Bonilha que era Chefe da Seção Técnica em Boa Vista, também veio para o acampamento, porque foi um fato inusitado – os Índios apareceram no acampamento do Exército –, foi um comentário muito grande, uma rebordosa e combinaram que no outro dia nós faríamos uma visita à estrada acompanhados pelo Gilberto Pinto e pelo Capitão Bonilha e que os Índios passeariam pelo trecho da estrada na boleia de um caminhão do 6ºBEC, parando de vez em quando e assim eu fizemos.

Eu estava na carroceria junto com mais ou menos vinte Índios, eles muitas vezes desejaram parar onde tinha um bueiro ARMCO ⁽²⁵⁾ para gritar na boca do bueiro, desciam e gritavam na boca do bueiro para escutar o eco, eles gostavam muito escutar o eco dos seus gritos e nós tínhamos a missão do Gilberto Pinto de dizer a eles que o “*Caminzão*”, a estrada era nossa, era do Exército, dos brasileiros, não era deles, mas que o restante permanecia deles, a estrada, as casas, mas eu tenho certeza de que eles não entenderam porque eles não entendiam como eu li no livro onde tem várias situações que conversaram com os Índios, era impossível conversar com aqueles Índios naquela época.

Os Índios não entendiam português só entendiam “*maré bom*”, “*maré mau*” e “*Maria*” e pouco mais do que isso, não existe diálogo – foi explicado para os Índios, os Índios não conversaram com ninguém, nunca conversaram com ninguém, os Índios não entendiam o português.

²⁵ Bueiro tubular metálico. (Hiram Reis)

Se nós repetíamos uma frase, pronunciávamos uma frase para eles – *“vamos passear de caminhão”*, eles respondiam – *“vamos passear de caminhão”*, eles não entendiam o significado das palavras.

Passeamos e voltamos deixando os Índios na margem do Abonari, na altura da ponte, cujo Posto da FUNAI ficava uns 3 km a jusante, Rio abaixo, e nós retornamos para o acampamento e isso já era parte da tarde do segundo dia da visita dos Índios, o Gilberto Pinto permaneceu no acampamento com esses Índios e eu voltei tranquilo, o Capitão foi embora para Boa Vista, retornou o Capitão Bonilha e eu fiquei tranquilo ali.

No outro dia, as seis e pouco da manhã, chegou à minha casa outra vez o Sargento acompanhado do Índio que eu não sabia, na época, mas hoje eu sei que era o Ivan, não é, o sobrevivente do massacre, apavorado, dizendo inclusive – *“mataram todo mundo, mataram todo mundo”*, não conseguia falar. Eu lembro que dei meio copo de Whisky puro para este Índio, ele estava em estado de choque. Ele era um Índio aculturado, este sobrevivente, ele tinha andado uns 3 km, atravessado a nado o Rio Abonari, corrido uns 3 km até a ponte e cerca de mais seis até o nosso acampamento, então esse foi o trajeto que ele fez, ele estava esbaforido, muito cansado.

E eu comuniquei, de novo, a sede, em Boa Vista, que tinha havido um massacre, imediatamente o Capitão Bonilha retornou para o nosso acampamento, retiraram as mulheres que havia no acampamento, era a minha esposa e a esposa do Tenente Eduardo que tinha ficado de férias no acampamento não ia viajar não estava de serviço, mas permanecera no acampamento numa das casas da Vila Militar, vamos dizer assim, levaram essas senhoras para Manaus no avião que Capitão tinha vindo de Boa Vista.

Decidiu o Capitão que nós devíamos fazer uma patrulha para ir até o Posto do Abonari verificar o que realmente tinha acontecido e aí fizemos uma patrulha de 10 elementos a pé, mata adentro, da diagonal desse triângulo Posto – Ponte – Acampamento, diferente do que consta do livro ⁽²⁶⁾ nós não fomos de canoas, nós fomos a pé dentro do mato, inclusive temerosos e bem protegidos uns pelos outros com cobertura, porque nós temíamos que os Índios pudessem tentar nos atacar.

O Capitão Bonilha num ato de coragem, na entrada, onde havia o Posto da FUNAI, havia uma clareira de, mais ou menos, uns 50 m de raio, a casa ficava na beirada do Rio e quando nós saímos da mata e ingresamos nessa parte desmatada já encontramos o primeiro funcionário da FUNAI morto com muitas flechadas no peito e muito machucado. O Capitão Bonilha ordenou a mim que permanecesse com meus homens no mato e que ele sozinho entraria no posto da FUNAI e que dentro de 3 minutos ele não retornasse eu deveria avançar com os homens porque teria havido alguma coisa mais grave.

Dentro de alguns, não chegou há 3 minutos, o Capitão chegou à janela da casa e fez sinal para que nós avançássemos e quando chegamos dentro da casa encontramos outro funcionário da FUNAI morto e logo abaixo da casa, uns 15 ou 20 m, quando muito, tinha o que eles chamam de casa de farinha, onde eles ralam a mandioca para fazer farinha e ali se encontrava o Sertanista Gilberto Pinto de bruços com três flechadas nas costas e cujas flechas apontavam o abdômen, duas pelo menos apontavam como querendo atravessar, mas não conseguiram atravessar.

²⁶ PORFÍRIO DE CARVALHO. Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada – Brasil – Brasília, DF – Editado pelo autor, 1982.

Decidimos, então, que faríamos algumas buscas porque faltava ainda um funcionário da FUNAI, avistamos no entorno pedaços de arma, pedaços de rádio, garrafas de Fanta no chão e não havia rastro de Índio nenhum e as canoas da FUNAI, que eram motorizadas não se encontravam mais na margem do Rio.

Segundo o sobrevivente, de manhã o Gilberto desconfiou que os Índios estivessem tramando algum ataque e mandou que ele esvaziasse as canoas com uma latinha, porque tinha um pouco de água dentro das canoas para levar logo esses Índios embora, porque ia levar Rio acima os Índios com as canoas, eram 27 Índios ao todo, transportar os Índios com as canoas da FUNAI.

Neste momento ele disse que estava com um olho nos Índios e outro olho na água da canoa e quando ele tirando a água da canoa olhou para os Índios, um Índio daqueles puxou a flecha, distendeu o arco para atingi-lo e nesse momento ele mergulhou na água do Rio e atravessou e foi me avisar. Ainda tinha uma flecha dentro do Rio, cravada no pau de uma árvore caída, um pau meio podre dentro d'água, ainda tinha uma flecha cravada aí.

Nós decidimos transportar o corpo do Gilberto Pinto e dos outros dois em padiolas – uma vara de madeira com uma rede, botamos o corpo numa rede e amarramos as duas pontas da rede numa vara e cada um botava a ponta da vara no ombro para transportar. Não foi possível porque o corpo é muito difícil de transportar, fica muito pesado.

Resolvemos, então, construir com as canoas que tinham lá. As que tinham sobrado, as dos Índios e acho que uma da FUNAI, se não me engano, construímos balsas com as portas da casa e transportamos esses corpos para a região da ponte do Abonari.

Terminamos este transporte à noite, então outra mentira (27), o Gilberto não chegou a Manaus no mesmo dia da sua morte, ele só chegou a Manaus no outro dia que acredito tenha sido de avião, mas não tenho certeza absoluta. Eu cortei as hastes das flechas que estavam perfurando o corpo do Gilberto Pinto porque elas não saem, tem fisgas, ficam trancadas dentro do corpo e eu acredito que em Manaus tenham tirado essas flechas, lá na biópsia devem ter extraído essas flechas do corpo do Gilberto Pinto. Eu tinha 24 fotos desta epopeia tiradas com a máquina Olympus Trip que foram requisitadas pelo pessoal do Batalhão e do Grupamento e eu nunca mais vi essas fotos. No outro dia veio mais gente de Boa Vista e fizeram outra patrulha que eu não participei e encontraram um quarto morto, uma quarta pessoa morta, com um cartucho detonado, eu acredito que tenha sido único tiro que foi dado naquela epopeia, o tiroteio que o pessoal disse que ouviu deve ter sido de um tiro de um funcionário da FUNAI que abateu um Índio e esse funcionário tinha 11 flechas cravadas nas costas. É essa a epopeia.

Pergunta: Certamente ele tinha acertado alguém.

Resposta: É ele matou um Índio entrincheirado num tronco caído. Ele correu se escondeu atrás daquele tronco e os Índios atacaram ele pela frente e ele matou um Índio e os outros foram por trás e deram 11 flechadas nas costas dele.

Pergunta: o Sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6º BEC após a chegada do 1º BIS?

²⁷ PORFÍRIO DE CARVALHO. Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada – Brasil – Brasília, DF – Editado pelo autor, 1982.

Resposta: As alterações foram muitas alterações que atrapalhavam e prejudicavam o serviço de construção da BR porque principalmente os funcionários civis, nós tínhamos cerca de 400 funcionários, principalmente os funcionários civis do 6ºBEC deste tempo em diante, por algum tempo que lá permaneci, eles temiam se deslocar sozinhos, por exemplo, um mecânico que ia concertar uma máquina, um eletricista, um funcionário, um lubrificador, um operador de máquina isolada, o patroleiro do revestimento, esse pessoal não queria patrolar sozinho ele tinha medo – esses Índios vão me matar, então era obrigado a ter em cada equipe dessas um ou dois soldados do 1ºBIS armados acompanhando, houve um prejuízo muito grande na rotina e inclusive o serviço ficou paralisado por alguns meses.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores dos mesmos?

Resposta: Algum tiro houve, quando se desconfiava de algum movimento diferente, alguns tiros para o ar, mas nenhum tiro, por exemplo, pelo pessoal do 1ºBIS, o pessoal do BIS tinha a munição mais ou menos contada e o cara que está no mato, vamos dizer assim, pronto para combater uma guerrilha, não vai querer gastar a munição dele à toa e depois arriscando a ser atacado e não ter mais munição e nós do Batalhão não tínhamos quase munição nenhuma, nós tínhamos um mosquefal velho e umas carabinas 7.65, se não me engano, ou 5.63, não me lembro mais do calibre, que aquilo era usado como uma bengala para algum deslocamento.

Alguns funcionários do Batalhão que já tinham prestado serviço militar foram transformados, também, em vigilantes e seguranças das nossas equipes. Houve algum tiro sim Hiram, mas não maciçamente e não em direção à mata, algum tiro de advertência, de alerta eu sei que houve.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu Índios mortos serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Nunca. Nunca vi e nunca ouvi Índio morto de jeito nenhum, até porque não era interesse nosso matar os Índios, nós sabíamos que se matássemos um os outros poderiam vir e não era nossa intenção e nem da nossa índole, a nossa preocupação era a construção da estrada e havia sempre um respeito muito grande pelas recomendações e da política da FUNAI. Havia uma convivência muito boa entre nós, os executores das obras e o pessoal do Posto da FUNAI que não era diretivo e sim executor do serviço deles, nós, inclusive, apoiávamos esse pessoal constantemente. Nunca houve, de jeito nenhum.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além dos aviões da FUNAI ou do 6ºBECnst?

Resposta: Não. Não nunca vi.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: Eu sei por que eu vi o Sydney Possuelo e outro, que eu não me lembro, acompanharem por certo tempo a equipe da topografia, inclusive eles eram o pessoal mais avançado no pique da topografia da estrada.

Pergunta: o Sr. sabe informar se houve alguma iniciativa, por parte da FUNAI, para afastar os Indígenas das frentes de trabalho?

Resposta: Havia uma preocupação da FUNAI de não deixar os Índios entrarem em contato com os trabalhadores da estrada, esta preocupação havia, porque os postos eram na altura das vias navegáveis que os Índios tinham acesso e fora do eixo da estrada, havia esta proteção da FUNAI para que os Índios não se misturassem com o pessoal da estrada.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos WA?

Resposta: Nenhum, inclusive no tempo em que estive lá, o pessoal tinha certo medo dos Índios, certo medo de enfrentar os Índios. Porque a maioria do pessoal que ali trabalhavam eram maranhenses, pessoal nordestino, e esse pessoal tinha medo de enfrentar os Índios, e mais, durante o tempo que permaneci lá houve um contato amistoso depois desse massacre bem na frente de serviço, senão me engano na equipe de desmatamento ou revestimento primário em que um ou dois Índios embarcaram numa patrôla (numa motoniveladora) e o operador da patrôla quase morreu de medo, mas depois viu que não havia intenção de matá-lo e andou com os Índios na patrôla.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos Comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Olha a orientação, para começar, o pessoal da frente de serviço não tinha segurança armada e passou a ter certa proteção depois que o BIS apareceu e

o pessoal do BIS que chegou lá muito precavido, muito pronto, logo em seguida foi se desmobilizando porque viram que os Índios não apareciam nunca, então o cara ficava de guarda na periferia do desmatamento e não enxergava Índio nenhum, os Índios demoraram 5 ou 6 meses para aparecerem novamente.

Então o nosso pessoal queria era distância dos Índios, ninguém estava predisposto a exterminar o Índio ou agredir os Índios, de jeito nenhum nós queríamos era tocar a estrada e que eles não mais aparecessem.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Neste período eu acho que nós tivemos uns 2 ou 3 mochileiros que vinham a pé pela estrada, acho que pegando carona de Manaus, ali eram 230 km de Manaus, então aparecia algum elemento querendo ir para a Venezuela, para o garimpo, atravessar a selva e esses eram desestimulados a fazer a travessia e mandados de volta para Manaus. Uns três casos, se não me engano.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 16h39 (horário de Brasília)

Depoente: Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro

Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)



Imagem 23 – Canoa arreventada pelos Índios



Imagem 24 – Voadeira avariada pelos Índios



Imagem 25 – Posto S. Antônio do Abonari II



Imagem 26 – Equipe de Resgate



Imagem 27 – Sertanista Gilberto Pinto



Imagem 28 – Sertanista Gilberto Pinto



Imagem 29 – Servidor da FUNAI massacrado



Imagem 30 – Servidor da FUNAI massacrado

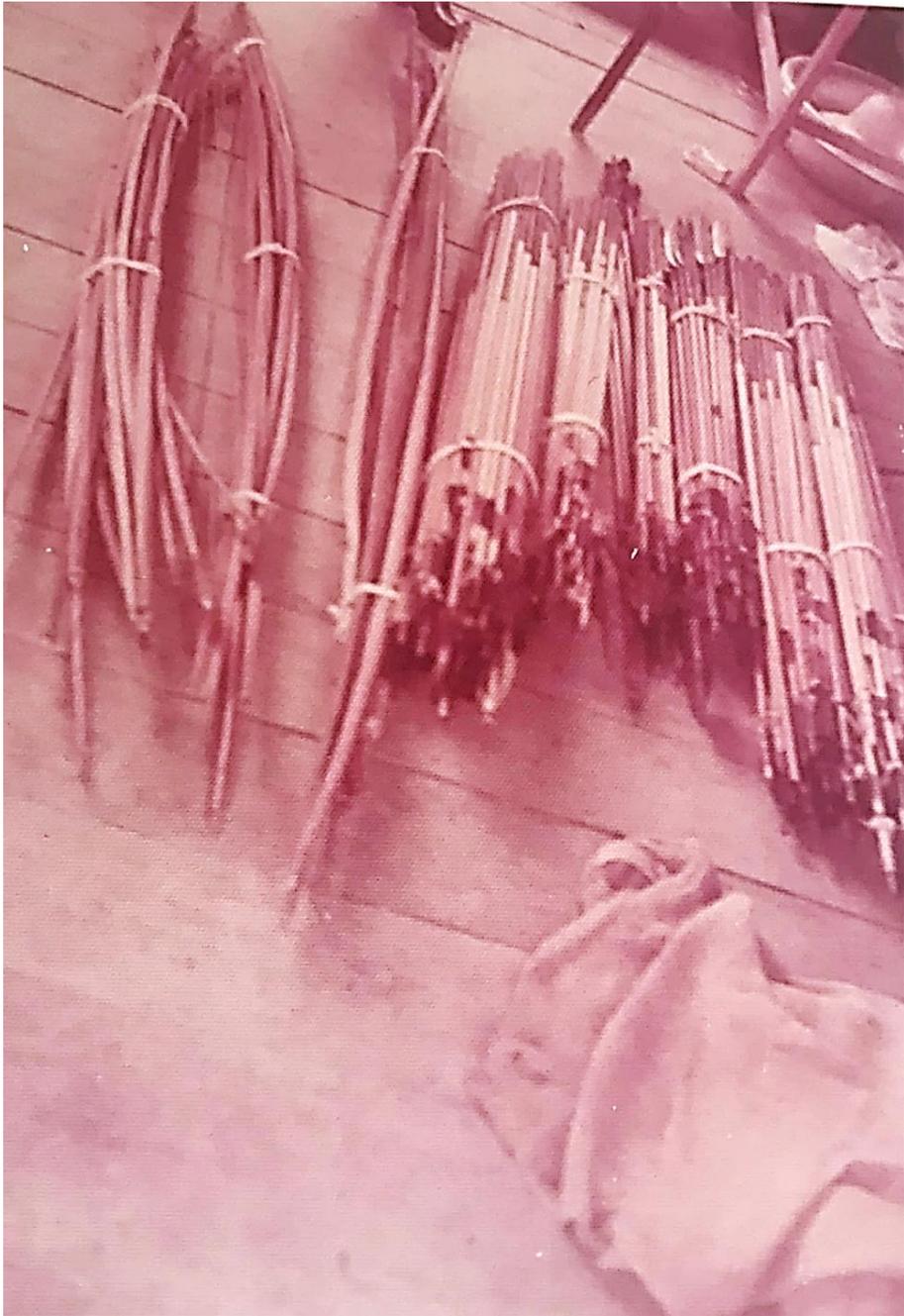


Imagem 31 -Material encontrado no Posto da FUNAI



Imagem 32 – Sobrevivente Ivan Lima Ferreira

Os Estatutos do Homem (Thiago de Mello)



Artigo I

*Fica decretado que agora vale a verdade.
Agora vale a vida,
E de mãos dadas,
Marcharemos todos pela vida verdadeira. [...]*

Artigo IV

*Fica decretado que o homem
Não precisará nunca mais
Duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
Como a palmeira confia no vento,
Como o vento confia no ar,
Como o ar confia no campo azul do céu. [...]*

Artigo V

*Fica decretado que os homens
Estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
A couraça do silêncio
Nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
Com seu olhar limpo
Porque a verdade passará a ser servida
Antes da sobremesa.*

Gen Ex Joaquim Silva e Luna

Termo de Depoimento do Sr. Gen Ex Joaquim Silva e Luna

Aos 31 dias de agosto de 2022, às 11h27 (Horário de Brasília), em audiência virtual, realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União dos autos da ação cívica Waimiri-Atroari nº 1001605-06.2017.4.01.3200, vamos iniciar a inquirição com o testemunho do Gen Ex Joaquim Silva e Luna. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu no 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC) em que períodos?

Resposta: Servi, servi em dois períodos. Servi como Capitão, após conclusão da EsAO, de dezembro 1981 até o início de 1985, e depois servi como Coronel Comandante do Batalhão nos anos de 1996 a 1998.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonari II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: Eu tomei conhecimento por ouvir no Batalhão, estórias contadas, e depois eu tive a oportunidade de ler o livro do Porfírio de Carvalho numa viagem que fiz, mas isso já como Coronel, uma viagem que fiz a Manaus de avião e li o livro dele. Foi exatamente esta epopeia que ele chamou de massacre.

Pergunta: o Sr. tem alguma observação sobre este livro?

Resposta: Achei que era a versão dele, a versão muito particular dele contada com detalhamento feito por ele e que existiam outras narrativas com testemunhos verdadeiros que não concordam com aquela apresentação como está sendo feita, esta foi a forma como eu tomei conhecimento destes fatos.

Pergunta: o Sr. presenciou ou ouviu falar de algum ato hostil por parte do Exército em relação aos Waimiri-Atroari, no período em que lá serviu ou anterior a ele?

Resposta: Nenhum, e pelo contrário, não só fizemos contato e atividades que exatamente demonstram o contrário, o apreço e o cuidado, que o Exército tinha quando lidava com os Waimiri-Atroari.

Pergunta: o Senhor teve algum contato mais direto com os Waimiri-Atroari, depois de lá ter servido?

Resposta: Tive, durante a minha ida quando fui comandar o Batalhão. Quando servi como Capitão eu não tive contato, porque comandava a 2ª Companhia destacada em Caracaraí, que estava bastante distante de lá, a área de atuação da Companhia não chegava à área dos Waimiri-Atroari, então não tive praticamente contato a não ser quando cruzava pela reserva, mas praticamente nenhum contato.

Quando voltei como Coronel, uma das minhas primeiras tarefas foi justamente reiniciar um trabalho que já estava paralisado, a quase um ano, do asfaltamento da rodovia e então tivemos quatro reuniões todas elas bastante, não vou dizer que foram amigáveis, porque estávamos discutindo os termos de um compromisso que fora assinado, e em quatro reuniões, um mês depois nós reiniciamos o trabalho com eles e durante os dois anos nosso relacionamento foi sempre amistoso e sempre concordamos naquilo que era tratado, então não tivemos

nenhum, nenhum problema, todas as solicitações que foram feitas na época foram atendidas.

Depois que saí de lá ainda voltei a ter contato com eles, inclusive como Ministro da Defesa, voltei lá, tenho imagens desses contatos que também foram bastante amistosos e até acrescento alguma coisa se for preciso falar com os Waimiri-Atroari, agora neste momento que estamos falando, eu consigo falar com eles eu tenho o contato deles através do Antônio Carlos, consigo falar com o Mário Parwe porque este contato nunca foi rompido.

Pergunta: o Sr. tem algum documento ou fotos que retratem esta interação?

Resposta: Eu tenho fotografias e tenho condições de encaminhar estas fotos que foram tiradas na época, foram várias fotos, e essas foram de uma jornada ⁽²⁸⁾ que durou um dia, onde fui acompanhado de uns Procuradores dos Estados do Amazonas e de Roraima, que participaram apenas como acompanhantes, de uma reunião para tratar exatamente da retomada da colocação de torres de transmissão dentro da faixa de domínio da estrada. A reunião inicialmente, uma discussão nunca começa de maneira afável, mas depois chegamos a um entendimento, assinamos um termo de compromisso que ficou selado e daí para frente retornaram os trabalhos. O impasse que estava havendo era porque era feito um pagamento e a partir de um determinado período este pagamento era reduzido de 60% como houve a redução os Waimiri-Atroari reclamaram disso.

²⁸ O Gen Ex Silva e Luna, então Ministro da Defesa, a pedido do Ministro das Minas e Energia e do Presidente da República, em 2018, foi acompanhado do Comandante Militar da Amazônia, Procurador-Geral da Justiça de Roraima (MPRR), Procurador-Geral da Justiça do Amazonas (MPAM). (Hiram Reis)

Então houve uma retomada, o Ministério das Minas e Energia, na época me pediu para fazer esse contrato juntamente com o próprio presidente da república. Nós estivemos lá o contrato foi feito e tenho imagens, tenho fotos, que demonstram como o nosso contato foi amistoso e amigável.

Pergunta: este arranjo que o Sr. fez com a Marinha para conseguir uma lancha com motor de popa e cursos para os Waimiri-Atroari, poderia nos contar com mais detalhes?

Resposta: Isso ai já eu tinha saído do Ministério da Defesa e estava presidindo a Itaipu Binacional no Paraná, em um contato do Antônio Carlos ele perguntou se era possível eles fazerem estes cursos, fiz contato com a Capitania na época através do Comando da Marinha e eles concederam o curso, foi feito o curso, foram entregues as carteiras, foi renovado o curso novamente e, depois disso, eles pediram uma embarcação e nós conseguimos a embarcação inclusive com um acréscimo – colocado no motor de popa, foi feita esta doação também.

Temos imagem desta entrega que demonstra um total apreço das Forças Armadas com os Waimiri-Atroari, e eles reconhecem isso, tenho documento deles agradecendo e informando que tinham recebido.

Detalhe, continuam solicitando esses cursos, não mais por meu intermédio como eles já criaram um canal com a Marinha eles fazem esta solicitação periodicamente à Marinha aí no Estado do Amazonas.

Pergunta: o Sr. continua mantendo algum contato com o Mário Parwe?

Resposta: Eu não mantenho contato por iniciativa minha, mas sempre que eles buscam eu retorno o contato com eles. Semana passada, casualmente, o Antônio Carlos fez um contato só para saber se estava tudo bem, saúde e tal e uma mensagem pelo WhatsApp e terminou por aí.

Pergunta: o Sr. tem mais uma coisa a acrescentar General à respeito deste imbróglio?

Pergunta: Eu me lembro que no período que nós estávamos fazendo o asfaltamento da BR, já bastante avançado, com mais de um ano, houve uma reunião que eles pediram para retirar uma pedra onde tinha a relação das pessoas que foram mortas neste incidente e nós tiramos, concordamos com eles, era uma pedra de quase seis toneladas, colocamos em um caminhão com um guincho e ela foi colocada lá no 6º BEC, criada uma Praça denominada Padre Calleri, e hoje está lá, imagino que esteja lá até hoje uma praça onde se encontra a relação das pessoas que morreram neste incidente. Mas a relação nossa em todos os momentos, eu tinha relação com os médicos, com os índios e ela sempre foi muito amigável e amistosa.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado dou por encerrado o Presente depoimento à 11h38 (Horário de Brasília).

Depoente: Gen Ex Joaquim Silva e Luna

*Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)*



CARTA

Comunidade Waimiri Atroari, 17 de dezembro de 2020.

Ao amigo
General Luna

Queremos agradecer ao nosso amigo, General Luna, pela amizade e respeito com o nosso povo, e por usar de sua autoridade e influência junto à Marinha para a doação de um barco voadeira para ser utilizado por nós no apoio à saúde. Ontem, dia 16 de dezembro de 2020, três lideranças Kinja receberam na Capitania dos Portos em Manaus, um barco voadeira junto com um motor de popa 50 HP. Ficamos muito felizes. Ele será muito bem utilizado por todas as aldeias dos rios Curiaú e Camanaú.

Muito Obrigado General Luna !

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink that reads "Mario Parwe Atroari".

Mario Parwe Atroari
Presidente da Associação Comunidade Waimiri Atroari

Imagem 33 – Carta de Mário Parwe Atroari



Imagem 34 – Encontro de Mário Parwe e Gen Silva Luna



Imagem 35 – Gen Silva Luna e Mário Parwe



Imagem 36 – Mário Parwe e Gen Silva Luna

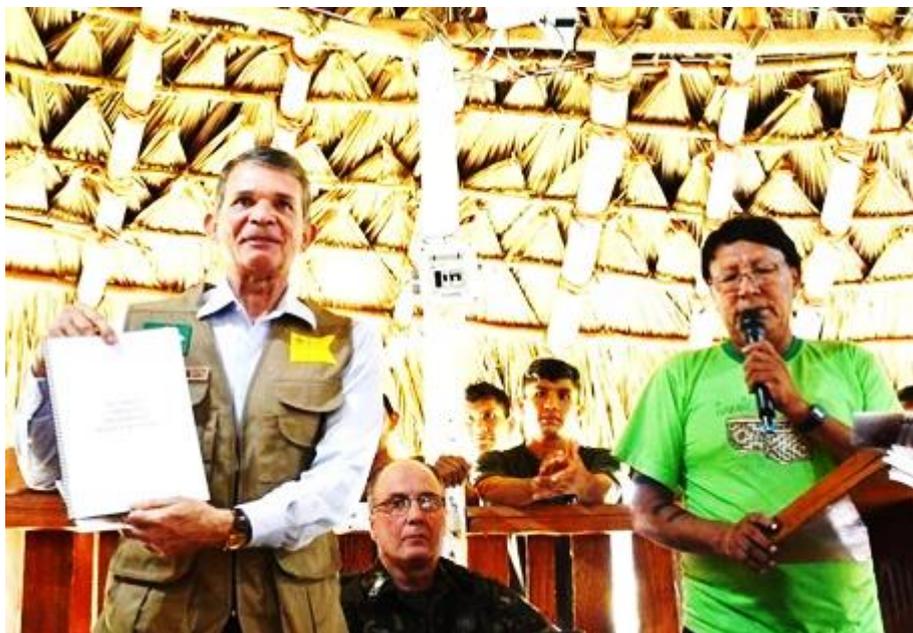


Imagem 37 – Gen Silva Luna e Mário Parwe



Imagem 38 – Doação da Marinha aos WA

Versos a um Cão (Augusto dos Anjos)

*Que força pode, adstricta a ambriões informes,
Tua garganta estúpida arrancar
Do segredo da célula ovular
Para latir nas solidões enormes?!*

*Esta obnoxia inconsciência, em que tu dormes,
Suficientíssima é, para provar
A incógnita alma, avoenga e elementar
Dos teus antepassados vermiformes.*

*Cão! Alma de inferior rapsodo errante!
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a
A escala dos latidos ancestrais. . .*

*E irá assim, pelos séculos, adiante,
Latindo a esquisitíssima prosódia
Da angústia hereditária dos seus pais!*

Verdade (Carl Gustav Jung)

O conhecimento da verdade é a intenção mais elevada da ciência e considera-se mais uma fatalidade do que intenção se, na procura da luz, provocar algum perigo ou ameaça. Não é que o homem de hoje seja mais capaz de cometer maldades do que os antigos ou os primitivos. A diferença reside apenas no fato de hoje ele possuir em suas mãos meios incomparavelmente mais poderosos para afirmar a sua maldade. Embora sua consciência se tenha ampliado e diferenciado, sua qualidade moral ficou para trás, não acompanhando o passo. Esse é o grande problema com que nos defrontamos. Somente a razão não chega mais a ser suficiente!

Cel Av Renato Meirelles

No dia 1º de setembro de 2022, às 11h08 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, nº 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Cel Av Renato Meirelles. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: Qual a sua experiência em helicópteros e aviões da FAB?

Resposta: De helicópteros eu tenho um total de 3.000 horas de voo, sendo que 1.500 horas neste tipo de aeronave que foi trazida ao assunto, UH-1D/H, eu sou qualificado como Instrutor nesse equipamento. Se acrescentar a minha experiência acumulada também em aviões, perto das 7.000 horas totais.

Pergunta: O helicóptero, como plataforma de emprego de armamento, é usado para Lançamento de Bombas?

Resposta: Vamos ressaltar o seguinte, os helicópteros que a FAB comprou, adquiridos em 1967, eram do modelo UH-1D, foram destinados para a Busca e Salvamento ⁽²⁹⁾ e outra parte foi destinada também para Instrução e Emprego. Como emprego a gente entende o uso do helicóptero ou da aeronave como uma plataforma de armas. Na FAB, os helicópteros foram armados com metralhadoras frontais e laterais e com lançadores de foguetes, também frontais.

²⁹ SAR – Search and Rescue. (Hiram Reis)

Nunca se firmou Doutrina de uso do helicóptero como plataforma para lançamento de bombas. Este emprego de lançar bombas ficou exclusivo para aeronaves de asa fixa.

Pergunta: A FAB utiliza uniforme camuflado para seus aeronavegantes?

Resposta: Não. No ano que houve inclusive essa Operação de Resgate da Expedição Calleri o uniforme padrão que a FAB usava era macacão de voo azul-marinho, era um azul-escuro. O uniforme camuflado para uso da tropa foi adotado por volta da década de 80 e os aeronavegantes não usavam macacão camuflado e, aliás, não usavam e não usam até hoje.

Pergunta: No período considerado entre 1968/1974 saberia informar qual uniforme usava o PARASAR?

Resposta: Perfeitamente, lembro muito bem que era um uniforme verde-oliva claro, era diferente, liso, sem camuflagem. E era só o PARASAR que usava este uniforme.

Pergunta: Qual a autonomia do helicóptero UH1H?

Resposta: O UH1H tinha uma autonomia com seus tanques internos de duas horas e quarenta, e ele tem um alcance da ordem de 510 km. Ele dispõe de tanques auxiliares para poder fazer traslados em etapas mais longas, o que aumenta bastante a autonomia dele, mas só que penaliza a carga-paga, o quanto pode embarcar, então bota querosene e fica a carga no chão ou o passageiro. Essas são as opções que nós temos.

Pergunta: Por que na operação de resgate da Expedição do Padre Calleri foi montada uma base de apoio em Moura?

Resposta: Por uma razão bastante simples, o helicóptero ao decolar tem, com os tanques internos, a capacidade de ir até o destino e regressar. A partir de Moura a distância aproximada era da ordem de 150 km para se chegar à região que tinha fazer o atendimento, então ele tinha condições de sair, partindo de Moura, ir até a área e regressar sem necessidade de reabastecimento. Se partisse de Manaus, a distância só na perna de ida seria de 275 km, o que obrigaria a reabastecer em algum ponto, algum lugar, por isso é que fizeram uma base em Moura exatamente para não sacrificar tanto a missão.

Pergunta: O Exército tinha este modelo de helicóptero nesse período?

Resposta: Não, o Exército Brasileiro na realidade reativou a sua Aviação somente no final da década de 80 e jamais operou com este modelo de helicóptero.

Pergunta: O Sr. tomou conhecimento de alguma operação aérea com o objetivo de exterminar os Waimiri-Atroari?

Resposta: Em toda a minha carreira na Força Aérea eu nunca ouvi falar qualquer coisa a respeito ao contrário a nossa experiência foi sempre de companheirismo e buscar a aproximação com os Índios de forma pacífica, cordial e por onde nós passamos sempre deixamos esta máxima haja visto que por diversas vezes eu tive a oportunidade congratuar com índios, não desse grupo, mas de outros, e sempre foi uma coisa pacífica.

Nós sempre nos pautamos por aquele lema do insigne Marechal Rondon: "Morrer, se preciso for; matar, nunca".

Então mantínhamos esta conduta.

Pergunta: O Sr. teria mais alguma coisa a acrescentar à sua oitiva?

Resposta: Apenas a minha surpresa de saber de aparecer uma narrativa como essa acusando as nossas Forças Armadas de participar de algo assim tenebroso, não é. Foge por completo de nossa característica, a família militar nunca, nunca se envolveu nesse tipo de atrocidades, não é da nossa inclinação fazer isso aí. Eu fui tomado de surpresa quando soube disso aí. É tudo que eu teria para relatar.

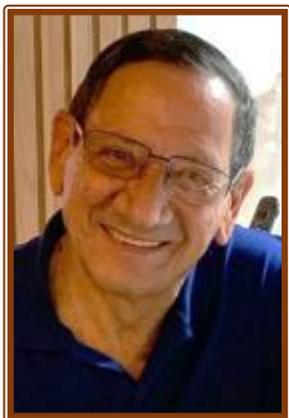
E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento, às 11h15 (horário de Brasília).

Depoente: Cel Av Renato Meirelles

Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)



ST Vet Luiz Mário Severo Ávila



Ao dia 1º de setembro de 2022, às 11h56 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, nº 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. ST Luiz Mário Severo Ávila. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu, trabalhou ou prestou serviço no 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC) em que período?

Resposta: Eu pedi transferência para o 6º BEC por conclusão do meu curso na ESA ⁽³⁰⁾ em 1969, e cheguei a Boa Vista nos primeiros dias de 1970 (em janeiro) e permanecendo no 6º BEC até abril de 1982. Retornando, novamente, ao 6º BEC em 1987 permanecendo no 6º BEC até outubro de 1994.

Pergunta: o Sr. participou da construção da BR-174, caso positivo qual sua função e em que período?

Resposta: Durante toda a minha permanência no 6º BEC a minha participação foi muito efetiva na construção da BR-174. Eu fui o topógrafo responsável pela topografia do trecho Boa Vista – Pacaraima e do trecho desde o Rio Alalaú até o Rio branco em Caracaráí.

³⁰ Escola de Sargentos das Armas. (Hiram Reis)

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II (no dia 01.10.1974), à turma de desmatamento – os maranhenses (no dia 18.11.1974), e ao Posto Abonari II (no dia 29.12.1974)?

Resposta: Sim. Estas notícias, na época, foram amplamente divulgadas e nós estávamos no Batalhão acompanhando o desenrolar através das fônias entre o André e o comando do Batalhão.

Pergunta: o Sr. após estes massacres observou mais alguma atividade hostil por parte dos nativos?

Resposta: Os Waimiri e Atroari nunca tiveram alguma atividade hostil, sempre nos trataram com gentileza e com harmonia nunca houve desarmonia com os militares. Houve uma preocupação após estes massacres em função do nosso contingente militar que trabalhava no local.

Pergunta: o Sr. pode apontar quais foram as alterações na rotina dos trabalhadores do 6º BEC após a chegada do 1º BIS?

Resposta: O Pelotão do BIS foi para proteger e resguardar o nosso material e equipamento. Houve uma paralização temporária e logo em seguida, um ou dois meses depois, as atividades voltaram ao normal sem nenhuma alteração.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos? Caso positivo, presenciou ou apenas ouviu à distância ruídos que se assemelhavam a disparos e explosões, qual a frequência destes eventos, teve a oportunidade de identificar quem eram os autores e como se vestiam?

Resposta: Durante minhas idas, que eram inconstantes ao trecho, nunca ouvi falar que tivesse acontecido algum tipo destes incidentes.

Pergunta: o Sr. em alguma oportunidade viu Índios serem transportados por caminhões do Exército?

Resposta: Tomei só conhecimento através do comandante da Companhia, mas não cheguei a ver.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoos de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI e do Exército?

Resposta: Durante os trabalhos em que eu estive no local as únicas vezes inclusive eu cheguei a fazer algum voo sobre as comunidades para ter uma visão em relação aonde eles se encontravam e a nossa linha de topografia com a finalidade principal de se saber estava longe ou perto destas comunidades.

Pergunta: o Sr. sabe informar se a FUNAI, a partir de 1975, acompanhava os trabalhos de abertura das picadas pela equipe de topografia?

Resposta: Não, a FUNAI não procurava evitar contatos dos Índios com as nossas equipes ela não acompanhou nossas equipes de topografia. Nessa época nós tínhamos a equipe de topografia do Batalhão para que o civil André, chefe equipe de desmatamento e, em 1974, também o DNER para fazer um projeto executivo para pavimentação também sem o acompanhamento do pessoal da FUNAI.

Pergunta: o Sr. presenciou algum suposto ato hostil por parte dos trabalhadores em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Nenhum ato hostil houve por nossa parte ou por parte de nossos funcionários todo pessoal foi sempre

bem tratado, houve sempre um bom relacionamento entre os militares e civis.

Pergunta: o Sr. poderia relatar qual a orientação dos comandantes das frentes de trabalho em relação aos Waimiri-Atroari?

Resposta: Procurar evitar o contato com os Índios e sempre que eles apareciam nos nossos acampamentos eram tratados como uma pessoa igual à gente, eram tratados com todo o respeito nunca houve nenhuma interferência na vida ou em outras atividades.

Pergunta: o Sr. notou a presença de algum estrangeiro na área neste período?

Resposta: Durante os períodos em que estive lá não.

Pergunta: o Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: Todo o efetivo militar que trabalhou durante a construção e da abertura da BR-174 sempre teve um ótimo relacionamento com ao Waimiri-Atroari. A equipe do André, a equipe de topografia, nossos companheiros do BEC e da companhia nunca tiveram nenhum incidente com os Índios.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento, às 12h06 (horário de Brasília).

Depoente: ST Luiz Mário Severo Ávila

Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)

Gen Div R1 Décio dos Santos Brasil

Os Romeiros da Morte ***(Francisco Lobo da Costa)***

*[...] O entusiasmo domina a Velha Guarda!
– Brados... exclamações... ao General
Os cavalos escarvam e os freios mordem...
E a música postada na vanguarda
Bate trêmula o Hino Nacional. [...]*

Recebi um e-mail do Exmº Sr. General de Divisão R/1 Décio dos Santos Brasil, do Sistema Defesa-Indústria-Academia de Inovação (SisDIA/RJ), que, devidamente autorizado, reproduziu a seguir:



Prezado Cel Eng Hiram Reis, Primeiramente, saudações “Azul Turquesa”. Anonimamente, tenho acompanhado suas publicações e Expedições, pois muito me atraem. Neste caso, sobre os Waimiri-Atroari, resolvi me manifestar, já que ele relembra uma fase importante e inesquecível de minha vida profissional.

Como Capitão, nos idos de 86/87/88, servi no 6º BEC, em Boa Vista. A maior parte do tempo estive à frente da 1ª Cia E Cnst, sediada em Santo Antônio do Abonari.

Aproveitando a experiência de companheiros que passaram por lá, creio que o Sr. também, estabeleci uma convivência com os Silvícolas da área. Alguns fatos são inesquecíveis, pois estão ainda vivos até os dias de hoje. Vou enumerá-los:

- 1.** Na ocasião, nós, digo EB, tínhamos o controle do trânsito de veículos e de pessoas dentro da reserva, do Rio Abonari ao Rio Jundiá. A cancela era abaixada às 18h00 e liberada às 06h00 do dia seguinte. À frente da Cia tinha um posto da Petrobrás, cujo dono tinha um apelido marcante, mas o tempo não me permite mais lembrar. Ali, as carretas destinadas ao Norte da BR-174, principalmente Boa Vista, estacionavam e pernoitavam, bem apoiados pelo posto e seu dono simpático e amigo. Todos respeitavam nossas ordens e orientações, os caminhoneiros, os moradores, a FUNAI e, principalmente, os Índios;
- 2.** Lembro que o “*cacique*” dos Waimiri, de nome Tomás, era muito cordial e estabelecemos um nível razoável de amizade. Quando ia a Manaus, nos raros “*arejamentos*”, tinha que trazer o fardo para o Tomás, que era composto de alimentos básicos [hoje chamado de cesta básica] e produtos de higiene. Adorava sabonete Phebo. Quando, dentro da reserva, cruzávamos com o Tomás, já era costume ceder-lhe o lugar do Cmt, ao lado do motorista [Cb Cesário], na CP 97 e depois na CP 104. Tinha que parar senão ele reclamava. Mesmo que o percurso fosse curto [100 metros];
- 3.** Pequenas coisas como as relatadas nos permitiam, EB, transitar dentro da Reserva sem qualquer problema. Podíamos trabalhar, desmatar, caçar e pescar. Além disso, costumava levar comitivas que visitavam as obras do BR-174 às aldeias mais próximas, onde eram travados os contatos com toda a tribo. Naquela época os Índios eram pouco aculturados e viviam nus, embora o Tomás já houvesse viajado para o Centro do País e até para o exterior;
- 4.** O Batalhão firmou um convênio com a ELETRO-NORTE para o alteamento do greide da BR-174, principalmente no trecho dentro da Reserva dos

Waimiri-Atroari. Além da terraplenagem, construímos 5 pontes de concreto, incluindo a sobre o Rio Abonari e 3 dentro da reserva. Esse convênio deveu-se à construção da hidrelétrica de Balbina, cujo Lago, quando formado, atingiria diversos pontos da estrada. Fizemos um volume imenso de aterro, bueiros celulares e tubulares e as 5 pontes. Lembro-me da ponte sobre o Igarapé Traíra e seus encabeçamentos, que foi um grande desafio, devido à região alagadiça [igapós]. Para tal, num trabalho de prospecção, encontramos uma grande jazida de material 1ª classe [cascalho] dentro da reserva. Comandei um grande desmatamento para poder explorar toda a jazida. Nunca fui questionado sobre esse enorme dano à natureza e agressão à reserva Indígena. Essa jazida proporcionou realizar a base de todos os trechos alteados e os encabeçamentos das pontes. Foi um grande achado, pois acarretou economia considerável ao projeto;

- 5.** Na ocasião, o pessoal da Divisão de Levantamento de Manaus [DL], por meio de seus engenheiros em Geodésia e seus topógrafos militares já estaqueavam o eixo do linhão que ligaria Manaus a Boa Vista com energia elétrica, inclusive dentro da reserva Waimiri-Atroari. Hoje muito questionado. Se o projeto do linhão tivesse andado naqueles tempos, Boa Vista não estaria sofrendo com a incapacidade de a Venezuela transmitir a energia contratada de Guri. A escolha do traçado e a localização das torres já estavam definidos;
- 6.** Certa ocasião, fomos surpreendidos por uma equipe de reportagem dinamarquesa, que tinha como destino Boa Vista. Eram 2 casais jovens e suas mulheres, loiras, eram extremamente bonitas e esbeltas. Identificados e estando devidamente autorizados pelos órgãos responsáveis, continuaram a viagem. Fui alertado de que eles não haviam saído

da reserva. Passei então a procurá-los. Foram encontrados numa Aldeia dos Atroari, já próximo do Jundiá. Viana, o cacique dos Atroari, era um camarada totalmente aculturado e se vestia muito bem. Só era Índio quando lhe convinha. Tive que negociar com calma e comer muita pupunha para agradar os Índios e principalmente o Viana, que havia se apaixonado por uma das duas belíssimas loiras dinamarquesas; e

7. Próximo ao nosso acampamento, cerca de 100 km adentro da reserva, havia a mina do Pitinga, da Paranapanema, que explorava a cassiterita na região. Era a Mineração Taboca. Mantínhamos excelente relacionamento com eles, inclusive com uma conta de livre acesso em seu almoxarifado, que supria muitas necessidades da Cia, principalmente em madeira, material de construção e peças dos Equipamentos de Engenharia [Eqp Eng]. Em troca, mantínhamos a rodovia nas melhores condições de tráfego. Era uma troca muito vantajosa para nós. Nas emergências, mandava os auxiliares buscarem peças e materiais na Taboca. Era um período de expansão da mineradora, com grandes áreas de desmatamento, para a construção de suas instalações e aeroporto e de substituição de diversos Eqp Eng. Os velhos D-8H não operavam mais, mas havia ainda um considerável estoque de peças que nos interessavam, além de oferta generosa de madeira já trabalhada. Aproveitei bem a fase. Mas a Taboca e a Eletronorte [Balbina] começaram a acostumar mal os Índios. Construíram uma nova grande Aldeia, servida de pontes e estradas, forneceram armamento de caça, alimentação processada e viaturas para deslocamento. Lembro que o Batalhão, na época do asfaltamento da BR-174, acho que no final dos anos 90 e início dos 2000, teve sérios problemas para atuar dentro da reserva, obrigando a interferência de altas autoridades, dos diversos níveis.

Coronel Hiram, por enquanto é só. Nossos trechos têm muita história e o Sr. tem proporcionado boas recordações.

Meu pai comandou o 7º BEC [72/73/74] quando eu ainda era jovem adolescente, interno no Colégio Militar de Manaus [CMM]. Mas aproveitava as férias para conhecer melhor a nossa Engenharia, dedicando rápidas passagens pelas residências de construção do Batalhão.

Na vida acadêmica me dediquei a cultuar o nobre amigo, inclusive, já na Engenharia, sagrar-me campeão da prova de hipismo nas Olimpíadas Acadêmicas de 1977. Mas o sangue "*azul turquesa*" falou mais alto. Embora voluntário para comandar o 7º BEC, fui designado para o 2º BE Cmb, em minha terra natal.

Sobre o Padre Calleri, próximo ao início da Reserva Indígena, após transpor o Rio Abonari, havia um monumento abandonado em homenagem àquela Expedição. Mantive o terreno limpo, mas os transeuntes depredavam o que podiam.

Outro monumento abandonado, à época, era o da passagem da Linha do Equador, próximo ao acampamento da Arara Vermelha, já em território roraimense.



Estarei acompanhando suas postagens.

Forte abraço.

Gen Décio Brasil (SisDIA-RJ)

Gen Div Décio dos Santos Brasil

Termo de Depoimento do Sr. Décio dos Santos Brasil

No dia 09 de setembro de 2022, às 11h00 (Horário de Brasília), em audiência virtual realizada por intermédio da plataforma Teams, tendo como objetivo compor o laudo pericial antropológico do Assistente Técnico da União, nos autos da Ação Civil Pública – Waimiri-Atroari, nº 1001605-06.2017.4.01.3200, inicio a inquirição do Sr. Décio dos Santos Brasil. [...]

Vamos então às perguntas:

Pergunta: o Sr. serviu [trabalhou ou prestou serviço] no 6º Batalhão de Engenharia de Construção [6º BEC] em que período?

Resposta: Eu cheguei no início de 1986, recém promovido a Capitão, e fiquei até março/abril de 1988.

Pergunta: o Sr. poderia complementar alguma coisa à respeito deste período?

Resposta: Sim eu fiquei na sede do Batalhão primeiramente, até final de 86, quando fui designado para comandar a 1ª CiaECnst localizada em Santo Antônio, assumi o comando em meados de novembro e fiquei até março de 88 lá no Abonari quando assumi o comando do Capitão Sadon Pereira Pinto, da turma de 77, e depois passei o comando para o Capitão Albano da turma de 80.

Pergunta: o Sr. tomou conhecimento, na época, dos massacres perpetrados pelos Waimiri-Atroari ao Posto Alalaú II [no dia 01.10.1974], à turma de desmatamento – os maranhenses [no dia 18.11.1974], e ao Posto Abonari II [no dia 29.12.1974]?

Resposta: Eu tomei conhecimento bem antes de chegar ao 6º BECnst. Meu pai servia em Cruzeiro do Sul, AC, no 7º BECnst, até o início de 75 e essas histórias corriam lá pelo 7º BECnst, tanto as histórias do 6º BECnst quanto as do 9º BECnst que também teve eventos semelhantes com ataques de Índios às equipes da construção das estradas, a BR-364 e a BE-163, se eu não me engano então essas histórias já corriam.

Depois ao chegar ao Batalhão, já como eu tinha assumido também a função de S3 e Relações Públicas na época, além de outras funções e a gente tratava desse assunto já e me aprofundei no conhecimento e ao chegar ao Abonari tive conversas com antigos servidores do Batalhão que trabalharam na abertura da estrada e que tinham o conhecimento real do que tinha acontecido, então eu conheci bem o assunto dos ataques que aconteceram e as providências que foram tomadas na época.

Pergunta: Qual foi sua experiência com os Waimiri-Atroari?

Resposta: Eu tive contato com os Índios desde o início antes mesmo de assumir o comando conhecendo o trecho, as obras que estavam em andamento e então já tive os primeiros contatos com os Índios, um pouco ressabiado pelas histórias que contavam, mas acalmado pelo então Capitão Pereira Pinto que era Comandante da Companhia e que tinha uma integração muito grande particularmente com os Waimiri que ficavam mais próximos do acampamento do Abonari e nesse momento eu já conheci o então o cacique da tribo dos Waimiri, o Índio Tomás, e com quem mantive um relacionamento de amizade durante toda a minha permanência no trecho da 1ª CiaECnst e constantemente nós íamos à aldeia ficava próxima do Rio Abonari, eles eram nômades,

tinham várias aldeias espalhadas pelo Território deles e eles quando a área ficava sobrecarregada, o cheiro que eles produziam, a falta de caça, eles mudavam para outra área.

Então eles ficavam rodando pelas diversas aldeias que eles tinham, mas normalmente encontramos os Índios sempre ali na Aldeia próxima ao Posto da FUNAI que tinha na beira do Rio Abonari e sempre encontrávamos alguém quando a gente passava pelo trecho.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, o sobrevoo de alguma aeronave militar sobre a área, além do avião da FUNAI ou do 6ºBECnst?

Resposta: Não, não ouvi, além dos aviões e helicópteros da FAB que esporadicamente pousavam no campo de pouso do Abonari, que tinha um campo de pouso que aproveitava o leito da estrada que margeava o campo de pouso. Nós fazíamos questão de manter esse campo de pouso sempre em perfeitas condições que era a nossa possível válvula de escape numa emergência.

Víamos os aviões da FAB, o Batalhão já não tinha mais aviões nessa época que antes eram contratados para executar trabalhos para o Batalhão então a FAB apoiava com seus aviões pequenos, Bandeirantes e outros menores e helicópteros que sempre quando nós precisávamos eles apoiavam.

Avião estrangeiro eu não vi, outros tipos de aeronaves eu sei que na mina do Pitinga lá na Mineração Parapanema (Taboca) tinha um aeroporto que depois foi ampliado, inclusive, e transformado em aeroporto internacional, mas nessa época eles tinham um aeroporto razoável no qual pousavam aviões de médio porte e esses aviões, normalmente faziam uma rota de Manaus

por fora da reserva, olhando o mapa do Brasil vamos dizer assim a Leste da reserva, contornavam a reserva pelo Leste por cima do Rio Uatumã e chegavam até esse campo de pouso, então dificilmente a gente via aeronave que não fosse da FAB ali no nosso acampamento.

Pergunta: o Sr. presenciou algum tipo de incidente na BR-174 e a presença de algum estrangeiro neste período?

Resposta: A passagem de estrangeiros pelo Abonari era também esporádica, mas tinha um movimento sim, algumas pessoas, normalmente autorizadas pela FUNAI ou pelo Governo Brasileiro, e aconteceram 2 episódios bastante marcantes para mim.

O 1º foi de uma equipe de jornalistas da Dinamarca, dois casais jovens e umas moças muito bonitas, que ao passar por dentro da Reserva o Viana, que era o Cacique dos Atroari, se apaixonou por uma delas lá e pegou a equipe e prendeu lá numa Aldeia que os Atroari tinham próximo ao Jundiá, que era o nosso limite da reserva, a Reserva ia do Abonari ao Jundiá. Próximo ao Jundiá tinha uma Aldeia dos Atroari e eu tive que ir lá negociar com Viana para liberar os repórteres dinamarqueses foi uma conversa amigável, não tivemos grande problema. O Viana era um Índio aculturado, já tinha ido à Europa, não se trajava igual aos outros Índios, usava calça jeans, camiseta, camisa Apollo, tênis de marca era, portanto, um rapaz moço e totalmente aculturado, mas quando lhe convinha ele era Índio mesmo, então nessa ocasião ele vestiu a roupa de Índio e não quis liberar o casal até uma conversa, tive que almoçar com eles lá, comi a comida deles e tal e assim nós conseguimos liberar e nunca mais vi esses jovens dinamarqueses, eles não voltaram mais por ali.

Numa outra ocasião, a gente via que eram meninas turistas, se não me engano americanas que passaram pela Companhia, nós tínhamos na época o controle dos movimentos de viatura dentro da reserva, nós colocamos uma cancela no Abonari e outra no Jundiá, elas eram fechadas às 18h00 e abertas à 06h00, e todo aquele movimento de caminhão que ia em direção à Boa Vista parava num posto de gasolina que tinha em frente ao acampamento do Abonari e essas pessoas normalmente iam lá, por curiosidade, na Companhia para saber o que se tratava ali e foi assim que eu conheci essas duas moças americanas que por curiosidade foram até a Companhia e me levaram as duas até o meu gabinete e eu conversei com elas e depois elas seguiram viagem, no outro dia, de carona num caminhão uma carga de madeira beneficiada e esse caminhão veio sofrer um acidente já depois da reserva e uma dessas moças acabou falecendo esmagada pela carga e foi um transtorno para nós, mas os órgãos de segurança e mais a diplomacia resolveram o problema do corpo, de tudo e não houve nenhum inconveniente para nós militares, mas lembro desses dois incidentes.

Mas movimentos de estrangeiros sempre tinha, alguém que passava por lá como jornalista montando um documentário para ir até a Reserva, existia um Posto da FUNAI próximo, com um servidor apenas da FUNAI, não me lembro mais o nome dele, mas ele frequentava nossa Companhia porque era casado com a filha de um cabo nosso, Cabo Cardoso, que era chefe da equipe de bueiros. Ele frequentava nosso acampamento, fazia educação física com a gente, participava das solenidades, das reuniões sociais e era muito amigo nosso e ele acompanhava esses estrangeiros quando entravam na reserva nas visitas que eles faziam.

Pergunta: o Sr. notou, neste período, alguma melhoria implementada que favorecesse os Waimiri-Atroari?

Resposta: Nós não fizemos nada neste aspecto a não ser manter a estrada em perfeitas condições de tráfico porque achamos que os carregamentos de cassiterita que vinham da mina do Pitinga passavam pela BR-174, comboios enormes de carretas e a gente, não só por causa disso, mas a estrada sempre estava em perfeitas condições porque eles nos apoiavam muito, era mais ou menos uma troca de favores.

Nós resolvíamos rapidamente os problemas na estrada para que os comboios não fossem parados, uma questão de segurança, o roubo de cargas, então as medidas de segurança eram muito rigorosas e nós tínhamos esse cuidado de resolver os problemas da estrada o mais rápido possível para não atrasar esses comboios que eram muito visados pela bandidagem.

Na época da construção da hidrelétrica de Balbina que era uma barragem no Rio Uatumã, que o Abonari era afluente, o Lago que ia se formar iria inundar uns trechos da estrada e esse foi o nosso trabalho num convênio que o Batalhão teve como Eletronorte que era alargar o greide da estrada, construir pontes de concreto, construir bueiros celulares e tubulares num determinado trecho da BR-174, particularmente dentro da reserva.

O Lago que se formou pegou alguns Igarapés, eu não vi este Lago formado, mas eles projetaram o Lago e particularmente esta aldeia próxima ao Rio Abonari, onde os Waimiri passavam a maior parte de seu tempo, iria ser alagada e eles construíram próximo daquela clareira que tinha outra aldeia, fizeram tapiris como nós fazíamos nos nossos quartéis em toda a Amazônia tinham os tapiris,

vamos dizer assim industrializados, não artesanais como os Índios faziam, tapiris bem organizados, fizeram acessos melhores com pontes sobre os Igarapés.

Então eu lembro dessa época que a Eletronorte e a Andrade Gutierrez que estavam construindo a hidrelétrica de Balbina eles proporcionaram várias vantagens para os índios, armas de caça, veículos que eles passaram a transitar, cheguei a ver isso aí, com veículos próprios doados pela Andrade Gutierrez e pela Eletronorte que estavam construindo Balbina.

Eu estive nessa nova aldeia, já próximo da minha saída do Abonari, realmente eles fizeram um trabalho de limpeza da área, depois que eu conseguir achar algumas fotos aqui eu vou mandar para o senhor as fotos que eu tinha da época da antiga aldeia dos Waimiri, dá para ver que o terreno é bem sujo com tocos de árvore e eles fizeram uma limpeza numa clareira no meio da mata para instalação dessa nova Aldeia, foi isso que eu vi de melhorias para os Índios. A Paranapanema, também, proporcionava, como eles passavam com seus comboios por dentro da Reserva eles de uma forma ou de outra estavam sempre ajudando os Índios.

Pergunta: O Sr. poderia detalhar este contato que manteve com o Tomás?

Resposta: O Tomás era um Índio mesmo não é, embora ele já tivesse ido à Brasília, já tivesse tomado contato com a civilização, ele ainda mantinha as suas características de Índio, ele andava, nessa época os Índios andavam nus ainda e quando eu saí de lá eles já andavam com roupa, mas nessa época que eu cheguei lá eles andavam nus ainda e o Tomás era um Índio mesmo ele gostava de conversar comigo, às vezes ele ia

ao PC quando eu estava na Companhia, para bater papo e às vezes eu ia lá à aldeia para bater papo, quando eu saía de arejamento, o nosso regime de trabalho lá era 27 dias de trabalho por três de arejamento, e trabalhava 24 horas por dia e nesse arejamento eu ia a Manaus com a minha família, minha mulher e meus filhos que moravam comigo lá no Abonari e nessas ocasiões eu já herdei esse compromisso do meu antecessor de fazer uma cesta básica com alguns produtos alimentícios e produtos de higiene, eu lembro que o Tomás gostava do sabonete Phebo, então quando eu comprava para ele, eu não usava sabonete Phebo porque era caro naquela época, mas eu comprava sabonete Phebo para o Tomás e tinha esse relacionamento de amizade e eles nos permitiam transitar e fazer o que queríamos dentro da Reserva.

Nessa época o fechamento do greide, o senhor conhece bem a área lá, é um barro que se chover vira tabatinga, é muito difícil, e para você fazer a terraplanagem com esse material é muito complicado e nós descobrimos uma jazida de material de primeira classe dentro da reserva e não tivemos problema nenhum nem com a FUNAI, nem com os Índios, de abrir uma clareira no meio da selva e explorar aquela jazida e toda a base e sub-base da BR-174 naquele trecho que foi alteado foi feito material de primeira classe tirado desta jazida e um cascalho muito bom e assim nós conseguimos fazer o nosso trabalho, mas só tinha essa jazida não tinha outra, pesquisamos em muitos lugares e não achamos.

Como também para fazer os bueiros tubulares encontramos num Igarapé uma jazida de seixos rolados, não tinha brita era muito cara para vir de onde tinha. Nós conseguimos achar essa jazida de seixos rolados e fizemos todos os bueiros com ele, bueiros celulares com uma fábrica de tubos que nós construímos lá no Abonari

e fabricamos os tubos todos na Companhia em vez de usar brita usávamos os seixos rolados. Tudo dentro da reserva dos Waimiri-Atroari sem qualquer constrangimento sem qualquer problema sem nada como eu falei.

Nós controlávamos a cancela porque havia casos de caminhoneiros que perturbaram os Índios, particularmente as Índias e reações de Índios com os caminhoneiros, então para a segurança de todos havia esse fechamento da BR-174 na parte da noite, depois que eu saí de lá houve um problema na época do asfaltamento da BR-174 em que os Índios tomaram conta da cancela e cobravam um pedágio e criaram problemas homéricos, foi até narrado pelo Gen Silva e Luna que ele teve de negociar o asfaltamento da BR-174 dentro da Reserva porque os Índios começaram a criar problemas.

Não havia qualquer interesse externo naquela ocasião, esse funcionário da FUNAI que estava lá era muito chegado ao nosso pessoal e também não criava nenhum tipo de problema, os interesses começaram a crescer e acredito que isso tenha criado uma nova mentalidade dos índios por influência de pessoas externas com outros interesses na área.

Pergunta: Sr. gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Resposta: Havia uma integração total não só com os Índios, mas também com os colonos que viviam no entorno da Companhia. A Companhia, vamos dizer assim, era a Prefeitura da área, embora o Município fosse de Presidente Figueiredo eles procuravam a Companhia então ali o Comandante da Companhia era o representante da Educação da Justiça da Paróquia, tudo o Comandante da Companhia assumia esse encargo.

Eles procuravam por qualquer problema, até particulares, briga de casais, a gente tinha que interferir, a escolinha que nós tínhamos lá no Abonari atendia as crianças até quarta série então junto com o Prefeito de Presidente Figueiredo nós conseguimos ampliar para quinta série para que as crianças não parassem estudar e tinha muita criança na área, não só filhos dependentes de militares, mas de colonos que moravam nas proximidades.

Então essas coisas para um jovem Capitão, recém-promovido, eram novidades impressionantes que talvez só a arma de engenharia possa proporcionar isso, agora com os Pelotões Especiais de Fronteira talvez o Tenente lá também tenha essa experiência de ser único ente do Estado na área e tenha de cuidar de todos os segmentos sociais e ali também havia um fluxo muito grande de pessoas, nós tínhamos uma padaria na Companhia que produzia pão não só para o contingente, mas para Vila Militar, eram 15 famílias que moravam no Abonari, mas os colonos também iam, os Índios também iam levar um produto que eles produziam na intenção de trocar por ovo, trocar por pão e a gente quando tinha disponibilidade fazia isso, uma carne de caça que nos interessava algumas frutas que eles cultivavam a gente fazia essa troca que era muito benéfica para os dois lados.

A nossa integração era tão boa que não havia qualquer tipo de problema.

A nossa subsistência fornecia nossos gêneros indo buscar em Manaus com o caminhão do rancho, mas a carne só durava 20 dias e os outros 10 dias no mês nós tínhamos que nos virar e isso a gente conseguia dentro da reserva que tinha uma abundância muito grande de peixes e de caça e para isso nós tínhamos uma equipe

de caça que, vira e mexe, entrava na Reserva com autorização da FUNAI e com autorização dos Índios, a gente ia lá e fazia uma pescaria eu mesmo acompanhei esta equipe algumas vezes, íamos ao anoitecer e voltávamos de manhã com alguma caça, paca, veado, anta que ajudava a manter o rancho funcionando os 30 dias do mês. E a abundância de caça e pesca dentro da Reserva notável, fora da Reserva não tinha os colonos já tinham tomado conta.

E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado, dou por encerrado o presente depoimento às 11h27 (horário de Brasília).

Depoente: Gen Div Décio dos Santos Brasil

Cel Eng Hiram Reis e Silva
(Assistente Técnico da União)





Imagem 39 – Aldeia dos Waimiri



Imagem 40 – Aldeia dos Waimiri

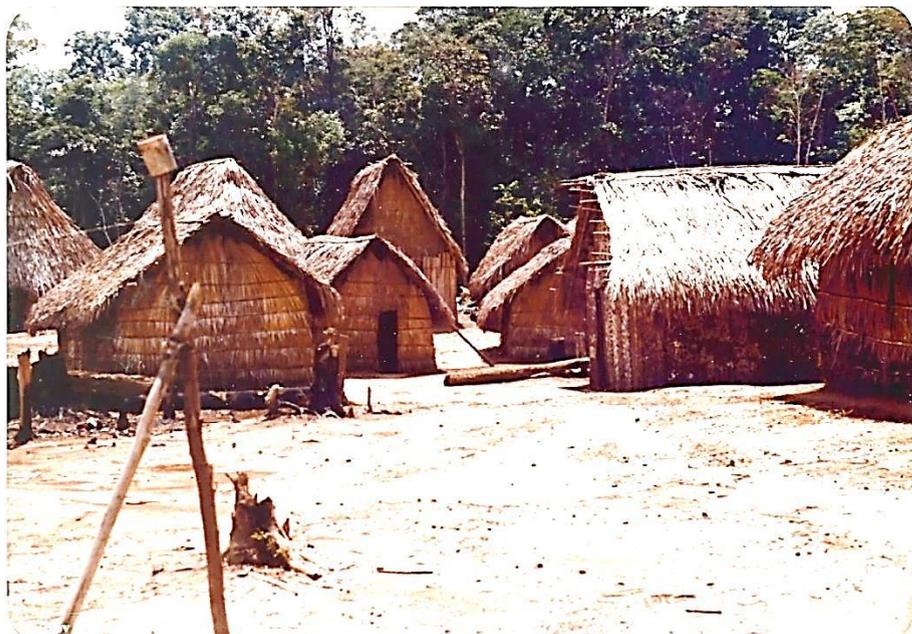


Imagem 41 – Aldeia dos Waimiri



Imagem 42 – Alçamento do greide



Imagem 43 – Alçamento do greide



Imagem 44 – Rio Abonari na cheia

Canção da Engenharia **(Aurélio de Lyra Tavares)**

*Quer na paz, quer na guerra, a Engenharia
Fulgura, sobranceira, em nossa história
Arma sempre presente, apóia e guia
As outras Armas todas à vitória.*

*Nobre e indômita, heróica e secular
Audaz, na guerra, ao enfrentar a morte
Na paz, luta e trabalha, sem cessar
Pioneira brava de um Brasil mais forte.*

*O Castelo Lendário, da Arma azul-turquesa
Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia
É um escudo de luta, é o brasão da grandeza
E da glória sem fim, com que forja a defesa
E é esteio, do Brasil, a Engenharia.*

*Face aos Rios ou minas, que o inimigo
Mantém, sob seu fogo, abre o engenheiro
A frente para o ataque e, ante o perigo
Muitas vezes, dos bravos é o primeiro.*

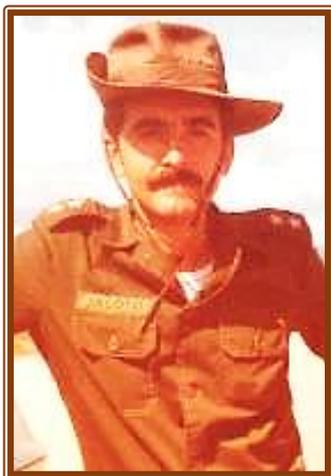
*Lança pontes e estradas, nunca falha
E em lutas as suas glórias ressuscita
Honrando, em todo o campo de batalha
As tradições de Villagran Cabrita.*

*O Castelo Lendário, da Arma azul-turquesa
Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia
É um escudo de luta, é o brasão da grandeza
E da glória sem fim, com que forja a defesa
E é esteio, do Brasil, a Engenharia.*

Cel Eng Celso Jaloto Avila Junior

**Primeira Ponte Bailey Construída Pelo 6º BEC –
Estado Do Amazonas – Dezembro 1978
(Construída Pelo 1º Ten Eng Celso Jaloto Avila Junior –
Igarapé das Lages – km 113 da Br-174)**

1. Antecedentes Históricos



Entre 1968 e 1974, no Governo do Gen Emílio Garrastazu Médici, o Brasil teve um crescimento vertiginoso, se tornando a oitava maior economia do mundo, por isso esse período ficou conhecido como o “*Milagre Brasileiro*”. Diversas foram as iniciativas nas áreas econômica e social, entre elas o “**Programa de Integração Nacional**” (PIN), criado em 1970, que previa a construção de inúmeras rodovias na região amazônica.

Entre elas, a Transamazônica (BR 230), Cuiabá-Santarém (BR 163), Manaus-Porto Velho (BR 364) e Manaus a Boa Vista (BR 174). O Cel Mário Andrezza como Ministro dos Transportes (1967-1974), estava à frente dessa integração rodoviária da Amazônia.

Tal processo foi planejado para dar respaldo à ocupação econômica da Amazônia e integrá-la ao contexto nacional e internacional. Naquela época, o slogan era “*Integrar para não Entregar*” e dentro deste conceito, o Gen Médici convidava “os homens sem-terra do Brasil a ocuparem as terras sem homens da Amazônia”. Logo que a BR-174 foi inaugurada muitas famílias começaram a ocupar terras sob o controle e distribuição do INCRA.

Para apoiar estas famílias, a 1ª Cia Eng Cnst do 6º BEC, sediada no Abonari, tinha um posto médico, com respaldo do FUNRURAL, e estava estruturada com médicos, dentistas e enfermeiros para dar o pronto atendimento aos assentados nos lotes pioneiros de ocupação. Para isso, tinha um ônibus com uma enfermaria móvel, que periodicamente percorria a rodovia em pontos já pré-definidos.

O primeiro Batalhão de Engenharia a ser designado para a Amazônia foi o 5º BEC, que foi transferido em 1966 para Porto Velho-RO, com a missão de fazer a manutenção da rodovia Cuiabá a Porto Velho e iniciar as obras de construção da Cuiabá – Rio Branco – Cruzeiro do Sul, concluindo a BR-364.

O 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC), em 1969, seguiu de Manaus para ocupar suas instalações em Boa Vista-RR. Sua missão principal seria a construção da BR-174, que ligaria Manaus a Boa Vista e posteriormente, daí seguiria rumo à fronteira da Venezuela ligando o “*Marco BV-8*”, como era conhecido na época, pois somente em 1995 a Vila de Pacaraima (RR) foi criada como Município.

Como missão secundária coube também ao 6º BEC, a construção da BR-401, que ligaria Boa Vista às cidades de Bonfim e depois Normandia, ambas na fronteira com a Guiana.

A obra foi iniciada em 1970, mediante um convênio assinado entre o Ministério do Exército e o então “*Departamento Nacional de Estradas de Rodagem*” (DNER). O 6º BEC, em 1971, ao dar início as atividades, criou duas frentes de trabalhos, que foram organizadas para que pudesse dar início às obras da BR-174.

O Destacamento Sul, saíria do Igarapé Tarumãzinho, km 45, vindo de Manaus, onde a rodovia estava paralisada e seguiria, em linha reta até Boa Vista. O Destacamento Norte, saíria de Vista Alegre, na margem esquerda do Rio Branco próximo de Caracarái (RR), em linha reta até Manaus. Entretanto, esta linha reta não foi totalmente obedecida.

A seção técnica do 6º BEC, após fazer um reconhecimento detalhado, decidiu por mudar o traçado planejado. Ou seja, seguindo para o Norte, do Posto Jundiá, hoje Vila Jundiá, a linha reta que deveria atingir Caracarái, foi desviada para direita, pois o trecho entre o Rio Anauá e o Rio Branquinho possuía uma região muito alagadiça e com material para a infraestrutura da estrada, de baixa qualidade.

Portanto, a decisão foi a de aproveitar um trecho da BR-210, que já estava sendo construída pela Construtora Paranapanema e fazer esse desvio. Naquela época, chegou a se comentar que as duas frentes se perderam em seus traçados e não se encontraram, tendo que fazer esse desvio.

Porém, a verdade não foi essa e sim foi uma decisão de caráter técnico e econômico, abreviando o término da construção da BR-174. Em abril de 1977 foi inaugurada essa importante rodovia, após finalizarem todas as obras de terraplanagem que permitiu a ligação, por terra, do então Território Federal de Roraima ao restante do Brasil.

Além do convênio do DNER com o Ministério do Exército, foi necessário o envolvimento da "*Fundação Nacional do Índio*" (FUNAI), com o estabelecimento de "*Frentes de Atração*", pois o traçado da BR-174 cruzava

a reserva Indígena da etnia "*Waimiri-Atroari*", pertencente ao tronco linguístico "*Karib*". Naquela época, existia um posto da FUNAI, próximo ao cruzamento do Igarapé Santo Antônio do Abonari, km 208 cerca de 8 km da sede da 1ª Cia Eng Cnst. O outro posto ficava próximo ao Posto Jundiá, hoje Vila Jundiá, km 327 da BR-174. Ou seja, divisa Sul e divisa Norte desta reserva Indígena.

O atual Estado de Roraima, situado em uma região periférica da "*Amazônia Legal*", no Noroeste da Região Norte do Brasil, predomina a floresta amazônica, havendo ainda uma enorme faixa de savana no Centro-Leste. Encravado no Planalto das Guianas, uma parte ao Sul pertence à planície Amazônica, atravessada pelo Rio Branco, que nasce nos contrafortes da Serra Pacaraima. É cortada pela BR-174, ligando Manaus até a fronteira com a Venezuela. Roraima possui basicamente dois ecossistemas.

O primeiro, ocupando 17% de sua área (40 mil Km²), conhecido por savana, cerrado ou lavrado, formado por gramíneas. O segundo correspondendo a 83%, com cobertura vegetal tipo floresta tropical úmida.

O 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC), é uma unidade operacional da Arma de Engenharia atuando na área do Comando Militar da Amazônia (CMA), subordinada diretamente ao 2º Grupamento Engenharia (2º Gpt E), com sede em Manaus – AM.

Ele tem como atribuição, contribuir com a missão do 2º Gpt E, prestar o apoio de Engenharia às Grandes Unidades e Unidades subordinadas ao CMA e, subsidiariamente, cooperar com o desenvolvimento nacional e com a Defesa Civil na execução de obras e serviços de engenharia.

2. Ano 1978 – Minha Transferência Para o 6º BEC

Eu **Celso Jaloto Avila Junior**, paulista de Santo Anastácio-SP, fui declarado Aspirante de Engenharia, em 12.12.1975, por término de conclusão de curso, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e designado para servir no 6º Batalhão de Engenharia de Combate (6º BECmb), em São Gabriel-RS.

Alguns meses antes da minha promoção a 1º Ten, em dezembro de 1977, me voluntariei a servir em uma OM da Amazônia. Portanto, em 17.04.1978 fui transferido para o 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC), com sede em Boa Vista-RR, tendo me apresentado pronto para o serviço no dia 05.06.1978. Comandava o Batalhão, o Ten Cel Luís Antônio Rodrigues **MENDES** Ribeiro.

Para um Tenente era um sonho que se realizava, pois a Amazônia sempre despertava o imaginário de qualquer jovem militar da Arma de Engenharia, desde os bancos escolares da AMAN. Meu tempo de permanência na sede do Batalhão foi pequeno, pois apenas 4 dias depois da minha apresentação, pronto para o serviço, eu já estava designado para comandar um pelotão da 1ª Cia Eng Cnst, com sede em Abonari, cerca de 550 km em direção a Manaus-AM. Portanto, segui para o Abonari no dia 09 de junho, uma sexta-feira. Eu estava acompanhado de minha esposa, uma vez que havíamos nos casado apenas seis meses antes.

Lembrando que naquela época, a estrada era toda de terra, pois havia sido inaugurada há apenas um ano antes da minha chegada no 6º BEC. Saímos na madrugada daquele dia e chegamos ao Abonari ao anoitecer daquele dia.

Era o Comandante da Companhia, o Cap Genino Jorge COSENDEY, mas que naquele mês ele estava de férias e eu assumi o comando da Companhia. A 1ª Cia Eng Cnst era responsável por praticamente 420 quilômetros, de Manaus até o Rio Jauaperi. De Manaus até o Jauaperi ficava assim distribuída

- 1)** km 122, Residência de Construção de Santa Cruz, sede de um Pelotão. Próximo às instalações havia um campo de pouso, de avião de pequeno porte, localizado ao longo da estrada;
- 2)** km 208, Abonari sede da 1ª Cia E Cnst e posto de controle da entrada (limite sul) da reserva Indígena "Waimiri-Atroari". Próximo às instalações da Cia havia um campo de pouso, de avião de pequeno porte, localizado ao longo da estrada;
- 3)** km 254, Rio Alalaú, divisa do Estado do Amazonas com o Estado de Roraima, existia um Posto com três a quatro militares para operarem a balsa do Rio Alalaú;
- 4)** km 327, Posto do Jundiá com um pequeno grupamento para controle do tráfego, pois era a saída (limite Norte) da reserva Indígena;
- 5)** km 419, Rio Jauaperi, existia um Posto com três a quatro militares para operarem a balsa do Rio Jauaperi.

Basicamente as missões da 1ª Cia Eng Cnst era a de:

- 1)** Manter a trafegabilidade da BR-174, de Manaus ao Rio Jauaperi;
- 2)** Manutenção dos bueiros de tubos ARMCO existentes neste trecho;

- 3)** Manutenção de todas as pontes existentes neste trecho e que ainda eram todas de madeira;
- 4)** Manutenção e operação das Balsas dos Rios Alalaú e Jauaperi;
- 5)** Controle da entrada e saída na Reserva Indígena "*Waimiri Atroari*" e orientação para sua travessia;
- 6)** Manter as instalações da sede da Companhia, Pelotão de Santa Cruz e Postos distribuídos;
- 7)** Manutenção de todas as viaturas e equipamentos de engenharia em atividade no trecho;
- 8)** Manter as atividades de suprimento e logística do pessoal empregado no trecho;
- 9)** Realizar o apoio de saúde para a população assentada nos lotes distribuídos pelo INCRA, no trecho;
- 10)** Manter diariamente o contato rádio com a sede do 6ºBEC, principalmente informando a situação dos Índios "*Waimiri Atroari*" e seus movimentos na reserva, caso existisse alguma ação agressiva. Essa atividade era obrigatória e virou rotina, que ficou conhecida como "*rádio do Índio*".

Nossa atividade era enorme face ao pequeno efetivo do pessoal militar e civil lotado na 1ª Cia Eng Cnst e a grande extensão sob nossa responsabilidade. Além disso, o índice pluviométrico na região, trazia enormes danos em todo trecho da estrada. Além disso, tínhamos que conviver com a malária e a leishmaniose que era uma realidade entre todo o pessoal que estava diuturnamente exposto aos vetores destas doenças.

3. Chegada da Equipagem de Ponte Bailey

Eu havia sido designado para servir na 1ª Cia Eng Cnst, no Abonari, e havia chegado na noite de sexta-feira de 09.06.1978. Já na segunda-feira, dia 12 de junho, o S/3 do 6º BEC chamou-me no rádio e verbalmente transmitiu as ordens do Ten Cel Mendes, Cmt do 6º BEC. Ele determinava que eu fosse a Manaus, para receber uma equipagem de Ponte Bailey que estava sendo transferida do 5º BEC (Porto Velho-RO) para o 6º BEC (Boa Vista-RR). Informou-me que o 2º Gpt E Cnst, havia feito uma licitação para o carregamento e transporte de toda a equipagem, que havia chegado ao porto de Manaus.

Minha missão era a de conferir todo o material desembarcado no porto, orientar o carregamento dos estivadores contratados, nos caminhões civis e em comboio trazer a equipagem para os depósitos da 1ª Cia Eng Cnst, no Abonari e ali permanecer, para quando necessário pudesse ser empregada na BR-174.

O dia exato não me recordo, mas foi naquela semana de 12 a 16 de junho de 1978. Chegando no porto de Manaus, um militar do 2º Gpt E Cnst me aguardava para providenciarmos a conferência do material e depois a orientação de como fazer o manuseio, carregamento e transporte das peças da equipagem Bailey, havia ficado sob minha responsabilidade.

Imaginem que a viatura que foi utilizada para o transporte, não era militar e muito menos adaptada ao transporte do material pesado de uma equipagem Bailey. Os motoristas quase desistiram do transporte, pois estavam preocupados em danificar as carrocerias de seus caminhões.

Os caminhões usados e comuns na época, eram Mercedes Benz, modelo 1519, com capacidades de carga para 15 toneladas e se tivessem um terceiro eixo poderiam transportar até 22 toneladas.

O passo seguinte foi o de orientar os civis, estivadores, de como fazer o transporte das peças e como carrega-las sem ter acidentes na operação. Mas, tudo correu bem, não houve acidentes e as viaturas seguiram em comboio juntamente comigo e a equipagem finalmente foi descarregada nos depósitos do Abonari, 208 km de Manaus

4. A Ponte Bailey

A Ponte Bailey é uma ponte de aço modular, que foi desenvolvida entre 1940-1941, por "*Donald Bailey*", um funcionário do Gabinete de Guerra inglês, cuja finalidade militar era para ser usada durante a 2ª Guerra Mundial.

Inicialmente foi usada por unidades de Engenharia Militar inglesas, americanas e canadenses. Após a Grande Guerra, em virtude da sua facilidade e velocidade de montagem, mobilidade e versatilidade, foi amplamente difundida entre outros Exércitos, além de empresas civis de todo o Mundo.

Esta ponte não exige ferramentas especiais ou equipamentos pesados para sua montagem. É uma ponte em treliça pré-fabricada e portátil, de fácil manuseio à mão e que depois de montada, dependendo dos formatos utilizados, tem uma capacidade excelente de resistência a carga, sobre elas. O Marechal de Campo, inglês, Montgomery, fazendo uma alusão da importância desta ponte em operações militares da 2ªGM, fez esse comentário:

Eu nunca poderia ter mantido a velocidade e o ritmo do avanço de ataque sem um grande suprimento de pontes Bailey.

A estrutura é montada sobre roletes de aço em uma das margens e empurrada manualmente para a margem oposta. As seções das pontes são montadas sucessivamente com o posicionamento dos painéis, colocação das vigas transversais e instalação dos contraventamentos horizontais e verticais. Após o assentamento da ponte nos apoios feito com o auxílio de macacos hidráulicos, é colocado o piso e são montadas as rampas de acesso.

No Brasil, vivenciamos os mais diversos problemas no sistema de transportes rodoviário. Parte pela falta de manutenção das rodovias e obras de artes e parte por problemas agravados com período intenso de chuvas. Em vista disso, periodicamente estamos nos deparando com a falta de acesso às localidades ou mesmo a interrupção de tráfego de rodovias importantes. Portanto, essa é uma ponte que o Exército tem construído em todo o Brasil, para atender a demanda da Defesa Civil.

5. Primeiro Lançamento da Ponte Bailey, na Região Amazônica

Para mim, foi uma honra poder ter sido o primeiro oficial de Engenharia do Exército Brasileiro a lançar uma Ponte Bailey, ao Norte do Rio Amazonas. O mais interessante é que participei do recebimento da equipagem desta ponte, que o 6º BEC havia recebido e praticamente seis meses após eu também recebi a missão de montá-la, pois a necessidade de seu emprego surgiu em dezembro daquele mesmo ano de 1978.

Naquela época, não havia percebido a importância daquela missão, pois eu a cumpri como mais uma das diversas missões que um Tenente de Engenharia podia receber, quando em atividade em uma frente pioneira e responsável pela manutenção de uma rodovia, como o da BR-174.

Só fui me dar conta disso, quando no momento de minha despedida, quase dois anos depois, por transferência para outra Unidade Militar. Eu estava no gabinete do Comandante do 6º BEC, quando foi lido um elogio pelos meus trabalhos desenvolvidos no Batalhão e naquele momento, entre outras menções elogiosas, foi citado com louvor essa missão desempenhada, na construção desta ponte Bailey.

Faço questão de aqui reproduzir o extrato de um trecho do referido elogio. Ele foi publicado no dia 12.06.1980, no Boletim Interno Nº 107, do 6º BEC, quando o Comandante era o Ten Cel Jorge FEIJÓ:

[...] Vindo de um B E Cmb aqui se apresentou há exatamente dois anos atrás, sendo designado para chefiar uma Residência de construção da 1ª Cia E Cnst, encarregada da conserva de cerca de trezentos quilômetros da BR-174, MANAUS-FRONTIEIRA DA VEZENUELA.

Durante todo o seu tempo de serviço no Batalhão, permaneceu destacado em plena floresta amazônica, longe dos confortos que cercam uma cidade, procurando vencer os difíceis obstáculos que essa missão apresenta, de modo a manter em condições de tráfego, esta importante Rodovia Federal.

Na 1ª Cia, ainda como Chefe de Residência, comandou a **construção da primeira ponte de painéis BAILEY, construída pelo 6º BEC** para restabelecer

o tráfego da rodovia, por ocasião da queda da ponte de madeira sobre o Igarapé das Lajes e, ainda, por diversas vezes assumiu o Comando da Cia, dando esse Oficial o melhor de seus esforços e uma prova de sua capacidade, executando com êxito as missões que lhe foram confiadas. [...]

A ponte de madeira sobre o **Igarapé das Lages**, estava localizada no km 113 da BR-174. Naquela época, ela possuía quarenta e dois (42) metros de comprimento. O seu leito de rodagem se deteriorou e abriu vários buracos no seu piso, trazendo um comprometimento significativo para o seu uso com segurança.

Como não havia tempo hábil para ser feita uma perfeita manutenção na sua infraestrutura, que já estava danificada pelo uso, ocasionando dias de interrupção do tráfego, a decisão foi a de construir um pontilhão provisório de madeira, a cavaleiro da ponte sobre o Igarapé das Lages e interromper o uso da ponte. Com isso, o tráfego passou a ser feito através deste pontilhão.

Entretanto, estávamos em um período de fortes chuvas e após algumas semanas o pontilhão ruiu, forçado pelo volume de água que desceu a montante do pontilhão, acabando por deslocar o madeiramento, deixando novamente o trecho interditado.

A BR-174 foi interrompida, no dia 12.12.1978.

A decisão tomada foi a de lançar, sobre o pontilhão demolido, uma ponte Bailey de painéis, tipo "*Dupla-Simples*", restabelecer o tráfego e após isso, podermos ter tempo suficiente para fazermos uma manutenção detalhada da infraestrutura original que estava bastante deteriorada.

Veja, na página seguinte, a imagem de um recorte do "*Jornal do Comércio*", de Manaus-AM, de 16.12.1978, onde foi publicado um AVISO feito pelo 2º Gpt E Cnst, através do Ten Cel Lauro Augusto Andrade PASTOR Almeida, alertando da interrupção da BR-174, no km 113, Igarapé das Lages.

Naquela época, o Comandante do 2º GEC era o Gen Bda Dalnio Teixeira STARLING. Todo oficial de Engenharia, sabe muito bem que para montar uma ponte "*Simples-Simples*", é necessário o emprego mínimo de 33 militares (01 Pelotão), treinados para essa montagem.

No nosso caso a montagem planejada e executada, foi de uma "*Dupla-Simples*". Porém, estávamos no meio da selva e distantes 645 quilômetros de Boa Vista-RR, sede do 6º BEC e o movimento de caminhões aumentava.

Não possuíamos esse efetivo de soldados, pois nosso efetivo militar estava todo ele distribuído pelo trecho, na área de atuação da 1ª Cia E Cnst. Além disso, nem conheciam o que era uma Ponte Bailey, muito menos tinham prática de montagem.

A solução foi reunir os soldados que possuíamos e trazeremos alguns funcionários civis que trabalhavam conosco na 1ª Cia e estavam próximos do km 113 (Igarapé das Lages).

Neste momento, a vontade de aprender e o sentimento do cumprimento da missão falou mais alto e passamos rapidamente a formar as equipes de montagem, ensinando-os como transportar e como fazer a montagem. Realmente foi como **uma conduta de combate**.



JORNAL DO COMÉRCIO

Publicado em 02/01/2004 — ANO LXXV N.º 22.595 — MANAUS — Sábado, 16 de Dezembro de 1978. EXEMPLAR: Cr\$ 5,00

4 MANAUS — Sábado, 16 de Dezembro de 1978.

JORNAL DO COMÉRCIO  SEGUNDO CADERNO

**MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA**

**2º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA DE
CONSTRUÇÃO**

QUARTEL-GENERAL

TRÁFEGO NA BR-174 — MANAUS-BOA VISTA

AVISO

O COMANDANTE DO 2º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO informa ao público que, em consequência da precipitação de fortes chuvas, a ponte sobre o igarapé Loges (KM 113 da Rodovia BR-174 — Manaus-Boa Vista) sofreu avarias, e o tráfego naquela rodovia acha-se interrompido desde o dia 12 do corrente.

O 6º BEC, responsável pela conservação da rodovia, está lançando no local, uma ponte "Bailey" (Ponte de Campanha) e, embora a ação das chuvas dificulte demasiadamente os trabalhos, envia todos os esforços para restabelecer o tráfego no mais curto prazo possível.

MANAUS, AM, 14 de dezembro de 1978

**LAURO AUGUSTO ANDRADE PASTOR
ALMEIDA**

Ten Cel Respondendo p/Exp OG/2º GEC

Eu como 1º Ten Eng chefiava o destacamento. Como graduados eu tinha um 1º Sgt Eng, mineiro que havia servido na Escola de Sargentos das Armas (EsSA), em Três Corações-MG, que infelizmente não consigo lembrar o nome deste eficiente Sargento, que na **Foto nº13**, está à minha esquerda.

Tinha o 2º Sgt Eng Renato, gaúcho e o Cb Paiva, um carioca que estava no Batalhão há muito tempo e que nesta mesma **Foto nº13**, está encostado em um dos painéis da ponte, a minha retaguarda. Os soldados que compunham o destacamento eram em número de vinte oito. A outra dificuldade surgida foi quanto ao manual de instrução para os cálculos necessários para execução do lançamento, posicionamento dos roletes de lançamento, montagem do nariz de lançamento, dos painéis, etc...

Quem aprende uma vez a montagem de uma ponte Bailey, jamais esquece. Entretanto para os cálculos básicos e as distâncias corretas, não tínhamos o "*Manual Técnico: Ponte de Painéis Tipo Bailey, M2*" (T 5-277, 1ª edição, 1976). Encontramos sim o conhecido de todos, o "*Vade-Mécum de Engenharia*" (C-5-34, 1ª edição, 1960), que nos deu um Norte para os nossos trabalhos.

As fotos da Ponte Bailey sobre o Igarapé das Lages, aqui apresentadas, falam por si só. Foi realmente como uma missão de combate, pois com pouca mão de obra e sem conhecimento algum, a missão foi cumprida e o tráfego restabelecido.

Não estavam todos uniformizados como um grupamento militar constituído, mas os militares e civis envolvidos assumiram a responsabilidade para o cumprimento da missão e todos, no dia seguinte seguiram

para mais uma jornada de trabalho, onde o objetivo diuturno era o de manter a BR-174 com trafegabilidade.

O Trecho da Canção do 6º BEC, sintetiza o ideal de conduta e trabalho pioneiro da nossa Engenharia e de todos que ombream juntos no cumprimento de suas missões. *“Sempre há um soldado engenheiro nas origens de toda a vitória”*.

6. Conclusão

É a primeira vez que escrevo e faço esse relato, bem como é a primeira vez que estas fotos são mostradas, pois fui buscar no meu arquivo de fotos do período em que servi no 6º BEC e por dois anos (1978 a 1980) fiquei destacado, juntamente com minha esposa, no interior da selva amazônica, na região de Santa Cruz (km 122 da BR-174) e no Abonari (km 208 da BR-174).

Um período onde tudo era distante e difícil, pois a energia elétrica era através de geradores, acionados em espaços curtos de tempo.

Não existia telefonia, não tínhamos sinal de TV, não havia água tratada e toda a BR-174 era com pavimento de terra. Porém, havia uma solidariedade muito grande entre todos os militares e civis que lá atuavam, destacados longe da sede do Batalhão. Naquele período fui Comandante do 1º e 2º Pel e depois também da 1ª Cia E Cnst em várias oportunidades.

Com a saída do Cap COSENDEY do Cmdo da 1ª Cia, assumi temporariamente. No ano de 1979, novo Cmt Cia assumiu a função. Foi o Cap Godofredo Jesus CORREA, que nos anos de 1990 a 1993 como Ten Cel foi o Cmt do 12º BECmb (Alegrete-RS) e posteriormente foi promovido a Gen Bda.

No 6º BEC, quando cheguei, em Junho 1978, o Comandante era o Ten Cel MENDES e quando fui transferido, em Junho 1980, era o Ten Cel Jorge FEIJÓ.

Repito, com muito orgulho fui o primeiro oficial de Engenharia do 6º BEC, a construir a primeira ponte Bailey ao Norte do Rio Amazonas. Portanto, com esse meu breve relato, espero ter contribuído para o resgate de uma pequena parcela da história do 6º BEC, naquela missão de dezembro de 1978.

Neste ano, no dia 26 de julho de 2022, o 6º BEC comemorou no 2º GEC, em Manaus, os 45 anos da implantação da BR-174.

Com certeza, foram reverenciados todos aqueles que passaram pelo 6º BEC e deram seu suor e alguns até o seu sangue e que todos eles possam ter a certeza de que **“não viveram em vão”**.

Hoje, na reserva, apesar dos meus setenta anos (70), continuo contribuindo por um Brasil melhor, pois juntamente com minha esposa administramos uma fazenda em São Gabriel-RS, produzindo alimentos, plantando soja e trabalhando com pecuária na criação de genética de gado de corte, da raça Braford.

Lembremos um trecho da nossa **Canção da Engenharia** que sempre nos estimulará a servir o Brasil:

***Nobre e indômita, heroica e secular
Audaz, na guerra, ao enfrentar a morte
Na paz, luta e trabalha, sem cessar
Pioneira brava de um Brasil mais forte
Selva!!!!***



Foto 1: Vista aérea do acampamento do 1º Cia E Grã - Abreojica ME - BR174



Foto 2: Grupo de Guardas do 1º Cia E Grã - Abreojica



Foto 3: Posto de controle de trânsito do 1º Cia E Grã - Abreojica



Foto 4: Posto de controle de trânsito do 1º Cia E Grã - Abreojica

Imagem 46 – Fotos 1 a 4



Foto 5: Vista aérea das pequenas construções no povoado de São João - Aracaju



Foto 6: Vista aérea do povoado na Fazenda de Santa Cruz - Km 113, RR-174



Foto 7: Depósito e equipamentos da Fazenda de Santa Cruz - Km 112, RR-174



Foto 8: Vista aérea das construções de Santa Cruz e equipamentos - Km 113, RR-174

Imagem 47 – Fotos 5 a 8



Foto 9: Escola casa da Unif. Protótipo e Grupos de Santa Cruz – Km 113, BR-174



Foto 10: Ponte Beliz, tipo 'Duplo-Singlo' Foto do manual [T.E. 57] – 'Ponte do Protótipo Toxicology M2'



Foto 11: Pontos de apoio de ligação das vigas, a jusante da Ponte de madeira nome – Km 113, BR-174



Foto 12: Pontos de apoio de ligação das vigas, a jusante da Ponte de madeira nome – Km 113, BR-174

Imagem 48 – Fotos 9 a 12



Foto 13: Ponte Bailey "Copa Simões" sendo construída durante a época de seca. Às costas, a Ponte de madeira original, sobre o igarapé dos Leões.



Foto 14: Posição que marcou o 1º Ponto Bailey do CEEC, sobre o igarapé dos Leões. À esquerda do rio, o 1º Tan. Junto a 1ª Sig 1 os tanques construídos, sob a direção do engenheiro Dr. Luiz Renato de Araújo e o engenheiro Carlos Faria.



Foto 15: Ponte Bailey "Copa Simões" no fundo, e Ponte de madeira original, sobre o igarapé dos Leões.



Foto 16: Ponte Bailey "Copa Simões" antes da época de seca.

Imagem 49 – Fotos 13 a 16



Foto 17: Ponte Bailey, "Dupla-Simples", sobre o Igarapé das Lages.

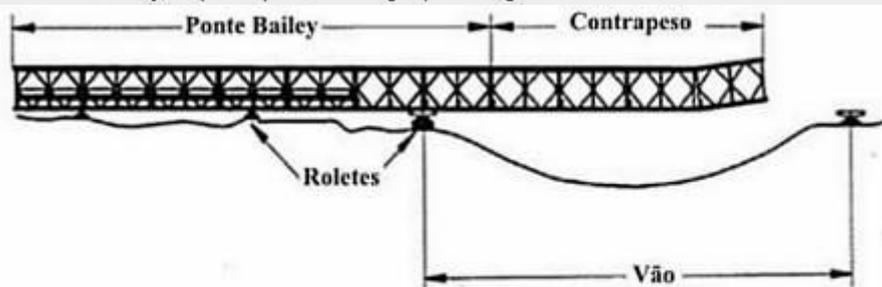


Figura esquemática, de um lançamento da ponte Bailey, com os roletes e nariz de lançamento.
Foto do manual (T 5-277) – "Ponte de Painéis Tipo Bailey M2".

Imagem 50 – Foto 17 e Figura Esquemática



Os Romeiros da Morte (Francisco Lobo da Costa)

À Memória do Conde de Porto Alegre

**É noite. O vento bate no rochedo,
Cai a gota de orvalho na campina
E o Mar cintila aos fogos do Luar...
A sombra do Guerreiro – ali se inclina,
– Pela rédea o corcel que escarva a medo –
Tétrica a vista – as crinas pelo ar! ...**

**Que esplêndida visão! E o firmamento
Como cúpula brônzea envolto em gazas
De opaca luz lhe doura o busto então.**

**Depois, rápido foge... é o – pensamento...
– Dir-se-á que as patas do corcel têm asas, –
Dir-se-á que o levam asas de um tufão.**

**Ei-lo que chega ao negro acampamento...
– As tendas – são as frondes dos ciprestes,
O fosso escuro – o úmido arsenal...
Rufa estranho o tambor ao tom do vento!
Talvez, quem sabe, ó Deus! Se os sons agrestes
Das palmeiras roçando no areal.**

**Erguem-se prestos Esquadrões Guerreiros
E as larvas saltam das fechadas fardas,
E o pó trescala dos ferais pendões...
– Nas mãos esguias – Trêmulos Lanceiros
Agitam os ferros das passadas guardas,
Ao som de funerais... e aclamações! ...**

**É Parada de Morte! E à frente dela
Qual moderno Cecrópidas – laureado,
– Ei-lo sopeando as rédeas do corcel...
Cinge na fronte marcial capela,
Com a mão agita seu chapéu armado –
E a espada cai-lhe presa do fiel.**

**A bandeira queimada em negras dobras –
E mortalha cosida em cruz sombria
De um cadáver nas mãos a tremular! ...
Dos capitães – escuta-se as manobras...
E a descarga solene de alegria
Rompe as brumas do Céu e do Luar!**

**Depois a confusão sucede à ordem...
O entusiasmo domina a Velha Guarda!
– Brados... exclamações... ao General
Os cavalos escarvam e os freios mordem...
E a música postada na vanguarda
Bate tremula o Hino Nacional.**

**Estoira na amplidão a brônzea peça
Salvando ao grande herói no fausto dia
Em que vestiu as galas funerais...**

**Silêncio! ... O abraço eterno ora começa...
Velhos Soldados choram de alegria...
Veteranos da morte... seus iguais! ...**

**E acorda Bento Ribeiro,
Acordam Neto e Tristão...
E Andrade Neves desperta,
E nos braços o aperta
Na mais completa efusão!**

**Todos! Todos, à porfia,
Trazem-lhe os loiros de além
E apontam-lhe o Sol que nasce,
Ferindo a pálida face
Da imortal Jerusalém.**

**E perguntam-lhe os valentes
Notícias desta Nação;
Se inda o Brasil se socorre
Às lembranças do que morre,
Às saudades dos que vão!**

.....
**E a noite voa... Desertam
Os famosos Pelotões...
E nas quebradas do cerro
Inda se ouve o som do ferro
E o rumor dos Esquadrões.**

.....
**No campo azul do Infinito
Pasta o Rebanho Celeste:
E os ventos que às ramas topam
São gaúchos que galopam,
Montados sobre o cipreste!**

.....
**E quando o dia veio, e na montanha
O Sol buscou vestígios – no desvio,
Do que a Lua contou-lhe em seu volver,
Só encontrou da morte a paz tamanha,
Uma lousa de mais no chão sombrio
E nos espaços – mais um Astro a arder.**

Pelotas, 7 de novembro de 1875.

Canção Fibra de Herói

(Barros Filho e Guerra Peixe)

**Se a Pátria querida for envolvida
Pelo inimigo, na paz ou na guerra**

**Defende a terra
Contra o perigo**

**Com ânimo forte se for preciso
Enfrenta a morte
Afronta, se lava com fibra de herói
De gente brava**

**Bandeira do Brasil
Ninguém te manchará
Teu povo varonil
Isso não consentirá**

**Bandeira idolatrada
Altiva a tremular
Onde a liberdade
É mais uma estrela
A brilhar.**

A Legendária Corrente



Menciona o General de Divisão R/1 Décio dos Santos Brasil, no capítulo anterior, que o Exército tinha “o controle do trânsito de veículos e de pessoas dentro da reserva, do Rio Abonari ao Rio Jundiá. A cancela era abaixada às 18h00 e liberada às 06h00 do dia seguinte”. Logo depois de ser implantada e liberada ao trânsito, ainda em precárias condições, o 6º BEC distribuía aos usuários o seguinte folheto:

RECOMENDAÇÕES AOS MOTORISTAS QUE TRAFEGAM NA ESTRADA BR-174 – MANAUS / CARACARAÍ – BOA VISTA – BV/8

Inicialmente devemos alertá-lo de que você viaja por uma estrada de características pioneiras, que atravessa extensa área despovoada, coberta de floresta e submetida a intensas chuvas, provocando naturais restrições ao tráfego.

Por outro lado a BR-174 atravessa a Reserva Indígena dos WAIMIRI-ATROARI, habitada por Índios ainda arredios, cuja presença pode eventualmente causar transtornos e constituir perigo. Obedeça às recomendações que se seguem, em seu benefício próprio, dos demais usuários e dos próprios Indígenas:

Não ultrapasse a velocidade de 60 km/h, devido às características da estrada.

As pontes existentes são de madeira [35 ton], permitem a passagem de um veículo de cada vez e existe um desvio antes de cada uma delas.

As balsas existentes nos Rios ALALAÚ, JAUAPERÍ e BRANCO recebem veículos de 15 m de comprimento máximo e funcionam no horário de 06h00 às 18h30.

O trajeto compreendido entre a estrada PERIMETRAL NORTE e o RIO BRANCO tem pista estreita, dando passagem com segurança para um só veículo, em alguns trechos.

No trecho da BR-174, dentro da Reserva Indígena, não existem postos de abastecimento de combustível.

Só poderão trafegar veículos de dois eixos e carga máxima de 10 toneladas. Veículos não enquadrados nestas condições só trafegarão com autorização especial fornecida pelo 2º Gpt E Cnst, em MANAUS, e pelo 6º BEC, em BOA VISTA.

Não penetre na floresta, principalmente na Reserva Indígena.

Somente atravesse a Reserva Indígena, durante o dia e em comboio com outros veículos.

Não pare dentro da Reserva Indígena, mesmo que Índios façam sinais amistosos.

Não utilize armas de fogo no interior da Reserva Indígena, a fim de não prejudicar os trabalhos FUNAI.

Fica expressamente proibido consumir ou distribuir bebida alcoólica nas proximidades e no interior da Reserva Indígena.

A violação do estabelecido nos itens acima implicará na retenção do veículo e no encaminhamento do transgressor às autoridades policiais.

Boa Viagem!

Ainda hoje, nos mesmos horários, a estrada é bloqueada, agora pelos silvícolas, apesar de não se tratar mais de uma estrada pioneira, causando enormes transtornos para o Estado de Roraima, refém desta obstrução sem sentido.

Quando participei, nos idos de 1978/79, da construção da BR-364/163 (Cuiabá – Porto Velho, RO /Santarém, PA), nas cercanias de Cuiabá, MT, e mais tarde da BR-070 (Cuiabá – Cáceres), eventualmente o aterro, já com a base pronta para receber o asfalto, era liberado, em alguns trechos para o trânsito dos usuários.

Algumas vezes, porém, este tráfego era interrompido no eixo principal desviando-o para caminhos de serviço em decorrência da construção da OACs (Obras de Arte Correntes – bueiros e pontilhões), colocando cavaletes e sinalizando adequadamente os desvios.

Infelizmente alguns motoristas mais afoitos removiam os obstáculos à noite tornando-se vítimas de sua irresponsabilidade precipitando-se nas cavas das Obras de Arte.

A BR-174, logo depois de ser liberada ao tráfego, nos idos de 1976, embora tenha sido inaugurada oficialmente em abril de 1977, enfrentou os mesmos problemas levando o Comandante do 6º BEC, Ten Cel Eng QEMA João Tarcízio Cartaxo Arruda, a determinar a colocação das correntes para impedir o trânsito de veículos das 18h30 às 06h00. Naquela oportunidade uma medida necessária e urgente para evitar acidentes e que mais tarde, mesmo depois da BR ser asfaltada, foi infelizmente mantida.



À Beira-Mar
Tristezas de um Poeta
(Francisco Lobo da Costa)

I

*Venho sentar-me aqui, na branca areia,
Onde a vaga quebrando preguiçosa
Resplandece ao Luar, – e vem sentida
Um soluço exalar como o proscrito
Que de além arrojado pela sorte,
Só acha a solidão por doce abrigo
E a saudade por último conforto.*

*O Mar! Ó Mar! Nas tuas profundezas
Tens abismos talvez de muito encanto,
Cintilam tuas pérolas mimosas
Ao fogo dessas noites namoradas.
E ao compasso das trêmulas orquestras
Dos ventos sibilantes nas espumas,
Teus gnomos gentis de tranças loiras
Dançam contentes festivos coreias
– Nos palácios azuis... enquanto eu choro.*

*De teus antros no seio misterioso
De granito ou coral, de sebo ou lodo,
Quem pudera estudar nos esqueletos
Que ali dormem do mundo ignorados
Os mistérios de um ente que arruinaram!
Perguntar às caveiras esverdeadas:
– Tu não sentes saudades de outra vida?
– Quem te arrojou ao Mar, fronte abrasada?
– Quem te esmagou, cabeça de poeta?
– Quem te cobriu de lodo, urna dos sonhos?*

*Tens arcanos, ó Mar que ninguém sonda,
Vaus sombrios, de horror impenetrável,
Mas, de minh'alma o escancarado abismo
Tem mais trevas talvez... Tem mais encantos! [...]*

Circo de Horrores – 27.02.2019

Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos. É uma linguagem que não mente [...]
(O Corpo Fala – Pierre Weil e Roland Tompakow)

Fui convidado, pelo Gabinete do Comandante do Exército, a integrar, como “Assistente Técnico”, a equipe da Assessoria Jurídica do Comando Militar da Amazônia (CMA) em defesa da União contra uma ação movida pelo Ministério Público Federal que acusa as Forças Armadas de massacre do povo Waimiri-Atroari. Mais uma pantomima orquestrada pelos órfãos do muro de Berlim, que não se preocupam em onerar os cofres públicos desnecessariamente, uma denúncia carregada de um viés puramente ideológico, baseado no testemunho de indivíduos inidôneos sem que sejam apresentadas quaisquer tipos de provas contundentes.

Um aparato enorme deslocou-se para a área da Associação Comunidade Waimiri-Atroari (ACWA), à margem direita do Rio Alalaú, já em Roraima, e antiga sede da Frente de Atração (FAWA), que na minha época (1982/83) era coordenada pelo Padre Giuseppe Cravero. Na mídia ali representada estava presente o jornalista Rubens Valente e sua “trupe”, do pasquim Folha de São Paulo, o recordista nacional em “Fake News” no Brasil e no exterior ⁽³¹⁾.

³¹ A Folha de São Paulo noticiou, em 29.10.2018, citando uma “fonte anônima”, que se Bolsonaro “ajudar a derrubar Nicolás Maduro com uma intervenção militar, terá o apoio da Colômbia”. O governo colombiano imediatamente rebateu afirmando: “O Ministério das Relações Exteriores, em nome do Governo da Colômbia, permite-se rechaçar e desmentir as versões que foram publicadas pelo jornal Folha de São Paulo no dia de hoje”. (operamundi.uol.com.br)



Imagem 51 – Família Reis e Silva em Visita aos WA (08.1982)

1. Kátia, esposa do Viana;
2. Ângela, filha do Viana (recém-nascida);
3. Neiva Maria, minha esposa;
4. Vanessa, minha filha primogênita (2 anos);
5. Daniella, minha filha nº 2 (8 meses).

Rubens Valente é autor de *“Os Fuzis e as Flechas – História de Sangue e Resistência Indígena”* e jornalista da Folha de São Paulo, desde 2000, um representante da mídia totalmente *“isento”* para reportar os fatos. Antes do início dos trabalhos consegui fazer contato com o Viana, antigo Capitão da Aldeia Terraplenagem, para entregar-lhe algumas fotos dele, sua esposa Kátia e sua filhinha recém-nascida – Ângela, nos idos de 1982. O Viana, muito meu amigo, agradeceu emocionado e demonstrou certo constrangimento por tudo que estava acontecendo.

Cronologia Reversa

Minha filha Danielle, nascida no dia 08.01.1982, era mais velha uns 7 meses do que a Ângela, e aparece na imagem 51, ao lado da Kátia e da Ângela e perguntei ao Viana quando sua filhinha tinha nascido e ele afirmou que tinha sido em julho de 1981.

A dificuldade em estabelecer marcos temporais dentro de um contexto histórico sempre foi uma característica bastante marcante entre os WA.

Tradutores (???)

A maioria dos “*informantes*” solicitou o apoio dos intérpretes para que lhes traduzissem as perguntas feitas pelos advogados e suas repostas aos mesmos. É interessante verificar que nos idos de 1982/3 eu conversara com alguns deles sem ser absolutamente necessária a participação de qualquer intermediador. Contrariando todos os prognósticos teriam meus amigos, depois de quase quatro décadas atrofiado sua capacidade cognitiva?

Wanaby Raimundo Atroari que havia respondido, sistematicamente, às perguntas, antes mesmo que se fizesse a devida tradução, sentou-se atrás de mim, depois de sua oitiva, e me narrou com detalhes os problemas de saúde enfrentados pelo do Presidente da Associação Waimiri-Atroari – Mário Parwe, depois de um acidente automobilístico, levantei-me, imediatamente e chamei Mário convidando-o para conversar do lado de fora da maloca, e ele me confidenciou que sentia muita dor de cabeça e tinha o abdômen inchado, mas que tinha receio de procurar os médicos com medo de que precisasse se submeter a alguma cirurgia.



Imagem 52 – Capitão Viana (27.02.2019)



Imagem 53 – Amigos Waimiri-Atroari (27.02.2019)



Imagem 54 – Explosão de Napalm na Indochina, 1953



Imagem 55 – Aeronave Americana com bombas de Napalm

Contei-lhe de meu acidente, em 1985, no Rio de Janeiro e das onze cirurgias reparadoras a que tive de me submeter, abri a camisa e mostrei-lhe a enorme cicatriz da laparotomia a que tinha me submetido. Deixei meu telefone com ele, caso mudasse de ideia tenho certeza de que nossos médicos militares poderiam atendê-lo ⁽³²⁾. O Mário, visivelmente emocionado, e dois jovens WA que o cercavam, quase às lágrimas, agradeceram-me. Tenho absoluta certeza de que os militantes esquerdistas farão de tudo para que ele não aceite minha oferta, mesmo que isso venha a comprometer seriamente a saúde do líder WA.

Conheci, nos idos de 1982/83, cinco dos seis “*informantes*” que já naquela época falavam fluentemente o português e que agora “*precisavam*” de “*tradutores*” para expor suas ideias. Só este fato deveria bastar, por si só, para rechaçar a idoneidade desses controversos testemunhos. Vejamos alguns deles:

³² O próprio comandante do CMA, mais tarde, cientificado do problema garantiu isso. (Hiram Reis)



PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA Nº 1001605-06.2017.4.01.3200

Requerente: Ministério Público Federal e outro

Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove, às 9h, nas instalações do Núcleo de Apoio aos Waimiri-Atroari (NAWA), localizado dentro da Reserva Indígena Waimiri-Atroari, na altura do km 01 ⁽³³⁾ da BR-174, divisa entre Amazonas, AM e Roraima, RR, presente a MM. Juíza Federal Substituta RAFFAELA CÁSSIA DE SOUSA, com a Analista Judiciária ao final nominada, a quem foi determinado que fizesse o pregão da Audiência nos autos do processo em epígrafe, oportunidade em que se verificou a presença DOS PROCURADORES DA REPÚBLICA, Dr. Júlio José Araújo Júnior e Dr. Fernando Merloto Soave; DO REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE WAIMIRI-ATROARI – ACWA, Sr. Mário Parwe Atroari (RG nº 2467718-3 SSP/AM), acompanhado de seus advogados, Dr. Jonas Filho Fontenele de

³³ Na verdade km 254 da BR-174. (Hiram Reis)

Carvalho (OAB/DF 8248) e Dr. Harilson da Silva Araújo (OAB/DF 14.039); DOS ADVOGADOS DA UNIÃO, Dr. André Petzhold Dias e Dr. Mateus Belém Ferreira; DA PROCURADORA DO DNIT E DA ANEEL, Dr^a Regina Melo Cavalcanti; DO PROCURADOR DA FUNAI, Dr. Fernando Walker da Silva Aguiar, acompanhado do funcionário da FUNAI lotado em Brasília, DF, Sr. Evandro Nobre Pelegrini (RG nº MG-15.521.224 II-MG).

Presentes, ainda, as testemunhas que serão inquiridas, (1) Baré Bernaldo Waimiri, (2) Dawuna Elzo Atroari, (3) Wanaby Raimundo Atroari, (4) Temehe Tomás Waimiri, (5) Wamé Viana Atroari, (6) Para'ny Tomoso Atroari, que assinam em termo próprio juntamente com os tradutores.

As partes tomaram ciência de que o ato será gravado e, posteriormente, anexado aos autos eletrônicos. Iniciada a audiência, a MM. Juíza fez os seguintes apontamentos

- 1)** Informo a todos que a Polícia Federal é a responsável pela segurança desta audiência, não sendo admitidos, além dos agentes daquela instituição, como medida de segurança, que qualquer indivíduo, Indígena ou não Indígena, porte armas ou qualquer tipo de equipamento similar de forma ostensiva durante a realização desta audiência. Ficam cientes de que, caso seja verificada alguma conduta desse tipo, a audiência será interrompida e o indivíduo identificado será convidado a promover a guarda adequada do instrumento ou a se retirar da audiência, conforme o caso.
- 2)** Não é recomendável ingressar em terra Indígena portando cigarros e bebidas alcoólicas. É extremamente recomendável que os participantes do evento façam o descarte adequado do lixo que produzirem, considerando que se trata de terra Indígena (?).

- 3)** Nos termos do CPC/2015 (³⁴), esta audiência está sendo registrada por meios audiovisuais, os quais serão oportunamente disponibilizados no processo eletrônico. Conforme o art. 367, parágrafo sexto, do CPC/2015, a audiência poderá ser gravada por qualquer das partes, independente de autorização judicial. Neste caso, informo aos presentes que, caso desejem promover a gravação referida no parágrafo sexto, deverão fazê-lo atentando-se ao espaço estritamente necessário para a captação do ato, sem comprometer o andamento desta audiência, ficando, portanto, desde já advertidos.
- 4)** Informo aos presentes que haverá um intervalo de uma hora para o almoço, em momento a ser indicado no momento oportuno, de forma que a audiência retornará, impreterivelmente, com o decurso do referido prazo.
- 5)** Consigno em ata que os Indígenas presentes na audiência autorizaram a divulgação de fotos nos Informativos da Justiça Federal.
- 6)** Por se tratar de audiência em terra Indígena e pelo fato do ato ter sido designado para oitiva de pessoas da etnia Waimiri-Atroari que, sabe-se, falam língua própria, sendo que muitos deles não conhecem a língua portuguesa, aliada à diferença cultural existente com os não-Índios, associado ainda ao fato dos ascendentes de membros da tribo serem as supostas vítimas indicadas nos relatos históricos retratados na petição inicial, estabeleço que as testemunhas indicadas para serem ouvidas na data de hoje o sejam na condição de informante, sem a necessidade de prestar compromisso, nos termos dos parágrafos quarto e quinto do art. 447 do CPC/2015.

³⁴ CPC: Código de Processo Civil. (Hiram Reis)

- 7)** A fim de cumprir a previsão do art. 456 do CPC/2015, quanto à oitiva, separada e individualmente, das testemunhas, de forma que aquela que ainda não prestou o depoimento não possa ouvir a inquirição das que já depuseram; determino que os Índios a serem ouvidos na condição de informantes aguardem em local diverso do recinto da audiência e só adentrem a este espaço por ocasião da sua oitiva.
- 8)** Em razão da diferença linguística e considerando que a língua dos Kiña é falada apenas por seus integrantes ou por aqueles que com eles trabalham ou têm contato, e sendo necessário indicar um tradutor “*ad hoc*” a fim de auxiliar o juízo na tradução das perguntas e respostas durante a audiência, nomeio o Sr. TUWADJA JOANICO WAIMIRI (RG nº 3668047-8 SSP/AM) e o Sr. MARCELO EWEPE ATROARI (RG nº 1937735-5 SSP-AM), membros da comunidade Indígena Waimiri-Atroari e conhecedores do tronco linguístico Karib, como tradutores “*ad hoc*”, voluntários (sem honorários), os quais neste momento prestam o compromisso de bem desenvolver seu papel de forma imparcial e declaram, na forma dos arts. 162 e 163 do CPC/2015, que têm a livre administração de seus bens, que não foram arrolados como testemunha nem como perito neste processo e que não se encontram inabilitados para o exercício desse ato por sentença penal.

Feitos tais esclarecimentos, passou-se à colheita dos depoimentos dos informantes. Por ocasião da oitiva do Indígena Temehe Tomás Wairniri, o Procurador da FUNAI requereu a delimitação de testemunhas pelo MPF, considerando que o CPC estabelece 3 (três) para cada fato e que as perguntas estariam se repetindo. Informou que a FUNAI não tem interesse em ouvir os demais informantes.

Dada a palavra ao MPF, ressaltou que os fatos são um pouco diversos, insistindo na oitiva das testemunhas já arroladas. Dada a palavra à União, corroborou o requerimento da FUNAI, assim como a Procuradora do DNIT.

Dada a palavra ao Advogado da ACWA, ratificou a afirmação do MPF, esclarecendo que os fatos seriam diversos porque ocorreram com pessoas diversas. O Advogado da União requereu, ainda, o respeito ao horário já fixado.

O MPF informou que não se opõe à suspensão da audiência caso ultrapassado o horário.

A Magistrada proferiu a seguinte decisão:

Diante dos argumentos apresentados pelas partes, acolho parcialmente o requerimento da FUNAI apenas quanto à limitação da oitiva ao horário já estabelecido (até às 16h), considerando que a decisão anterior, que deferiu a realização da audiência e fixou a quantidade de informantes a serem ouvidos neste ato, foi expressa em relação ao tempo da oitiva e à quantidade dos informantes.

Além disso, houve preclusão consumativa ⁽³⁵⁾ para impugnação daquela decisão; e a limitação prevista no CPC diz respeito a testemunhas, não se aplicando ao caso, uma vez que os Indígenas estão sendo ouvidos como informantes.

O MPF impugnou a decisão proferida, não concordando com a interrupção da audiência, apenas com a suspensão, caso ultrapassado o horário. Informou que apresentará os fundamentos oportunamente em razão do curto espaço de tempo destinado à oitiva dos Indígenas nesta audiência.

³⁵ Segundo o artigo 507 do Novo Código de Processo Civil: “É vedado à parte discutir no curso do processo as questões já decididas a cujo respeito se operou a preclusão”. (Hiram Reis)

Após, deu-se continuidade à oitiva dos informantes, passando-se à colheita do depoimento de Wamé Viana Atroari e seguintes. Ao final das oitivas, considerando que todos os informantes foram ouvidos dentro do horário fixado, a Magistrada esclareceu que fica sem efeito a impugnação apresentada pelo MPF. **Em seguida, determinou que, após o transcurso dos prazos em aberto, sejam os autos conclusos para decisão.** A MM. Juíza agradeceu o apoio dos Agentes da Polícia Federal presentes durante os trabalhos desta audiência. Por fim, determinou a MM. Juíza o encerramento do presente termo que, após lido e achado conforme, vai por todos assinado. Eu, Adrya Prates, Analista Judiciária, lavrei este termo.

Informante Baré Bernaldo Waimiri

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Pergunto ao Dr. Arilson se os informantes já lá se encontram. (*Após confirmação...*)

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Bom dia, preliminarmente, pra nós não tem problema. A nossa função aqui é a de tradutor da língua. Concordo plenamente.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Bom dia, eu concordo com tudo que está colocado aí, pra mim não tem problema não.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Muito obrigado então Sr. Marcelo e Sr. Joanico. Eu peço aos senhores que à medida que o informante, o Indígena a ser ouvido for prestar o seu depoimento que eles falem devagar e que os senhores vão fazendo a tradução conforme o conhecimento dos senhores sobre a língua, tá certo?

E aí os senhores decidem quem vai falar primeiro para poder usar o mesmo microfone para que possamos gravar. Feitos estes esclarecimentos iniciais vou passar então à colheita dos depoimentos dos informantes. Vou pedir para entrar o primeiro informante, por favor. Ele fala a língua portuguesa? Não fala nada, nada. Traduza para ele, por favor, que estou perguntando se nome dele é Baré Bernaldo Waimiri.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Drª Bom dia. Ele afirma que o nome dele é Baré Bernaldo Waimiri.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Eu vou pausar um pouco a audiência para instalar outro microfone. (*Após a pausa...*)

Então Sr. Baré, o senhor pode falar para ele que agora a gente vai passar primeiro a palavra pro Ministério Público que é quem arrolou, que é na condição de informante que ele tá aqui, que é o Ministério Público que vai fazer perguntas pra ele e que aí depois ele pode responder aí só pede para ele ir respondendo esperar um pouquinho pro Sr poder traduzir ou pro seu Marcelo poder traduzir, o Sr. informa para ele, por favor. Fale mais perto do microfone e ele também. Dr. Pode começar, por favor.

Júlio José Araújo Júnior (MP):

Já tá funcionando tudo ok. Bom. Bom dia a todas, bom dia a todos, inicialmente eu queria registrar minha satisfação de estar aqui participando dessa audiência, creio que é uma audiência histórica para o povo Kiña que tenha uma audiência realizada aqui na Terra Indígena para falar de fatos tão importantes para a história de vocês.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Bom dia. Eu tô feliz também ter acontecido até essa audiência aqui na terra Waimiri-Atroari, eu tô feliz. Estamos aqui para lustrar nosso debate. Obrigado.

Júlio José Araújo Júnior (MP):

Excelência, só para esclarecer, né, eu enquanto procurador designado para esse processo vou fazer perguntas junto com o Fernando que é Procurador Natural e ele também vai se apresentar.

Fernando Merloto Soave (MP):

Bom dia a todos eu também gostaria de externar, né, a alegria de estar aqui nesse momento junto a todos e dizer que esse momento de forma histórica, né, reconhece, né, a importância desses fatos para o povo Waimiri, né, o Bernaldo aqui presente também reconhece o valor, né, de toda a história que o povo passou dentro da história do Brasil e esse momento do próprio Bernaldo poder expor, né, as coisas que ele passou a sua família e todo esse contexto vivido, né, nessa parte.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Bom dia Fernando, agradeço sua presença também para mostrar e registrar nossa história, o que aconteceu no passado.

Ministério Público:

Bom gostaria de dizer ao Bernaldo que o processo trata da construção da BR-174 e como ela foi sentida pelos Índios, pelos Kiña, e no caso por ele.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

É..., traduzindo, antes da construção da BR-174 o povo era pacífico, era assim sem ameaça, então a BR chegou e a gente não tinha conhecimento, mas depois

a gente ficou sabendo, vendo que depois de chegar.

Ministério Público:

Certo! Em qual aldeia o Bornaldo vivia naquela época, qual era o nome da aldeia?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

O nome da aldeia do Bornaldo era Somudu.

Ministério Público:

Somudu, Certo! Ele já falou, mas eu queria entender como é que era a vida dele antes da estrada ele vivia nessa aldeia?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Antes da estrada, nessa aldeia dele ele vivia bem, sem perturbação.

Ministério Público:

Essa aldeia, ela ficava longe daqui, aqui perto, na área da estrada, onde é hoje a estrada?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Essa aldeia dele ficava próxima à estrada, onde ele morava.

Ministério Público:

Onde hoje é Roraima ou Amazonas? Abonari, Alalaú?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

No Estado de Roraima.

Ministério Público:

Certo, eu queria saber se na aldeia do Bornaldo, Bornaldo, se houve algum ataque na sua aldeia se houve algum massacre na sua aldeia?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Aconteceu na minha aldeia esse ataque do homem branco.

Ministério Público:

Ele pode contar como foi? Um pouco depois eu faço outras perguntas, mas para ele contar como é que foi isso.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Então aconteceu. A gente tava trabalhando na nossa roça e derrubando, plantando, limpando e aí chegou essa ameaça e aí a população começou a reduzir, foi um ataque de veneno de homem branco.

Ministério Público:

Mas era um dia de trabalho normal, que, que, como é que tava a aldeia nesse dia, tinha muita gente?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era dia de trabalho, trabalho assim normal, eles não esperavam que chegasse a ameaça então era dia de trabalho.

Ministério Público:

Mas tinha muita gente na aldeia?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era muita gente nessa aldeia.

Ministério Público:

Mas ia haver alguma festa nesse dia ou era dia normal do trabalho ia ter Marubá ⁽³⁶⁾ também, se sim o que

³⁶ O Marybá (pronuncia-se Marubá) é uma festa, com a participação de convidados de outras aldeias, em que se promove o "rito de passagem",

é o Marubá? ⁽³⁷⁾

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era dia de festa. Dia normal, dia a dia da aldeia.

Ministério Público:

Era dia de Marubá ou não?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era dia de Marubá.

Ministério Público:

E o que é o Marubá?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Marubá é uma festa de iniciação do menino guerreiro Waimiri-Atroari e o povo estava reunido.

Ministério Público:

E para essa festa vem gente de outras aldeias?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Vem gente de outras aldeias para participar desta festa.

Ministério Público:

E como é que foi esse ataque ele veio do chão, de cima, como é que foi?

casamentos e outros eventos e que tem a duração de três dias a uma semana. (Hiram Reis)

³⁷ A “*curiosa*” insistência do promotor de caracterizar de que não era simplesmente “*um dia de trabalho normal*”, como Bernaldo categoricamente afirmava, e sim de Marubá nos leva a crer que seu pupilo tinha esquecido o “*script*” anteriormente combinado. O advogado deve sempre orientar as suas testemunhas para que elas relatem a verdade sobre os fatos, abstendo-se de induzi-las ou instiga-las a dar respostas que favoreçam nitidamente a sua argumentação como aqui fica peremptoriamente patente. (Hiram Reis)

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

O que ele disse é pelo terrestre, e também por cima ⁽³⁸⁾ de helicópteros que aconteceu este ataque ⁽³⁹⁾.

Ministério Público:

Mas o que é que era. Era tiro, era bomba o senhor falou em veneno.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era veneno jogado por cima da maloca.

Ministério Público:

E esse veneno queimava, o quê que ele causava?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Então ele causava assim tonteira, febre, corpo estranho, então isso que aconteceu.

Ministério Público:

É..., muita gente morreu nesse ataque?

Baré Bernaldo Waimiri (Informante):

⁽⁴⁰⁾

Ministério Público:

Se puder o senhor puder perguntar, por favor. Joanico pergunta pra ele.

³⁸ Um ataque simultaneo, aéreo e terrestre? Me poupem. (Hiram Reis)

³⁹ A Juíza alerta, novamente, ao tradutor que o mesmo deve ir traduzindo progressivamente à medida que Bernaldo faz o seu relato. (Hiram Reis)

⁴⁰ Aqui o Bernaldo, que nada fala ou compreende da língua portuguesa (???), começa a responder ao promotor e este interrompe o informante abruptamente e determina que o tradutor lhe faça a pergunta. Muito curioso, pois não? (Hiram Reis)

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Morreram muita gente, nessa época.

Ministério Público:

Ele perdeu alguém da família?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Perdi minha família, muita gente também morreu.

Ministério Público:

É..., muita gente sobreviveu?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Então... sobreviveu pouco e os mais velhos, mais jovens, adolescentes sobreviveram poucos.

Ministério Público:

Ele sabe dizer quantos ou não?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Ele não sabe exatamente quantos sobreviveram e quantos morreram.

Ministério Público:

Quem da família ele perdeu?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Então, eu perdi meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão. Eu sou o único sobrevivente da família.

Ministério Público:

É..., quando aconteceu o ataque o Bernaldo ficou lá, ele foi até outras pessoas o que que ele fez?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Quando isso aconteceu eu fiquei lá sozinho.

Ministério Público:

E alguém veio ajudar, ele procurou ajuda?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Então, quem ajudou foi o tio dele que morava noutra aldeia.

Ministério Público:

O quê que o Bornaldo sentiu durante o ataque que o pessoal lançou veneno, o quê que ele pessoalmente sentiu?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele sentiu muito calor no dia que aconteceu isso. Calor no corpo, ele não podia mais nem andar, ele não viu as pessoas saírem, ficou lá sozinho.

Ministério Público:

Ele chegou a ver o ataque por terra, Ele chegou a ver o pessoal atacando por terra?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Eles vinham por terra e entraram na aldeia quando ele ficou sozinho.

Ministério Público:

Ele chegou a ver alguém sendo morto, sendo assassinado?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele viu, esfaquearam as pessoas, um parente dele que

estava meio adoentado ele foi esfaqueado bem aqui assim, tá falando ⁽⁴¹⁾.

Ministério Público:

Ele tava doente e aí veio alguém e esfaqueou, é isso, é isso?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele tava muito doente, essa pessoa que foi esfaqueada.

Ministério Público:

É..., essa pessoa é Kamña?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Foi Kamña.

Ministério Público:

As pessoas que vinham eram Kiña? As pessoas que atacaram eram Kiña? Ou eram não Indígenas, Kamña?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Era homem branco.

Ministério Público:

Elas possuíam armas?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Possuíam armas ⁽⁴²⁾.

⁴¹ Marcelo gesticula mostrando que teria sido no pescoço. (Hiram Reis)

⁴² Bernaldo leva 19 segundos para responder e o tradutor laconicamente o faz em menos de um segundo. (Hiram Reis)

Ministério Público:

Ele sabe dizer qual arma que era, se era arma de fogo, revólver?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Revólver (⁴³).

Ministério Público:

E depois deste episódio, é... como é que foi a vida do Bernaldo?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele sofreu muito sozinho e não esperava ninguém aparecer, aparecer socorro.

Ministério Público:

E ao longo assim depois que a estrada foi construída o quê que ele lembra mais?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Depois que aconteceu tudo isso, ele passou isso, eles vieram para ver o que tava entrando na nossa terra.

Ministério Público:

E como é que foi isso, como é que é?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Eles vieram porque tavam fazendo barulho, escutaram o barulho de alguns equipamentos estranhos, então é isso que chamou a atenção deles pra ver o quê é que tava acontecendo.

⁴³ Um ataque portando revólveres? (Hiram Reis)

Ministério Público:

É..., a área onde é a estrada hoje, é, tinha, é, era frequentada pelo Bernaldo, Bernaldo andava por ali tinha, é, algum roçado lugar sagrado cemitério área dos Kiña?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

É, passou em cima da do caminho que era frequentava área que ele caçava e passou na área sagrada onde nossos antepassados viveram e onde muitas pessoas perderam a sua vida.

Ministério Público:

Ele se recorda se houve doenças depois da estrada e se as pessoas morreram por causa disso?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Depois que passou a estrada, veio a doença e com a doença morreu mais gente.

Ministério Público:

Ele lembra que doença, lembra o quê que causava essa doença?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Os que morreram eles diziam que era o corpo muito quente, dormente, então dizia isso.

Ministério Público:

Bernaldo sofreu alguma ameaça depois que a estrada passou?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

As pessoas que naquele tempo chegaram a ameaçar a eles apontando a arma no ouvido, na testa e eles enfrentavam.

Ministério Público:

E o quê que elas diziam?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não entendia muito bem, o que eles diziam, mas ele entendia que eles estavam apontando a arma pra o ataque, não sei, ele tá falando, é isso que ele entendia.

Ministério Público:

Essas pessoas tinham uniforme algum tipo de roupa específica?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Tem umas pessoas que chegou aí com a mesma farda (44) é essa farda que eles tinha naquele tempo.

Ministério Público:

Só para confirmar, este último ponto, é, ele identificou também algumas pessoas por terra, durante o ataque, se ele se recorda se eram pessoas com uniformes, com fardas também durante o ataque ou se eram pessoas sem uniformes como eram essas pessoas?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Era o mesmo uniforme.

Ministério Público:

E aí só para esclarecer este ponto porque que ele mencionou que teriam algumas pessoas teriam chego

⁴⁴ Mais um deslize na falaciosa narrativa de Bornaldo, estimulada pelo promotor – todas as tropas de engenharia e mesmo de infantaria daquela época usavam uniforme verde-oliva e os militares ali presentes vestiam camuflado. (Hiram Reis)

e seriam uniformes parecidos se seriam parecidos...

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Ministério Público só peço, por favor, não aponte nenhuma das pessoas que estão aqui.

Ministério Público:

Sim, sim.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Não sei qual vai ser a sua pergunta, mas não faça isto.

Ministério Público:

Só perguntar se seriam parecidos com pessoas...

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Melhor não indicar. Se puder reformular a pergunta.

Ministério Público:

Perguntar se ele saberia descrever a forma desses uniformes, enfim, como eles eram.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele viu daquele jeito mesmo o uniforme.

Ministério Público:

Bornaldo, qual a aldeia que o senhor vive hoje?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Hoje ele mora na aldeia Guarapiuá.

Ministério Público:

Esta aldeia fica aonde?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

No Estado do Amazonas. Na divisa com o Amazonas e Roraima.

Ministério Público:

Existem outros sobreviventes deste ataque?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Tem, existe uma pessoa.

Ministério Público:

Quem é?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

É a pessoa que no dia que tava, é chamado Wanabu.

Ministério Público:

Perdão.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Wanabu.

Ministério Público:

Wanabu é sobrevivente. E Adie?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Adie era convidada pra a festa.

Ministério Público:

Excelência, só para fazer um esclarecimento a Adie, ela foi, prestou informações naquela audiência passada, uma senhora, por isso, é que me referi a ela e só para a defesa também ter clareza aí de quem é essa pessoa. Adie foi convidada daquela festa do

Marubá que ia haver?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

A família dela foi convidada para a festa.

Ministério Público:

E a família dela sofreu ataque também? O Bernaldo sabe disso?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Sofreu ataque.

Ministério Público:

O Bernaldo sabe se os corpos das pessoas que morreram se eles foram enterrados, o quê que houve, o que os Kiña fizeram ou puderam fazer alguma coisa?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Foi queimado pelos parente.

Ministério Público:

Os parentes queimaram estes corpos?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Os parentes queimaram os corpos.

Ministério Público:

E conseguiram queimar todos os corpos? Ele sabe?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Não deu para queimar todo mundo.

Ministério Público:

Bom, só fazer final, é..., as pessoas que iam pra festa, é..., teve gente que conseguiu fugir?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Conseguiram fugir.

Ministério Público:

Só para voltar aqui, estes corpos que não foram queimados, ele mencionou que não conseguiu queimar todos, ele sabe para onde foram estes corpos?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não sabe mais como foi feito porque já tava muito ruim ele.

Ministério Público:

Sem mais perguntas excelência, obrigado.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Obrigada.

Ministério Público:

Obrigado Bernaldo.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Dr^a Regina, a senhora tem perguntas?

AGU:

Pela ordem.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Ah..., desculpa Dr. Esqueci. Desculpe, por favor.

AGU:

Bom dia Excelência, bom dia a todos, bom dia Bernaldo.

Bernaldo:

Bom dia.

AGU:

Queria que os intérpretes perguntassem para o Bornaldo, quando do ataque que houve na aldeia dele, no momento em que houve a chegada dos Kamña por terra e se ele consegue dizer quem eram os Kamña que estavam chegando?

Tradutor Tuwadjá Joanico Waimiri:

Eram homens brancos.

AGU:

Homens brancos, estavam de uniforme?

Tradutor Tuwadjá Joanico Waimiri:

Tava de uniforme.

AGU:

Ele sabe dizer que uniforme é esse?

Tradutor Tuwadjá Joanico Waimiri:

É um uniforme que se usa hoje ⁽⁴⁵⁾.

AGU:

Sabe dizer quem usa hoje este uniforme?

Tradutor Tuwadjá Joanico Waimiri:

É exército, né, que usa este uniforme. Ele fala assim é o exército que usa hoje, ele vê ele usando.

⁴⁵ Mais uma vez a mentira é patente, naquela época o uniforme da tropa era verde-oliva e não camuflado. (Hiram Reis)

AGU:

Só mais uma pergunta Excelência, ele disse que viu estes Kamñas esfaqueando Kiña que tava doente depois do ataque, se ele além de esfaquear ele viu alguém ter o pescoço cortado, algum Kiña tendo o pescoço cortado?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Ele viu a pessoa a pessoa com o pescoço cortado viu.

Dr^a Regina Melo Cavalcanti:

Eu gostaria de saber se ele recorda em que ano foi construída a estrada, a BR?

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Se ele não se lembrar, não tem problema, o senhor pode traduzir pra ele que se ele não se lembrar é só dizer que ele não se lembra.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Não ele não se lembra que ano foi esta construção.

Dr^a Regina Melo Cavalcanti:

Se ele lembra mais ou menos aproximadamente quanto tempo durou a obra?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Tá, ele, ele coloca aqui ele não sabe tempo que foi feito. Ele sabe que foi um serviço muito longo.

Dr^a Regina Melo Cavalcanti:

Certo. É..., se durante a construção da BR os ataques se prolongaram, continuaram.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Continua ataque e morte.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

É..., se ele sabe informar se alguma atividade de conservação é feita atualmente na BR, na área que corta a reserva.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Ele lembra que existe isso.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Certo, É..., se ele acha que a construção da BR trouxe algum impacto positivo para a comunidade.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Repita por favor.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Se a construção da BR trouxe também algum impacto positivo.

(O tradutor insiste, mas Bernaldo parece não entender a pergunta)

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Ele não compreendeu a pergunta? O senhor não pode fazer de outro jeito porque acho que ele não entendeu. Se alguma coisa boa aconteceu após a construção da estrada?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Ele concorda que houve em parte, mas não foi assim positivo não.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Desculpe, mas eu não entendi a tradução.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

É..., houve um positivo e também não houve assim um positivo bem como a gente queria.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Eu vou pedir para o senhor perguntar de novo porque eu acho que o senhor não deve ter compreendido a resposta. A senhora compreendeu?

Dr^a Regina Melo Cavalcanti:

Mais ou menos

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Então eu vou pedir, de novo, para fazer a mesma pergunta pra ele, doutora se puder repetir.

Dr^a Regina Melo Cavalcanti:

Se ele acha que a construção da BR só trouxe coisas ruins, ou também trouxe coisas boas?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Na construção só veio ameaça.

Dr^a Regina Melo Cavalcanti:

Eu ainda não compreendi bem a resposta, que houve ameaça ele já deixou bem claro, eu quero saber se a construção, hoje em dia inclusive, se há algum impacto positivo, trouxe alguma coisa boa pra comunidade, se o contato com a sociedade de certa forma ajudou a comunidade?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Depois de tudo que aconteceu, depois destes acontecimentos, veio coisas boas além dos massacres e até hoje a gente vive em paz.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Sem mais Excelência, obrigada.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Dr. Fernando o senhor tem perguntas?

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Considerando a natureza da defesa da FUNAI nos autos, a FUNAI requer que as perguntas venham posteriores às perguntas da União, considerando que...

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Tudo bem doutor.

FUNAI:

Tem uma diferença de defesa...

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Sem problemas, se o senhor quer fazer posteriormente depois não tem problema.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Excelência, foi mencionado pela testemunha um veneno, eu gostaria que ele esclarecesse que veneno, como foi isso, o que ele viu, o que ele sentiu, quem jogou, o que jogou?

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Vou pedir pra o senhor fazer uma pergunta de cada vez para ele poder traduzir, poderia perguntar de novo?

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Como foi jogado este veneno, este suposto veneno?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Jogava assim em cima da maloca.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Eu não perguntei onde, eu perguntei como? Por cima, alguém tem que fazer de alguma maneira.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não sabe dizer muito bem como, mas escutava barulho em cima da aldeia.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Excelência, à época desse veneno jogado foi simultâneo ao ataque terrestre?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Depois que ele fazia isso vinha pessoas por terra.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Bom dia, bom dia a todos, senhor Bernaldo o senhor poderia dizer quantas pessoas destes supostos atacantes morreram junto neste ataque se teve alguma casualidade nos atacantes?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Em número ele não sabe dizer, morreram muita gente.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Com licença, morreu muita gente dos Indígenas ou

dos não Indígenas?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Só os Índios que morreram.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Então, no caso o senhor concorda que seria razoável que tivessem morrido também estes supostos atacantes? Porque teriam sido vítimas do veneno também?

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Doutor eu vou pedir para reformular a pergunta senão fica difícil para traduzir.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Hum?

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

O senhor reformular a pergunta para poder traduzir. Se o senhor puder fazer mais de uma inclusive.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

O senhor não concorda que deveriam ter morrido estes atacantes junto. É uma questão de fato Excelência.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Doutor eu vou pedir só para o senhor Dr. Matheus reformular a pergunta até fazer mais de uma se for possível pra ficar mais fácil para a tradução. Porque como são línguas distintas existe uma dificuldade de tradução, então se puder fazer mais de uma pergunta.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Vou me esforçar ao máximo, Excelência, obrigado. Não seria razoável que tivessem morrido estes atacantes junto com os Indígenas, pois teriam sido atacados pelo veneno?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não sabe dizer que estas pessoas que atacou a aldeia dele não sabe dizer se eles morreram.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Então está difícil. Senhor Bernaldo, qual era a idade do senhor à época?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Nessa época ele era jovem, não sabe dizer a idade dele, porque naquele tempo não existia isso.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Criança, adolescente ou adulto?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Adolescente.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Excelência, eu gostaria que a testemunha descrevesse o revólver que ele mencionou.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele viu assim distante, que era um revólver.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Excelência eu pedi para que ele descreva como era o revolver e não se ele viu à distância.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Refaça a pergunta doutor que ele vai responder exatamente o que o senhor perguntar.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Eu gostaria de saber o que a testemunha entende por revólver, como era o revólver que ela viu?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não sabe descrever exatamente qual tipo de revólver era, é isso que ele está falando.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Eu acho, doutor eu vou interromper para ajudar o senhor aqui, ele está querendo saber como era o formato, se comprido, longo, se era de madeira ou de metal, se fazia barulho, se ele sabe descrever se era pequeno, grande?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Curto.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Excelência, eu também gostaria que ele descrevesse o uniforme. Ele mencionou pessoas de uniforme no depoimento dele. Eu queria saber exatamente como era esse uniforme?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

O uniforme que ele descreve que era todo pintado assim como se fosse uma folha assim.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Senhor Bernaldo, era comum o conflito com mateiros, posseiros, garimpeiros à época em que o senhor era criança?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não chegou a ver isso, ele não saber dizer esse assunto.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

E como é que se deu o contato com os brancos antes da construção da estrada, como é que era?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Eles se encontrava subindo o Rio Alalaú.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

O ataque se deu antes, durante ou depois da construção da estrada?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Durante a construção.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Sr. Bernaldo, eram comuns epidemias na população Indígena naquela época? Como o sarampo, a gripe ou outras congêneres?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Antes da estrada não existia esse tipo de doença, nem esse sarampo, não existia.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

O senhor sabe dizer quais os sintomas dessas doenças?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele fala que essa sintoma de sarampo cansa a perna, dor no corpo, faz doer tudo ⁽⁴⁶⁾.

⁴⁶ Os sintomas, na realidade, são febre, tosse, irritação nos olhos, coriza ou conjuntivite, perda de apetite, otite, pneumonia, encefalite e manchas branca na parte interna das bochechas. (Hiram Reis)

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Como se fosse um veneno?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Similar.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Só para finalizar excelência, senhor Bernaldo em relação ao que o senhor narrou, as pessoas que foram mortas na época, o senhor disse que teve algumas pessoas que foram, no caso, colocaram fogo nos corpos e outras enterraram, o senhor tem noção de quantas pessoas foram enterradas?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

As pessoas que ele relatou ele tá falando que não enterraram as pessoas ficaram lá mesmo porque não tinha ninguém para cuidar do corpo.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

O Dr. Matheus perguntou quantos.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Pode fazer de novo. Dr. o senhor faça de novo.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Excelência, vamos passar para a próxima. Senhor Bernaldo, o senhor poderia descrever como era a relação do senhor e da população com o Exército que se deu depois da construção da estrada? Se foi uma relação amigável, se eles ajudavam a comunidade, prestavam auxílio de saúde por exemplo auxiliando na realização de partos e outras coisas afins?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Vou repetir que ele não entendeu. Ele não trouxe ajuda de saúde naquele tempo.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Naquele tempo?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Não houve isso de ajudar no parto, não teve isso.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Nunca teve, nem depois da construção da estrada?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Não ajudou (47).

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Excelência ainda voltando com relação ao revólver.
Quantas pessoas ele viu de revolver?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Oque ele viu, ele conseguiu ver só quem entrou dentro da aldeia que eram duas pessoas.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Satisfeito doutor, obrigada.

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Bom dia a todos, é..., considerando que já foram feitas algumas perguntas eu vou me ater ao que ainda não foi respondido. Eu gostaria que a testemunha

⁴⁷ No Tomo III, desta coletânea, nas páginas 45 a 48, e páginas 18 e 19 do Tomo IV, relato parte do apoio de saúde e criação de pequenos animais que proporcionamos aos WA. A esposa do Elzo, por exemplo, permaneceu uma semana na sede da 1ª Companhia de Engenharia de Construção, até o parto. A vacinação foi realizada em todas as aldeias pelos meus médicos, mas o novo Judas macula a dignidade e honra de seu povo mentindo descaradamente. (Hiram Reis)

falasse sobre o período posterior aos fatos, como foi a reorganização social e a reprodução física e cultural dos Kiña posteriormente aos fatos. Como foi, é..., posterior aos acontecimentos, é..., como os povos Kiña, é..., como foi posterior essa transição. Não sei se ficou claro né.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Compreendeu?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Repete aí, por favor.

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Depois da ocorrência dos fatos questionados, é..., como foi a reconstrução das famílias, cultura dos povos Kiña?.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

A gente não tinha muito conhecimento, que deu depois que aconteceu iniciativa de ajuda foi o pessoal da FUNAI.

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Justamente nesse ponto que eu queria entrar. É..., e a FUNAI, é..., ela ajudava de que forma a comunidade?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Ela ajudou, assim, na parte de transporte, medicamentos alguns básicos.

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Na questão de alimentação, de plantio, a FUNAI ajudou de alguma forma?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Na parte de alimentação a FUNAI não ajudava, a gente fazia a nossa roça própria.

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Que é característico, né, da... Vamos voltar um pouquinho no tempo e na época da construção se ouvia falar muito na FUNAI? Ela ajudava de alguma forma os povos.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Naquela época a gente não tinha, assim, ouvido o nome da FUNAI, durante a construção.

Fernando Walker da S. Aguiar (FUNAI):

Satisfeito excelência, eles não ouviam falar sobre a FUNAI na época.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Sim, obrigado doutor. É..., só vou fazer algumas perguntas só sobrou a mim. Quero perguntar para ele, qual foi a primeira vez que ele viu uma pessoa que não era Índio?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Quando ele viu o branco vestido de roupa de sandália ele vinha andando no caminho deles, na trilha deles.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Quero que o senhor pergunte a ele, essa primeira vez que ele viu essa pessoa que não era Índio, que esta pessoa estava fazendo aqui?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Desculpa, ele não entendeu minha pergunta. Então eles ficavam trabalhando na roça deles, cuidando, o não Índio.



Imagem 56 – Charge do Alpino

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

O não Índio estava fazendo roça?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Sim, é a primeira vez na vida dele que ele viu isso.

Juíza Raffaella Cássia de Souza:

Entendi, muito obrigado, agradeço ao senhor, pode passar pra ele que vou encerrar o depoimento dele, agradeça a presença dele, vou chamar o próximo, por favor.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Ele agradece também doutora pela presença aqui, tô feliz, primeira vez nessa audiência. Muito obrigado.



Imagem 57 – Baré Bornado Waimiri e tradutores

Informante Dawuna Elzo Atroari # ⁽⁴⁸⁾

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Como as pessoas que atacaram vocês estavam trajadas?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Eles estavam de uniforme, sapato calçado. O uniforme era assim meio verde. [...]

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Depois do ataque dos homens brancos os Índios atacaram. Quero saber como foi esse contra-ataque? ⁽⁴⁹⁾

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Nós usamos nossas flechas, arcos, pra nós se defender e nós não se escondia, ficava ali. [...]

⁴⁸ Para não nos alongarmos muito, vamos apresentar apenas alguns tópicos que contradizem as afirmações anteriores do Bornado ou tentam mascarar a realidade da população feminina. (Hiram Reis)

⁴⁹ Novamente uma grande confusão no entendimento da pergunta... (Hiram Reis)

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Excelência, também foi mencionado que antes da estrada eles viviam com saúde. Eu gostaria de saber primeiro se a população da comunidade dele era predominantemente masculina?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

A população antes da estrada era uma quantidade muito, tanto masculina como feminina era a mesma coisa.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Eu gostaria de saber então qual era a quantidade de pessoas, de mulheres que morriam durante o parto antes da estrada?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Antes da estrada o parto era normal não morria mulheres. [...] ⁽⁵⁰⁾

⁵⁰ Mais uma vez o informante mente descaradamente – o parto era de alto risco, a parturiente se postava de cócoras sobre um tapete de folhas e era auxiliada apenas pela avó materna.

Após o nascimento, o bebê era lavado e o cordão umbilical cortado com a ponta de uma lança. Muitas parturientes vinham a falecer já que algumas destas jovens mal tinham iniciado a puberdade e corriam o grande risco de infecções.

Por isso, antigamente, os Kiña, nos seus ataques, sequestravam meninas e mulheres com o intuito aumentar a escassa população feminina.

Nos idos de 1982/3, como Capitão comandante da companhia responsável pela manutenção dos 419 km da BR-174 desde Manaus, AM, até o Rio Jauaperi, RR, o Elz(a), irmão do Viana e do Mário, pediu-me que sua esposa, por segurança, realizasse o parto, com o Dr. Sampaio, na enfermaria da 1ª Cia de E Cnst, ao que aquiesci.

O Elza permaneceu durante uma semana na sede da Companhia até o nascimento de sua filha Sônia, onde conversava fluente e animadamente com militares e funcionários. (Hiram Reis)

Informante Wamé Viana Atroari

Ministério Público:

Neste caso que você viu as pessoas, você viu os Kamña também ou só viu as pessoas mortas?

Wamé Viana Atroari:

Esse dia não tavam os Kamña não, agora si nós provamos que havia gente lá é isso que nos anotamos lá.

Ministério Público:

Vocês sabiam quem era?

Wamé Viana Atroari: 10:00

Há, nós sabia que tem alguém que faz mal assim



Vamos Ampliar Estas Oitivas

Lógica Absurda

O termo "*Kamña*" é utilizado pelos Waimiri-Atroari para designar os não Índios e "*Kiña*" que significa "*a nossa gente*", ou seja, o povo Waimiri-Atroari. Um dos "*informantes*" relata que chegou a uma das Aldeias, à noite, onde todos os "*Kiña*" estavam mortos e que conseguiu esfaquear um dos "*Kamña*" quando um deles tentou entrar na maloca e, pasmem, todos os demais "*Kamña*" fugiram ao verificar que um dos seus tinha sido ferido. Noutra declaração o Viana e o Bernaldo entraram em contradição. Bernaldo afirma que ao chegar a uma das Aldeias, atacadas pelos "*Kamña*", e encontrando todos mortos foi amparado pelo tio, enquanto o Viana garante que ele chegou à mesma Aldeia onde o outro "*informante*" já se encontrava sozinho.

É interessante que alguns dos “*informantes*” garantem que helicópteros fizeram uso de agentes químicos contra duas malocas e que simultaneamente uma tropa a pé, sem qualquer proteção, invadiu as aldeias para eliminar os sobreviventes, sem levar em conta o efeito residual que o produto usado como arma química provocaria em seus organismos. No Vietnã, onde o agente laranja foi empregado, o efeito residual do produto usado como arma química só se extinguiu em 40 anos. Os esporos do antraz, por exemplo, podem apresentar uma sobrevida de até 200 anos. Nenhum dos “*informantes*” afirmou, porém, que a tropa terrestre fazia uso de máscaras protetoras. De acordo com os relatos e a idade de cada um dos informantes pode-se deduzir que os supostos fatos teriam ocorrido logo após o massacre da Expedição Calleri.

O uniforme da “*suposta tropa*” também foi objeto de comentário de cada um deles que, quase sem exceção, afirmaram ser igual ao camuflado envergado pelos militares do Comando Militar da Amazônia, ali presentes. Mais uma contradição interessante já que naquela época o uniforme padrão trajado pelos militares do Exército Brasileiro era o “*verde-oliva*”. Mais uma vez, verificamos que os WA, tentando justificar as cruéis carnificinas que perpetraram ao longo de toda a sua história, contra homens, mulheres e crianças, desde meados do século XIX, buscam apresentar-se hoje, aos tolos, como “*pobres vítimas*”.

Engarupado na anca da história lembrei-me dos poemas de Gonçalves Dias e José de Alencar, odes que encantaram minha imaginação infantil, epopeias que falavam de um povo altivo e honrado e que agora, com os cabelos encanecidos, triste e acabrunhado, vejo que se tratavam tão somente de digressões poéticas.

Agentes QBRN

A doutrina militar das Forças Armadas nunca previu a fabricação ou uso ofensivo de Agentes Químicos, Bacteriológicos, Radiológicos ou Nucleares. O Sistema de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN) no âmbito das Forças Armadas é apenas defensivo e faz parte de uma política nacional de prevenção, contenção e medidas contra armas químicas e biológicas.

É necessário e urgente aumentarmos ainda mais a nossa capacidade de prevenção, contenção e medidas contra essas armas não só pelas Forças Armadas, mas também adestrar e equipar os agentes de saúde e de segurança pública, nas indústrias químicas e farmacêuticas e em institutos de pesquisas nacionais criando assim uma ampla rede de vigilância epidemiológica.

Armas Químicas e Biológicas (Ministério das Relações Exteriores)

O Brasil faz parte da Convenção sobre a Proibição de Armas Químicas [CPAQ], que proíbe o desenvolvimento, a produção, a aquisição, a estocagem, a retenção, a transferência e o uso desse tipo de armamento. A Convenção tem contribuído para livrar o mundo de armas químicas e é considerada um modelo a ser seguido na área de desarmamento e não proliferação, em particular na área nuclear. O órgão criado para velar pela implementação da CPAQ é a Organização para a Proibição de Armas Químicas [OPAQ].

Em sua atuação nesse órgão, o Brasil atribui prioridade à destruição completa dos arsenais químicos ainda existentes. Detentor da sétima maior indústria química mundial, o Brasil avalia que os controles na

área de desarmamento químico não devem gerar obstáculos adicionais para o progresso técnico e científico dos Países em desenvolvimento.

A Convenção sobre a Proibição de Armas Biológicas e Tóxicas (CPAB) foi o primeiro tratado multilateral a banir a produção e o uso de uma categoria completa de armamentos. Ratificada pelo Brasil em 1976, a CPAB proíbe o desenvolvimento, a produção, a estocagem, a transferência, a aquisição e o uso de armas biológicas e tóxicas, bem como determina a destruição de estoques existentes.

A CPAB não prevê medidas de verificação do seu cumprimento pelos Estados-partes. O Brasil defende a criação de um mecanismo de verificação do cumprimento da Convenção, mas ainda não foi possível atingir consenso internacional sobre esse assunto. (MRE)

O poder letal desses agentes químicos deixaram um rastro de horrores e destruição, que jamais serão esquecidos, na história da humanidade, vamos relatar, a seguir, cinco deles que impactaram significativamente a consciência da humanidade:

1. 1ª Guerra Mundial (1914/19)

A Primeira Guerra Mundial foi a primeira a introduzir agentes químicos no combate. Em 1915, os alemães, em Ypres (Bélgica) usaram gás clorídrico contra as tropas aliadas e a partir de então o uso destas armas propagou-se no campo de batalha. Surgiram então, outros agentes como fosgênio, cianeto e gás mostarda. O mundo estupefocado com efeito destes produtos, assinou, em 1925, o Protocolo de Genebra (15 países signatários), proibindo o emprego de armas químicas e bacteriológicas.

2. Alemanha Nazista (1933/45)

Adolf Hitler exterminou seis milhões de judeus nas câmaras de gás empregando um pesticida a base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio (Zyklon B).

3. Massacre de Halabja (1988)

No final da Guerra Irã-Iraque, Saddam Hussein utilizou armas químicas em Halabja, no Curdistão Iraquiano para remover curdos de diversas aldeias no Norte do Iraque, episódio que ficou conhecido como "*Sexta-feira Sangrenta*" (16.05.1988). Neste ataque foi utilizado gás mostarda e sarin. O massacre provocou a criação da Convenção das Armas Químicas das Nações Unidas, em 1997, um pacto internacional banindo a produção, estoque ou uso de armas químicas. Hussein ainda utilizou gás mostarda e sarin contra o Irã, matando mais de 20.000 pessoas, para obrigar o Irã, a negociar.

4. Crise dos Reféns em Dubrovka (2002)

Na noite do dia 23.10.2002, cerca de 800 pessoas assistiam um musical em um teatro em Dubrovka (Moscou), quando de repente, militantes chechenos fizeram todos os presentes reféns. Após 48 horas de negociação, os russos lançaram um gás tóxico no sistema de ventilação do teatro matando quase todos os militantes e mais de 100 reféns.

5. Ataque Químico de Ghouta (2013)

No dia 21.08.2013, um ataque do governo sírio, com sarin, durante a Guerra Civil resultou em mais de 1.500 mortes.

É interessante verificar que os organismos internacionais não citam, em nenhum de seus relatórios, o hipotético massacre com armas químicas aos 2.650 Waimiri-Atroari nem as sequelas físicas decorrentes destes agentes químicos.

Inversão Cronológica

Até a audiência nas Terras do WA os militantes da famigerada “*Comissão da 'In'Verdade*” nos acusavam de ter promovido o extermínio do povo Waimiri-Atroari a partir de março de 1975, após os massacre promovidos pelos “*Kiña*” nos idos de 1968, 1973 e 1974, apresentando uma série de testemunhas inidôneas e fictícias. Agora numa esdrúxula metamorfose cronológica os “*Kiña*” afirmam terem promovidos os referidos massacres como uma ação de resistência às pseudo-atrocidades patrocinadas pelo Estado Brasileiro ao seu povo. Os “*informantes*” iniciaram suas locuções mentindo ao afirmar que não dominavam a língua portuguesa e continuaram cometendo perjúrio ao apresentar uma novela ficcional, mal engendrada, cheia de contradições e sem provas materiais que a sustentassem.

O Corpo Fala

O que também chama a atenção em cada um dos depoimentos é a falta total de manifestação emotiva por parte de todos os “*informantes*” quando estes relatavam a morte violenta de seus familiares. Imediatamente lembrei-me de uma série americana chamada “*Lie To Me*” (*Engana-me se Puder*) que estreou na FOX, em 21.01.2009. Nela o Dr. Cal Lightman (Tim Roth), coadjuvado pela Dr. Gillian Foster (Kelli Williams), detectam mentiras, observando a linguagem corporal e as micro expressões faciais, usando esse talento para colaborar com a lei.

O personagem Dr. Cal Lightman é baseado no psicólogo americano Paul Ekman, pioneiro no estudo das emoções e expressões faciais, que foi considerado um dos 100 mais notáveis psicólogos do século XX.



Imagem 58 – Bomba de Napalm (???), me poupem

Não é preciso, porém, ser um especialista na leitura da linguagem corporal e expressões faciais para verificar que as “estórias” de cada um dos informantes tinham sido previamente capciosamente engendradas e como estes não tiveram a capacidade de memorizá-las contavam agora com o apoio e orientação oportuna dos ditos “tradutores” e dos “isentos” advogados representantes do Ministério Público.

Falsa Acusação de uso de Napalm

A Revista do “*Instituto Humanitas Unisinos*” (IHU On-Line) entrevistou, no dia 20.04.2012, o falacioso compulsivo Egydio Schwade que distorce os fatos a seu bel prazer de maneira a transformá-los em factoides que apoiem suas pérfidas teorias:

IHU On-Line – Qual era o posicionamento da FUNAI nessa época? Havia dissidência no órgão?

Egydio Schwade – [...] Na época, eu era secretário executivo do Conselho Indigenista Missionário Nacional – CIMI e nós pedimos, numa das primeiras assembleias na Amazônia, realizada em Belém, em 1975, que o Governo suspendesse imediatamente a construção da BR-174 para que houvesse contato pacífico com os Índios. [...] A notícia que se tem é de que muitos Indígenas foram mortos, uns com napalm, outros eletrocutados, ainda outros com armas de fogo. E a FUNAI não só sabia da violência dos militares contra os Índios, mas até participou de reunião com o 6º Batalhão de Engenharia de Construção – 6º BEC onde foi decidido o uso de armas de fogo, dinamite, metralhadoras e de granadas.

Os primeiros lança-chamas foram empregados na 1ª Guerra Mundial, mas como eram pouco eficientes, foram sendo aperfeiçoados pelo “*US Chemical Warfare Service*”, Centro de Guerra Química dos Estados Unidos da América – EUA.

Nos idos 1941, Louis Fieser, da Universidade de Harvard, liderou uma equipe de pesquisadores que desenvolveram o napalm, que, mais tarde, foi amplamente utilizado na Guerra do Vietnã (01.11.1955 a 30.04.1975).

No período de 1963 a 1973, foram lançadas 388.000 toneladas de napalm sobre o Vietnã, dez vezes a quantidade de napalm usado na Coreia e quase vinte vezes do que foi empregado no Pacífico.

Inicialmente foi empregada nos lança-chamas pelos aliados para neutralizar bunkers e trincheiras, consumindo o oxigênio e provocando a asfixia. Mais tarde, os bombardeiros lançavam bombas de napalm, que provaram ser muito mais destrutivas do que os lança-chamas.

Apenas uma bomba de napalm era capaz de incendiar uma área de 25.500 m² (90 metros de raio) gerando temperaturas de 800° a 1.200° Celsius. Depois da Guerra do Vietnã, o Napalm foi empregado apenas no Saara Ocidental (1975/91, pelas forças marroquinas), no Irã (1980/88), no Iraque (1980/88 e em 1991), em Angola (1993), na Argentina (1982) e na Iugoslávia (1991/96). Nunca, em tempo algum, este tipo de bomba foi utilizada pelas Forças Armadas Brasileiras. A foto (Imagem 58) que representaria um ataque deste tipo à uma Maloca dos WA, serviria de motivo de escárnio perante qualquer grupo de peritos em armamento. Embora alguns extremistas afirmem que estas bombas já tinham sido usadas pelo Exército Brasileiro, durante na Guerrilha do Araguaia, não existe nenhuma prova física que comprove tal fato.

Napalm Lançado por Helicópteros UH-1H

Os versáteis helicópteros UH-1H Iroquois foram utilizados, pela primeira vez, no Vietnã, alterando definitivamente a doutrina de emprego destas aeronaves. Embora sua nomenclatura oficial seja de UH-1, de "*helicóptero utilitário*", as novas versões de ataque e transporte consagrariam seu codinome de "*Huey*".

Os UH-1H participaram, no Brasil, das mais diversas missões, tais como, infiltração e exfiltração de patrulhas, evacuação de feridos, transporte de material, mapeamento nos programas RADAM e DINCART, vacinação de Indígenas na Amazônia, apoio em catástrofes naturais, demarcação de fronteiras, transporte de urnas eleitorais, lançamento de ponte bi-apoiada M4T6... O UH-1H jamais foi empregado como lançador de bombas tipo napalm nem no Brasil, nem em qualquer outro País do Mundo.

A ligação dos helicópteros com o napalm se deve ao fato de que bombas incendiárias lançadas por aeronaves de asa fixa, na Guerra do Vietnã, tinham como objetivo a rápida abertura de clareiras para a aterrissagem de helicópteros.

Por sua versatilidade de emprego os Huey participaram dos principais confrontos contemporâneos. Além dos EUA, ainda é operado em Países como Nova Zelândia, Colômbia, Bolívia, Canadá, Austrália, México, Espanha, Chile e também no Brasil. A autonomia do UH-1H é de apenas 507 km e a distância de Manaus-Rio Alalaú-Manaus 560 km, forçando a Força Aérea Brasileira a montar uma base de operações em Moura, margem direita do Rio Negro para o resgate dos corpos dos membros da Expedição Calleri.

Encerramento dos Trabalhos

*Art. 339. Dar causa à instauração de investigação policial, de processo judicial, instauração de investigação administrativa, inquérito civil ou ação de improbidade administrativa contra alguém, imputando-lhe crime de que o sabe inocente.
(Código Penal alterado pela Lei nº 10.028, de 2000)*

Graças a Deus, como estava previsto, toda aquela ridícula pantomina foi encerrada na hora aprazada – 16h00, apesar dos protestos dos advogados do famigerado Ministério Público Federal que se comportaram, durante todo o evento, mais como ativistas políticos do que defensores da justiça.

Ao sair da maloca, fui abordado por um jornalista, que citando meu posto e nome completo, indagou se eu estaria disposto a conceder-lhe uma entrevista. Acho que ele havia percebido que eu conhecia os líderes Waimiri-Atroari e desfrutava de sua amizade.



Imagem 59 – Entrevista ao SBT, 27.02.2019

Sem vacilar respondi que sim, e perante a câmera me identifiquei, e disse o quanto me magoava estar assistindo aquele “*Teatro de Horrores*” engendrado pela “*Comissão da In’Verdade*” e seus acólitos com o fim precípua de acusar o Exército Brasileiro de ser um dos patrocinadores do processo de extermínio do “*Kiña*”. Sabia que, mais uma vez, a imprensa não levaria minha opinião às telas na sua totalidade tendo em vista que minhas declarações não estavam em sintonia com a do repórter que me entrevistava.

A reportagem durou 02 minutos e 10 segundos em que o Exército e a União foram covardemente atacados e a minha entrevista, em defesa da instituição, depois dos devidos cortes, durou apenas 07 segundos, mostrando cabalmente a pretensa “*isenção*” da facciosa e famigerada mídia nacional.

Link SBT: <https://youtu.be/2WbhmpFCHS0>

Lembrei-me de um fato semelhante, no final de agosto de 2018, quando um repórter da Rede Amazônica, por ocasião dos preparativos de minha descida do Rio Tacutu, de Bonfim (RR) a Boa Vista (RR), antes de encerrar a entrevista resolveu, totalmente fora do contexto, me perguntar em quem iria votar e eu lhe respondi, sem excitar, que ia votar nos meus amigos, referindo-me ao meu colega de turma do Colégio Militar de Porto Alegre e Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) – General Antônio Hamilton Martins Mourão e no Presidente Jair Messias Bolsonaro, contemporâneo da AMAN.

O repórter, desconcertado, disse que não era essa a resposta que ele esperava, ao que eu lhe respondi que:

– *Essa era minha resposta.*

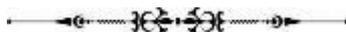
Logicamente a entrevista foi censurada pelos “democratas de plantão” e não foi ao ar no dia seguinte.



Associated Press, 09.03.2019



Em audiência, tribo acusa Exército de cometer atrocidades para abrir estrada na Amazônia



Procuradores Federais Dizem que Centenas de Integrantes da Tribo Waimiri-Atroari Morreram Durante a Construção da BR-174, entre 1968 e 1977



(Maurício Savarese)



[...] Ao explicar sua própria violência na época ⁽⁵¹⁾, os Waimiri-Atroari repetem que estavam defendendo seu território. [...] Enquanto membros da tribo concordavam com Bornaldo durante seu depoimento, seis militares de uniforme ouviam em silêncio.

O Cel Eng Hiram Reis e Silva, vestindo uma camiseta branca ⁽⁵²⁾ e jeans” ⁽⁵³⁾, balançava a cabeça negativamente enquanto os Indígenas falavam. Reis e Silva, que disse ter trabalhado perto da reserva ⁽⁵⁴⁾ depois de 1982 ⁽⁵⁵⁾, afirmou que estava na audiência como representante do CMA.

“Minha versão da história é muito diferente”, disse. “Existem alguns exageros. ⁽⁵⁶⁾ Esperamos que a verdade seja reestabelecida”. “Eu tenho várias testemunhas que são pioneiras da estrada e vão contraditar ⁽⁵⁷⁾ tudo que os membros da tribo dizem”, afirmou Reis e Silva, embora não tenha fornecido contatos dessas pessoas quando pedido. ⁽⁵⁸⁾

⁵¹ Os massacres a que se referem os WA, como já mostramos anteriormente, ocorreram em 1968/73/74. Contrariando a orientação recebida da tal *“Comissão da Verdade”* que tentou forjar testemunhas que denunciaram, que as supostas atrocidades promovidas pelos militares teriam sido desencadeadas a partir de março de 1975, com a entrada do 1º Batalhão de Infantaria de selva (1º BIS), na área da reserva. (Hiram Reis)

⁵² Camiseta Branca: Camisa de manga comprida bege como se pode comprovar na própria reportagem exibida pelo SBT (**Imagem 59**). (Hiram Reis)

⁵³ Calça sarja bege, o repórter tenta mostrar que eu não estava devidamente vestido para o evento. Os advogado MPF é que estavam de camiseta! (Hiram Reis)

⁵⁴ Perto da Reserva: na reserva, minha área de atuação, na BR-174, se estendia desde Manaus (AM) até o Rio Jauaperi (RR). (Hiram Reis)

⁵⁵ Depois de 1982: de 1982 a 1983. (Hiram Reis)

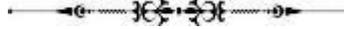
⁵⁶ Na verdade afirmei: *“Eu acho que existem alguns exageros e fantasias a respeito. O Exército Brasileiro tem uma tradição desde Rondon que não é esta que está sendo apontada”* [...] (Hiram Reis)

⁵⁷ Contraditar: rebater. (Hiram Reis)

⁵⁸ O repórter não me fez uma única pergunta, mentindo ao afirmar que me neguei a fornecer o nome das testemunhas. (Hiram Reis)



**Folha de São Paulo, nº 3.285
São Paulo, SP – Domingo, 17.03.2019**



**Governo Bolsonaro Renova Temor
de Conflito em Tribo da Amazônia**



**Obra Federal Preocupa Índios Waimiri-
Atroari, Massacrados na Ditadura Militar
(Rubens Valente)**



[RESUMO] Projeto de uma linha de transmissão que pode cortar o território Waimiri-Atroari gera embate entre o Governo Federal e a etnia Indígena, alvo de massacre durante a construção da rodovia BR-174 pela ditadura militar. [...]

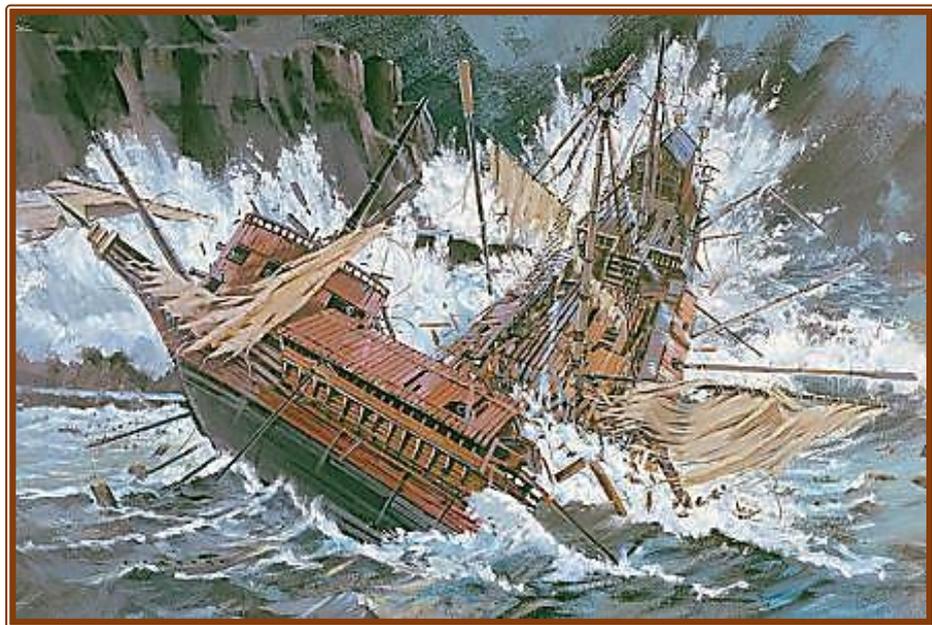
“O pessoal que estava lá na aldeia, já não tinha mais. Isso eu vi pessoalmente, pessoal morto, muita gente, muita gente. A aldeia era inteira. [...] Muita gente morta, criança, menina, tudo, tudo”, narrou à juíza o Indígena Wamé Viana Atroari. “Mas estavam sangrando, como é que eles estavam, você lembra?”, quis saber o procurador Araújo. “Fomos correr voltar para nossa aldeia, pegar nossas armas também, verificar o que aconteceu. [...] Aí vimos assim, pessoal morto, outro estava deitado, outro estava cortado no pescoço, outro furado no pescoço dele lá.” A aldeia citada por Wamé se chama Somodu. Um de seus habitantes era Baré Bornado, que também esteve na audiência. “Foi um ataque de veneno do homem branco”. [...]

Era dia de festa. Era dia de Marubá. Marubá é uma festa de iniciação do menino guerreiro. O povo estava reunido. Vieram pessoas de outras aldeias para a festa. [O ataque] foi terrestre e por cima, de helicóptero. Era veneno, jogado em cima assim da maloca.

Perdi meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão. "Sou o único sobrevivente da família", disse Bernaldo. Segundo ele, os agressores usavam uniformes do Exército. [...] Ao lado dos advogados, havia um Coronel da reserva do Exército – enviado, segundo ele e outros militares, pelo Comando Militar da Amazônia. [...]

Acusa os Waimiri-Atroari de terem recebido dos "civilizados" suas "piores qualidades, tentando a todo custo auferir lucro mesmo que tenham de vender suas almas ao PRÓPRIO DIABO". (FOLHA DE SÃO PAULO, Nº 3.285)

A Nau (Augusto dos Anjos)



*Sôfrega, alçando o hirto esporão guerreiro,
Zarpa. A íngreme cordoalha úmida fica...
Lambe-lhe a quilha a espúmea onda impudica
E ébrios tritões, babando, haurem-lhe o cheiro*

*Na glauca artéria equórea ou no estaleiro
Ergue a alta mastreação, que o éter indica,
E estende os braços de madeira rica
Para as populações do mundo inteiro!*

*Aguarda-a ampla reentrância de angra horrenda
Para e, a amarra agarrada à âncora, sonha!
Mágoas, se as tem, subjugue-as ou disfarce-as...*

*E não haver uma alma que lhe entenda
A angústia transoceânica medonha
No rangido de todas as enxárcias!*

Versos a um Cão (Augusto dos Anjos)



*Que força pode, adstrita a embriões informes,
Tua garganta estúpida arrancar
Do segredo da célula ovular
Para latir nas solidões enormes?!*

*Esta obnóxia inconsciência, em que tu dormes,
Suficientíssima é, para provar
A incógnita alma, avoenga e elementar
Dos teus antepassados vermiformes.*

*Cão! – Alma de inferior rapsodo errante!
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a
A escala dos latidos ancestrais...*

*E irá assim, pelos séculos, adiante,
Latindo a esquisitíssima prosódia
Da angústia hereditária dos seus pais!*

Naufração do Coração (Mucio Teixeira)

*Viste, Poeta! A nau das minhas alegrias
Ir bordejando além, por esse Mar a fora?
Foi cheia de ilusões, de crenças, de utopias.
E o que há de ser de mim, sem ter mais nada, agora?*

*Como é triste lembrar que se foi tudo embora,
Nessa nau, tão pequena e frágil, que ontem vias
Ancorada na praia, alegre como a aurora,
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias!*

*Agora, no alto Mar, os vagalhões do Oceano
A lutar e a rugir, num desespero insano,
Lançam-na à solidão da eterna profundez!*

*Que naufrágio! E ao Mar as naus se precipitam...
O Mar – é esta existência, onde as paixões se agitam:
E a nau – é o coração, que enchi de mais, talvez!*



Objeto do Petítório



ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE WAIMIRI ATROARI - ACWA

EXCELENTÍSSIMO(A) SENHOR(A) DOUTOR(A) JUIZ(A)
DA 3ª VARA FEDERAL DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DO
ESTADO DO AMAZONAS,

PROC. Nº1001605-06.2017.4.01.3200

Autor: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Listisconsorte Ativo: ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE
WAIMIRI ATROARI – ACWA RÉUS: UNIÃO e outros

ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE WAIMIRI ATROARI – ACWA,
já qualificada nos autos em epígrafe, vem perante V. Ex^a
dar-se por ciente do despacho de Id 1193930251, bem
como expor e requerer o que se segue:

I – OBJETO DO PETITÓRIO:

1. O presente petítório tem por escopo abordar dois temas relacionados ao presente feito, quais sejam:
 - a) requerimento de verificação da possibilidade de substituição de um dos Assistentes Técnicos indicados pela UNIÃO; e
 - b) informações necessárias à implementação da logística relacionada ao bom desenvolvimento dos trabalhos periciais.

II – VERIFICAÇÃO DA POSSIBILIDADE DE SUBSTITUIÇÃO DE UM DOS ASSISTENTES TÉCNICOS INDICADOS PELA UNIÃO

1. Por meio da petição de Id **1181704761** a UNIÃO indicou como assistentes técnicos periciais as seguintes pessoas:

- o Cel Cav MARCELO DE MELLO RIBEIRO;
- o Cel Eng Ref HIRAN (⁵⁹) REIS e SILVA e
- o Ten Cel QEM FRANCISCO REGINALDO DE OLIVEIRA

2. Em relação ao Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA existe um fato que pode se apresentar como óbice ao bom andamento dos trabalhos periciais, fato este que se passa a explicar.

Conforme faz prova a reportagem jornalística da agência Associated Express (Doc. Anexo), quando da realização da audiência de tomada de depoimentos de testemunhas (⁶⁰) ocorrida em 27/02/2019 na Sede NAWA – Terra Indígena Waimiri-Atroari, dentre as pessoas que se faziam presentes na plateia de assistência do ato estava o Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA, o qual, segundo a matéria:

"Enquanto membros da tribo concordavam com Bornado durante seu depoimento, seis militares de uniforme ouviam em silêncio. O Coronel reformado Hiram Reis e Silva, vestindo uma camiseta branca e jeans, balançava a cabeça negativamente enquanto os Indígenas falavam".

⁵⁹ Hiram e não Hiran. (Hiram Reis)

⁶⁰ Informantes e não testemunhas. (Hiram Reis)

Reis e Silva, que disse ter trabalhado perto da reserva depois de 1982, afirmou que estava na audiência como representante do Comando Militar da Amazônia.

"Minha versão da história é muito diferente", disse. "Existem alguns exageros. Esperamos que a verdade seja reestabelecida".

"Eu tenho várias testemunhas que são pioneiras da estrada e vão contraditar tudo que os membros da tribo dizem", afirmou Reis e Silva, embora não tenha fornecido contatos dessas pessoas quando pedido". (g.n.)

4. Pois bem, o fato é que as lideranças da Comunidade Waimiri-Atroari e demais membros da etnia presentes ao ato, muito observadores que são, perceberam o comportamento de expressão negativa do Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA, fato que lhes deixou muito insatisfeitos.
5. Além disso, as Lideranças e a Comunidade tomaram conhecimento do teor da reportagem em anexo e ficaram indignados com a fala do Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA ao dizer que possuía "... várias testemunhas que são pioneiras da estrada e vão contraditar tudo (que os membros da tribo dizem)".
6. Os Kinja se sentiram tachados de mentirosos, o que para eles é muito grave, pois na cultura kinja a mentira é algo impensável e rechaçada veementemente! Os Kinja só lidam com a verdade e não aceitam mentiras e nem mentem e isso é da cultura secular deles (???).

7. Ao tomarem conhecimento de que os trabalhos periciais irão se iniciar, indagaram quais pessoas iriam participar da produção da referida prova e, ao saberem que dentre os assistentes técnicos indicados pela UNIÃO estava o Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA A REVOLTA FOI GERAL, pois eles não admitem que adentre em sua Terra uma pessoa que se postou corporalmente de forma negativa quando um Guerreiro Kinja, ancião, prestava seu depoimento sob compromisso de verdade e que depois, ao falar com a imprensa, deu a entender que todos os depoimentos dados pelos Kinja não seriam verdadeiros.
8. Excelência, mesmo sendo cediço que a indicação do assistente técnico é um direito garantido pela legislação processual à parte para o acompanhamento e realização da produção da prova pericial, a ACWA ressalta que o presente caso possui peculiaridades que extrapolam as balizas ordinárias da forma processual, haja vista tratar de direitos e modo de vida Indígena e estar diretamente sujeito às questões culturais dos povos originários, questões estas que têm o seu respeito garantido pela CF/88 em seus Arts. 231, caput e 232 e na Convenção 169 da OIT, especialmente em seus Arts. 4º, "1" e "2"; 5º, "a" e "b" e 8º, "1" e "2", que rezam:

CF/88:

Art. 231º

São reconhecidos aos Índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (...)

Art. 232º

Os Índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus

direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo". (g.n)

Convenção 167 – OIT:

"Artigo 4º

- 1. Deverão ser adotadas as medidas especiais que sejam necessárias para salvaguardar as pessoas, as instituições, os bens, as culturas e o meio ambiente dos povos interessados.*
- 2. Tais medidas especiais não deverão ser contrárias aos desejos expressos livremente pelos povos interessados.*

Artigo 5º. Ao se aplicar as disposições da presente Convenção:

- a) deverão ser reconhecidos e protegidos os valores e práticas sociais, culturais religiosos e espirituais próprios dos povos mencionados e dever-se-á levar na devida consideração a natureza dos problemas que lhes sejam apresentados, tanto coletiva como individualmente;*
- b) deverá ser respeitada a integridade dos valores, práticas e instituições desses povos;*

Artigo 8º

- 1. Na aplicação da legislação nacional aos povos interessados, seus costumes ou leis consuetudinárias deverão ser levados na devida consideração.*
- 2. Esses povos terão o direito de manter seus costumes e instituições, desde que não sejam incompatíveis com os direitos fundamentais previstos no sistema jurídico nacional ⁽⁶¹⁾ e com direitos humanos*

⁶¹ Por quê não está em negrito também? (Hiram Reis)

internacionalmente reconhecidos. Sempre que necessário, deverão ser estabelecidos procedimentos para a solução de conflitos que possam ocorrer na aplicação desse princípio. (g.n.)

3. *O fato é que caso não haja a retirada ou a substituição do Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA do quadro de assistentes técnicos indicados pela UNIÃO, há grande risco de que a produção da prova pericial seja prejudicada ou que durante ela se forme um clima de constante tensão, o que, certamente, atrapalhará a lúdima produção da prova.*
9. Certo é que os dispositivos da Carta Magna e da Norma Supralegal acima citados garantem e possibilitam ao Juízo tomar uma decisão que, ao mesmo tempo em que assegure o devido processo legal, o contraditório e a ampla defesa, também assegure o respeito às convicções culturais e ao o modo de vida do povo Kinja.
10. Vale ressaltar que a UNIÃO indicou outros dois assistentes e o que se pretende aqui não é o tolhimento do direito de indicar assistentes técnicos, mas apenas a substituição ou retirada do assistente que, frente à cultura Kinja é "*persona non grata*" a quem eles não deferem qualquer confiança ou sentimento de compromisso com a verdade.
11. Assim, diante do exposto e estribada nos dispositivos da Carta Magna e da Norma Supralegal acima citados, a ACWA requer a V. Ex^a que:
 - a) intime a UNIÃO para realizar a retirada ou a substituição do Cel Eng Ref HIRAN REIS e SILVA do quadro de assistentes técnicos por ela indicados.

III – INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS À IMPLEMENTAÇÃO DA LOGÍSTICA RELACIONADA AO BOM DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS PERICIAIS:

Ao ensejo do petição da UNIÃO de Id 1181704761, vale informar que o Sr. Perito nomeado pelo Juízo encaminhou e-mail para a Coordenação do Programa Waimiri-Atroari (Doc. Anexo), no qual apresentou a metodologia e cronograma de trabalhos a seguir transcritos:

[...] Nestes termos, na metodologia de trabalho em campo aqui proposta gostaria de destacar as seguintes atividades, que poderão complementar as informações acima referidas:

- a) uma breve reunião nos locais selecionados, para apresentação dos participantes e esclarecimentos sobre os objetivos, a metodologia e os procedimentos que nortearão a perícia antropológica;
- b) a elaboração de diagramas genealógicos, em especial daqueles Kinja que prestaram depoimentos ou foram nomeados no processo, de maneira a especificar os vínculos de parentesco destes com gerações anteriores, aldeias, pessoas e eventos à época da construção da BR 174;
- c) a elaboração de mapas ilustrativos participativos, assinalando os locais dos principais eventos das imediações relacionados à construção da BR 174;
- d) visitas e excursões rápidas aos locais apontados, quando situados nas redondezas próximas;
- e) entrevistas curtas e informais com uns poucos informantes designados pela comunidade, acerca de aspectos culturais e sociais dos Waimiri-Atroari requeridos nos quesitos.

Quanto ao cronograma e roteiro preliminares, abertos a eventuais ajustes no percurso, de maneira sintética:

PREPARATIVOS

- 14/08/2022: Chegada em Manaus, AM;
- 15/08/2022, Manaus, AM: Audiência de início dos trabalhos periciais, no Fórum da Justiça Federal (Terceira Vara);
- 16/08/2022, Manaus, AM: Reunião com representantes do Programa Waimiri-Atroari, para apresentação dos trabalhos a serem executados em campo e solicitação de apoio, orientações e sugestões;
- 17/08/2022, Manaus, AM: Visita ao escritório da ACWA e à Coordenação Regional da FUNAI para apresentação etc.;
- 18-19/08/2022, Manaus, AM: Preparativos e organização da viagem.

TERRA INDÍGENA WAIMIRI ATROARI

- 20-24/08/2022, Posto Abonari (aldeias Tapypyna e Yrymy);
- 25-29/08/2022, Posto de Apoio NAWA (aldeias Mynawa e Makahpy);
- 30/08-02/09/2022, Aldeia Iawara (antigo posto Terraplenagem);
- 03-06/09/2022, Aldeia Xeri.

LEVANTAMENTO DOCUMENTAL

- 07-11/09/2022, Presidente Figueiredo, AM: Pesquisa de documentação no acervo da Casa da Cultura de Urubuí;
- 12-16/09/2022, Manaus, AM: Pesquisa de documentação nos acervos do Programa Waimiri-Atroari, da UFAM etc.;
- 19/09/2022: Retorno a Juiz de Fora, MG.

12. Assim, acredita-se que tais informações sejam suficientes para responder as indagações de letras “a” e “c” constantes no petítório da UNIÃO acima citado.

No que tange à indagação de letra “b” do referido petítório da UNIÃO, no que tange às medidas de logística que envolve a ACWA, esta associação informa que:

a) em razão da retomada do aumento dos casos de COVID 19 no Estado do Amazonas, porta de entrada para o acesso à Terra Indígena Waimiri-Atroari, o acesso ao interior dos seus limites por todos os envolvidos com a produção da prova pericial deverá observar as seguintes medidas de precaução que são de praxe adotadas pela Comunidade Waimiri-Atroari desde o início da pandemia:

(*) a obrigatoriedade de encaminhamento prévio, da lista e qualificação de todos representantes das partes e seus assistentes técnicos, com até 10 dias antes da data de ingresso na Terra Indígena Waimiri-Atroari, prevista no cronograma apresentado pelo Senhor Perito Judicial;

(*) triagem prévia obrigatória de todos os envolvidos com a produção da prova pericial a ser realizada antes do ingresso nos limites da Terra Indígena Waimiri-Atroari, a ser feita no Posto de Fiscalização Waimiri-Atroari do Abonari, para as pessoas vindas do Estado do Amazonas, e, eventualmente, no Posto de Fiscalização Waimiri-Atroari Jundiá, para as pessoas vindas do Estado de Roraima, sendo liberados a adentrar na Terra Indígena apenas aqueles que apresentem:

(i) As respectivas carteiras de vacinação com comprovação de, no mínimo, duas doses de imunização contra Covid 19; e

(ii) Os respectivos testes de COVID-19 atualizados e realizados há, no máximo, 02 (dois) dias da data da entrada na Terra Indígena.

b) Em relação à possibilidade de estadia de assistentes técnicos das partes que figuram no polo passivo da ação, esta se mostra inviável, eis que na Sede NAWA as instalações para alojamento são reduzidas e comportam tão somente a equipe da ACWA, estando, contudo, disponibilizada uma vaga para alojamento do Sr. Perito caso ele deseje pernoitar após o período diário de trabalho. Indica-se a hospedagem fora da Terra Indígena em hotel ou pousada no Município de Presidente Figueiredo.

13. Informa-se ainda que, caso os envolvidos com a produção da prova pericial desejem realizar a refeição de almoço na Sede NAWA, como cardápio, serão oferecidos até três opções de proteína [...]

- * Marcelo de Sousa Cavalcante (Gerente do Programa Waimiri Atroari) [...]
- * Antônio Carlos do Nascimento (Chefe da CTL – FUNAI – Presidente Figueiredo – Coordenador da Sede NAWA) [...]
- * Harilson da Silva Araújo (Advogado da ACWA) [...]

Assim, diante exposto, requer-se o deferimento do pleito formulado na letra “a” do parágrafo 13 deste petitório, bem como que seja determinado às partes integrantes do polo passivo da ação a observância das condições descritas nos parágrafos 16 a 18 deste mesmo petitório.

Termos em que pede deferimento.

De Brasília/DF p/ Manaus/AM, 07 de julho de 2022.

Harilson da Silva Araújo

OAB/DF 14.039



Se Tudo o que há é Mentira (Fernando Pessoa)



*Se tudo o que há é mentira
É mentira tudo o que há.
De nada, nada se tira,
A nada, nada se dá.
Se tanto faz que eu suponha
Uma coisa ou não com fé,
Suponho-a se ela é risonha,
Se não é, suponho que é.
Que o grande jeito da vida
É pôr a vida com jeito.
Fana a rosa não colhida
Como a rosa posta ao peito.
Mais vale é o mais valer,
Que o resto urtigas o cobrem
E só se cumpra o dever
Para que as palavras sobrem.*

A Morte do Poeta I **(Mikhail Liérmontov)**



*[...] O poeta está morto, sequestrou-o a campa,
Como aquele artista desconhecido, mas gentil
Vítima dos surdos ciúmes,
Que ele cantou com tal maravilhoso poder,
E como ele golpeado por uma mão impiedosa.
Se abandona aprazíveis alegrias e sincera amizade,
Por que entra ele em um mundo de desejos
Onde tudo pesa num coração liberto,
Nas paixões que queimam?*

*Por que estender sua mão aos vis caluniadores,
Por que entregar sua fé às juras falsas,
Ele que ainda tão jovem já conhecia os homens!
Tomando sua coroa, cingiram suas têmporas
Com louros e espinhos entrelaçados
Mas cruelmente suas agulhas
Feriam em segredo sua nobre frente...
Por rudes zombarias seus últimos instantes
Foram envenenados de pérfidas alusões,
Pois morreu ele sobre sua vã vontade de vingança,
Na decepção secreta de suas esperanças traídas... [...]*



**Resposta de Amigos a Este
Risível Petitório**



Dr. André Petzhold Dias

Coronel

Essa petição beira o ridículo.

Se o advogado e assistente técnico não podem contraditar... Pra que processo, que, aliás, funciona exatamente com o **CONTRADITÓRIO?**

Esse pedido não será aceito de forma alguma, e a União não admitirá qualquer interferência nesse ponto. O advogado escreveu sem ler, pois eu teria vergonha de assinar uma petição dessas. Quer dizer então que o povo Indígena chamar os militares de mentirosos, isso pode?

Já participaria da audiência sem essa posição esdrúxula. Agora então, faço questão de participar.

Vamos lá:

- 1.** Todas as nossas manifestações no processo são públicas. Então, tudo que é dito pela união em sua defesa o senhor pode publicar sem qualquer receio.
- 2.** Com relação às nossas testemunhas, vou explicar com detalhes:
 - a)** A juíza inverteu a ordem da produção de provas, pois as testemunhas deveriam ser ouvidas depois da perícia, mas foram antes;

- b) Sendo assim, cabe ao senhor fazer todas as entrevistas com todas as pessoas que reputar necessário, e, uma vez que elas sejam indicadas em seu "*laudo de assistente técnico*", pedimos para ouvir essas testemunhas em juízo na qualidade de "*testemunhas referidas*".

Isso foi plantado lá atrás. Esse o planejamento, então, depois do laudo pericial, aí sim teremos que apresentar esse pedido em juízo. Aí, uma vez acolhido o pedido e designadas as datas, poderei lhe responder com maiores detalhes. Forte abraço, com a admiração de sempre [pois admiro quem Defende a Verdade].



Prof. Dr. Jaime de Agostinho

Prezado amigo e Ir.: Cel Hiram

Tomamos conhecimento de pedido para que a 3ª Vara da Justiça Federal do Estado do Amazonas faça a substituição de sua pessoa como Assistente Técnico por parte da União no PROC. N°1001605-06.2017.4.01.3200, tendo como autor o MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, fato que nos deixou bastante preocupados já que esta situação é no mínimo intempestiva e antidemocrática devido a alguns dos fatores enunciados abaixo:

1. Qualquer ação judicial pressupõe divergências de informação e opinião de ambas as partes envolvidas, que dentro de um estado democrático devem ser levadas em consideração e julgadas pelo juiz no laudo pericial;

- 2.** Cada parte envolvida tem por obrigação evitar a ocorrência de desvios de realidade a ser relatada comprometendo a verdade, o que é juramentado no início do processo, sendo que além disso não tem cabimento uma parte contestar a outra por não ter o mesmo posicionamento ou testemunho de uma realidade;
- 3.** É de fundamental importância o testemunho real de pessoas que tenham vivido os fatos ocorridos há mais de 40 anos, evitando-se narrativas fantasiosas muitas vezes deturpadas pela transmissão oral e fantasiosa dos fatos, situação muito comum entre nossos Indígenas;
- 4.** O Juiz deve evitar descartar pessoas por ouvir dizer da mídia muitas vezes aparelhada, criticando o comportamento gestual de expressão frente a narrativas muitas vezes não condizentes com a realidade dos fatos além da vestimenta com roupas esporte normais não deveriam ser razões para solicitar a exclusão de assistente técnico desta ação;
- 5.** Particularmente já passei por situação similar quando indicado pela Universidade Federal de Roraima e designado pela Justiça Federal para ser um dos Peritos oficiais na ação relativa à Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Nesta ocasião foi solicitada a suspeição e exclusão da perícia devido ter produzidos diversos trabalhos acadêmicos mostrando uma realidade contrária ao ponto de vista de algumas pessoas e organizações externas ao problema. Esta situação foi sanada por

manifestação do Dr. Helder Girão Barreto da Justiça Federal de Roraima, juiz da ação, dando como improcedente a solicitação que foi arquivada.

Concluindo não vejo nenhuma razão da solicitação de substituição de pessoa de sua competência, integridade moral, vivência e conhecimento da realidade constatada "*in loco*" e no devido período de tempo. Prezado Amigo e Ir.: continue nesta luta que também é nossa da ECOAMAZÔNIA.

Um grande e fraternal TFA

Prof. Dr. Jaime de Agostinho
Presidente da Ecoamazônia, 11 de julho de 2022.



Nossos Heróis



Imagem 60 – Jornal a Crítica, 06.04.1977 (ST Ávila)


Jornal a Crítica
Manaus, AM – Quarta-feira, 06.04.1977


Exército Presta Homenagem
Aos que Morreram na Estrada


Na Reserva Indígena Atroari-Waimiri, foi inaugurada ontem, na rodovia BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, uma placa em homenagem aos militares e civis mortos pelos Índios quando trabalhavam na construção da estrada, que também liga o nosso, País à República da Venezuela. O ato começou com o hasteamento da Bandeira Nacional e o toque do Hino Nacional, cantado por todos os presentes. Essa placa, do tamanho 49 por 78 centímetros possui os seguintes dizeres: "Homenagem àqueles que deram sua vida pela realização dessa obra".



Imagem 61 - Não Morreram em Vão (ST Ávila)

Logo abaixo aparece a relação dos 32 mortos, compreendendo um Primeiro Tenente, um Sargento, dois Soldados, e vinte e oito civis. Logo em seguida aparecem os dizeres: "Não morreram em vão". Após o hasteamento da bandeira houve o descerramento da placa, acompanhado por diversos jornalistas que se deslocaram ao local em plena Reserva Indígena para documentar o fato histórico. A placa foi descerrada pelo General Ismarth de Araújo, Presidente da Fundação Nacional do Índio, sob a execução de músicas militares, fez-se homenagem àqueles que deram suas vidas pela construção da estrada e pacificação dos Índios Waimiri-Atroari, o que até o momento não foi conseguido, uma vez que os silvícolas dessas tribos são demasiadamente arreios e estão sempre fugindo ao contato com os homens brancos. A banda do Primeiro Batalhão de Infantaria de Selva esteve presente à solenidade. O Diretor da Diretoria de Obras e cooperação do Exército, General Ênio dos Santos Pinheiro, foi quem hasteou a Bandeira Nacional. O General falou em seguida aos presentes, referindo-se ao trabalho do Marechal Rondon, na conquista da área, sobre os mortos para a consecução da Rodovia.



Imagem 62 – Não morreram em Vão (ST Ávila)

O Exército deseja agradecer à FUNAI, à colaboração inestimável que prestou ao 6º BEC na construção desta obra e ao mesmo tempo homenagear àqueles que deram a sua vida, na pacificação dos Índios Waimiri-Atroari”.

Disse o militar, referindo-se também ao Marechal Rondon, membro da Engenharia e criador do Serviço de Proteção aos Índios [SPI], origem da FUNAI. O Gen Ismarth de Araújo, Presidente da fundação falou na ocasião sobre o trabalho do órgão na assistência ao silvícola e sobre a importância da estrada:

A FUNAI não poderia deixar de estar presente a esta cerimônia simples, onde nosso Exército presta homenagem aos seus servidores que aqui tombaram no cumprimento do dever. É um grupo de idealistas e que deu a sua vida em benefício de uma causa que é a do Índio brasileiro. O lema de Rondon sempre esteve presente. Deram a vida, mas deixaram indelevelmente marcados nessa região os traços de sua passagem.

Disse Ismarth de ARAÚJO. [...] (JORNAL A CRÍTICA, 06.04.1977)

Conclusão

Onde estão os restos mortais ou vestígios destes supostos ataques, destes supostos massacres? Que helicópteros são esses capazes de tal autonomia e de lançar bombas napalm? Que tropa biônica foi essa capaz de entrar em uma aldeia contaminada por armas químicas sem usar equipamento de proteção e ser confrontada por apenas um meninote?

Verdades e Mentiras – I **(Bráulio Bessa)**

*A mentira é perigosa,
Nos transforma em outro ser.*

*Diz a lenda que mentir
Faz nosso nariz crescer.*

*Sua força é mais voraz,
Pois quem mente sempre faz
A confiança encolher.*

*A confiança que é
Alicerce e suporte.*

Toda mentira enfraquece.

*A verdade nos faz forte
Pra suportar qualquer dor
E pra sarar qualquer corte.*

*A obra da confiança
É pouco a pouco construída.
Passo a passo, gesto a gesto,
Demora pra ser erguida.
Se a base não for bem forte,
Num sopro ela é demolida.*

*Palavras, belos discursos
Podem conter falsidade,
Mas atitudes e gestos
Revelam qualquer verdade.*

*Dizem que a verdade dói,
Já a mentira, destrói,*

Escurece seu olhar,
Lhe deixa fraco, inseguro,
E o caminho mais escuro
É o pior de caminhar.

Por isso, pra iluminar
Um amor, um sentimento,
Seja sempre verdadeiro,
E não só por um momento.
Seja honesto em sua essência,
Pois a própria consciência
É seu pior julgamento.

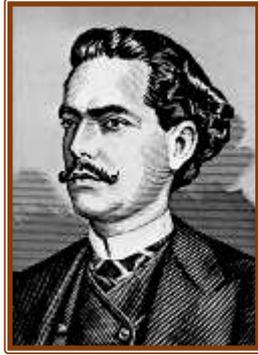
E sempre será assim:
O correto e o errado,
A verdade e a mentira
Caminhando lado a lado.
Há quem grite uma verdade,
Há quem minta até calado.

Por isso é tão difícil
Ter alguém pra confiar.
A verdade e a mentira
Teimam sempre em se encontrar
Sem hora ou dia marcado,
Sem avisar o lugar.

E mesmo assim...
Vale a pena acreditar
Até no que não se vê.
Vale a pena confiar
Num verso meio clichê:
É confiando em alguém
Que alguém confia em você.

É preciso ser honesto
Pra cobrar honestidade.
É preciso ser sincero
Pra cobrar sinceridade.
E só quem é verdadeiro
Pode cobrar a verdade. [...]

O Navio Negreiro (Castro Alves)



*[...] E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! Meu Deus!... Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...*

*Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do Sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...*

*Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélago profundo!...
Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! Arranca este pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta de teus mares!*

Caracaraí



O Município tem uma área de 47.380 km² e uma população de mais de 21.926 habitantes (terceiro mais populoso do Estado de Roraima – 0,46 hab/km²). Situa-se a uma altitude 52 m, nas seguintes coordenadas geográficas 01°48'57" N e 61°07'40" O.

Gentílico: caracaraense.

História

Surgiu de um local de descanso de condutores de gado, do antigo Município de Moura, cujas terras deram origem ao Território de Roraima. O nome é uma alusão a um pequeno gavião que habita a região.

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Caracaraí, pelo Decreto-lei Estadual nº 176, de 01.12.1938, subordinado ao Município de Boa Vista.

Pelo Decreto-lei Federal nº 5.812, de 13.09.1943, ou 5.839, de 21.09.1943, passou a fazer parte do Território Federal do Rio Branco [atual Roraima].

No quadro fixado para avigorar no período de 1939 a 1943, o Distrito de Caracaráí, figura no Município de Boa Vista. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 01.07.1950.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Caracaráí, pela Lei Federal nº 2.495, de 27.05.1955, desmembrado do Município de Boa Vista. Sede no antigo Distrito de Caracaráí. Constituído de 3 Distritos: Caracaráí, Boiaçu [ex-Catrimani] e São José de Anauá. Instalado em 21.01.1956.

Em divisão territorial datada de 01.07.1960, o Município é constituído de 3 Distritos: Caracaráí, Boiaçu e São José de Anauá. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 01.01.1979.

Pela Lei Federal nº 7.009, de 01.07.1982, foram extintos os Distritos de Boiaçu e São José de Anauá, sendo seus territórios anexados ao distrito sede do Município de Caracaráí. Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído do Distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009. (www.cnm.org.br)

Renascimento I
(Jayme Caetano Braun)

*Venho de volta – e caminho,
Sedento de luz e paz,
Como um pássaro que traz
Calor – do primeiro ninho,
Tentando ver – se adivinho,
O rumo inicial perdido,
No canto recém-nascido
Que alarga o meu infinito,
Trapeando as notas de um grito
De há muito tempo esquecido! [...]*

Boa Vista, 01 a 11.08.2019 – VI

*Quero ser o teu amigo.
Nem demais e nem de menos.
Nem tão longe e nem tão perto.
Na medida mais precisa que eu puder.
Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida.
Da maneira mais discreta que eu souber.
(Fernando Pessoa)*

Depois de ter passado mais de trinta anos sem pisar nestas longínquas plagas, retorno, em menos de um ano, pela terceira vez a este extremo Setentrião do país. Se no linguajar gauchesco o Rio Grande do Sul é o “garrão” do Brasil, por ser o mais Meridional de seus Estados, por certo o Roraima do Monte Caburaí é a “testa” desta Nação. Mais uma vez o acolhimento por parte do Comando e demais camaradas do 6º BEC, da ativa e da reserva, foram o ponto alto desta jornada. Nos eventos relativos ao aniversário do 6º BEC, tive a rara oportunidade de conviver, ainda que por breves momentos, com os ex-Comandantes do 6º BEC – Coronel José de Almeida Oliveira (2º comandante do 6º BEC), General de Divisão Carlos Alberto Maciel Teixeira (que foi meu Cadete nos idos de 1980/81), Coronel André Luiz Stangl Risse e Coronel José Mateus Teixeira Ribeiro.

No dia 07 de agosto, foi realizada uma emocionante formatura realizada no “Marco Zero” –Linha do Equador, e, no dia 08, uma formatura geral incluindo desfile dos veteranos “bequianos” comandados pelo carismático Cel Oliveira. Foi com muita emoção que participei destes gloriosos eventos onde tive a oportunidade de rever antigos irmãos de arma e conhecer novos.



Imagem 63 – Formatura no Marco Zero (07.08.2019)



Imagem 64 – Gen Melo, Cmt 2º GEC (07.08.2019)



Imagem 65 – Gen Teixeira – Marco Zero (07.08.2019)



Imagem 66 – Aniversário do Batalhão (08.08.2019)



Imagem 67 – Aniversário do Batalhão (08.08.2019)

Boa Vista – AC 01 (12.08.2019)

*Que minha solidão me sirva de companhia.
Que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Que eu saiba ficar com o nada
E mesmo assim me sentir
Como se estivesse pleno de tudo.
(Clarice Lispector)*

Adiei a partida, para causar menos transtorno aos meus apoiadores, e, em vez de partir no final de semana, resolvi iniciar a jornada na segunda-feira. Enviei esta mensagem para os amigos e familiares no dia 11 de agosto:

*Parto segunda-feira (12 de agosto) para Manaus.
Ligarei o rastreador às 05h30 (06h30 de Brasília).
Que o Grande Arquiteto do Universo vos abençoe,
ilumine e guarde são os votos deste humilde Canoeiro
eternamente em busca da Terceira Margem.*

12.08.2019 (Ponte dos Macuxis / Ilha S. Vicente)

O caminhão e os militares de apoio chegaram, pontualmente, às 05h00, na Casa de Apoio do 6º BEC. Embarcamos o caiaque e a tralha toda e partimos, às 05h07, para a Cerâmica Kotinski, à jusante da Ponte dos Macuxis. Parti, antes do alvorecer, às 05h40, quase uma hora antes do Sol nascer, mas como faltavam apenas três dias para a Lua Cheia, eu podia, portanto, contar com quase 90% da luminosidade plena dela. Era mais que o suficiente para eu poder me guiar pela corrente do Rio Branco sem perder de vista as margens que mantém uma média até Caracarái de 2 km ampliando-se nas cachoeiras do Bem Querer para 3 km.

Considerando que as margens dilatam-se em sua plenitude apenas quando a torrente esbarra aqui e ali em algumas ilhas, multiplicando seu curso, a distância das margens, volta e meia, cai para poucas dezenas ou centenas de metros. Esta é a terceira vez que tenho, na Amazônia, como parceiros de jornada tão somente o Grande Arquiteto e meu valoroso "Argo I".

São jornadas mágicas em que minha alma imerge literalmente no seio da mãe natureza e extasiada se deixa embalar pelo sinfonia do amanhecer produzida por inúmeras gargantas.

Mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a Vida Eterna. (João 4:14)

Navegava embalado por este mágico concerto e benzido por um chuveiro constante que, embora prejudicasse a tomada de imagens, arrefecia meu corpo que procurava manter aquecido picando a voga intermitentemente.

Por volta das 07h50, passei pela bela Serra Grande, na margem esquerda à montante da Ilha Santarenzinho, avistando a cachoeira do Véu de Noiva. A Serra possui uma vegetação arbórea densa e diversificada, orquídeas, bromélias e uma fauna variada. Neste período, das chuvas, a região se transfigura gerando inúmeras cachoeiras e piscinas naturais.

Das 09h05 às 09h20, golpeou-nos uma chuva e vento forte na passagem pela margem Oriental da Ilha Santarenzinho. Busquei abrigo do vento acostando na margem esquerda da ilha. Foi uma borrasca forte e rápida e a única dificuldade gerada por ela foi a visibilidade que caiu para uns 200 metros.

A navegação continuava muito tranquila e, às 11h00, passei pela Foz do Rio Mucajaí debaixo de um refrescante e constante chuvisqueiro. Aportei para me alimentar no sítio Beijo do Sol, depois de remar 60 km, ao meio-dia, os encarregados chegaram, logo depois, e foram bastante gentis. Conversando com os mesmos indaguei à respeito da cachoeira do Véu da Noiva e ambos afirmaram desconhecer sua existência. Na minha primeira descida, em 2018, pelo Rio Solimões, verifiquei que os ribeirinhos só se afastavam de sua sede uns dez quilômetros à montante e à jusante e só se atreviam a alongar suas jornadas em casos emergenciais.

Depois do meio dia, comecei a focar minha atenção no entorno com o objetivo de achar um local ideal para acampamento. A distância entre Boa vista e Caracaraí girava em torno dos 140 km e eu precisava encontrar um acampamento a meio caminho.

Rumei, então para a Ilha S. Vicente, exatamente a meio caminho de Caracaraí. As diversas instalações de pescadores e turistas estavam vazias e não achei conveniente pernoitar, sem a devida autorização, na varanda de alguma delas.

Continuava colado na margem esquerda sondando os pesqueiros quando, já ultrapassando a ponta Norte da Ilha S. Vicente, decidi voltar a proa para o extremo de Montante dela onde tinha avistado, de longe, algo que parecia ser um telheiro.

Tive de picar a voga pois estava na mesma Latitude da construção. Novamente não encontrando ninguém, resolvi acantonar assim mesmo. O Céu estava carregado e eu precisava de um abrigo seco e protegido para montar a barraca.

Concluí a operação às 14h30 e depois de um “*simulacro*” de banho, hidratação e alimentação deitei um pouco para descansar.

Sapal **(Fátima Vivas)**

*Eu sou margem.
Eu sou Rio.
Eu sou espuma de Oceano.
Não me cavalga o navio.
Não me doma, nem o Estio.
Não conheço qualquer amo.
Sou selvagem.
Sou salgado.*

*Sou quem sou, por meu
direito.
Neste meu chão que é sagrado,
Há ninhos por todo o lado
E a nenhum deles enjeito.
Lanço meus braços ao vento
E as marés dançam comigo.
Sou santuário e sustento.
Sou paisagem.
Sou abrigo.*

Por volta das 16h00, caiu forte pé d’água acompanhado de uma vendaval que durou até às 16h30. Depois disso, a chuva amainou e continuou noite afora.

O telheiro foi providencial, graças a ele, apesar da chuva e da dificuldade em achar locais secos para acampar neste inverno amazônico (período das chuvas no Hemisfério Norte), lembrei-me da poetisa lusa Fátima Vivas.

Dieta Espartana

O Coronel Ivan Carlos Gindri Angonese indagou-me à respeito da dieta e respondi-lhe:

Na alvorada como 5 bananas e, durante o percurso, castanhas do Pará. Tenho estoque de castanhas de caju, avelãs, frutas cristalizadas e uma mistura especial, que estou guardando para quando precisar de mais energia – proteínas, vitaminas, granola especial, frutas cristalizadas, leite em pó e cacau 60%.

Total 1º Dia – Ponte dos Macuxis / AC 01 = 69,0 km



Imagem 68 – Cachoeira do Véu de Noiva (12.08.2019)



Imagem 69 – Rio Branco (12.08.2019)



Imagem 70 – Acampamento 1 (12.08.2019)



Mapa 01 – Boa Vista / Caracará (12 a 13.08.2019)



Imagem 71 – Rio Branco (13.08.2019)



Imagem 72 – Agência Fluvial da Caracaráí (Cabo Nathan)

AC 01 – Caracaraí (13.08.2019)

13.08.2019 (Ilha S. Vicente / Caracaraí)

Acordei às 4h30, acondicionei a tralha no caiaque, comi cinco bananas, hidratei-me e parti às 05h50.

Nada de chuva, sem nuvens, o Sol castigava a dupla de navegadores (eu e o Argo I). A comparação com o terreno era facilitada pela mata secundária que na fotografia aérea se apresentava como campo, um varadouro aqui, outro acolá, as curvas... Minha preocupação se concentrava apenas nas Corredeiras do Bem Querer.

Felizmente a cheia submergira a maioria dos penedos e o tempo limpo permitiria que eu escolhesse a melhor rota. Ontem a chuva torrencial e o forte vendaval limitaram a visibilidade a menos de 100 metros o que em águas turbulentas seria um ingrediente extremamente perigoso.

Fui ultrapassando, lance a lance cada um dos obstáculos sem maiores problemas. Já no final das corredeiras, relaxado e descontraído retirei a saia do caiaque e colado na margem direita passei por uma Pousada chamada do Bem Querer, homônima das corredeiras, e estava admirando a construção e seu entorno quando o marulhar das corredeiras interrompeu meus devaneios.

Junto à margem algumas rochas bloqueavam a passagem ruidosamente, logo à esquerda delas outro grupo de penedos complementavam o magnífico obstáculo. Graças ao meu descuido não havia tempo para desviar pela esquerda, a solução ao enfrentar águas turbulentas é o ataque frontal e a velocidade.

*Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto com o peito corta e atravessa
Com mais furor o Mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespas em força suma;
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.
(Luís de Camões – Os Lusíadas, Canto 20)*

Lembrei-me do então Major Hiram que enfrentara as águas desafiadoras dos Rios Aquidauana e Formoso no Mato Grosso sem titubear jamais. A diferença é que lá fazíamos previamente um estudo de situação, analisávamos as diversas opções, lançando objetos flutuantes para analisar o comportamento dos mesmos. Agora não tinha tempo para isso e a energia de 40 anos atrás já há muito se dissipara. Piquei a voga e parti resoluto, um grupo de pescadores exclamou:

– Tá doido!!!

A força da correnteza era muito grande, o caiaque enterrou por três vezes a proa nas águas revoltas, comensei atirando o corpo para trás, mas mesmo assim as águas varreram o convés e entraram no cockpit (eu estava sem a saia), continuei picando a voga e gingando corpo para compensar a ação das águas. O Argo I corcoveava mais do que potro xucro mas o amazônico parceiro com mais de 12.000 km na Amazônia e seu piloto com mais de 60.000 km, pilotando os Argos I e II, saíram-se airoosamente deixando para trás os boquiabertos pescadores. Aportei, às 12h50 (9,7 km/h), nas imediações da Agência Fluvial de Caracaráí. O Capitão-Tenente Jerry Kenned Sabino, Cmt da Agência Fluvial de Caracaráí, e sua equipe me resgataram e fui instalado no impecável camarote do Comandante.

Mesmo tendo navegado sete horas sem parar, percorrendo 68 km, tratei primeiro do meu Amigo Argo I, limpei-o, sequei-o e depois de organizar, secar e limpar toda a tralha, botar para lavar a roupa suja é que fui tomar meu banho. Costume dos tempos de pontoneiro quando só se liberava a tropa depois de manter todo o material de pontes, viaturas e armamento.

Partirei somente no dia 15 de agosto (quinta-feira), pretendo descansar um dia em Caracaraí. A velha carcaça reclama. A próxima parada e possível comunicação é em Santa Maria do Boiaçu, daqui a 287 km, onde pretendo chegar daqui a uma semana, chegando lá, no máximo, no domingo que vem, dia 18, comunicação, então, deverá ser apenas pelo rastreador, mas se houver alguma mudança comunicarei aos familiares e pessoal do apoio imediatamente.

Total 2º Dia – AC 01 / Caracaraí = 68,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Caracaraí = 137,0 km

14.08.2019 (Agência Fluvial de Caracaraí)

Ontem à noite saímos para jantar com o CT Kenned Sabino e alguns membros da Agência. Neste curto espaço de tempo pude observar o ritmo frenético de trabalho dos nossos valorosos marinheiros.

As Agências Fluviais tem uma dotação de apenas 12 homens e o que se verifica é que nos primeiros anos de sua instalação estes militares precisam dar vazão à uma demanda reprimida enorme, gerando excesso de trabalho e desgaste desnecessário da equipe, é pois necessário que nos quatro primeiros anos este efetivo seja ampliado dando preferência a militares solteiros para evitar problemas de moradia.

Considerando que as Corredeiras do Bem Querer represam um pouco a torrente do Rio Branco e que as águas ao ultrapassá-las chegam a atingir 8 nós (14,8 km/h) meu deslocamento até Santa Maria do Boiaçu deve ser um pouco mais célere. O único inconveniente é a dificuldade de achar locais para acampar.

A cheia imprimia uma velocidade adicional ao deslocamento do caiaque, cuja velocidade média desde Boa Vista foi de 10,5 km por hora. Vou alterar, então, minha rotina diária e a partir do meio-dia, depois de remar uns 70 km, começo a procurar um local seco para pernoitar ou uma embarcação de pescadores.

Em Santa Maria do Boiaçu, vou ter apoio da Polícia Militar do Estado de Roraima (PMRR). Dali pretendo picar a voga para chegar em Moura onde terei apoio da Força Aérea Brasileira.

Renascimento II ***(Jayme Caetano Braun)***

*[...] O Deus que eu tinha – o meu Deus,
Pra o que chegou – não servia,
Às crenças da geografia
Fizeram que eu desse adeus;
Aos descampados – só meus
Tive de olhar mais de longe,
Rezar frente à cruz do monge,
Noutros rituais – noutras naves
E – em vez do canto das aves,
O som dos sinos de bronze! [...]*



Caracaráí – S. M. Boiaçu (15 a 18.08.2019)

Eu não acredito em caridade. Eu acredito em solidariedade.

Caridade é tão vertical: vai de cima para baixo.

Solidariedade é horizontal: respeita a outra pessoa e aprende com o outro. A maioria de nós tem muito o que aprender com as outras pessoas.

(Eduardo Hughes Galeano)

15.08.2019 (Caracaráí / AC 02)

Choveu a noite toda. São Pedro fechou as comportas do Céu exatamente na hora em que começamos a transportar o caiaque, com auxílio das rodinhas, para o portão dos fundos da Agência Fluvial que, como não poderia deixar de ser, tem acesso direto à margem do Rio. Parti da Agência Fluvial de Caracaráí, às 06h00, com o apoio de nossos valorosos marinheiros.

O tempo estava nublado mas sem nenhum prenúncio de chuva. O Deslocamento foi tranquilo graças aos formidáveis guarda-sóis naturais disponibilizados por São Pedro. Fui observando as margens e as ilhas que, na sua quase totalidade tinham-se transformado em extensos igapós. Para minha surpresa, a uns 15 km de Caracaráí uma pequena ilha exibia um pequeno barranco a um metro da água, aproximei-me curioso e me deparei com um jacaré-açu de uns 4 metros, de boca aberta, curtindo a canícula que ao notar minha presença atirou-se lá de cima e partiu em desabalada carreira.

Embora a cheia altere significativamente o panorama, já que as fotografias aéreas do Google, que eu dispunha eram da estiagem consegui fazer um leitura tranquila sem ter de lançar mão do GPS.

Por volta das 13h00, depois de percorrer 75 km (12,5 km/h), comecei a prestar a atenção nos locais de acampamento. Avistei um barranquinho numa das ilhas que devia ter um palmo acima da linha d'água e cujo terreno parecia adequado à montagem do acampamento, entusiasmado apontei minha proa para lá.

A ilha que na sua maior parte era, agora, um igapó, tinha grandes árvores, a maioria parcialmente submersas. Já me imaginava descansando naquele aprazível local, mas descartei-o, logo em seguida, em virtude das enormes pegadas de jacarés-açus.

Estava muito cansado, tinha empreendido inúmeras e desafortunadas tentativas de achar um local para acampar quando avistei um barco de pescadores com um gentil casal à bordo. Imediatamente o Sr. Claudice e a Sr^a Rita Lúcia me convidaram para subir à bordo e comer um peixe assado com farinha. Insistiram para que pernoitasse no barco, mas como eu não tinha rede para dormir à bordo eles me informaram, então, que logo à frente, à margem direita, tinha um igarapé onde os pescadores acampavam. Agradei a fidalguia do hospitaleiro casal a parti para o local indicado.

O igarapé era um verdadeiro labirinto, mas achei terra firme para montar o acampamento (01°09'50,64"N / 61°20'21.30"O). Bandos de macacos pregos pulavam com extrema habilidade de uma árvore para outra provocando uma verdadeira chuva de galhos e folhas que aproveitei na pequena fogueira. Montado o acampamento, depois de um simulacro de banho redigi este diário me preparando para descansar.

Deixei a lona da barraca à prova d'água aberta para arejar a pequena barraca até começar uma garoa fina, lá pelas 21h00, e que continuou até o alvorecer.

O acampamento, os sons da mata me faziam engarupar na memória do tempo e relembrar o estágio 01 do Curso de Operações na Selva, lá para as bandas do Puraquequara, pernoitando, pela primeira vez na vida, sozinho em uma rede de selva armada nos ermos dos sem fim impressionado com a curiosa sinfonia entoada por gargantas de espécies tão variadas.

Hoje não era diferente, outras plagas, diversa sinfonia, diferentes animais, mas um mantras igualmente encantador. De madrugada, uns passinhos curtos e leves sobre as folhas secas me despertaram. Sem acender a luz abri com cuidado a lona impermeável e avistei duas pequenas cotias que por ali perambulavam, um sinal de que não havia grandes predadores na área.

Total 3º Dia – Caracaraí / AC 02 = 77,0 km

Total Geral – Ponte dos Macuxis / AC 02 = 214,0 km

16.08.2019 (AC 02 / AC 03)

Parece que S. Pedro estava mais atento e desta feita e fechou as comportas do céu pouco antes que eu iniciasse o aprestamento externo – desmontagem da barraca e carregamento do caiaque. Sai, às 06h10, do igarapé que mais parecia um tortuoso labirinto grego.

As copas dos arbustos e das palmeiras estavam à flor d'água obrigando-me a manobrar o Argo I constantemente. Logo que iniciei a jornada, uns 500 metros à jusante, passei pelo Igarapé que o Sr. Claudeci e a Sr.^a Rita Lúcia tinha mencionado, nas coordenadas: 01°09'33,4" N e 61°20'17,0" O.

A área era mais ampla permitindo embarcações de maior porte adentrar na mesma sem dificuldades e o local para o acampamento espaçoso e limpo.

A brisa que se iniciou fraca e agradável no início da manhã intensificou-se prejudicando a navegação e travando a correnteza.

As possibilidades de acampar em solo seco simplesmente sumiram depois do meio-dia e uma única alternativa tinha sido aventada, em Caracarái, pelo Sgt Felipe da Marinha de Guerra – na Boca do Igarapé Água Boa e para alcançá-lo eu precisava superar a marca do dia anterior navegando mais de 90 km.

O deslocamento lento em virtude do vento não facilitava em nada minha meta, mas aportei, às 16h20 nas ruínas de uma antiga base AMAPU, na foz do Água Boa. Montei a barraca sob as ruínas de um barraco abandonado, tomei um bom banho lavei a roupa, e, às 18h30, estava pronto para descansar.

Noite extremamente tranquila. Sem chuva e a sinfonia animal ao longe embalava meu sonho. Eu estava exausto tinha remado 92 km, o ombro direito incomodava um pouco, acho que mais em virtude da falta de preparo físico do que da cirurgia.

Não coloquei o relógio para despertar, deitei cedo, às 18h30 e certamente acordaria cedo

Total 4º Dia – AC 02 / AC 03 = 92,0 km

Total Geral – Ponte dos Macuxis / AC 03 = 306,0 km



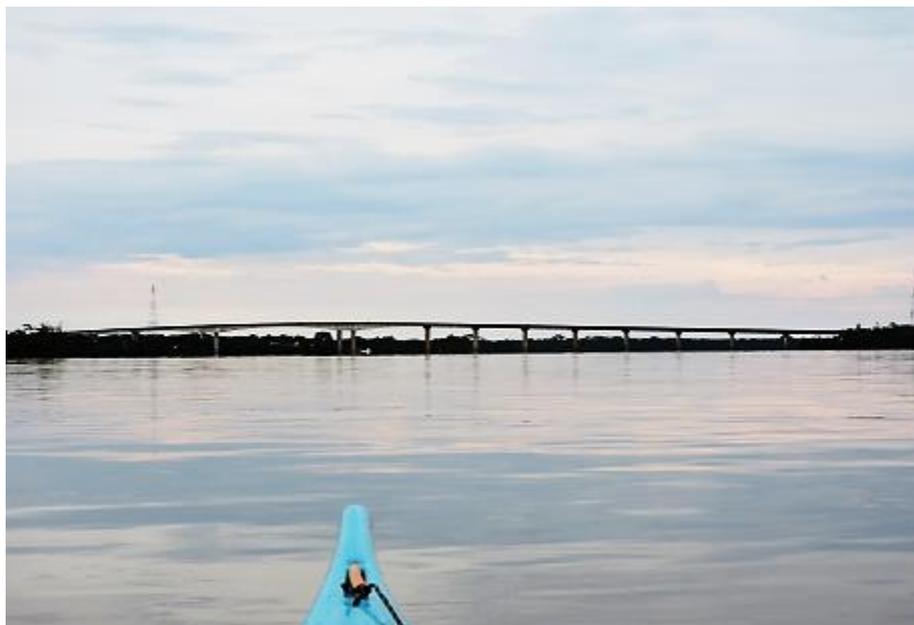


Imagem 73 – Ponte José Guerra – Caracará (15.08.2019)



Imagem 74 – Sr^a Rita Lúcia e Sr. Claudicei (15.08.2019)



Imagem 75 – Acampamento 02 – AC 02 (15.08.2019)



Imagem 76 – "Labirinto" (15.08.2019)



Imagem 77 – Acampamento 04 – AC 04 (17.08.2019)

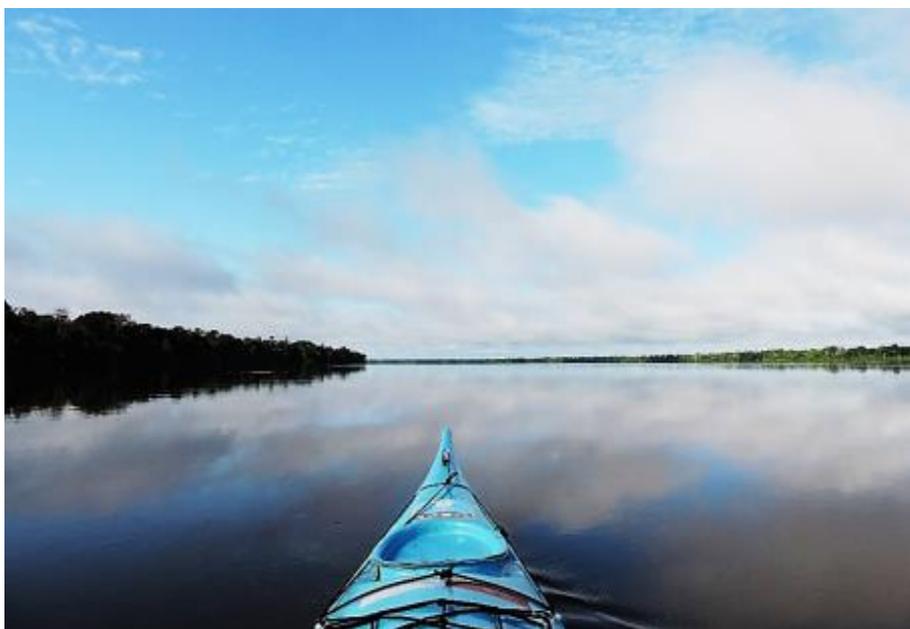


Imagem 78 – Rio Branco (18.08.2019)



Imagem 79 – Destacamento da PMRR (18.08.2019)



Imagem 80 – "I COPAM 2019" (19.08.2019)



Mapa 02 – Caracará / Base AMAPU (15 a 16.08.2019)



Mapa 03 – Base AMAPU / S. M. Boiaçu (17 a 18.08.2019)

17.08.2019 (AC 03 / AC 04)

Parti às 05h00, tendo absoluta certeza de que não conseguiria vencer os mais de 110 km em apenas um dia. A lenta recuperação da cirurgia não me permitira atingir a plena forma física. Até 75 km, remando durante 9 horas era uma meta confortável, a partir daí só com muito sacrifício. Coloquei, portanto, como objetivo hoje buscar um local de acampamento a meia distância entre a Foz do Água Boa e Santa Maria do Boiaçu.

A progressão era tranquila, passei pela foz do tortuoso Rio Catrimani, diversas ilhas-igapó e, antes do meio-dia, estava distraído comparando a carta com o terreno quando avistei o que parecia se tratar de um pesqueiro localizado na margem esquerda do Rio Branco nas coordenadas 00°01'01,3" N / 61°47'08,7" O.

Lá chegando, contatei o Bito que me mostrou um telheiro com piso elevado onde eu poderia montar minha barraca. Às 12h30, estava tudo pronto. Amanhã aportaremos em Santa Maria do Boiaçu. A primeira baixa no tal pesqueiro foi meu sabonete que tinha esquecido no convés do Argo I. A quantidade de porcos, criados a campo, é impressionante, ainda bem que o piso é elevado.

Aproveitei para esticar as pernas, pela enorme plantação de açais solteiros (*Euterpe precatoria* Mart) que possui uma qualidade muito superior ao juçara (*E. edulis* Mart.) e açai de touceira (*E. oleraceae* Mart.).

Estudo recente, realizado pela Universidade do Arkansas (USA) revelou que os frutos do açai solteiro possuem uma capacidade antioxidante e efeito anti-inflamatório bem superior aos do juçara e o de touceira.

Deitei, por volta pelas 18h00, a chuva chegou logo em seguida e se estendeu até por volta das 04h00.

Total 5º Dia – AC 03 / AC 04 = 55,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 04 = 361,0 km

18.08.2019 (AC 04 / Santa Maria do Boiaçu)

Levantei, às 04h40, e depois de arrumar as tralhas fiz a primeira viagem deixando o material na escadaria da casa, perto do caiaque e longe dos porcos, cujo chiqueiro fica sob a casa principal. No Rio Juruá, no dia 05.01.2012, na Comunidade “*Extremo da Boa Fé*”, acantonamos numa escolinha, sob palafitas, onde os porcos faziam morada e os grunhidos constantes incomodavam por demais. No pesqueiro, segundo o Bito e o Areias os macuchos os protegiam das onças que já tinham devorado três suínos.

Estava realizando pela segunda vez o transporte do material quando o Areias apareceu e começou gentilmente a me ajudar a carregar as tralhas. Parti às 05h05 e às 05h17 adentrava no Hemisfério Sul, transpondo a linha do Equador. O céu estava limpo e estrelado, e o nosso satélite natural engalanado por um belo halo lunar destacava-se sobranceiro no firmamento.

As nuvens do tipo cirros (10.000 m de altitude), na troposfera, apresentam microscópicos cristais de gelo e quando os raios lunares passam por essa delicada camada de nuvens, a luz se refrata formando uma espetacular auréola que no Rio Grande do Sul seria interpretado como sinal de bom tempo, mas que na Amazônia seria, talvez, considerado apenas um adereço lunar.

Os primeiros sinais do Astro Rei se delineavam no Oriente a partir das 05h30 e às 06h17 surgia ele no seu esplendor e logo em seguida o calor de seus raios gerava uma névoa fechada que se estendia como um véu encobrendo todo o horizonte. Só consegui tirar algumas fotos depois das 08h00.

Há uns 14 km da localização de Boiaçu que constava do GPS me pareceu equivocada, a alagação prejudicava minha orientação. O SGT Felipe da Marinha do Brasil tinha fornecido a localização correta mas eu não tinha marcado a mesma no GPS. Desconsiderei a indicação do GPS e segui os mapas e minha intuição.

Em Boiaçu, cheguei perto de um residência para perguntar onde ficava o destacamento da PM e só me deixaram partir depois de comer um peixe assado com farinha. A PM, que já tinha sido alertada pelo CT Kenned, me recebeu de braços abertos como sempre.

O SGT Sérgio ajudou-me a carregar o caiaque e o SGT Marcelo preparou um excelente Strogonoff de frango. As acomodações tinham ar condicionado e pude tomar meu primeiro banho com água limpa em 4 dias. Enviei uma mensagem para os familiares e apoiadores:

Tudo tranquilo. Vou organizar meu quarto, tomar um banho e depois mando mais notícias. Beijo no coração de meus anjos da guarda.

Total 6º Dia – AC 04 / S. M. do Boiaçu = 63,0 km

Total Geral – Ponte dos Macuxis / AC 04 = 424,0 km



19.08.2019 (Santa Maria do Boiaçu)

Às 05h30, excursionei por S. Maria do Boiaçu, um reconhecimento rápido na pequena Vila de apenas uns 200 habitantes.



A quebra da rotina aconteceu com a chegada de um barco regional comandado pelo Tenente Capa Verde lotado de instrutores e estagiários do "I COPAM 2019" (I CURSO DE OPERAÇÕES POLICIAIS AMBIENTAIS).

Eu tinha cruzado, em Caracará, com o pessoal da ambiental que estava às voltas com o fretamento de uma embarcação totalmente irregular e marinhagem com documentos falsificados.

A cidade teve sua rotina profundamente alterada com a chegada do "I COPAM 2019".

A movimentação intensa gerou muita curiosidade, palestras foram realizadas para as crianças e à noite uma salutar confraternização entre instrutores, estagiários e convidados. Solicitei ao Tenente Capaverde para me enviar um breve sumário de seu currículo:

Ubirajara Dutra Capaverde Junior

Bom dia!

Atendendo à solicitação do dileto Irmão segue a minha apresentação e das funções que exerço na PMRR:

Chamo-me Ubirajara Dutra Capaverde Junior, tenho 42 anos, sou natural de Porto Alegre-RS, mas moro em Boa Vista, RR a mais de 20 anos.

Academicamente sou Biólogo com Mestrado em Ecologia pelo Instituto de Pesquisas da Amazônia.

Na PMRR já atuei na Cavalaria, Grupo de Ações Táticas Especiais, Segurança de Dignitários e na Unidade Ambiental. Acredito no poder do conhecimento como transformador das nossas realidades por isso sempre busquei o aperfeiçoamento profissional realizando vários cursos de especialização profissional. Encaminharei meu currículo lattes caso seja do interesse citar algo.

Atualmente desempenho minhas atividades no setor de Planejamento e Instruções da Companhia Independente de Policiamento Ambiental Monte Roraima. Na ocasião em que me conheceu eu tinha sido nomeado para coordenar o Primeiro Curso de Operações Ambientais da PMRR, foi um grande desafio que, após vencido, me trouxe um enorme sentimento de dever cumprido.

O I COPAM revolucionou a atuação da PMRR frente as fiscalizações ambientais e tem contribuído em muito com o crescimento da Unidade Ambiental da PMRR reforçando nosso lema: "*A Sabedoria é a Guardiã da Natureza*".

Caro Irmão, foi uma grande satisfação encontra-lo nesta incrível jornada, espero ter atendido suas expectativas e me mantenho às ordens para quaisquer esclarecimentos!

TFA

Deitei cedo, mas não consegui dormir. A festa de estendeu até às 10h30 e só então consegui tirar algumas sonecas interrompidas pelo latido de cachorros.

Amanhã parto cedo para tentar chegar na Foz do Branco onde existem diversos flutuantes ou o mais perto dela possível. Não existem praias, os barrancos para montar acampamento são raríssimos – as margens e ilhas transformaram-se em extensos igapós. Meus familiares e pessoal de apoio demonstraram preocupação com um possível naufrágio e eu lhes respondi:

Não se preocupem, o “*Argo I*” nunca emborcou nestes mais de 12.000 km de amazônicas jornadas e me garantiu que não vai ser agora que isso vai acontecer. Fiquem tranquilos, o rastreamento funciona e se tiver alguma dificuldade aciono imediatamente o alarme.

Relatos Pretéritos de Santa Maria do Boiaçu

Antonio Teixeira Guerra, 1957

No baixo Rio Branco propriamente, o único centro populacional de relativa importância é Santa Maria do Boiaçu, situado na margem esquerda de um “*paraná*” do Rio Branco. Aliás esta circunstância de não estar localizado diretamente na margem do Rio Branco e sim na margem de um paraná tem prejudicado um pouco o seu desenvolvimento. Este é um dos poucos lugares de “*terra firme*” no baixo Rio Branco e que se encontra a pouca distância da estrada natural, constituída pelo Rio. O barranco de 7 a 8 metros sobre o qual estava outrora instalada pujante floresta que foi sendo posta abaixo para dar lugar ao povoado que atualmente aí existe, está sendo esbarrancado com violência graças à erosão das águas de escoamento superficial difuso e também pelo solapamento ocasionado pela erosão fluvial.

Santa Maria do Boiaçu possui atualmente [fevereiro 1954] 20 casas abrigando cerca de 80 pessoas. Foi a partir de junho de 1949, quando a administração territorial fez algumas construções na região, que começou a se desenvolver o adensamento populacional que aí existe. A pesca é a principal atividade da população. Esta é, porém, praticada apenas no “verão”, enquanto na época do inverno os que possuem algumas “*pontas de castanhas*”⁽⁶²⁾ vão se dedicar a esta já que a pesca não pode ser praticada com bons resultados. A quase totalidade das transações comerciais dessa população de Santa Maria do Boiaçu e de todo o baixo Rio Branco é feita com os regatões. Para se sentir a maneira como estes comerciantes sacrificam de modo bárbaro os habitantes que lhes estão sujeitos, vamos transcrever um trecho de um relatório de uma Expedição enviada pelo Dr. Valério Caldas de Magalhães ao baixo Rio Branco, em 1952, que caracterizou com muita propriedade este tipo de comerciante dizendo:

O regatão extorque-lhes os míseros recursos, comprando os produtos que têm, por ínfimo preço vendendo-lhes em troca mercadorias caríssimas. Para corroborar essa afirmativa, há o preço da farinha do Pará, cujo encapado⁽⁶³⁾ é vendido pelos regatões em Caracaraí ao preço de Cr\$ 150,00. Dois dias abaixo de Caracaraí, no lugar denominado Açaituba a 122 milhas abaixo da vila mencionada, vimos sobre o soalho da choupana de um pescador que estava doente de uma ferida na perna, 4 encapados da referida farinha, perguntamos o preço pelo qual tinha adquirido o encapado, este respondeu que tinha comprado por Cr\$ 200,00 o encapado.

Por curiosidade perguntamos de quem havia comprado tão caro? Respondeu-nos que tinha comprado do Renato, regatão que estava vendendo em Caracaraí farinha pelo preço que acima já foi dito. Ainda perguntamos o que tinha vendido em troca da farinha?

⁶² Pontas de castanhas: pequenos castanhais. (Hiram Reis)

⁶³ Encapado: mercadoria embalada em sacos de juta. (Hiram Reis)

Respondeu-nos nessas palavras textuais:

Comprei-a a troco de dinheiro limpinho.

Ora Açaituba, como já foi dito, fica abaixo de Caracaráí 122 milhas e o preço da mercadoria devia ter relação com a distância. Porque em Caracaráí é mais barata quando essa vila está muito acima de Açaituba?

Extorsão aos guardiães de nossas finanças. Mas o homem, sem apoio, tudo aceita. É o caso dos homens do baixo Rio, se não for o regatão onde vão eles suprir as suas necessidades, se não existem outros comerciantes?

Somente o regatão lhes ameniza as torturas da vida, priva-os de perecer de inanição, mas de um modo quase desumano, fora do que é regulado por um comércio legal. No Rio Xeurini, foi perguntado a um castanheiro como os regatões pagavam a castanha, e, fomos informados que o preço da mesma atualmente é de Cr\$ 80,00, por barrica.

Como se sabe, a castanha tem a sua medida legal que é o hectolitro, que está sendo liquidado em Manaus à razão de Cr\$ 280,00 cada medida daquelas amêndoas. A barrica, além de ter um preço ínfimo, tem o aumento de 20% da medida citada.

Pode-se afirmar que em todo o baixo Rio Branco, com exceção das poucas transformações feitas em Santa Maria, o restante da área continua com o mesmo aspecto do tempo em que o município fazia parte do Estado do Amazonas. Realmente a paisagem natural no baixo Rio Branco muito poucas transformações sofreu por parte do grupo humano que aí vive disperso.

Aliás esta situação é fácil de ser compreendida uma vez que é ínfima a que habita esta região. Resumindo podemos dizer que Boa Vista é a única cidade do Território e o seu maior desenvolvimento ocorreu depois de 1943, quando passou à categoria de capital. (GUERRA, 1957)

Anais da Câmara dos Deputados, 1958

A situação geográfica do Território Federal do Rio Branco apenas possibilita duas espécies de tráfego aéreo e fluvial. A população rio-branquense, ainda rarefeita, em parte adotando quase que o nomadismo [população de garimpos], tem dificultado tornar-se o Território autossuficiente, estando, em consequência sujeito ao regime de importação de mercadorias essenciais à sua vida.

Sabemos que o transporte aéreo, bastante caro, contribui para que no Território tenha o padrão de vida possivelmente mais caro do Brasil. Preciso se torna, sem maiores demoras, a solução do transporte fluvial, mais barato e que não apresenta, como o aéreo, o problema de espaço.

Com a visão tida na cachoeira do "*Bem Querer*" foi que providenciamos junto ao Plano de Valorização Econômica da Amazônia a inclusão de uma verba para o procedimento dos estudos necessários ao aproveitamento do Canal do Cujubim, contornando a cachoeira em apreço, o que virá melhorar consideravelmente o transporte fluvial, possibilitando navegação franca de Manaus a Boa Vista durante o período da estiagem.

Sentimos igualmente ao visitarmos Santa Maria do Boiaçu, núcleo mais populoso do Baixo Rio Branco, ser a sua localização inadequada ao desenvolvimento regional. Situada à margem esquerda do Rio Branco, em todas as épocas sofre os feitos da erosão que já ameaça, pela forma contínua, atingir os próprios territórios ali existentes. A densidade da mata, puramente amazônica, é um entrave ao desenvolvimento de Santa Maria do Boiaçu, visto que nem mesmo a criação de gado será possibilitada, o que significa, jamais poder tornar-se aquela população capacitada para a sua própria alimentação. [...]

Em decorrência da exuberância da mata, e a baixa vertiginosa das águas, está Santa Maria do Boiaçu fadada, permanecendo no local onde se acha, a ficar privada por longos e longos anos da comunicação aérea em face da soma vultosa que seria necessária para a abertura de uma pista e não dar o Rio, pela razão acima exposta pouso a aviões tipo Catalina.

Detendo-nos no exame do assunto procurando solucioná-lo, resolvemos mudar o Posto Administrativo para outra região mais apropriada, seis quilômetros a jusante onde outras são as condições do Rio e terreno.

Ali, a mata é menos exuberante, já se apresentando numa grande faixa condições de campo, não sujeito às alagações, Rio com calado suficiente em todas as épocas para o pouso de Catalinas. Imediatamente, com o pessoal da administração, iniciamos o trabalho de limpeza de uma área de 6 quilômetros, determinando fosse feita uma observação do regime dos ventos, para podermos atacar a construção de uma pista que possibilite pelo menos pouso de pequenas aeronaves. De posse do estudo, foi procedida a locação da pista, cujos trabalhos já se acham em andamento. Apesar de não ser Santa Maria do Boiaçu, como era voz corrente, lugar sumamente insalubre, sofre a sua população, constantemente, os efeitos do pium. O novo local, por ser mais aberto, oferece a vantagens de não ser sujeito à praga. (ACD, 1958)



**Roraima em Foco,
Boa vista, RR – Sexta-feira, 30.08.2019**



**Roraima Forma Primeira Turma do
Curso de Policiamento Ambiental**



A Segurança Pública de Roraima está sendo fortalecida e uma das ações para concretizar esse objetivo foi a formação da primeira turma de Policiamento Ambiental do Estado, que ocorreu nesta quinta-feira, 29, no Palácio Senador Hélio Campos.

Ao todo, 32 militares foram formados, sendo que desses, 22 são Policiais Militares de Roraima, três do Corpo de Bombeiros de Roraima, um Guarda Municipal de Boa Vista e um de Mucajaí, além de um Policial Militar de São Paulo, dois Policiais Militares do Mato Grosso, um Policial Militar do Maranhão e um do Acre.

O curso iniciou em maio e terminou nesta quinta-feira, 29. *“Esta é uma ação muito importante para promover a segurança dos roraimenses e a proteção do Meio Ambiente”*, frisou o Governador de Roraima, Antonio Denarium, que foi o primeiro Governador da Amazônia Legal a assinar uma GLO [Garantia da Lei e da Ordem], que pede o apoio da União caso haja algum foco de incêndio em florestas no Estado.

O comandante da PMRR [Polícia Militar de Roraima], Coronel Elias Santana, explicou que já existe desde 2010 uma Companhia Independente de Policiamento Ambiental, a CIPA, mas que os policiais não tinham conhecimento técnico, apenas o que era adquirido ao longo das experiências de missões.

“Agora são 22 Policiais Militares totalmente habilitados para atuar em operações nas regiões ribeirinhas e de matas, além de ter conhecimento da legislação referente a fauna e a flora, bem como na aplicação de notificações contra crimes ambientais e para atuar em qualquer situação que ofereça dano ou risco ao meio ambiente”, disse. [...] (RORAIMA EM FOCO, 30.08.2019)



Navegante I
(Lis Nogueira)



*Curvo-me diante da vida
E das tempestades em mim.
Aceito que os estrondos gotejem
Sob a forma de lágrima sofrida.*

*Sigo sem rumo,
Esperando a bonança, ainda que breve,
Pois no meu caso, não há.
Há apenas o equilíbrio em um barco
Que insiste em naufragar.*

*Mesmo sendo a bonança
Uma lâmina de águas calmas,
Onde as almas não evoluem e não aprendem nada,
Eu me contento com a minha carga quase à deriva.*

*Sou Capitão, Marujo e Bússola.
Caio, levanto, sofro, decido, aprendo;
Busco no Céu a clemência,
Mas a tempestade é soberana e me toma o Céu também.
[...]*

S. M. do Boiaçu – Moura (20 a 21.08.2019)

Há cerca de 30 anos, a psicologia passou a empregar o termo "Resiliência Humana" para descrever indivíduos que têm a capacidade de enfrentar problemas, aprender com as derrotas e crescer emocionalmente. Assim, entendemos que a resiliência é uma habilidade e pode ser treinada e desenvolvida em qualquer fase da vida. Então, mesmo que não se considere resiliente, é possível, a partir de agora, começar a fortalecer esta capacidade. (Érika Stancovich)

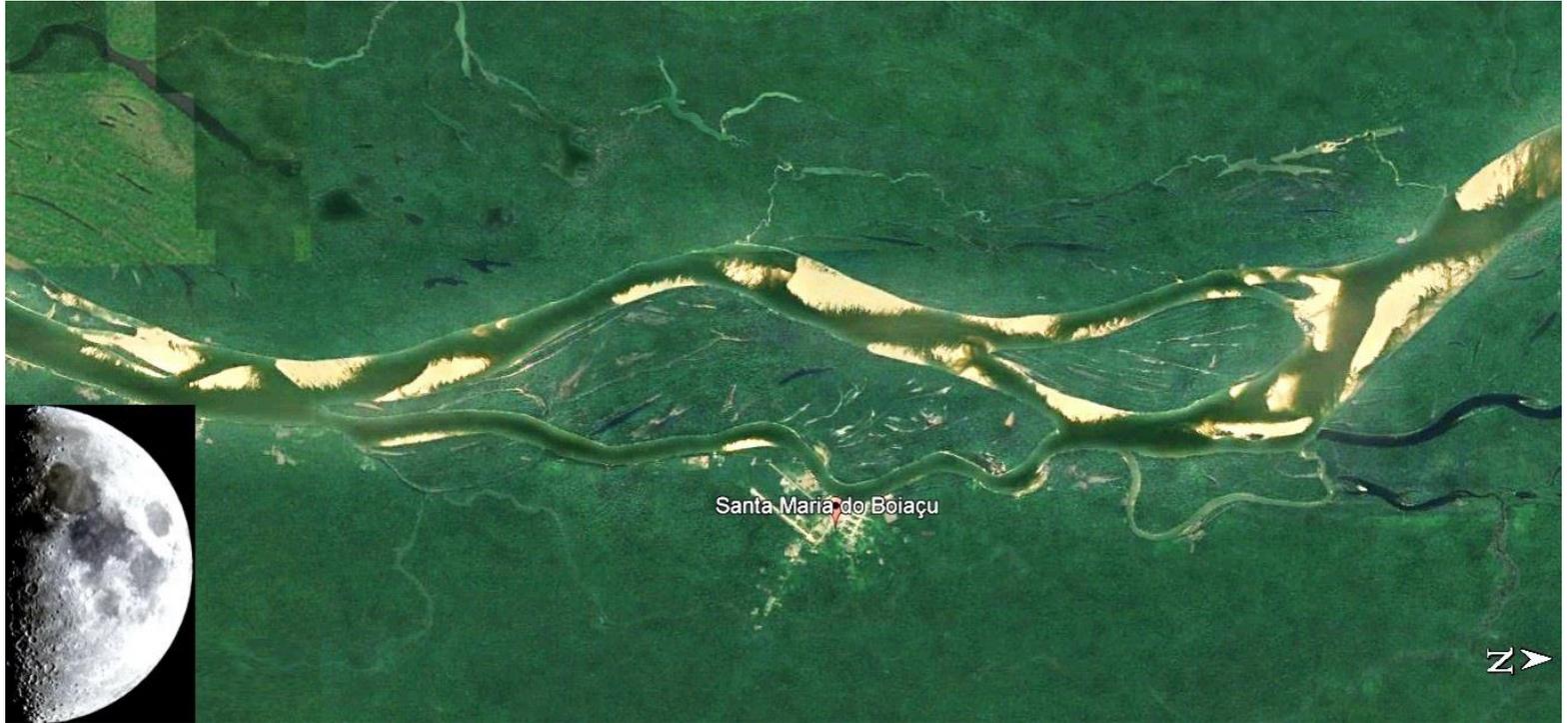
20.08.2019 (Santa Maria do Boiaçu / AC 05)

Levantei às 03h40, carreguei as poucas tralhas para o caiaque que deixara na véspera estacionado junto à embarcação do "I COPAM 2019", aprontei o "Argo I" e auxiliado pelo sentinela nos deslocamos até a rampa de concreto à margem do Rio Branco. Parti às 04h18, a Lua minguante iluminava meu destino apenas o suficiente para que eu pudesse compará-lo com as cartas. A saída de madrugada tinha 2 motivações:

1ª Como não choveu no dia anterior consequentemente a névoa que normalmente se formava ao alvorecer não ia acontecer;

2ª A noite clara prenunciava uma canícula terrível.

Precisava aproveitar, ao máximo, esta temperatura, ainda razoavelmente agradável, antes que o Astro Rei surgisse no horizonte. Tinha decidido alcançar o Rio Negro num tiro de uns 110 km e lá, orientado pelo pessoal da Polícia Ambiental, deveria procurar o flutuante do Toninho que me daria total apoio.



Mapa 04 – Santa Maria Boiaçu (18 a 19.08.2019)

As margens tomadas pelas águas e a necessidade de ultrapassar meus limites (⁶⁴) embalavam minha determinação. Quanto mais me aproximava do Rio Negro menor a velocidade das água do Rio Branco. Numa das paradas, sem sair do caiaque, controlei a velocidade de arrasto do caiaque e o GPS marcou apenas 1,0 km/h. A aproximação da foz do Rio Negro dava um novo alento a este velho marujo, o Sol abrasador tentava minar minha resiliência, as costas doíam e a musculatura do braço direito se ressentia do esforço prolongado. Não achei o flutuante do Toninho, e não estava em condições de navegar mais 30 km para aportar na praia do Destacamento de Apoio da COMARA. Fui acostando na margem direita Rio Negro procurando um local para pousar e ao avistar uma prainha, depois de remar 12 horas sem descer do caiaque resolvi estacionar, às 16h20. Mantive minha rotina costumeira me hidratado, montando a barraca, lavando as roupas e comendo mais uma castanha, apenas cinco no dia de hoje. A primeira vez que ouvi o termo "resiliência" foi através de meu caro amigo e mentor de longa data Cristian Mairesse Cavalheiro. O Mairesse foi meu Tenente, na derradeira década do século XX, no então Centro de Informática N° 3, em Porto Alegre, RS. Além de excepcional profissional é uma figura humana modelar e pedi-lhe, então, para falar um pouco sobre o tema:

⁶⁴ Meu recorde, até então, tinha sido alcançado em 03.03.2013, por ocasião de minha descida, de quase 4.000 km, pelos Rios Juruá e Solimões. Parti de Coari, AM, às 04h45, e aportei em Codajás, às 15h05, depois de percorrer 141 km. As duas paradas, sem descer do caiaque foram de dez minutos cada uma, uma para reabastecer os cantis no meio do Rio e outra, na margem esquerda do Solimões para deixar uma tormenta passar. A média horária, graças à correnteza foi de 14,1 km/h sem considerar as duas breves paradas. Mais de seis anos se passaram, na Descida do Juruá eu estava no auge da forma física e agora a correnteza do Rio Branco era muito fraca, o ombro direito ainda se ressentia da recente cirurgia...

RESILIÊNCIA

Por Cristian Mairesse Cavalheiro

O que faz alguém salvar mais de 70 companheiros arriscando sua vida no campo de batalha, retratado no filme *"Até o último homem"*, sem pegar numa única arma, usando apenas de sua fé moral e bradando *"Just one more"*? O que faz alguém estudar a vida toda para ter a possível e remota chance de ir ao espaço um dia e talvez jamais voltar?

O que faz um médico enfrentar 48h de turnos em Hospitais abarrotados de doentes, chegar em casa para o sono dos justos e receber uma ligação de um caso urgente que seu colega não está conseguindo solucionar e ter que voltar para ajudar?

O que faz alguém suportar 4 anos de holocausto, a poucos passos entre os campos de concentração e as salas de tortura ou extermínio e ainda encontrar esperança de viver?

O que faz alguém atravessar o Oceano em um bote sem água potável ou mantimentos para provar sua teoria que é possível sobreviver tomando água salgada em doses pequenas sem ter nefrite? Dizem que quando se está à deriva no Oceano, a metade do tempo se passa temendo a morte. A outra metade, a desejando-a.

O que faz alguém estudar durante 10 anos para concursos públicos extremamente difíceis e concorridos, com disputas na segunda casa decimal, rodar em uma dezena deles e ainda ter a determinação de tentar novamente até passar?

O que faz alguém cruzar a nado o Canal da Mancha ou a subir o Everest até o topo do mundo?

O que faz um empreendedor enfrentar a árdua missão de crescer sua empresa, atravessando por gerações de adversidades internas e externas, empregando milhares de pessoas, sendo justo e ao mesmo tempo ousado?

O que faz uma pessoa de origem humilde, morando em uma favela acordar as 5h todo o dia, 3h de deslocamento para ir e mais 3h para voltar de seu trabalho, ganhando uma remuneração digna, mas insuficiente para o sustento de sua família e ainda assim não sucumbir ao crime?

O que faz uma mãe perder seus dois filhos e marido em um acidente e ter que seguir sua vida?

O que faz alguém navegar em uma canoa por 15 mil km neste Brasil, passando por toda forma de perigo a sua vida, longe de sua família e, mesmo assim, todo ano enfrentar um novo desafio pessoal que hora estamos tendo a oportunidade de conhecer pelos seus livros? Qual a bússola interna que ele possui que diariamente o faz querer mais e melhor de si mesmo?

São heróis? Possuem necessidade de aventuras, adrenalina ou de querer se sentir vivos? Talvez, mas todas carregam em sua essência uma característica, são pessoas altamente resilientes, preocupadas que o "End" é tão importante quanto o "Start".

Vemos muitos sempre começarem alguma coisa, mas poucos vão além do que inicialmente planejaram, a despeito das dificuldades que se apresentam. Uma vez um líder me disse: Cristian, somos pagos para resolver problemas, o dia que não tivermos um, somos dispensáveis. Então, vamos enfrentá-los.

Aprende-se muito com os acertos, mas muito mais ainda com os erros. Existem escolas que ensinam o planejamento ao extremo, nos mínimos detalhes.

Mas o inusitado te apresenta situações que somente sairá delas se estudar o que já deu errado em outras vezes com os outros.

A certeza da punição que o erro provoca é altamente educativa.

Dias atrás, participando de um grupo de WhatsApp que buscava a meditação por mantras e reflexões, fui convidado a escolher 50 pessoas que de alguma forma influenciaram em minha formação e vida e, ao lado de cada nome informar o porquê.

Foi fácil, pois havia feito uma lista de convidados para os meus 50 anos recentemente, sobrando nomes. Obviamente o Cel Hiram estava nesta lista, é um dos meus mentores e uma grande referência não só de resiliência, mas de liderança.

Contudo, resolvi ao final, retirar 5 nomes dos que havia influenciado por bons motivos, por outros 5 nomes que foram meus maiores desafetos em termos de relacionamento pessoal ou profissional e dois que me assaltaram em momentos de distração.

E foram estes enfim os que mais provocaram minha resiliência. Resiliência significa que você enfrenta estressores e desafios da vida e ao cometer erros na sua evolução, terá se recuperado e voltado ainda mais confiante para o próximo desafio.

Lidar com relacionamentos tóxicos, ambientes de trabalho, familiar ou de estudo oprimentes pode prejudicar inclusive sua saúde física, além da mental.

O estresse está associado a diminuição do sistema imunológico, a problemas de raciocínio e até cardiológicos. Agora, tentar suprimir o stress que atrapalha sua convicção de seguir em frente é uma tarefa inglória.

Imagine agora que ao ler esse texto eu digo que vocês não devem pensar no Covid19, mas como não pensar, está inserido na vida, e na morte também, de cada indivíduo dos 4 cantos do mundo neste momento. E imagine que precisamos resolver isso primeiro para seguir em frente.

Todos nós conhecemos algumas pessoas que são mais propensas a enfrentar experiências adversas e, por normalmente serem pessoas mais preparadas para lidar com a ansiedade e a incerteza, possuem taxas superiores de sucesso.

Por quê? Pelo simples fato que elas estão dispostas a mudar seu comportamento, a sair da zona de conforto e a entender que a grande vitória é uma sucessão de pequenas vitórias. Não se vira um maratonista de um dia para o outro, são meses e anos de treino dedicado para qualquer simples mortal.

Não se vira um médico com um ou dois livros ou poucas provas bem-sucedidas, são centenas, milhares. É preciso ter compaixão consigo, te dar o direito de errar, se recuperar dos fracassos e aprender. Mas mais do que isso, qual é o real significado para o que está se propondo. A alegria de viver o caminho e se divertir com a jornada é o que motiva a seguir em frente.

Meu amigo Mr. Walker, parceiro do Caminho de Compostela e amigo há 30 anos, me falava que os 800 km que nos separava do destino, entre os Pirineus na França e a famosa igreja de Santiago na Espanha, seria um passeio.

Ver a leveza e a forma que ele encarava este desafio, para mim quase sobre-humano, me deu a energia que precisava para superar minhas dores e cumprir nosso propósito. Ao fim não foi propriamente um passeio, mas foi a maior prova de resiliência de nossas vidas, senão física, mental ou espiritual.

Não conheço nenhuma destas pessoas fictícias ou reais acima citados que tenham realizado seus feitos de forma fortuita. Todas acordam muito cedo, enfrentam uma jornada de muito sacrifício pessoal, se cuidam de forma especial, derramam muitas lágrimas, sangue e suor em busca do seu sonho.

Normalmente são pessoas que na busca incansável de seu objetivo, arriscam mais que os outros, pois possuem uma psique admiravelmente elevada para superar os obstáculos.

A convivência com o que dá errado faz dar certo quando realmente se precisa, através da constante visão do contexto se empenhando ao máximo possível para aproveitar o êxito das situações que se apresentam, negociando com o medo e com os meios disponíveis.

Essas pessoas se concentram, no que conseguem mudar e aceitam o que não é possível.

Sabem diferenciar bem os pontos negativos dos positivos, mas de certa forma olham para os negativos não conhecidos ainda como neutros.

Ser mais cooperativo, avaliar quais as outras dificuldades que teve na vida e foram superadas, procurar apoio e intensificar seus pontos fortes ao invés dos fracos são outras Na solidão do seu caminho, não há como não encarar seus demônios internos.

Coragem, determinação, sacrifícios, visão obstinada? O fracasso não é uma opção, você ir até o extremo, ao limite do impensado, com a força de Deus até seu último suspiro, isso é resiliência. A pergunta que fica aqui para reflexão é: É possível replicar esta qualidade para outros seres humanos? É hereditária? (MAIRESSE)

Navegante II **(Lis Nogueira)**



*[...] Curvo-me diante da vida
A vida me obriga a remar,
Mesmo quando há vento contra,
Mesmo quando eu não acredito
Que existe Sol para brilhar.
Eu bem que sou pura tormenta.
Entre falésias e angústias,
Procuro o farol ou o porto,
Para descarregar os meus gritos.
Coloquei todos no barco;
Cabeça, coração e tempo.
Mas a minha essência marinha
Não vê acordo entre eles.
E nesse barco que emborca,
Tumultos e ondas são o meu lar.
Só peço a Deus para ter sorte,
E meu braço um pouco mais forte,
Pois preciso navegar. [...]*



Imagem 81 – S. Maria do Boiaçu (19.08.2019)



Imagem 82 – Acampamento 05 – AC 05 (20.08.2019)



Imagem 83 – Sr. Felício – AC 05 (20.08.2019)



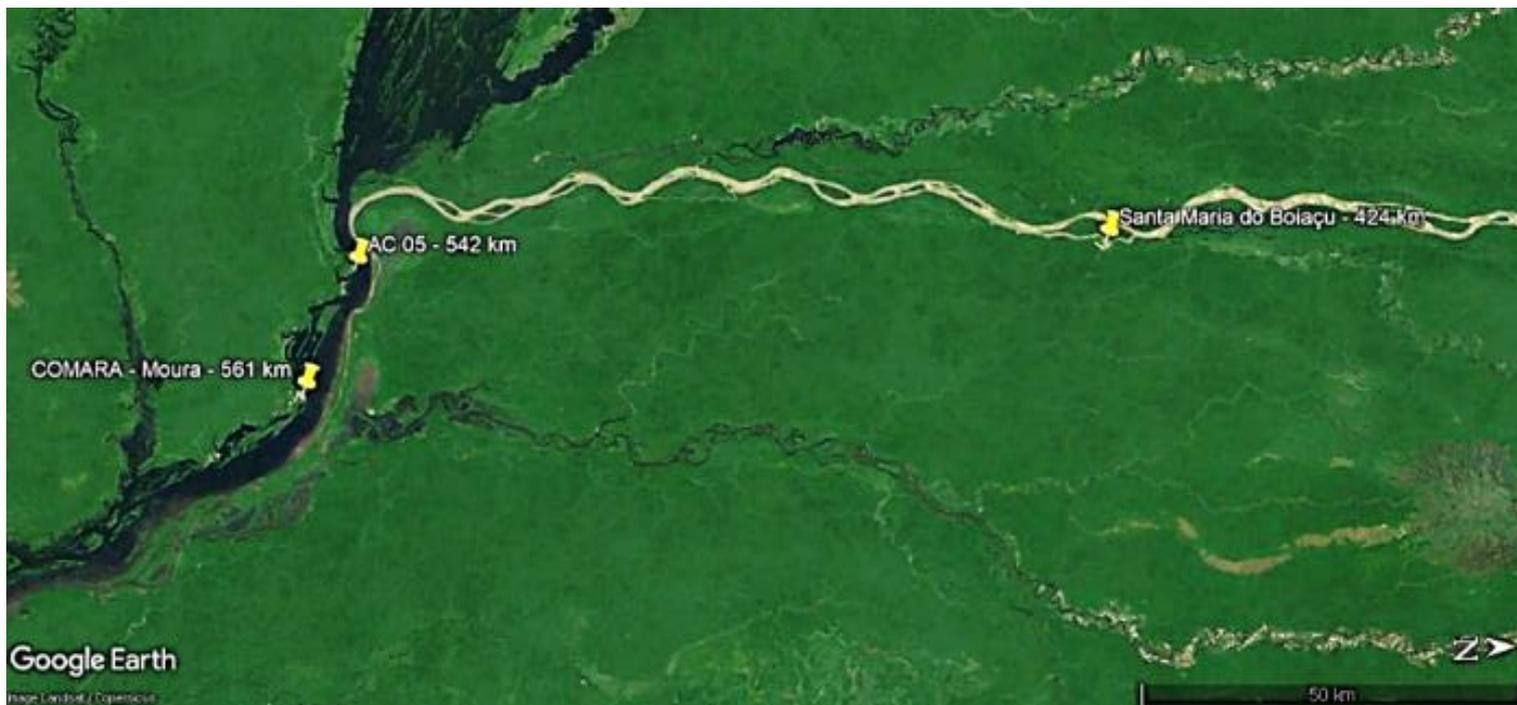
Imagem 84 – Pedreira da COMARA, Moura, AM (22.08.2019)



Imagem 85 – Britador da COMARA, Moura, AM (22.08.2019)



Imagem 86 – Sala de Musculação da COMARA (22.08.2019)



Mapa 05 – Santa Maria do Boiaçu / Moura (20 a 21.08.2019)

No afã de atingir o objetivo esqueci-me por completo da alimentação. Dei, pela primeira vez, nos acampamentos, uma atenção especial ao banho, imergi nas águas relaxantes do Rio Negro e, sem pressa dediquei-me à minha higiene pessoal.

Por volta das 19h00, deitei-me e, como não havia sinal de chuva, deixei a barraca sem a lona externa para ventilar, poder admirar o firmamento e por questão de segurança também. Acordei apenas três vezes com o ruído das ondas quebrando na praia – provocadas pelas embarcações que passavam ao largo. Madrugada silenciosa, nenhum solo de pássaro barítono, celebração festiva dos guaribas ou sarau noturno dos cururus, uma noite sem maiores manifestações sonoras enfim.

Total 7º Dia – S. M. do Boiaçu / AC 05 = 118,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 05 = 542,0 km

21.08.2019 (AC 05 / Destacamento de Moura)

Tinha colocado o despertador para às 05h00, mas, por força do hábito, iniciei a arrumação das tralhas bem antes disso. De repente ouvi uns passos dentro d'água, apaguei a luz e observei uma lanterna a uns 50 m de distância. Cumprimentei o estranho que se aproximava e a resposta veio de imediato. Era o Sr. Felício, dono do sítio onde eu acampara.

Continuei a arrumação enquanto conversávamos e por estas amazônicas coincidências o Sr. Felício também conhecia o Sr. Nakayama do Airão Velho, que tão gentilmente nos acolhera nos dias 13 e 14.01.2010. O Felício era um velho pescador cuja família morava em Moura e para tornar possível que os filhos frequentassem a escola só aos fins de semana é que a família visitava o sítio.



Imagem 87- Moura, AM

Parti, por volta das 06h00, num ritmo tranquilo, o acesso ao Destacamento de Apoio da COMARA ficava a apenas 19 km, não havia pressa, o Rio Negro escorria lenta e preguiçosamente invadindo as várzeas circundantes. Aportei na praia do Destacamento, às 08h20, a velocidade média de deslocamento foi de 8,1 km/h.

Retirei o carrinho do convés e, dentro d'água, fixei-o no casco do caiaque transportando-o, lentamente, pela estrada de 700 m até o Hotel de Trânsito (HT) da COMARA. Seria mais uma parada agradável e confortável com direito a conviver, ainda que por breves momentos, com os camaradas da Força Aérea Brasileira, de desfrutar de refeições descentes, de tomar um banho de água limpa e quente, enfim tudo que um solitário navegante sonha. A caminho do Hotel de Trânsito enviei uma mensagem ao 1º Sargento Vaz, Chefe do Destacamento, informando minha chegada.

Chegamos juntos ao HT, o 1º Sgt Vaz estava acompanhado do 1º Sgt Especialista em Enfermagem Huascar ⁽⁶⁵⁾ Henrique Nunes do Nascimento, do Hospital da Aeronáutica de Belém que, imediatamente, aferiu a minha pressão arterial, temperatura, pulso e frequência respiratória e constatou que todos os sinais vitais estavam normais.

A suíte, com ar condicionado, era ampla e confortável, arrumei as tralhas, limpei o Argo I, coloquei o material de acampamento no varal para arejar e as roupas para lavar na máquina de lavar. Mais tarde, no rancho, onde foi servido um almoço da mais alta qualidade, fui apresentado ao 1º Sgt Ivaldo e Sd Casemiro, ambos da COMARA 7, Belém, PA, ao 2º Sgt Halan da Ala 9, Belém, PA, e ao SGT Abegg e Paula, do 3º Batalhão de Infantaria de Selva (3º BIS), de Barcelos em inspeção de rotina, a Seção a que eles pertencem está subordinada ao Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados ⁽⁶⁶⁾ da 12ª RM (SFPC/12).

Total 8º Dia – AC 05 / Dst de Moura = 19,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Dst de Moura = 561,0 km

⁶⁵ Huáscar [nome pelo qual foi conhecido na História do Peru] ou Tupac Cusi Huallpa [O Sol traz felicidade] foi o 12º Sapa Inca do Tahuantinsuyo. Foi um dos filhos de Huayna Capac com sua meia-irmã Rahua Ocllo. Alguns autores como Lewis Spence acreditam que era a vontade de Huayna Capac que o reino fosse dividido entre seus dois filhos Huáscar e Atahualpa após sua morte, já que seu primeiro filho Ninan Cuyochi morreria de varíola. Já Outros como María Rostworowski avaliavam que a ausência de uma lei sobre a herança do poder, agravado pelo fato de que vários membros de um grupo de parentes do Inca falecido podiam aspirar ao poder e gozavam de direitos e prerrogativas iguais levavam as frequentes lutas fratricidas. (pt.wikipedia.org/)

⁶⁶ Armas, munições, explosivos, produtos químicos agressivos e matérias primas correlatas. (Hiram Reis)

Ocorrência Policial

À tarde fui com o Sgt Abegg até o Porto de Moura onde militares do 3º BIS tinham aportado para se deslocar até o Rio Unini prestar apoio logístico à uma Operação da Polícia Federal, Civil e Militar que prenderam em flagrante, na tarde de 20.08.2019, por volta das 17h, o venezulano Francisco Gonzalez Moreno após este ter realizado um pouso forçado de um hidroavião que ele pilotava, sem habilitação, no Rio Unini há pouco mais de 30 km ao Sul de Moura. Com ele, foram apreendidas armas de fogo e munições além de um rádio comunicador. O meliante tinha partido de Manaus com destino a Barcelos, para buscar uma carga de drogas. Depois do jantar me retirei para o HT, a noite foi tranquila e confortável em Moura, AM.

22.08.2019 (Destacamento de Moura)

Acordei, às 05h00, e depois do banho fiquei indo e voltando da Casa de Apoio até a Sala de Jogos em que está instalado o Wi-fi, aonde deixei baixando os livros "*Descendo o Solimões*" e "*Descendo o Negro*" para o WhatsApp do Sargento Abegg. Ele tinha comentado que, há algum tempo, se apresentaram três indivíduos no 3º BIS, em Barcelos, se identificando como Tatunca Nara e apresentei-lhe o capítulo "*Uma Fraude Chamada Tatunca Nara*" do volume II do Rio Negro. Caminhei até às 07h00, antes de ir para o rancho para tomar café. Almocei em Moura com os Sargentos Abegg e a Paula na casa de um familiar dos militares do Destacamento. O SGT Vaz e companhia articularam uma ceia de despedida. Deixei o caiaque pronto para a partida, e desfrutei da companhia destes novos amigos. O carinho e o respeito de todos os profissionais da COMARA ficarão eternamente gravados na minha memória. Obrigado, mais uma vez, que o G:.A:.D:.U:. vos abençoe, ilumine e guarde.

A Morte do Poeta II **(Mikhail Liérmontov)**



*[...] Calou-se a ênfase de seus versos mágicos,
Que jamais irão soar outra vez:*

*Do cantor o abrigo é estreito, austero,
E um selo para sempre cerrará seus lábios!*

*E vós, descendentes de pais arrogantes
Que a infâmia notória fez muito célebres,
Vós, cujos pés servis esmagaram os vestígios
Das famílias feridas pelo jogo do Destino,
Vós, ambiciosos, multidão em volta do trono,
Carrascos do talento e da liberdade!*

*Vós, que vos escondeis à sombra da lei,
Diante de vós tribunais e verdade se calam.*

*Sim, mas o Tribunal divino, degenerados,
O Juiz terrível, ele vos aguarda,
Ele é surdo ao som do ouro,
Antecipado é seu conhecimento de juízos e causas.*

*Então podeis bem usar a calúnia:
Isso de nada vos servirá.*

*Não limpais vosso sangue negro
Do sangue justo do Poeta.*

Moura / Base Carabinani (23 a 24.08.2019)

23.08.2019 (Dst de Moura / Base Carabinani)

Acordei às 04h30, aprontei o Argo I e dirigi-me para o Porto do Destacamento. Neste ínterim, apareceu o Sargento Abegg e logo em seguida a Sgt Paula, mais dois queridos amigos com quem tivemos o privilégio de conhecer nestas infindas jornadas amazônicas. O 2º Sgt Inf Maicon Abegg da Silva fotografou a ceia de despedida e minha partida e enviou-me as fotos que reproduzo nas Imagens 88 e 89.

Até às 10h00, jornada tranquila, uma diáfana camadas de nuvens e uma brisa suave e fresca amenizavam a temperatura. Fui costeando a margem direita, A cheia mudara radicalmente a geografia deste enorme Dédalo ⁽⁶⁷⁾ fluvial dificultando extremamente a orientação visual pelos mapas que só foi amenizada graças à cuidadosa locação, que eu havia feito neles, de pontos de controle e que agora conferia cuidadosamente através do GPS. Comentara, em 13.01.2010, quando desceria pela primeira vez o Rio Negro desde São Gabriel da Cachoeira até Manaus:

Partimos às 06h28. Continuei seguindo a rota da Companhia de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). A opção pela margem esquerda, além da velocidade, evitava o intrincado labirinto formado pelas diversas ilhas frontais à Foz do Jau que dificultaria, em muito, a orientação, tendo em vista que a fotografia aérea disponível era do período de secas.

⁶⁷ Dédalo: arquiteto e inventor, personagem da mitologia grega, cuja obra mais conhecida foi o labirinto que construiu para o Rei Minos. (Hiram Reis)

Durante a viagem um ou outro curioso boto vermelho acompanhava-nos, por breves momentos. Nos últimos quilômetros, porém, eram mais de cinco escoltando o caiaque de perto e se esmerando nas evoluções até nos aproximarmos da Base Carabinani. Era a segunda vez que aportava na Base Carabinani graças ao apoio incondicional do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a primeira foi no período de 03 a 07.11.2016, quando vim documentar os petróglifos do Jau.

Encontrei o velho amigo Jakson Magalhães Valente, que liberou gentilmente um dos quartos do conjunto principal para me instalar. Os paulistas Amanda Ribeiro e Fábio Ramos (de São Paulo) e Ana Paula Leme e Matheus Oliveira Santos (de Ribeirão Preto) estavam na Base e ofereci meu caiaque para quem quisesse navegar, mas nenhum aceitou a oferta. Infelizmente eles tinham escolhido um período ruim para incursionar no Jau, os petróglifos estavam submerso e a beleza natural das demais formações e rochosas e praias também. Fui brindado com um saboroso jantar e fui deitar cedo.

Total 9º Dia – Moura / Base Carabinani = 61,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Dst de Moura = 622,0 km

24.08.2019 (Base Carabinani)

Acordei às 05h00, para observar e fotografar o magnífico alvorecer na Boca do Jau até o Astro Rei surgir no horizonte. Parti, às 08h00, com o Sr. Geraldo Lima para um giro pelas comunidades de N. Airão. O interessante tour permitiu-me tomar contato com o crítico estado em que se encontram nossos povos ribeirinhos principalmente no que se refere à falta de investimentos nas áreas da educação e saúde.

Contatamos líderes comunitários, professores e a sofrida e desassistida população local. Assistimos, em uma das comunidades jogos de futebol em que a participação feminina foi fundamental.

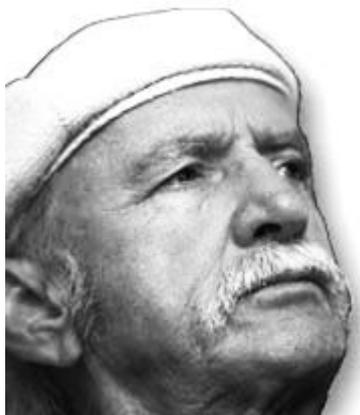
Um fato, em particular, me incomodou nesta jornada e é objeto de crítica de todos ribeirinhos, a Marinha do Brasil possui uma extensa área na margem do Rio desde Airão Velho, justamente nas terras firmes que poderiam abrigar todas as comunidades da área que não ficariam mais sujeitas às constantes inundações. Lembro-me de quando se projetou a transamazônica e se previu a construção de agrovilas com uma infraestrutura mínima para dar suporte à população ali instalada – escolinha, posto de saúde, serraria e comércio.

Acho que os Governo Federal e Estadual deveriam analisar os melhores locais de assentamento de maneira que cada nova Comarca instalada nessas áreas atendes-se às comunidades mais próximas.

O projeto deveria prever porto flutuante, escola com alojamento para professores, posto de saúde, com alojamento para toda a equipe, técnico agrícola para orientar os novos moradores a tirar o melhor proveito de suas glebas, wi-fi livre na escolinha e arredores, tratamento de efluentes...

Amanhã partiremos cedo com destino a Manaus. Vou tentar cumprir a meta em quatro dias. O apoio dos amigos Geraldo Lima e Jakson Magalhães Valente da Base Carabinani foi fundamental para que pudéssemos recuperar as forças e conhecer a triste realidade deste povo dos *"ermos dos sem fim"*.

Renascimento III **(Jayme Caetano Braun)**



*[...] Mas não mataram a crença,
Nos meus ancestrais vaqueanos,
Após quatrocentos anos
Venho apelar da sentença;
Trago sinais de nascença
Dos quais meu sangue destampa
E – neste holocausto pampa,
Bem mais gaúcho renasço,
Para alargar meu espaço
Num grito de terra e guampa!*

*Sonhos que sempre sonhei,
Revivem quando murmuro,
Na benção do futuro,
Do chão que não reneguei;
Cantos que sempre cantei
Vão afinando a garganta
E eu sinto que se levanta,
Um taquaral na paisagem,
Multiplicando a mensagem
De cada livre que canta!*



Imagem 88 – Dst de Apoio da COMARA (22.08.2019)



Imagem 89 – Porto do Destacamento (23.08.2019)



Imagem 90 – Cercanias da Base Carabinani (23.08.2019)



Imagem 91 – Base Carabinani (23.08.2019)



Imagem 92 – Acampamento 06 – Madadá (24.08.2019)



Imagem 93 – Rio Negro (24.08.2019)



Imagem 94 – Pousada Bela vista – Novo Airão (24.08.2019)



Mapa 06 – Moura / Base Carabinani (23.08.2019)



Mapa 07 – Base Carabinani / Novo Airão (25 a 26.08.2019)

Base Carabinani / Novo Airão (25 a 26.08.2019)

25.08.2019 (Base Carabinani / AC 06)

Hino a Caxias **(D. Aquino Correia ⁶⁸)**

*[...] Salve, Duque Glorioso e sagrado
Ó Caxias invicto e gentil!
Salve, flor de estadista e soldado!
Salve, herói militar do Brasil.
Do teu gládio sem par, forte e brando,
O arco de ouro da paz se forjou,
Que as províncias do Império estreitando
À unidade da Pátria salvou. [...]*

Um dia muito especial, 25 de agosto (eternamente “*Dia do Soldado*”), Salve, Salve Caxias!!! Em tua homenagem parto hoje.

Acordei às 04h20, todo o pessoal da Base Carabinani, Geraldo, Jakson e Ibrahim estavam de “*Pé e à Ordem*” prontos para as formais despedidas. Mais uma vez me emocionei com aquele gesto tão espontâneo desses homens simples, mas altivos e comprometidos com sua nobre missão de preservação da biodiversidade amazônica. Parti às 05h10, levando, mais uma vez, na bagagem ternas lembranças de velhos e novos amigos e triste por ter constatado a falta de ação dos governos, de todos os níveis, na área de educação e da cultura. Por volta das 10h00, armou-se uma tempestade, que em vão tentei contornar, os relâmpagos me fizeram abandonar o talvegue do Rio e procurar abrigo nos igapós.

⁶⁸ Dom Aquino Correia: poeta e orador sacro, Arcebispo de Cuiabá. (Hiram Reis)

Segurei um dos galhos mais baixos, de um arbusto, cuja copa deveria estar menos sujeita à servir de para-raios, alinhei a popa de modo a receber os banzeiros de frente e aguardei passar a borrasca. Continuei remando até que, por volta das 11h30, surgiu outro Cumulus Nimbus gordo, baixo, escuro e barulhento à bombordo. Piquei a voga e consegui me safar desta nova tormenta além de poder surfar nas marolas que se formavam e permitiam que o "Argo I" deslizesse suavemente pelas ondas.

Estava curtindo estes momentos quando o Toco, o artilheiro dos jogos de futebol de ontem apareceu pilotando um barco com alguns membros da Comunidade D. Cristovão. Conversamos um pouco e logo depois ele seguiu para Novo Airão e comecei a procurar um local para acantonar.

Aportei, antes das 14h00, bastante cansado, depois de remar 61 km, em um barracão, nas proximidades da Pedra do Sanduíche, região de Madadá. O acesso é feito através de uma pequena Baía, estacionei o caiaque, por segurança, fora da linha de visada de quem passava pelo Rio numa prainha protegida por um igapó logo à jusante.

Visitei a Pedra do Sanduíche e as Grutas do Madadá, nos idos de 01.11.2016, as duas Grutas localizadas no Parque de Anavilhanas, são formadas por grupos de rochas de arenito com mais de 700 milhões de anos.

Na minha primeira descida, de dezembro de 2009 a janeiro de 2010, na vazante, eu fizera algumas observações quanto às dificuldades de navegação no Negro e à linha d'água ideal – as águas límpidas do Negro fazem com que o caiaque submerja mais fato que não se alterou em relação ao atual período das cheias.

Achei que a velocidade das águas seria alterada facilitando minha descida, ledô engano, como os demais Rios da calha da Bacia Amazônica a cheia se estende aos lagos vizinhos, transforma margens e ilhas em igapós os afluentes recebem as águas do formidável manancial dissipando, com isso, uma grande quantidade de energia e perdendo a torrente considerável força.

Remei hoje sofríveis 61 km em quase 9 horas de navegação. A mesma média que consigo manter nos Mares de Dentro onde não há corrente alguma.

Tentarei, amanhã, melhorar o rendimento para chegar dentro do prazo em Manaus. A missão "*Descendo o Rio Branco*" já foi concluída na Foz do Rio Branco.

A noite foi tranquila, mas mesmo assim, por segurança avivei o fogo duas vezes na madrugada. O telheiro permitiu que eu deixasse de lado o toldo da barraca. Os pássaros noturnos pararam de cantar após as dez horas. Tirei sonecas interrompidas aqui e ali por sutis ruídos noturnos.

Total 10º Dia – Base Carabinani / AC 06 = 61,0 km

Total Geral – P. Macuxis / AC 06 = 683,0 km

26.08.2019 (AC 06 / Novo Airão)

Acordei antes da hora marcada, 04h30, e às 05h30 partia usando minha lanterna de cabeça para poder me guiar pelo labiríntico igapó. A densa camada de nuvens e neblina limitava a visibilidade a menos de 500 m. As fotografias aéreas do Google, apesar da cheia me permitiram seguir a rota sem qualquer dificuldade.



Imagem 95 – Mirante do Gavião

Por volta das 08h00, a neblina dissipou-se totalmente e a canícula veio com tudo. Avistei Novo Airão, por volta do meio-dia, depois de navegar durante quase 06h30 por 52 km (8 km/h). Eu estava cansado e precisava recarregar as energias dormindo bem por dois dias. A ideia é pernoitar em Novo Airão e continuar a viagem depois de amanhã.

Contatei o pessoal do Hotel Mirante do Gavião, o primeiro que avistei desde Rio – belíssimo, requintado, mas o quarto mais simples 890 reais. Decidi optar pela Pousada Bela Vista – 150 a diária.

Parto 28, quarta-feira, para Manaus, onde pretendo aportar dia 30, se tudo correr bem.

Total 11º Dia – AC 06 / Novo Airão = 52,0 km

Total Geral – P. Macuxis / Novo Airão = 735,0 km



Imagem 96 – Iguana iguana

27.08.2019 (Pousada Bela Vista, Novo Airão)

Dia tranquilo na Pousada Bela Vista em Novo Airão. Bem alimentado e medicado, as costas se ressentiam da postura rígida no caiaque. Os Iguana iguana fizeram-me companhia constante no restaurante da Pousada, perambulando pelo chão do restaurante ou comendo frutinhas e folhas nos galhos das árvores da vizinhança.

Vou procurar melhorar meu rendimento quando descii este trecho do Rio em janeiro de 2010. Naquela jornada fiz uma parada na Comunidade Terra Preta, no Hotel Ariaú (cortesia do Dr. Rita) e depois na praia do 2º Gpt E. Desta feita o objetivo é me aproximar o máximo das ruínas do Ariaú e depois direto em Manaus. Vamos torcer para que S. Pedro colabore e minha esgualpada carcaça aguente. Na Rota!!!

Uns Versos Quaisquer (Fernando Pessoa)

*Vive um momento com saudade dele
Já ao vivê-lo...*

*Barcas vazias, sempre nos impele
Como a um solto cabelo
Um vento para longe, e não sabemos,
Ao viver, que sentimos ou queremos...*

*Demo-nos pois a consciência disto
Como de um Lago
Posto em paisagens de torpor mortiço
Sob um Céu ermo e vago,
E que nossa consciência de nós seja
Uma cousa que nada já deseja...*

*Assim idênticos à hora toda
Em seu pleno sabor,
Nossa vida será nossa anteboda:
Não nós, mas uma cor,
Um perfume, um meneio de arvoredos,
E a morte não virá nem tarde ou cedo...*

*Porque o que importa é que já nada importe...
Nada nos vale
Que se debruce sobre nós a Sorte,
Ou, tênue e longe, cale
Seus gestos...
Tudo é o mesmo...
Eis o momento...
Sejamo-lo...
Pra quê o pensamento?*



Novo Airão / Manaus (28 a 29.08.2019)

28.08.2019 (Novo Airão / AC 07)

O Sonho dos Sonhos **(Múcio Teixeira)**

*Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distraído
Por tanto bem – tão mal compreendido,
Por tanto mal – tão bem recompensado!*

*Em vão relanço o meu olhar cansado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto – em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!*

*E assim prossigo sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada – de tudo o que já tive...*

*Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida – o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!*

Acordei às 04h15, tomei um bom banho, arrumei as poucas tralhas com calma fiz duas viagens pela enorme escadaria levando o material para perto do caiaque. Com o Argo I pronto partimos, às 05h10, usando a lanterna de cabeça, a escuridão era total. Alguns navegantes curiosos não satisfeitos em identificar que se tratava de uma pequena embarcação focavam seus holofotes diretamente nos meus olhos provocando uma cegueira temporária.

A jornada transcorreu agradável e tranquila, as nuvens bloqueavam o Sol amenizando a canícula e uma leve brisa embalava o Argo I pelas negras águas.

Às 10h00, quando parei para avaliar o trajeto e meu desempenho, medi a velocidade do caiaque descendo de Bubuia e o GPS marcou 0,8 km/h. O Sol tomou conta do firmamento, os ventos de proa de 10 km/h, provocavam vagas que chegavam a quase um metro de altura e a velocidade baixou para 6 km/h. Foram mais de duas horas sofridas em que senti que seria impossível atingir meu objetivo - a região do antigo Hotel Ariaú.

À tarde verifiquei que o caule da vegetação submersa não denunciava nenhuma correnteza. Certamente o Solimões barrava a impetuosidade do Negro. Foi por isso que minha velocidade se igualou àquela que desenvolvo no Rio Guáíba e nos Mares de Dentro (7,2 km/h ou 4 nós) onde a velocidade da torrente é nula.

Do meio-dia em diante os ventos arrefeceram um pouco assim como as ondas, mas o esforço fora demasiado e resolvi aportar por volta das 15h00. Os trovões à Boreste não me agradavam, tinha uma baía entre a ponta da prainha e o istmo do Ariaú e eu não estava em condições de enfrentar mau tempo tão afastado da margem.

Há uns 30 metros da água tinha um arbusto, a sombra ia cair bem, um bando de talha-mares, aque-renciado no local, seriam meus cães de guarda, coloquei o carrinho no Argo I e me instalei.

Espero aportar no porto do Centro de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA) antes das 15h00 de amanhã.

Total 12º Dia - N. Airão / AC 07 = 80,0 km

Total Geral - P. Macuxis / AC 07 = 815,0 km



Imagem 97 – Acampamento 07 – AC 07 (28.08.2019)



Imagem 98 – Porto do CECMA (29.08.2019)



Mapa 08 - Novo Airão / CECMA (28 a 29.08.2019)

29.08.2019 (Cercanias do Ariaú / CECMA)

Malaca Conquistada
(Francisco de Sá de Menezes)
Livro I – LXX

*Considera melhor primeiro quanto
Aventuras, e o fim desta jornada;
Na qual o conhecido risco é tanto,
E o que ganhar se pode é pouco, ou nada [...]*

Noite tranquila, as talha-mares não sinalizaram nenhum movimento anômalo na prainha, a barraca sem toldo permitia uma aragem fresca e uma visão ímpar da abóbada celeste. O ombro está cem por cento curado, em compensação minhas costas precisam de analgésicos para que eu possa dormir.

Acordei, às 04h00, e parti às 05h00 na direção Leste procurando me aproximar o mais possível da margem esquerda. Pelas 09h00 ultrapassava o ponto mais estreito de todo o Rio Negro. O rendimento de hoje era bem superior ao de ontem, o vento do quadrante Este deu uma trégua e uma suave correnteza permitia que o Argo I deslizesse mais suavemente.

Pelas 11h00, ao passar pela Ponta Negra, recebi a resposta do Major Magalhães de que era melhor aportar no CECMA. Aproei para lá onde aportei às 11h30 e de onde fui resgatado às 12h45.

A movimentação era grande no Grupamento em apoio a diversas atividades, “Operação Acolhida” aos venezuelanos e “Operação Verde Brasil” atuando no combate às queimadas da região Amazônica, por isso mesmo, fiquei em um alojamento coletivo. Combinei então com o Cel Angonese que adiantasse minha passagem para Vilhena o quanto antes.

Esta descida de 13 dias desde Boa Vista, RR, até Manaus, AM, concretizou 13.366 km de descidas em diversos Rios da Bacia Amazônica. Um número extremamente fatídico, e esta dupla coincidência do número de dias da jornada atual e do somatório de todas as jornadas já previsto pelo Grande Arquiteto do Universo fez com que ele me desse um sutil alerta através de meu manguito rotador direito, ainda bem que não foi o esquerdo.

Obrigado a cada um de vocês que torceram, apoiaram e incentivaram nossa humilde jornada. Sem vossos préstimos certamente não teríamos atingido com tanta tranquilidade nosso objetivo final.

Total 13º Dia – Cercanias Ariaú / CECMA = 45,0 km

Total Geral – P. Macuxis / CECMA = 860,0 km



Bibliografia

A BATALHA, N° 4.334. **A Fronteira Brasileira com a Venezuela – Prosseguem Ativamente os Trabalhos da Comissão Demarcadora** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.334, 25.09.1940.

A BATALHA, N° 4.346. **O Presidente Vargas na Amazônia - Em Contato com os Membros da Comissão de Limites** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.346, 09.10.1940.

A BATALHA, N° 4.425. **Atacados e Cercados Pelos Índios os Membros da Comissão de Limites - Surpreendidos e Cercados Quando Dormiam Foram Todos Feridos por Flechas Envenenadas** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.425, 14.01.1941.

A FOLHA NOVA N° 423. **O Alto Amazonas – Notas d'um Viajante** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 423, 21.01.1884.

A FOLHA NOVA N° 534. **Os Índios Waimirys** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 534, 11.05.1884.

A FOLHA NOVA N° 540. **À Propósito dos Índios Waimirys** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Folha Nova n° 540, 17.05.1884.

A NOITE, N° 11.599. **Encerrando uma Divergência Secular - O Acordo Final de Limites Entre o Peru e o Equador** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.599, 29.05.1944.

A NOITE, N° 11.876. **A Questão de Limites Entre o Peru e o Equador** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.876, 07.03.1945.

ACD, 1958. **Anais da Câmara dos Deputados** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Volume 5, 1958.

ADRIÃO, Paulo Cezar de Aguiar. **Almirante Braz Dias de Aguiar – Gigante da Nacionalidade!** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Marítima Brasileira, Volume 130, nº 07/09 – jul./set. 2010.

ALEXANDRE FERREIRA. **Suplemento Histórico, ou Memórias, e Notícias da Célebre Ordem dos Templários, Para a História da Admirável Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo** – Portugal – Lisboa – Officina de Joseph António da Sylva, 1735.

AZEVEDO, Aroldo de. **Brasil, a Terra e o Homem** – Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1964.

AZEVEDO, Reinaldo. **Tarso Genro o Trotskista Surtado** – Brasil – São Paulo, SP – Revista VEJA, Edição 2075, 27.08.2008

BAINES, Stephen Grant. **O Território dos Waimiri-Atroari e o Indigenismo Empresarial** – Brasil – Brasília, DF – UNB, 1993.

CAMILLA COLASSO. **Guerra Química e Biológica – Após Quase 50 Anos da Guerra do Vietnã, Agente Laranja faz Vítimas e Causa Danos ao Meio Ambiente** – Brasil – São Paulo, SP – Chemical Risk, 08.07.2019.

CARVALHO, José Cândido de Melo. **Notas de Viagem ao Rio Negro** – Brasil – São Paulo, SP – Edições GRD, 1983.

CORREIO BRAZILIENSE Nº18.566. **Maduro Anuncia Prisão de Generais Golpistas** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº18.566, 26.03.2014.

CORREIO BRAZILIENSE, Nº 18.185. **Posse sob Contestação** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº18.185, 09.03.2013.

CORREIO BRAZILIENSE, Nº 18.222. **Nicolás Maduro Enfrenta o Desafio de Suceder Chávez** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº18.222, 15.04.2013.

CORREIO BRAZILIENSE, Nº 18.223. **Chavismo em Causa** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº18.223, 16.04.2013.

CORREIO BRAZILIENSE, Nº 18.531. **Entrevista Fernando Henrique Cardoso** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº18.531, 19.02.2014.

CORTESÃO, Jaime. **Introdução à História das Bandeiras – Morre um Bandeirante** – Brasil – Rio Branco, AC – O Acre, 18.01.1948.

COUTINHO & PAULIN & MEDEIROS, Leonardo Coutinho & Igor Paulin & Júlia de Medeiros. **A Farra da Antropologia Oportunista** – Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja – Edição 2.163, 05.05.2010.

DECRETO Nº 88.985. **Regulamenta os Artigos 44 e 45 da Lei nº 6.001, de 19.12.1973, e dá outras providências.** – Brasil – Brasília, DF – www2.camara.leg.br, 10.11.1983.

DEFESANET, 08.06.2015. **Militares Brasileiros e Pesquisadores Americanos Refazem Expedição Histórica** – Brasil – Porto Alegre, RS – Defesonet, 08.06.2015.

DIÁRIO DA NOITE, Nº 262. **Às Zonas mais Desconhecidas da América do Sul** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário da Noite, Nº 262, 11.08.1930.

DIÁRIO DE CÁCERES, 24.08.2017. **Grupo que Refaz a Rota da Expedição Roosevelt-Rondon Passa por Cáceres** – Brasil – Mato Grosso, MT – Diário de Cáceres, 24.08.2017.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS Nº 271. **Waimirys** – Brasil – Belém, PA – Diário de Notícias nº 271, 28.11.1886.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS Nº 96. **Waimirys** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias nº 96, 10.09.1885.

DUCKE, Adolpho. **Aguiara** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes da Academia Brasileira de Ciências, Edição 1, 1938.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Federal de Cultura, 1971.

FOLHA DE SÃO PAULO, 23.08.2017. **Procuradoria quer Indenização e Desculpas a Índios por Violações na Ditadura** – Brasil – São Paulo, SP – Folha de S. Paulo, 23.08.2017.

FOLHA DE SÃO PAULO, Nº 3.285. **Governo Bolsonaro Renova Temor de Conflito em Tribo da Amazônia** – Brasil – São Paulo, SP – Folha de S. Paulo, nº 3.285, 17.03.2019.

FON FON, Nº 09. **Fon Fon! Na Fronteira** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante, Edição nº 09, 1914.

FREGAPANI, Gélío. **No Lado de Dentro da Selva II** – Brasil – Brasília, DF – Thesaurus Editora, 2009.

GARZON, Luiz Fernando Novoa. **O Destino Manifesto e a Tragédia Anunciada** – Brasil – São Paulo, SP – www.correiodadania.com.br.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Nº 291. **Heróis da Selva** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazeta de Notícias, nº 291, 13.12.1942.

GENTE DE OPINIÃO, 22.10.2017. **Epopéia Acreana – Parte I** – Brasil – Rondônia, RO – Gente de Opinião, 22.10.2017.

GEOFFREY DE PARIS. **Chronique métrique de Philippe le Bel Suivie de La Taille de Paris**, 1313.

GOYCOCHÊA, Castilhos. **Fronteiras e Fronteiros** – Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1943.

GUERRA, Antonio Teixeira. **Estudo Geográfico do território do Rio Branco** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Nacional de Geografia (CNG), IBGE, 1957.

JB, Nº 148. **Gripe Mata Chefe Waimiri-Atroari que era Contra Brancos e mais 14 Companheiros seus Brasil** – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, nº 148, 03.09.1973.

JB, N° 266. **"Tem Branco no Meio", diz Sertanista sobre o Ataque dos Waimiri** – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 266, 31.12.1974.

JB, N° 282. **Máquinas Chegam ao Território dos Waimiri-Atroari** – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 282, 17.01.1974.

JB, N° 287. **FUNAI Culpa Viajante Pelo Massacre de 3 Funcionários** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 287, 03.02.1973.

JB, N° 55. **Roraima a mãe das Águas** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil - n° 55, 08.03.1963.

JB, N° 63. **Os Nossos Limites com a Venezuela - O "Jornal do Brasil" ouve o Comandante Braz de Aguiar, Chefe da Missão Brasileira** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, N° 63, 14.03.1930.

JC, N° 21.340. **Atroari que Mataram Calleri, Agora Expulsam médicos de sua Aldeia** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 21.340, 29.07.1973.

JC, N° 63. **Gazetilha – Território de Roraima** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Comércio, n° 63, 18.12.1962.

JORNAL O GLOBO, 04.04.1977. **De Manaus a Boa Vista, pelo Território dos Índios** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal O Globo, 04.04.1977.

JRH, 29.09.2017. **Exposição do Artista Augusto Cardoso Marca Reabertura da Galeria Luiz Canará no Parque Anauá** – Brasil – Boa Vista, RR – Jornal Roraima Hoje, 29.09.2017.

LOCZY, Louis de. **Considerações Concernentes à Constituição Tectônica do Escudo das Guianas com Especial Referência à Formação Roraima** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Academia Brasileira de Ciências, Vol. 44, n° 1, 1972.

MARTINS, Ives Gandra da Silva. **Você é Branco? Cuide-se!** – Brasil – www.correiodadania.com.br, 2011.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Quando o Amazonas Corria para o Pacífico** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Vozes, 2007.

NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil** – Portugal – Amadora – Ed. Leya, 2009.

O ECONOMISTA N° 844. **Brasil** – Portugal – Lisboa – O Economista n° 844, 18.06.1884.

OEMG, n° 6.639. **Roraima não tem Rota Fácil Para Escalada** – Brasil – Mato Grosso, MT – O Estado de Mato Grosso, n° 6.639, 26.09.1973.

OPINIÃO, N° 114. **Segundo a FUNAI, o Sertanista Gilberto Pinto era Amado pelos Waimiri-Atroari. Na semana passada eles o mataram. Por quê?** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Opinião, n° 114, 10.01.1974.

QUARTIN, Adriano de Souza. **Sessão Solene a 08.10.1948, no Salão de Conferências do Palácio Itamaraty** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Naval – Revista Marítima Brasileira Edição 153, N° 7, 8 e 9 – jan, fev, mar, 1949.

REALIDADE, n° 97. **Mundo Perdido – Hamish Mao Innes** – Brasil – São Paulo, SP – Realidade, n° 97, abril de 1974.

RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil, Geografia, Etnografia, Estatística** – Brasil – Rio de Janeiro – H. Garnier, 1900.

REVISTA VEJA, N° 331. **ÍNDIOS – Outro Massacre** – Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja, n° 331, 29.12.1974.

RORAIMA EM FOCO, 30.08.2019. **Roraima Forma Primeira Turma do Curso de Policiamento Ambiental** – Brasil – Boa Vista, RR – Roraima em Foco, 30.08.2019.

SABATINI, Silvano. **Massacre** – Brasil – São Paulo, SP – CIMI – Edições Loyola, 1998.

SARNEY, José de Araújo Costa. **Opinião: Fronteiras Sangrentas** – Brasil – São Paulo, SP – Folha de São Paulo, 18.04.2008.

SOUSA, Márcia. *Moradores da Região de Palmas Vivem Clima de Tensão e Incertezas, Incra diz que está Realizando Levantamento, e não Vistorias* – Brasil – Bagé, RS – Jornal Minuano 06.04.2010.

STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil* – Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 1974.

THE ECONOMIST. *Brazil's Indians: The Amazon's Indian Wars* – Inglaterra – Londres, 15.01.2004.

